

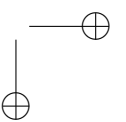
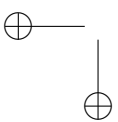
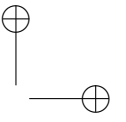
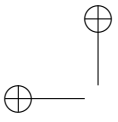
**A RELAÇÃO
ENTRE O ACTO E O SER
NA OBRA *DE L'ACTE*
DE LOUIS LAVELLE**



Américo Pereira

1997

www.lusosofia.net





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *A Relação entre o Acto e o Ser*
na obra De L' Acte de Louis Lavelle

Autor: Américo José Pinheira Pereira

Colecção: Teses LUSOSOFIA: PRESS

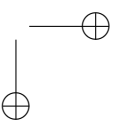
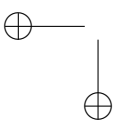
Direcção da Colecção: José Rosa & Artur Morão

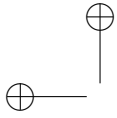
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008



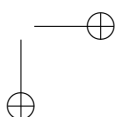
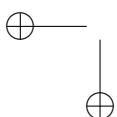


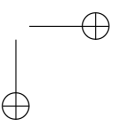
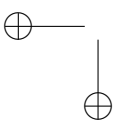
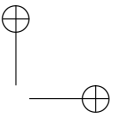
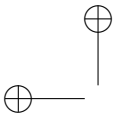
Universidade Católica Portuguesa
Faculdade de Ciências Humanas
Dissertação de Mestrado

Américo José Pinheira Pereira

**A RELAÇÃO ENTRE O ACTO E O SER
NA OBRA *DE L'ACTE* DE LOUIS
LAVELLE**

Lisboa,
Junho de 1997





*E ser possível haver ser
é maior que todos os Deuses.¹*

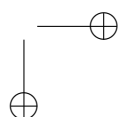
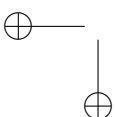
¹PESSOA, Fernando, *Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ática, s.d., p. 96

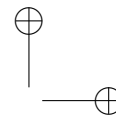
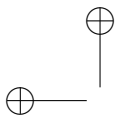


1 INTRODUÇÃO

1.1 Prolegómenos à Introdução

É para muitos óbvio estar-se algures escrevendo uma introdução para um trabalho de dissertação de mestrado em Filosofia. É normal. *Estar aí* não oferece qualquer dúvida: está-se. E o estar resume-se a uma horizontalidade pelicular evanescente, numa vida plana, membranar, sem memória e sem projecto. Ora, esta fina película membranar que mal se nota, que mal se saboreia, esta variegada película sensível será mesmo o resumo, o compêndio de tudo? Afinal que película é esta? Como é? De onde veio? Para onde vai? Vai?! Para que serve e para que está? Será mesmo que tudo se resume, se reduz a uma horizontalidade pelicular ou nisto de se estar *aqui* escrevendo *isto* há algo mais? Que é isso – ou isto –, que me permite estar aqui escrevendo? Que densidade ontológica tem o estar aqui escrevendo? Que implica? Porque e por que não desaparecem o papel e a caneta e eu? Porque e por que há continuidade? O que é que continua? E o que é não continuar? E pode-se não continuar? E nada continuar? E tudo não continuar? O que é que há no seio de tudo que faz com que tudo *esteja* – mesmo que tudo seja só a ténue película? Porque e por que há películas? Que acontece à película quando se rasga? E porque não desaparece





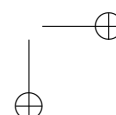
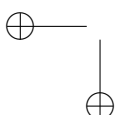
tudo quando se rasga? Que se passa para que haja isto? O que dá razão disto?

A dimensão irónica da película é a dimensão do mundo, do universo que está aqui onde estamos e que podemos ignorar quanto à sua possível fundamentação ou não ignorar e fazer por perceber o que isto é, como é, porque é, por que é e para que é. Pode não haver resposta alguma ou pode haver muitas, várias, diversas, até no seu grau de aproximação à resposta certa – se é que a há. Pode – e pode mesmo – não passar tudo de uma grande ilusão, mas o problema permanece, pois é possível um infinito de ilusões, aguardando resposta, escolha, experiência, vida, acerto.

Caminhar é sempre um risco. Mesmo que não se questione porque se caminha, como se caminha, para que se caminha, há que perceber que é bom saber onde se pôr o pé que avança. É o preço da vida. Pode-se sempre não caminhar. É o preço da morte. Tentar compreender, ainda que ilusoriamente, o que é isto que somos e onde estamos tem a vantagem de estar do lado da vida. A questão do preço a pagar por isso é secundária: o prémio é viver-se. Que viva a ilusão, se nada mais for possível.

A quem escreve estas linhas, talvez na ilusão de descobrir algo de valor, desde muito jovem sempre lhe causou alguma perplexidade o estar, o mundo, as coisas, a grandeza e a pequenez das pessoas, a estranheza de certas ideias como o infinito, o nada. Esta perplexidade, bem mantida e acarinhada, acaba por dar em angústia: tudo tão grande e tão vasto e nós tão pequenos, tão frágeis... E, no entanto, capazes de perceber isso. Salva-se o medo!

A filosofia não é própria para quem tem medo. Não é má, todavia, para quem quiser transformar uma estrutural angústia em alguma compreensão do mundo, talvez mesmo da própria angústia ou talvez da ilusão. Um mestrado em filosofia não é certamente terapêutico – ou teria acrescido sucesso comercial – é, isso sim, um belíssimo pretexto para transformar as indómitas forças da angústia em amor à – quem sabe um dia... – sabedoria. Sabedoria, não





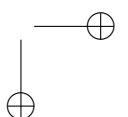
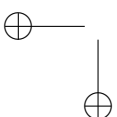
sabemos se a há no mundo – a investigação é uma tarefa perene –, filosofia, certamente, e amor não falta a um bom e paciente angustiado. Profissão de filósofo só haverá quando houver profissão de angustiado. Profissão de vontade na busca da sabedoria, creio haver e muita. É talvez o único mérito deste trabalho. Mas o que é este trabalho?

1.2 Introdução propriamente dita

1.2.1 A finalidade

A investigação monotemática agora reduzida e consubstanciada pontualmente no trabalho que aqui se apresenta, visou explorar a obra *De l'Acte*, de Louis Lavelle (1883-1951) do ponto de vista da elucidação o mais lata e profunda possível, de momento, da relação entre o *acto e o ser*. Se se parte de um texto impresso e publicado (Paris 1939, para o original, e Paris 1992, para o texto utilizado), parte-se sobretudo de uma experiência de meditação que buscou a própria relação entre o acto e o ser não num texto gráfico, mas no texto do próprio mundo.

Para quem sinta a necessidade – e muito há quem não sente e pouco há a fazer – de buscar o fundamento da presença, da presença nossa e da presença do resto e do resto em nós, muito há que explicar neste *estar aqui*. O que Lavelle fez na obra, melhor, o que disso percebemos é o próprio desenvolvimento deste trabalho, culminando na conclusão. Ensaíamos penetrar no denso e intrincado pensamento de Lavelle por um movimento, algo espiralado, que visou aprofundar e alargar o horizonte da apreensão da meditação do Autor, transformando-se numa co-meditação que faz a experiência de re-adquirir algumas – as possíveis – das questões e





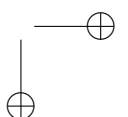
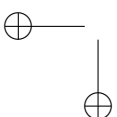
das suas respostas. Não se trata sequer de um comentário, o que implicaria uma muito maior proximidade com o autor – impossível no tempo de um mestrado. No entanto, parece ser inegável ter-se conseguido alguma empatia com o ritmo de pensamento de Lavelle, que se poderá futuramente alargar e aprofundar em superior estudo, mormente no âmbito da fundamentação ontológica da ética.

A questão estudada é, pois, *a relação entre o acto e o ser*, na obra em causa, a sua mútua influência, mas sobretudo a fundamentação ontológica e metafísica do segundo no primeiro. O escopo deste trabalho é dar boa conta desta tarefa, o fim de Lavelle foi o de mostrar a irreduzível necessidade da existência de algo que, no seio dos seres, justificasse indubitavelmente esses mesmos seres:

O que procuramos atingir é um princípio interior ao qual se deu sempre o nome de *acto*, que engendra tudo o que podemos ver, tocar ou sentir, o qual não se trata de modo algum de conceber, mas de pôr em obra e que através do sucesso ou do fracasso da nossa operação, explica ao mesmo tempo a experiência que temos sob o olhar e o destino que nos podemos dar a nós mesmos.²

É desta meditação sobre a essência de... – de tudo –, que visámos dar os pontos principais, sem, de modo algum, querer resumí-la e muito menos superá-la. Acabada a redacção, o texto e a memória que dele e com ele se obteve – e é uma memória viva – tem o mérito mínimo de constituir um instrumento hermenêutico possível, a aplicar em posterior, mais larga e funda investigação.

²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, s.l., Aubier, [1992], Col. Bibliothèque philosophique, Prefácio de Bruno Pinchard, XXIX + 541 pp., p. 9: *Ce que nous cherchons à atteindre, c'est un principe intérieur auquel on a toujours donné le nom d'acte, qui engendre tout ce que nous pouvons voir, toucher ou sentir, qu'il ne s'agit point de concevoir, mais de mettre en oeuvre, et qui, par le succès ou par l'échec de notre opération, explique à la fois l'expérience que nous avons sous les yeux et la destinée que nous pouvons nous donner à nous-même.*



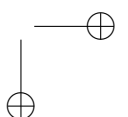
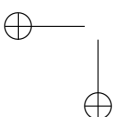


1.2.2 *O caminho*

Começou-se por fazer uma aproximação introdutória geral à questão da relação entre o acto e o ser, buscando discutir algumas questões envolventes e decorrentes, bem como explorar alguns conceitos com a maior profundidade possível (Capítulo I), uma vez que a sua necessidade ancilar iria ser manifesta nos capítulos posteriores. Após esta abordagem, a sua posição ambiente, como utensílios claros (chaves) da meditação, dá-se como subentendida e os dois capítulos posteriores constroem-se dando como adquiridas as primeiras e prévias conclusões do Capítulo I. Uma vez encontrada aquela que se afigura ser a melhor definição, então possível, para determinado conceito operatório, este só volta a ser tratado por si se houver dados novos, sobretudo a possibilidade de ser encarado de uma nova perspectiva.

A questão da perspectivização levanta essoutra questão fundamental da coerência de pensamento. Como o próprio pensamento de Lavelle funciona espiraladamente, por vezes há a sensação de se ter caído em contradição. De facto, não acontece, passa-se a uma diferente perspectiva e a conclusão aparece diferente, não porque haja contradição ou incoerência, mas porque o ângulo de visão é diferente. Tem isto a ver com a própria estrutura do acto, como veremos. A única visão correcta é a do próprio infinito, não porque tenha *uma* perspectiva correcta, mas porque as tem todas, integrada e concomitantemente. Se, mesmo assim, houver incoerência, é nossa, não de Lavelle.

Tradicionalmente, começar-se-ia por dar de *acto* e de *ser* algumas definições formais, de escola, recorrendo a dicionários e enciclopédias de boa reputação filosófica. Pensámos que, neste caso, não seria bom porque a originalidade do tratamento lavelliano da questão é tão grande que mais vale, num estudo que é temático e de modo nenhum histórico ou historiográfico, jogar com a pura imanência do texto, construindo os termos e as relações à medida que

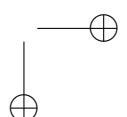
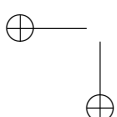


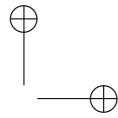


se vai avançando, como se de uma pura criação conceptual se tratasse, a partir do valor comum dos termos. Assim, à partida, *acto* e *ser* são os que encontramos no comum da linguagem, comumente entendíveis. A chegada dá-se na conclusão e prepara-se nos três capítulos que a antecedem.

Não se tratando de um estudo histórico, mas de uma abordagem puramente temática, monotemática e concentrada no estudo de uma relação conceptual fundamental, a bibliografia utilizada resume-se fundamentalmente à obra de Lavelle em apreço, como bibliografia activa, e alguns outros textos do Autor, lidos posteriormente à realização do estudo fundamental, como parâmetros de comparação inter-textual.

Dado que este trabalho e a investigação que a ele conduziu, realizados nas poucas horas vagas de um horário académico completo, não teve qualquer apoio institucional, queremos agradecer todo o apoio pessoal que tivemos, manifestando o nosso eterno bem-haja ao Senhor Professor Manuel Barbosa da Costa Freitas, nosso amado Mestre. Queremos também agradecer aos Senhores Professores José Manuel Toscano Rico, Joaquim Cerqueira Gonçalves, Fernando Micael Pereira e Joaquim de Sousa Teixeira todo o apoio pessoal dado, única e preciosíssima ajuda extra-familiar que tivemos.





2 CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

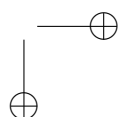
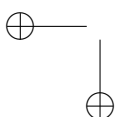
2.1 Acerca do ser e do acto

Introdução à questão da relação entre o acto e o ser

O Acto é uno com o Ser mesmo, considerado na sua própria génese.³

O acto é o ser, considerado na sua *génese*. Podemos tomar esta afirmação como emblemática da reflexão de Lavelle no que diz respeito à relação entre o acto e o ser, reflexão propedêutica à compreensão do conjunto da sua filosofia. Esta afirmação é, no entanto, muito incompleta, pois, como veremos, o acto não é só isso, ou, melhor, sendo isso, recolhe em si uma imensidade de dimensões, as quais estão contidas no termo *génese*. Serve também esta afirmação de guia à nossa reflexão, uma vez que o que nos interessa, como já exposto na Introdução, é perceber, compreender, dominar

³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 59: *L'Acte ne fait qu'un avec l'Être même considéré dans sa propre genèse.*





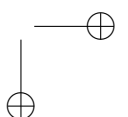
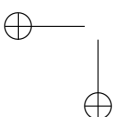
teoricamente a aludida relação, tão bem quanto possível, nesta primeira fase de estudo, relação fundamental para a boa compreensão posterior da obra de Lavelle, mas fundamental também e sobretudo para a boa compreensão do real, em termos de uma realidade viva e dinâmica.⁴

Com a afirmação ou tese fundamental em apreço quer o autor dizer que o acto é o ser na sua génese, isto é, o acto é a génese do ser, no sentido dinâmico de uma genética ontológica ou criação do ser, isto é, *o acto é o ser em criação*, o ser enquanto está sendo criado e a criação mesma do ser. No entanto, para além deste sentido dinâmico e energético, há também um sentido substantivo, fixado, resultante e resultado dessa acção, não sendo o acto apenas o ser em criação, mas também já o produto dessa criação, produto que não é exactamente estático, mas funciona como parte integrante de uma estrutura de criação de ser em espiral crescente, de dimensão infinita,⁵ virtual e efectivamente, como adiante se verá. O acto⁶ cria os seres, sendo, constituindo a sua intimidade activa própria, resumindo em si, activamente, isto é, em constante e ininterrupta actividade, tudo o que cada ser é, no modo próprio de cada ser, pois é esta actividade íntima que cria esse mesmo modo de ser, constituinte íntimo de cada ser. Alguns destes seres, com caracte-

⁴O termo “dinâmica” é incorrecto, mas é o utilizado aqui, nesta fase, porque não foi ainda possível introduzir o correcto, devidamente justificado, como se impõe. O termo correcto será “cinética”, em movimento real de criação, oposto a “dinâmica”, em potência e, como tal, parada, em si e por si parada.

⁵Passa a inexactidão, uma vez que o infinito não tem propriamente dimensão. No entanto, a expressão “dimensão infinita”, ainda que inexacta, permite, por absurdo, intuir o específico do infinito, isto é, o contínuo excesso dimensional, ou, se se quiser, extra-dimensional. Convém manter presente ao longo de todo o trabalho o conceito de infinito, cuja presença e assíduo recurso são fundamentais para a compreensão da relação entre o acto e o ser.

⁶Nesta fase introdutória do trabalho, não diferenciaremos, ainda, com o devido relevo, as diferentes valências do acto.





rísticas especiais,⁷ por sua vez, criam, em cooperação com o acto,⁸ outros seres, desenvolvendo-se, deste modo, a realidade ao nível dos seres,⁹ segundo o eixo criador do ser dos seres, pelo acto, e segundo o alargamento do círculo dos seres criados e co-criadores,¹⁰ formando assim a espiral de desenvolvimento infinito.

Em resumo, interessa, nesta fase da reflexão, fixar que a relação entre o acto e o ser, mais do que uma relação de identidade, que nada de novo traria à compreensão da realidade, por tautológica, é uma relação de criação, criação do ser pelo acto que nele opera, em permanente movimento criador, e que tudo o que aparece posto no ser se deve à actividade estruturante do acto no seio desse mesmo ser. Interessa, também, reter que a actividade não é pontual e discreta, mas desenvolve-se infinita e infinitesimalmente, mantendo a orientação dada pela actividade do acto no ser, mas alargando-se infinitamente, infinitamente explicitando a riqueza ontológica, por assim dizer guardada na memória ontológica do acto, num incessante movimento criador, o qual se pode dar imageticamente como uma infinita espiral criadora.

2.1.1 *O acto, o ser e o sujeito*

O ser, no seu sentido mais geral, não é um objecto *justaposto* ao eu, a este alheio, mas um todo ou um tudo,¹¹ do qual o próprio eu faz parte. O ser ultrapassa o eu, uma vez que não se confunde

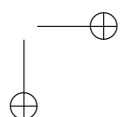
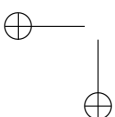
⁷Ver, à frente, quais e com que características, no terceiro capítulo deste trabalho

⁸Este acto é o acto geral, de que trataremos a seu tempo.

⁹Há mais níveis, como se verá no desenvolvimento do trabalho.

¹⁰Adopta-se esta grafia de modo a salientar por um lado a importância por outro a ancilaridade do labor criador destes seres.

¹¹Mais à frente, veremos que estas designações totalitárias, provisórias, não são as mais adequadas.





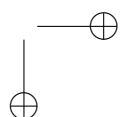
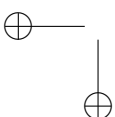
com ele – por excesso, relativamente ao eu –, mas ao mesmo tempo (isto é, no mesmo acto) mantém, sustenta esse eu, pois é também o ser do eu. Pode-se dizer ainda mais: o ser percorre o eu como percorre toda a realidade, o ser é interior ao eu como é interior a todos os outros seres, constituindo o ser do eu, do mesmo modo que constitui o ser dos outros, restantes seres. Em suma, o eu é porque tem ser, isto é, *é* ser, participa¹² do ser, sendo um modo restrito, próprio, especial de ser, uma parte do ser como um todo, melhor, do ser infinito – tradução infinita do acto.

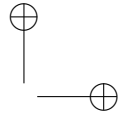
Ora, neste contexto, sabemos, já, que o ser se não explica a si mesmo. O que é, aquilo que é, vem-lhe do acto. Assim, quer o ser, entendido na sua globalidade, quer o eu são criações, produtos, manifestações do acto, suas actualizações, diversamente expressas, mas unitariamente assumidas como fruto de uma mesma fonte de criação, responsável pelo ser em geral e pelo ser particular e especial que designamos por *eu*. A raiz profunda de ambos – e ambos são radicalmente o mesmo, lembre-se – é a mesma, e vai ser esta comunidade radical, radical, que vai permitir a relação entre aquilo que agora se chama *sujeito*¹³ e aquilo que agora se designa como *objecto* e que abrange o restante do ser. A inteligência e aquilo de que a inteligência vai ser capaz – aquilo que é inteligível – podem encontrar-se – e, para isso, basta co-existirem – porque são frutos da mesma actividade do acto, porque são o mesmo acto em actividade, diferenciada. Têm a mesma origem, sendo diferentes, não são diversos, antes partilham a actividade do mesmo acto criador, sendo, pois, “filhos do mesmo pai”, membros da mesma família ontológica e, como tais, capazes de interagir, de comunicar.

É que não há outro interior para além do mesmo acto pelo qual, consentindo em ser, crio o meu ser próprio e inscrevo no ser total uma marca que subsiste eternamente. Todo o objecto de pensamento é um acto realizado. Todo o estado da sensibilidade é o eco

¹²Ver adiante, sobretudo o capítulo III.

¹³Passaremos, a seu tempo, a designá-lo por *inteligência*.



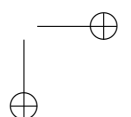
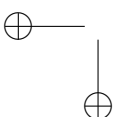


de um acto numa consciência que se torna receptiva a seu respeito. Apenas no acto toda a distinção entre o sujeito e o objecto é necessariamente abolida. Nada há nele que se possa ver ou sentir. Confunde-se com o seu próprio exercício. É, todo inteiro, iniciativa e primeiro começo, ser e razão de ser ao mesmo tempo. Nele, só ele é nosso: de todas as coisas do mundo, é a única privada de toda a exterioridade, a mais pessoal e que não pode ser senão pessoal.¹⁴

Na busca de uma linguagem adequada à expressão da relação entre o ser e o eu, pode-se afirmar que o ser é o grande conjunto total *manifesto* da actividade do acto criador de actos, do acto geral criador de actos particulares, do qual o eu é um subconjunto restrito, singular, unitário. A intersecção destes dois conjuntos nunca é vazia e tem como resultado o próprio conjunto singular eu, isto é, todo o eu é ser, não há eu fora do ser. Mesmo considerando, como aliás deve ser feito, o conjuntoser como possuindo um número infinito de elementos, o resultado mantém-se e o eu aparece ainda como um subconjunto do ser. Transpondo a meditação e a linguagem para o nível mais profundo do acto, vemos que o ser do eu, fruto do labor criador do acto, é um conjunto singular que faz inalienável parte do conjunto infinito de todos os seres frutos do mesmo acto em operação. A razão profunda disto é ser *o mesmo acto*, sem descontinuidade, o criador de ambos os conjuntos,¹⁵ me-

¹⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 74: *C'est qu'il n'y a pas d'autre dedans que l'acte meme par lequel, en consentant à être, je crée mon être propre et j'inscris dans l'être total une marque qui subsiste éternellement. Tout objet de pensée est un acte réalisé. Tout état de la sensibilité est le retentissement d'un acte dans une conscience qui devient réceptive à son égard. Dans l'acte seul toute distinction entre le sujet et l'objet est nécessairement abolie. Il n'y a rien en lui que l'on puisse voir ou sentir. Il se confond avec son pur exercice. Il est tout entier initiative et premier commencement, être et raison d'être à la fois. En lui, il n'y a que lui qui soit nôtre : de toutes les choses du monde, il est la seule qui soit privée de toute extériorité, la plus personnelle qui soit et qui ne peut jamais être que personnelle.*

¹⁵Há uma forma mais rápida de ver isto: sendo infinito o conjunto dos seres





lhor, o criador do grande conjunto total (infinito) que engloba os dois subconjuntos aludidos. Radicalmente, o que encontramos é uma constante e ininterrupta actividade infinita que, infinitamente, cria todos os seres, que constitui tudo aquilo que todo e cada um dos seres é, *o seu ser*, que através dessa actividade infinita os mantém sendo, isto é, lhes mantém o ser. Como é esta actividade criadora que a todos constitui, é também ela que permite a sua relação, uma vez que a relação é ainda mais um ser e, como tal, é, também ela, fruto da actividade infinita do acto. Como veremos adiante, essa actividade não produz monocordicamente, antes diferenciadamente, pelo que, havendo diferença, há, necessariamente, relação entre os diferentes, relação essa que terá um modo especial de se manifestar no que respeita o *eu*.

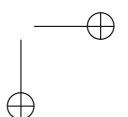
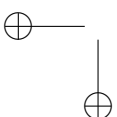
2.1.2 *O ser, o acto e o pensamento*

Todo o termo ao qual o pensamento se refere, melhor, se pode referir, é ser. É uma determinação, uma particularização, um subconjunto, uma especificação individual do ser em geral, isto é, da condição e do facto de, de algum modo, existir,¹⁶ ainda que seja apenas como *pensado* ou *inteligido*. Daqui se pode inferir que nada há que se possa pensar ou inteligir que não seja ser, que esteja fora do ser. Não se pode, portanto, pensar o nada absoluto – único “*algo*” que poderia estar fora do ser. Note-se que, como *conceito*, o nada existe,¹⁷ uma vez que é inegável haver uma referência men-

criados pelo acto, é evidente que não pode deixar fora de si qualquer possível termo.

¹⁶O termo *existir* também não é o mais correcto, mas só com o desenvolvimento do estudo se poderá encontrar melhor, devidamente justificado pela economia da própria reflexão.

¹⁷Mesmo o nada está condenado à existência, claro está, sob o modo de referência conceptual, ou de intuição do que possa *ser* isso do *não-ser*, no paradoxo



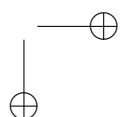
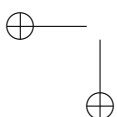


tal, mesmo que meramente nocional ou conceptual, a isso do *nada*. Não deixa, no entanto, de ser um conceito vazio, melhor, vazio não é, uma vez que define, ou tenta definir algo –: o que acontece é que não tem referente, correlato real.

O ser, pela sua vastidão – uma vez que o ser é tudo o que está manifesto (para uma inteligência) e que tudo o que está manifesto (para uma inteligência) é ser, e que, como tal, parece, por a tudo se referir, a nada se referir – ameaça constituir um horizonte demasiado vasto e informe de algo perspectivado, à partida, como indeterminado. Indeterminado não sobretudo em si, mas relativamente a um pensamento incipiente, a uma inteligência limitada e insegura quanto à extensão dos seus limites, uma vez que só testando-os, testando-se, os pode descobrir. À medida que a heurística da inteligência se vai resolvendo em conhecimento, a indiferenciação do ser vai sendo substituída por uma diferenciação, pelo aparecimento da diferença e das diferenças, as quais permitem à inteligência descobrir os contornos dos seres vários, habitantes da esfera do ser. Podemos, pois, afirmar que ao ser se acede pela descoberta dos seres, pela aditiva descoberta de cada um e de todos os seres que constituem o nosso horizonte, diferenciadamente, único meio seguro de a consciência não confundir a névoa da riqueza original da indeterminação do ser com a escuridão da ausência do nada, esta, sim, indeterminável, por vazia.

A ideia de ser, isto é, do que é comum a tudo aquilo que é, dá-nos não só a indicação da possibilidade de algo ser, mas indica-nos, necessariamente, que esse algo é, é efectivamente, é no seu modo de ser. Garante-nos o seu ser, no seu nível e modo ontológicos. Garante-nos, nesses níveis e modos de ser, a sua *existência*, própria

último de se tentar perceber o ser do não ser, o ser do que não pode ser... Quanto ao *nada* ser um conceito, ver reflexões no seguimento deste trabalho. No entanto, repugna-nos que o possa ser. O nada nem deveria ser referível, quanto mais conceptualizável. É este um dos grandes mistérios da nossa constituição como homens: que se possa referencial *algo* como o nada - absoluta ausência - ou o infinito - absoluta presença.





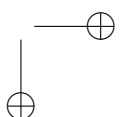
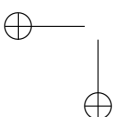
e de direito. Nada há que obrigue a existência a expressar-se de um monímmodo modo, pelo que, plurimodamente, a existência pode assumir a forma do horizonte ontológico onde se inscreve, sem que deixe de ser existência, sem que deixe de ser, sem que perca o ser. O que varia é o seu estatuto ontológico. Este varia porque é variável e é variável porque é (infinitamente) variável o modo de expressão do acto que produz/cria o ser, o ser dos seres, os seres enquanto tais, os seres nas suas possivelmente infinitas formas de existência. Nada há que se possa referir como sendo que não seja, ao menos no modo como é referido – assim, no modo de ser das quimeras, estas existem, como no modo de ser dos ovos de galinha existem ovos de galinha...

Em última análise, todo o objecto incluído no e abrangido pelo grande conjunto do ser é passível de ser intuído, pensado, conhecido, cada qual a seu modo e no seu modo de ser, intuindo, pensando e conhecendo nós os ovos de galinha de os imaginar, de os tocar, de os comer, e assim por diante; pensando nós as quimeras de as imaginarmos e de pensarmos essas imaginações, e, assim, infinitamente...

Vista do lado do acto, a relação entre o pensamento¹⁸ e o ser, alarga-se à relação entre a forma do acto do ser, melhor e concretizando necessariamente, entre as formas de ser dos seres e a forma de ser do acto pensamento. Como já se viu, é a mesma actividade, a mesma cinese profunda que origina ambos e que lhes dá a possibilidade do encontro. Acto fazedor que se deixa encontrar por acto espectador,¹⁹ ou as duas facetas do mesmo acto presentes aquando

¹⁸Mais uma vez não é este o termo adequado. Tome-se *pensamento* no sentido o mais lato possível. De propósito, temos destacado a intuição e o conhecimento, pois são dois casos especiais a considerar especialmente no seio da latitude do *pensamento*. Note-se que este não se resume àqueles. Embora este termo, melhor, as questões que em seu torno gravitam apareçam tocadas no desenvolvimento do trabalho, o seu tratamento cuidadoso transcende em muito o escopo desta reflexão, pelo que apenas as afloraremos.

¹⁹O termo *espectador* vai ser muito útil para a compreensão do aparecimento





da criação do ser, dos seres.

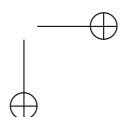
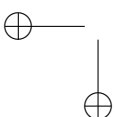
Esta relação do acto e da consciência parece sempre obscura porque se imagina que o acto é posto de antemão e que uma consciência, que vem sempre de fora, se lhe aplica para o iluminar. Mas é o próprio acto que engendra a consciência de tudo o resto ao mesmo tempo que de si mesmo.²⁰

2.1.3 *Ser tangente aos seres, acto interior aos seres*

O esquema anteriormente apresentado pode induzir-nos em erro relativamente ao papel – chamemos-lhe assim – do ser relativamente aos seres. Não se trata, na sua relação, de haver um ser que é o *ambiente* dos seres e que, como ambiente, condiciona os seres, mas é por estes também condicionado, mas mais uma relação *tangencial*, na qual o subtil toque do ser nos seres dá, constitui a própria presentificação destes, sem que o ser, tocando aquilo que toca, perca ou ganhe seja o que for, enquanto puro ser. Esta tangencialidade afaga a totalidade dos seres. É o que está de comum presente em todos. É o que de comum transparece à inteligência. Esta, perante o universo dos produtos do labor criador do acto, capta em cada um desses produtos, aquilo que é o ser desse produto, aquilo que o constitui como sendo o que é, face à inteligência e relativamente ao que os outros produtos são, distintamente. Isso que constitui cada um dos produtos da criação do acto é, ao mesmo tempo, o que os distingue e o que os une. Que os distingue, pois é o que cada um

do ser, surgir que não é necessário, antes, como se verá, responde a uma dimensão de mostração, de *espectáculo*, para uma inteligência.

²⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 21: *Ce rapport de l'acte e de la conscience paraît toujours obscur parce qu'on imagine que l'acte est posé d'abord et qu'une conscience qui vient d'ailleurs s'applique à lui du dehors pour l'éclairer. Mais c'est l'acte même qui engendre la conscience de tout le reste en même temps que de lui-même.*

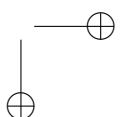
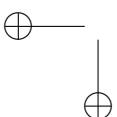




é, enquanto é o que é, unicamente, em si; o que os une, pois pelo facto de cada um ser o que é, relativamente, perante os outros, é absolutamente, sendo todos absolutamente o que são, pelo que há um elemento comum entre todos, que é o serem todos absolutamente o que são.²¹ É este elemento que constitui o mínimo denominador comum, o comum ponto de tangencialidade do ser, do acto geral em cada um dos seres que cria. O máximo denominador comum efectivo é a presença do acto em cada um e em todos os seres, através da sua actividade criadora. Mas esta actividade criadora não dá *fundamentalmente* um elemento de comum identificação, dá *fundamentalmente* o que cada ser é. E o que cada ser é é diferente do que cada outro ser é, por isso são distintos e não o mesmo. A diferença está em que o ser dá o mínimo comum relativamente a uma inteligência que busca esse ponto comum de identificabilidade e o acto dá imediatamente o ser, independentemente de qualquer identificabilidade.²² O máximo denominador comum é a própria presença da actividade criadora do acto em cada ser, confunde-se com ela. A grande comunidade é a identidade do ser com o acto – com o acto que lhe dá o ser – e a partilha, por todos os seres, da mesma fonte de ser: o acto. Aqui, não há, já, uma tangencialidade, mas uma identidade, expressa diferenciadamente, quer na e pela diferença da manifestação do acto no ser, enquanto ser – perante uma inteligência –, quer pela manifestação plurímota e diferenciada do acto na infinidade de seres e de relações – seres outros. Se o ser é a recta que une os infinitos pontos de tangência entre os seres, o acto

²¹Que é o que lhes permite serem todos diferentes uns dos outros.

²²Rigorosamente, não é bem assim, o que o acto dá – e temos de ver que acto, qual dimensão do acto – imediatamente não é o ser, é o acto de ser. Este, se estiver presente a uma inteligência espectadora, aparece-lhe como o ser. É aqui que a inteligência colige o mínimo denominador/identificador comum aos diversos seres. Daqui decorre também que pode muito bem haver actos de ser sem necessidade de serem postos em espectáculo, isto é, sem serem postos como seres. É a zona escura da realidade, onde a inteligência, esta nossa, não pode penetrar.



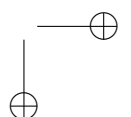
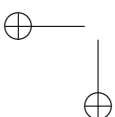


é a infinita esfera que contém tudo isso, seres e relações, ou, ainda mais exactamente, que cria os seres e as relações da infinita esfera.

2.1.4 *Acto, transcorrente à interioridade dos seres*

Mas mesmo este esquema, anteriormente apresentado, é pobre, pois não sugere cabalmente tudo o que há de acto no ser: é que o acto não se limita a um qualquer toque inicial que apenas lance cada um dos seres no ser, mas, perenemente, percorre, transcorre, acompanha cada um dos seres em cada *instante*, cria os próprios *instantes*, melhor, cria a própria duração, a duração dos seres, como seres, no ser (e cria também o ser da duração). É o acto que mantém os seres no ser. É o acto que mantém os seres activos, em acto. Chamaremos a esta função a *função mantenedora*. É ela que sustém a realidade como um todo e como um todo coerente e sem soluções de continuidade. É o verdadeiro índice da infinitude do acto, pois é essencialmente actividade infinita, que sustenta toda a realidade nos seus infinitesimais recônditos. Um infinitésimo de possibilidade de ser que não estivesse preenchido em infinita continuidade e a realidade colapsaria no nada. O facto de não colapsar parece ser um bom índice da infinita operacionalidade eficaz desta função mantenedora.

Representa-se quase sempre o acto como criador e a sua criação como subsistindo, por assim dizer, fora de si mesmo: poderia entrar em repouso e desaparecer quando a produziu. Pensamos, ao contrário, que o próprio do acto é criar-se a si mesmo e não ter qualquer outro fim que não si mesmo. Seria mais verdadeiro dizer, num sentido, que o criado mais não é para ele do que o instrumento de que se serve para agir: é por isso que, diga-se o que se disser, é sempre o criado que passa, enquanto o próprio acto renasce eter-





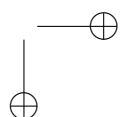
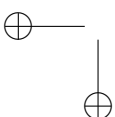
namente, quer dizer que nunca deixou de ser.²³

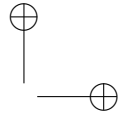
Assim, e recorrendo à imaginação, pode-se propor um esquema constituído por uma infinidade de esferas concêntricas, tangenciais, em que cada uma toma (recebe) o ser da que se lhe segue, isto é, participa do ser dela, e em que o ser de todas não é uma última esfera, que não pode existir, pela infinidade da sequência, mas o somatório infinito de todas as tangências, de todas as participações, de todas as partilhas de ser, de todas as transferências de acto, de todas as criações, numa palavra. Tal esquema não sendo materialmente, graficamente representável, tem a vantagem de ilustrar mentalmente a acção do acto em cada ser, a qual, sem se substituir ao ser – o que seria falseá-lo – o constitui e o mantém numa infinita tangência esférica, o que ajuda a perceber o carácter envolvente e omnipresente do acto em cada ser e na totalidade dos seres. Assim, e porque cada esfera é, em si, infinita, podemos representar o ser – e o acto que o cria – como a integração infinita desses infinitos, que são cada uma das esferas tangenciais: uma equação integral da infinidade dos infinitos. Fecha-se o parênteses imagético.

Serviu esta transgressão imagética para ajudar a perceber qual a razão pela qual o acto não se esgota nos objectos ou seres criados. O facto de ser isto ou aquilo, sob que modo seja, nada retira ao acto enquanto criador, pelo contrário – o que ajuda a entender o argumento –, quanto mais seres o acto cria, maior é, maior está e maior *aparece*. A potência criadora²⁴ do acto revela-se tanto maior

²³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 16: *On se représente presque toujours l'acte comme créateur et sa création comme subsistant pour ainsi dire hors de lui-même: il pourrait entrer dans le repos et disparaître quand il l'a produite. Nous pensons au contraire que le propre de l'acte, c'est de se créer lui-même e de n'avoir point d'autre fin que lui-même. Il serait plutôt vrai de dire en un sens que le créé n'est pour lui que l'instrument dont il se sert pour agir: c'est pour cela que, quoi qu'on puisse dire, c'est toujours le créé qui passe, alors que l'acte renaît éternellement lui-même, c'est-à-dire qu'il n'a jamais cessé d'être.*

²⁴Também o termo *potência* não está bem. É muito problemático encontrar um outro que o substitua com eficácia, sem deixar uma tão grande margem de inexactidão. O acto nunca é potente, é sempre activo, em acto. É possível que





quanto mais seres produz, cria – o acto, ao traduzir-se em seres criados, em vez de se desgastar, cresce em compreensão, no sentido de que passa, de algum modo, a compreender, a integrar um maior número de criações, de explicitações da sua infinita riqueza ontológica interior. Como é evidente, este crescimento é inexpressivo relativamente à dimensão de infinitude do acto. Inexpressivo para o próprio acto, pois é fundamentalmente expressivo para o plano dos seres criados, uma vez que é a existência desse mesmo plano. O inverso também seria sugestivo: se o acto apenas criasse um reduzido número de seres, pareceria bem pouco potente, bem pobre de ser, tristemente oligocromático.

Rigorosamente, não há imagem a que possamos recorrer para analogar esta capacidade de se enriquecer, gastando-se aparentemente, ficando, no entanto com o mesmo potencial e realmente mais rico.²⁵ Talvez se possa intuir o que é esta capacidade, à maneira dos povos ditos primitivos, ao observar o aparecimento cíclico das ervas na primavera, aparentemente provindas do nada, de um nada que se desfaz em vida e em riqueza e que parece exaurir-se e que, enriquecido, volta a criar ano após ano.

2.1.5 *Identidade entre ser e acto*

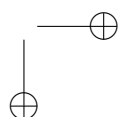
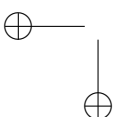
Se não há outro ser real senão o ser que está em acto, é porque o ser é o próprio acto.²⁶

Em que consiste a aludida identidade entre ser e acto? Começemos por desfazer um equívoco, não se trata de ser no sentido está-

um termo como *capacidade* sirva melhor, embora *capacidade* também seja algo da ordem do potente ou, pelo menos, do latente.

²⁵Rigorosamente, levando o rigor ao extremo, não se diria coisa alguma acerca de coisa alguma.

²⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 16. *S'il n'y a d'autre être réel que l'être qui est en acte, c'est que l'être est l'acte même.*



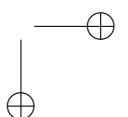
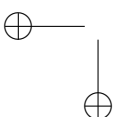


tico nem de acto no sentido de algo acabado. O que mutuamente se identifica não é qualquer ser determinado com qualquer acto que o tenha determinado. Identifica-se, outrossim, o ser, cada ser, com o acto transcorrente que faz com que o ser seja, isto é, com que algo vá sendo, esteja sendo, permaneça sendo, isto é, aquilo que mantém o ser no ser, o ser sendo. Em resumo, *o ser é o acto de ser*. É o seu acto de ser. O seu acto de ser próprio. O seu próprio acto de ser. O ser é o acto de ser o ser que é. É aqui que está a identidade. O ser é idêntico ao acto de ser próprio que o produz, que infinitamente, infinitesimalmente, em cada instante, põe nele, em ser, tudo o que esse ser é. Melhor dito, não põe nele, uma vez que isso suporia que houvesse algo anterior ao acto de posição onde este iria pôr algo mais. Não. Não há qualquer recipiente onde o acto ponha o que quer que seja. O ser já é o recipiente. O ser é recipiente, por essência. É por receber e no receber que é constituído. Nada mais é do que receber. É o receber do acto. É o acto dando-se e recebendo-se ao mesmo tempo, mas não sob o mesmo aspecto, uma vez que do lado do acto só há dar e do lado do ser só há receber. Acto que se dá, acto que se recebe sob a forma recipiente de ser.

Procurando definir a essência do acto, não encontramos melhor expressão do que esta: que é a eficácia pura.²⁷

Deste modo, podemos dizer que só há actos de ser, todos os seres, enquanto estão sendo, são actos de ser. Dito de outro modo, o ser é o ser em acto, *sendo*. Tudo o que é é uma perene, infinita e infinitesimal *actualização do acto*. E como tudo é esta infinita actualização, não há qualquer acto perfeito, mas tão só um acto em busca de perfeição, perfeição esta só alcançável no infinito, isto é, não alcançável. O ser nunca é perfeito. O que há é seres que, como seres que são, sendo o que são, são isso perfeitamente, plenamente. Não são é acabados nessa perfeição, isto é, não se acabam nessa

²⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 14: *En cherchant à définir l'essence de l'acte, nous ne trouvons pas de meilleure expression que celle-ci: qu'il est l'efficacité pure.*





perfeição. Pelo contrário, a plenitude do desenvolvimento do que se é sempre um primeiro início, sempre uma aurora, sempre uma novidade. A identificação é, pois, uma identificação do que o ser é com o que o acto nele põe, em cada auroral instante, num começo eterno, num eterno recomeço.

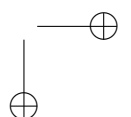
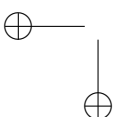
2.1.6 *O acto, o ser e o nosso ser em acto de ser*

O acto tudo perpassa e o ser de cada ser individual é o acto enquanto acto de ser desse ser. O nosso ser é, pois, acto, e acto co-extensivo ao ser, ao ser que nos é presente.²⁸ Deste modo, o ser passa por nós, transcorre-nos, não só como o ser que somos, na nossa estrutura própria, mas no que, do restante do ser (os outros seres e o que lhes é comum – o ser), vamos interiorizando.²⁹ Esta parte do ser, a interiorizada, já não é mistério, faz parte de mim, sou eu, é-me transparente, como ter mãos ou respirar.³⁰ Já o que não interiorizei, e não faz parte de mim, não o domino, pode ser misterioso ou simplesmente ignorado, em absoluto.

²⁸Aquí chama-se a atenção para o que nos parece ser a extensão abusiva da afirmação da co-extensão do par (nós, ser), LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 60. Sem mais, parece que somos co-extensivos à infinitude do ser, ora não é bem isso, somos co-extensivos ao ser ao qual estamos presentes ou ao ser que se nos apresenta, enquanto se nos apresenta, e que, para nós, só é infinito em potência. O acto é infinito, em acto, mas nós não o somos e, portanto, não podemos acompanhar o acto na sua infinitude; para tal teríamos de ser infinitos em acto e, se assim fosse, seríamos indiscerníveis do acto, não co-extensivos, mas indiscerníveis, seríamos o próprio acto. “Acto”, neste trecho refere-se ao acto geral, puro.

²⁹Esta interiorização é permitida pela partilha da natureza profunda do nosso ser e do ser do restante da realidade, uma vez que ambos são produto integrado da mesma actividade do mesmo acto produtor dos seres e das relações entre seres.

³⁰Não é que ter mãos ou respirar seja totalmente transparente, o que não é é totalmente opaco.



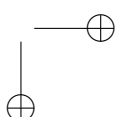
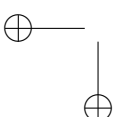


Não podemos concordar com o autor quando diz que já não há mistério.³¹ Só não há mistério naquilo que já dominamos completamente. No entanto, acerca dessa parcela já dominada, sabemos que é uma ínfima parcela do ser; o resto, o que ainda não se domina, *pode ser* mistério. Tanto mais que, seguindo a própria intuição de Lavelle acerca do estatuto do acto e da sua relação com o ser, sendo aquele eterna e infinita actividade criadora, a realidade nunca pode estar dada definitivamente, fixadamente e, portanto, nunca pode ser propriamente dominada, uma vez que para que se domine algo é necessário ou parar esse algo – caso de uma inteligência finita – ou acompanhar infinitamente esse algo em tudo, em todos os passos – caso de uma inteligência infinita. Ora a nossa inteligência é finita e o acto não é estático, pelo que não é possível que dele nos apropriemos, absolutamente. A compreensão, na acepção do domínio de algo, é uma ilusão – uma perigosa ilusão –, que confunde o que é o labor de uma inteligência viva, porque em sintonia com a actualidade do real, com uma arqueologia sempre *post mortem*, sempre atrasada relativamente à vida dos seres.

O que há de fundamental a realçar no trinómio (acto, ser, nosso acto de ser) é a co-naturalidade entre o nosso acto de ser e o ser, o mesmo que é comum a todos os outros seres e que permite a comunicação entre todos. Esta co-naturalidade é dada pela comum origem na criação pelo acto, e na comum manutenção pelo mesmo acto. A possibilidade de comunicação é dada por esta comum origem e conseqüente comum natureza. Quando o acto cria a inteligência capaz do ser, esta capacidade é dada na e pela própria criação, na e pela comunidade de natureza. Mais do que um conhecimento, o que se opera é um reconhecimento por parte do acto particular, possuidor de inteligência, relativamente aos outros actos particulares que são, *radicalmente*, o mesmo, pois participam da mesma infinita natureza, diferenciadamente:

O Todo do qual fazemos parte e com o qual não cessamos de

³¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 23.





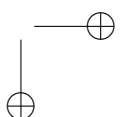
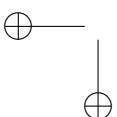
comunicar, tal é a experiência que preenche a nossa existência. Obriga-nos, ora a pôr o Todo ora a pôr o eu, mas a nunca os pôr senão pela relação que os une. O próprio mundo transporta-me na sua existência como eu próprio o transporto no meu conhecimento. É, pois, em relação a mim, concomitantemente envolvente e envolvido. Nem sempre de uma maneira recíproca e unívoca, uma vez que o conhecimento tem como objecto o Ser ao qual é sempre inadequado e do qual ele mesmo faz parte.³²

2.1.7 *Acto, ser, valor e sentido*

O sentido e o valor são criados pelo próprio acto, no acto mesmo em que se põe,³³ uma vez que, como se tem vindo a descobrir ao longo desta reflexão, é este acto de posição que põe no ser, em cada ser, tudo o que esse ser é, bem como as raízes de tudo o que esse ser pode vir a ser. Tudo, inclui o que o ser é, em si, e o que é em relação – e que está contido no que o ser é, em si. Das características de relação pode fazer parte algo como o valor ou o sentido. Quanto ao sentido, há que distinguir, imediatamente, duas possíveis acepções: uma que diz respeito ao sentido ontológico do ser e que faz parte do acto íntimo desse mesmo ser, contendo em si todas as raízes do que esse ser pode vir a ser; outra acepção é a que se refere ao sentido que a presença desse ser pode ter perante e para uma inteligência capaz de o apreender, melhor, de o intuir.

³²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 49: *Le Tout dont nous faisons partie et avec lequel nous ne cessons de communiquer, telle est l'expérience qui remplit notre existence. Elle nous oblige, tantôt à poser le Tout, tantôt à poser le moi, mais à ne les poser jamais que par la relation qui les unit. Le monde me porte lui-même dans son existence comme je le porte moi-même dans ma connaissance. Il est donc tour à tour par rapport à moi enveloppant et enveloppé. Non point toutefois d'une manière réciproque et univoque, puisque la connaissance a pour objet l'Être auquel elle est toujours inadéquate et qu'elle en fait elle-même partie.*

³³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 60.

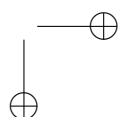
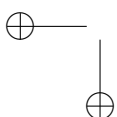




Quanto à questão do valor, nada é dado na pura eclosão do ser. A referência a um valor só faz sentido se a criação do ser for feita na presença de um outro ser capaz de avaliar essa mesma criação. Ora, se for uma inteligência finita a proceder a essa avaliação, não dispondo dos meios necessários – são infinitos – para poder pronunciar-se sobre o valor do ser, que depende do acto de ser que nele o acto puro introduziu – e isto só o acto puro domina – bem arriscado será o juízo que avaliar o ser. Se for uma inteligência infinita a avaliar o ser – e só ela o pode fazer com pertinência – perante a infinita diferença de dimensões entre o julgador e o julgado, bem pouco valor poderá ser atribuído a este último. Parece-nos que o papel do acto, aquele que está de acordo com a sua dignidade é o de criar, não o de julgar o que criou. Também para o ser finito é uma perda de tempo o acto de valorar, uma vez que o acto lhe deu a capacidade de também ele criar, no seu nível e a seu modo, e é um desperdício perder potencialidades a julgar os outros seres em vez de se criar em mais ser, de se engrandecer e de engrandecer a criação, criando.

O sentido e o valor serem co-criados com o acto mesmo de ser e pelo acto mesmo de ser quer apenas dizer, de fundamental, que, como já se afirmou anteriormente, não há seres perfeitos, no sentido de acabados, na esfera do criado como na do criador, que os actos de ser são abertos, são *sendos*,³⁴ e que, como tais, possuem uma dimensão vectorial de ser – sentido, e uma dimensão de abertura a outros actos que são actos de apreciação – valor. Ao nível ontológico, *sentido* e *valor* não podem ter outra significação, tudo o mais será acrescentado preteritamente, posticho, caricato: o ser vai para onde vai, que é para onde o seu acto de ser o leva, mantido pela actividade do acto puro nele, e vale o que vale – desde que

³⁴É sempre arriscado introduzir um neologismo. No entanto, parece-nos que esta forma retrata bem o carácter de infinitesimal continuidade da actividade do acto nos seres.





haja algo que o avalie.

2.1.8 *A razão (de ser) do acto como imanente ao próprio acto*

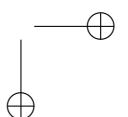
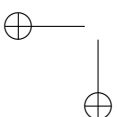
A afirmação ponderosa: *o acto em si próprio não necessita de razão*³⁵ embora intuitivamente evidente no seio do esquema de pensamento de Lavelle acerca do acto, necessita ser bem explorada. A justificação desta afirmação não pode passar por um argumento exterior de satisfação psicológica ou mesmo espiritual, como parece ser a escolha de Lavelle.³⁶ Ela decorre da própria natureza do acto, o qual não tem razão porque não pode tê-la, isto é, porque não pode ter uma razão fora de si mesmo, porque é em si que tudo se resume, porque é infinito (único infinito). Por ser infinito e tudo resumir, assumir, ser, não pode ter outra razão que não seja ele mesmo. A razão de ser do infinito está na riqueza de ser do infinito: é tão rico que inclui em si todas as razões, mesmo a sua *própria*; é tão uno que é a própria razão de si mesmo: acto e razão do acto, razão de ser do acto são o mesmo. O acto explicitando-se, explicita a sua razão, que é a própria explicitação. De tal modo coincidem que, sendo uma e a outra infinitas, só o acto pode dar cabal conta da sua razão. Mais nada pode. É por isto mesmo que o infinito é infinito – tem, em si, tudo, incluindo a própria razão desse tudo, e isto independentemente do prazer que possa causar a sua contemplação por uma qualquer inteligência finita.³⁷

Não necessitar o acto de razão de ser, não é, portanto, uma marca de irracionalidade ou o indicativo de proceder o acto de uma forma caprichosa na sua actividade criadora, mas a condição necessária de uma actividade infinita e omniabrangente que nada deixa

³⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 60.

³⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 60.

³⁷Uma possível inteligência infinita será, de novo, o acto, numa sua outra faceta.





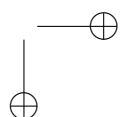
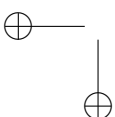
de fora da sua esfera de realidade, uma vez que esta resume tudo o que é ou pode vir a ser, incluindo as razões disso tudo. Não precisar de razão, aqui, é sê-la em si e tê-la em si. Nada dá razão do acto que não ele mesmo, é ele a sua própria razão sendo, sendo-a. Ao criar, cria-se, cria a razão disso mesmo, por isso não precisa de razão, de razão que o transcenda. O acto é a sua própria e eterna transcendência. Ao criar-se infinitamente, infinitamente se transcende, infinitamente é outro. Infinitamente se dá razão de ser, nova razão de ser. O infinito que infinitamente se supera, no seio da sua infinitude. O infinito mesmo, que infinitamente é outro, e desse outro infinitamente é razão.

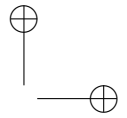
2.1.9 Acto, ser, pensamento, excesso

*O mesmo pensamento não só é coextensivo ao que é, mas ele próprio é um acto do qual todo o pensável deve poder ser tirado.*³⁸ Aqui, deparamos com um genuíno mistério: quando, mediante a actividade da inteligência presente à criação de um ser, se interioriza esse acto – qualquer – sob a forma de pensamento, isto é, quando um acto de pensamento põe um ser, para utilizar a linguagem de Lavelle, sob a forma de pensamento, é possível, a partir deste acto de ser em pensamento tirar, deduzir, *outros seres em acto de pensamento* que se podem revelar (nem todos) coextensivos a, coincidentes com, adequados a outros actos de ser exteriores ao pensamento, isto é, actos de ser, frutos directos da actividade, neles, do acto, não desta actividade mediatizada pela inteligência. Seja dito que toda a moderna ciência não faz outra coisa, nomeadamente através da exploração saturante do raciocínio matemático.³⁹

³⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 61.

³⁹O que só confirma as antiquíssimas intuições dos velhos pitagóricos e de todos os que acreditavam na profunda co-naturalidade entre a realidade exterior ao homem e a inteligência humana.



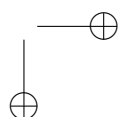
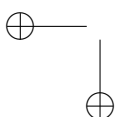


Onde é que está o mistério? No facto de o desenvolvimento pensante de um acto de pensamento poder dar actos de pensamento, deduzidos, que sejam adequados à, chamemos-lhe assim, realidade exterior. Noutros termos, que o labor próprio da inteligência, autonomamente, seja concordante com o labor criador do acto, aparentemente apartado da inteligência. Dois caminhos separados, paralelos, e que têm a possibilidade de convergir. Que permite esta possível convergência?

Neste ponto, revela-se o misterioso parentesco entre o acto de ser do pensamento e o acto de ser do que é exterior ao pensamento, melhor, os actos de ser – porque são plurais, aliás, infinitos – do que é exterior⁴⁰ ao pensamento. Que, após desenvolver um acto de ser em pensamento, se ache um outro com o mesmo estatuto, consentâneo com a *realidade externa*, deixada, momentaneamente, à parte, é espantoso e indicia a profunda co-naturalidade, co-extensividade, entre os actos “internos” e os actos “externos” e o profundo parentesco entre ambos, o que só pode ser assegurado pela mesma fonte, isto é, o acto puro: é este o mesmo que perpassa ambas as realidades, toda a realidade criada, conferindo-lhe a mesma natureza e possibilitando a comunicação e o acerto no encontro do acto de ser mantido pela inteligência com os actos de ser dos restantes seres, mesmo que quer um quer os outros estejam em constante actividade e, portanto, em constante evolução. O que acontece é que, sendo fruto da mesma actividade fundamental, ambas as actividades se realizam em caminhos paralelos, acompanhando-se e podendo sempre convergir pois como que navegam permanentemente à vista uma da outra.

Mais do que trajectórias rectilíneas paralelas, o que aqui se nos depara é, de novo, a tangencialidade das esferas de actividade do acto criador. O que aqui é paralelo é a esfera do pensamento e a es-

⁴⁰Insistimos no termo *exterior* porque não conseguimos achar melhor. Entende-se, é o que não pertence à esfera da intimidade própria do pensamento - também isto é uma metáfora, no entanto, auxilia a intuição.





fera daquilo a que esse pensamento se refere, que, no fundo, são o mesmo, pois uma esfera só pode ser “paralela” a si mesma, e, isso, ponto a ponto, infinitamente. Trata-se da distinção formal entre o pensado e o sendo, melhor, entre o pensando e o sendo, esferas que diferindo formalmente, se referem ao mesmo infinito em acto. É claro que, como corolário, temos que tudo o que é pensável, isto é, reside na esfera do pensando tem correlato na esfera do sendo. Mesmo o mal-pensado, mesmo o erro, mesmo toda a teratologia pensada: há, mesmo, uma esfera das quimeras... é a esfera das quimeras.

2.2 O acto como passagem eterna do nada ao ser

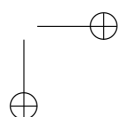
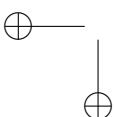
2.2.1 As balizas: nada e ser

Ser e nada são os dois termos-limite que balizam a actividade do acto⁴¹ como criador do infinito diferenciado dos actos de ser, como operador da infinita participação, da infinita sucessão de participações,⁴² as quais, pela transcorrência do acto pelos actos de ser dos seres, cria o conjunto dos seres. Significa isto que quer o nada quer o ser, o primeiro entendido como a *plenitude negativa do ser*, isto é, a sua total e absoluta ausência, o segundo entendido como a *plenitude positiva concreta do ser* – a sua total⁴³ presença acabada,

⁴¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 61.

⁴²Veremos, na sequência do trabalho, que este operador da participação corresponde a uma faceta especial do acto, a qual designaremos por *acto puro matricial*, ou, simplesmente, *acto matricial*.

⁴³*Total* aqui entendido como o todo finito, por contraposição ao infinito, o qual nunca pode ser, rigorosamente, uma totalidade, para o que teria de ser possível enumerar completamente os seus membros, o que não é possível num conjunto infinito.





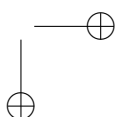
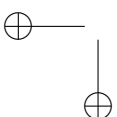
perfeita – estão fora do âmbito da realidade criada pela actividade do acto, uma vez que, quer um quer o outro, porque são limites de balizamento, inatingíveis, estão fora do conjunto dos seres criados.

A realidade do nada implicaria que nada pudesse alguma vez existir, isto é, que nunca coisa alguma pudesse existir, uma vez que sendo o nada a absoluta ausência seja do que for – acto, potência, tudo –, de nada poderia ser a origem. Ora, a prova de que não há o nada é ter havido algo, é haver algo. *A presença do mais tenuemente frágil dos seres desmente a possibilidade do nada.* Por mais ténue que seja a sua presença, nunca poderia ter vindo do nada. Veio de algo que não o nada. De algo capaz de ser, de algo capaz de actividade suficiente para justificar essa ténue presença. Nessa ténue presença, está já dada toda a possível infinidade do acto, pois, sendo este a alternativa necessária ao nada, *sendo*, não pode não ser senão em acto, em permanente acto, pois, se deixasse de o ser, passaria a ser o nada. Mas, como já vimos, para poder passar de acto ao nada teria de o fazer através de um acto, o que inviabiliza a passagem. Por seu turno, o ser perfeito, acabado, terminado, implicaria a total imobilidade dos seres, o que indicaria a total imobilidade do acto, estado que dificilmente se distinguiria do nada.

Temos, pois, dois nadas-limite – um por extremo defeito de ser, outro por extremo esgotamento das possibilidades de ser. São irreais, no que transcende a mera referência mental. O que é, então real?

2.3 A tensão intermédia

Onde se situa, pois, a realidade, uma vez que, como acabámos de ver, as duas balizas da actividade do acto não são propriamente reais? Na tensão intermédia, que constitui a infinita criação de novos





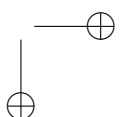
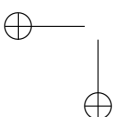
seres, aquilo a que o autor chama *participação* e que nos dá a ideia da tangência do acto relativamente a cada um dos seres, inculindo-lhes o seu modo de ser próprio ou modificando-lhes o modo de ser, mas mantendo-os sempre ser e no ser, através da actividade geral – no todo da criação – e particular – em cada ser especialmente – da face matricial do acto.

O próprio do acto é não poder jamais ser encarado como um dado, é ser a origem e a génese das coisas, confundir-se com o princípio que as produz.⁴⁴

É esta actividade do acto matricial, que faz a ponte ontológica entre a infinita riqueza do acto puro e cada ser criado, enquanto o cria, que constitui o cerne da realidade criada. É esta actividade que dá a cada ser, em cada instante, o que cada ser é. É ela que justifica a existência de tudo o que não é o puro acto. Sem ela não haveria a realidade criada, apenas o infinito acto puro, na sua infinita riqueza, *não manifestada*. Mais do que uma tensão entre pólos, encontramos aqui a criação de laços substanciais entre a fonte eterna do ser e cada um dos seres, sendo que cada um dos seres mais não é do que esse mesmo laço substancial; sendo que a sua substância mais não é do que o próprio laço, do que a própria relação, enquanto relação e enquanto esta dura. A tensão fundamental não é, pois, a tensão entre os dois pólos extremos/balizas do ser, mas a tensão da própria existência do laço substancial que cria o ser de cada ser. O ser é dado por esta tensão do laço. Se desaparecer esta tensão fundamental, desaparece com ela o ser, uma vez que este a ela se resume.

Cada ser não é, pois, um produto acabado e separado daquilo que o produziu, mas é fruto do contínuo esforço produtivo do acto na sua vertente criadora. Não é dele separado pois é, em tudo o que é, essa mesma actividade criadora, confunde-se com ela, a ela

⁴⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 62: *Le propre de l'acte, c'est de ne pouvoir jamais être regardé comme un donné, c'est d'être l'origine et la genèse des choses, de se confondre avec le principe qui les produit.*



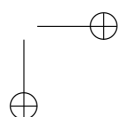
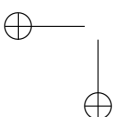


se resume. Não há uma actividade criadora, por um lado e, por outro, produtos discretos dessa actividade criadora. Os produtos são a actividade criadora, enquanto cria, e, enquanto cria, a actividade criadora é os produtos que cria. Desaparecida a actividade criadora, nada fica, nada mais resta, pois nada há que possa sustentar seja o que for. Quer isto dizer que a realidade não é um conjunto, ainda que interactivo, de seres discretos e auto-suficientes, mas a transparência de uma actividade omniabrangente, que tudo constitui e mantém e sem a qual tudo colapsaria no nada. A realidade é uma permanente tensão criadora, um infinito movimento de ser para ser, de acto de ser para acto de ser, de acto de ser criado para acto de ser criado, numa infinita fluidez. Tem a fragilidade do que é fluido e não é sólido, mas também a sua infinita plasticidade, tem a garantia do infinito, omnipotente e necessariamente indelével.

Serve também esta alusão à tensão para chamar a atenção para a fragilidade essencial da realidade, a qual não é constituída de uma vez por todas e com materiais por si mesmos perenes, mas tão só pela relação de participação, que é fruto da pura manutenção da actividade do acto matricial e nada é sem esta. A realidade é fruto de uma relação, de uma dádiva, nada é, por si, e é, em si, apenas o que o acto nela põe, infinitesimalmente.

2.4 Do ser do intervalo entre os seres

O intervalo absoluto seria o próprio intervalo que separa o nada do ser, mas este intervalo infinito é o que se encontra, de algum modo, eternamente transposto pelo acto puro, enquanto criador de si mesmo, e pelo acto participado, enquanto nos permite, por nosso lado, passar, nós mesmos, em cada instante, do nada a uma exis-





tência que nos é própria.⁴⁵

À partida, o intervalo entre os seres poderá ser ou não ser ser. Se não for, os seres estão infinitamente distantes, todos de todos, bem como o trânsito entre duas eventuais possíveis formas evolutivas do mesmo ser não é possível, uma vez que o trânsito de ser para ser só faz sentido ser for feito em ser, como ser. Se entre dois seres ou entre duas formas evolutivas diferentes do mesmo ser não tivermos um ser por onde e pelo qual se faça o trânsito, não é possível fazer esse trânsito.⁴⁶

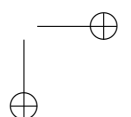
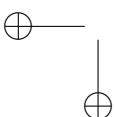
A realidade ou é contínua ou descontínua. No primeiro caso, os seres comunicam entre si e estão sempre infinitamente próximos, infinitesimalmente, não havendo soluções de continuidade relativamente ao ser; na segunda, os seres estão separados, o que impõe entre eles uma distância infinita, uma vez que não há modo de reparar o corte que existe entre eles. A reparação seria feita com a utilização de ser, nos moldes do primeiro caso.

O próprio da participação é criar um afastamento entre o acto total e o acto particular, de modo, precisamente, a que o acto puro não deixe de inspirar e de suportar o acto particular, o qual, no entanto, se deve dele separar de modo a realizar um caminho pessoal e a assumir uma iniciativa que lhe é própria. O que define cada domínio de acção é o intervalo no interior do qual a nossa acção se poderá exercer.⁴⁷

⁴⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 202: *L'intervalle absolu serait l'intervalle même qui sépare le néant de l'être, mais cet intervalle infini, c'est celui qui est en quelque sorte éternellement franchi par l'acte pur, en tant qu'il est créateur de lui-même, et par l'acte participé, en tant qu'il nous permet pour notre compte de passer nous-même, à chaque instant, du néant à une existence qui nous est propre.*

⁴⁶Se não for ser, o que poderá ser? Coisa nenhuma.

⁴⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 200: *Le propre de la participation, c'est de créer un écart entre l'acte total et l'acte particulier, afin précisément que l'acte pur ne cesse d'inspirer et de soutenir l'acte particulier qui pourtant doit s'en séparer de manière à réaliser une démarche personnelle et assumer une initiative qui lui est propre. Ce qui définit chaque domaine d'action, c'est l'intervalle à*

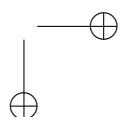
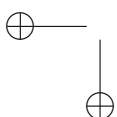




O que o entendimento da realidade como fruto da actividade matricial do acto nos permite, neste caso, é perceber o modo como esse eventual corte é preenchido, melhor o porquê da ausência desse corte, uma vez que a absoluta continuidade da actividade matricial do acto, produtora do ser, garante a continuidade desse mesmo ser. O encontro com esta actividade, a qual não teve origem, não tem origem senão eternamente em si mesma e a qual não pode ter fim senão num acto que a reafirma, permite descobrir o fundamento e o garante da existência e da constância do ser. Sendo assim, o intervalo entre os seres não é uma ausência de ser, mas apenas e fundamentalmente a marca da sua diferença, da identidade própria de cada um. O intervalo é, negativamente, o que separa, distinguindo, pondo fronteiras aos seres e entre os seres, evitando a confusão, a indiscernibilidade. Mas é, positivamente, o que constitui cada ser pela demarcação que lhe dá relativamente ao que os outros seres são e que ele não é, não pode ser. Deste modo, o intervalo, mais do que uma ausência de ser, é a própria actividade matricial em acção, é essa mesma cunhagem de cada acto de ser pelo acto criador, é a marca, não da ausência de actividade do acto, mas da actividade ela mesma, que ao exercer-se criando cada ser, o faz distintamente e, portanto, intervaladamente. O intervalo está, pois, preenchido pela actividade do acto, em trânsito de ser para ser. Não é um abismo vazio, é um passo entre dois pontos. Assim, o intervalo entre dois seres tem como ser próprio o passo *necessário* dado pelo acto de um ser para o outro,⁴⁸ tem como seu o ser do acto, que mais não é do que infinitos destes passos criadores.

l'intérieur duquel notre action pourra s'exercer.

⁴⁸Não cabe aqui um entendimento cronológico do passo. O domínio é puramente ontológico e pode mesmo ser um ambiente de infinita concomitância.





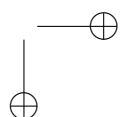
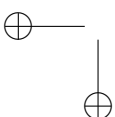
2.5 Do indício do ser

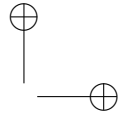
Na incessante mudança de modos de ser, os seres permanecem, isto é, *são*, têm *ser*, *são ser*, o que nos *indicia* a presença neles do ser, a realidade do ser, do que permanece, de que algo permanece. Na mudança, o ser não desaparece. Não desaparece nem em absoluto, o que impediria a própria mudança, pois sem o quê, para o que se mude, não pode coisa alguma mudar, nem desaparece “relativamente”,⁴⁹ para reaparecer mudado, uma vez que o que muda não é o ser, é a actividade profunda do acto que, mantendo-se em acto, mantém o ser, mas o ser que é em cada instante e que é em cada instante o ser que o acto põe, nele põe, põe como sendo ele. Não um ser diferente, pois não há com que o comparar, mas o ser absoluto que o acto em cada instante põe e que é o mesmo, pois é fruto do mesmo acto criador, mas não é o mesmo, porque é fruto de um outro acto criador desse mesmo acto criador.⁵⁰ *O que permanece, rigorosamente, não é o ser, mas o acto que vai pondo o ser.* Este é infinitamente o produto daquele. Nunca é igual ao que já foi ou ao que há-de vir a ser. É irrepitível. O ser que se mantém é o correlato, para a inteligência capaz de o intuir, da actividade do acto, em infinita evolução. Se permanece, é porque a inteligência, enquanto está, pode acompanhar – parcialmente, à sua medida – esta infinita presença, contínua presença, porque infinitesimalmente ligada pela actividade interior do acto. O que permanece do ser e como ser é esta eclosão, perante a inteligência, da actividade criadora do acto.

Procurar o ser é, pois, procurar em si este exercício de uma actividade sem desfalecimento, que é, ao mesmo tempo, desejo

⁴⁹Termo incorrecto, uma vez que o desaparecimento é um absoluto, como a presença.

⁵⁰*Acto criador* aparece aqui na sua ambiguidade essencial, por um lado como o acto criador que cria operando actos criadores - a fonte; por outro lado, como esses actos criadores frutos do labor da fonte. Em acto, confundem-se, até porque os actos são o que o acto neles põe, mais nada.





de si mesma e luz fulgurante, a qual, em vez de ser considerada como absolutamente indeterminada, é o princípio de todas as determinações, através das quais não cessa de, concomitantemente, se realizar e se possuir.⁵¹

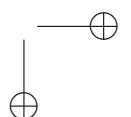
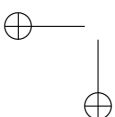
O ser não é, pois, algo em si, mas tão só o *índice*, para a inteligência, do acto que o constitui, que o cria. É um índice ou um indício que, perante a inteligência, permanece como tal reconhecível ao longo da evolução da actividade criadora que o produz. Se assim não fosse, a inteligência perder-se-ia, pois não poderia reconhecer dois estádios diferentes de evolução do “mesmo ser”. O ser, a sua permanência indiciatória é uma onomástica para a inteligência, permite a esta identificar o mesmo fluxo de actividade polarizado num “ser” e distingui-lo de outros polarizados noutros. Serve para “chamar as coisas pelo seu nome”, para as reconhecer como tais e como diversas. *O ser é o nome que fixa e baliza o infinito fluxo do acto.*

2.6 Acto e liberdade do acto

A liberdade aparece identificada com o acto,⁵² devendo-se, pois, poder dizer acerca da liberdade tudo o que se disse acerca do acto e acrescentar-se, ao que se disse acerca do acto, que este, como criador universal, não pode senão ser livre, uma vez que, se condicionamentos tivesse, teriam sido por si mesmo criados e livremente, isto é, sem interferência de algo que não o próprio acto. Este não só não tem a sua razão fora de si mesmo, como é incondicionado,

⁵¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 139: *Chercher l'être, c'est donc chercher en soi cet exercice d'une activité sans défaillance, qui est tout à la fois désir d'elle-même et lumière jaillissante, qui, au lieu d'être considérée comme absolument indéterminée, est le principe de toutes ces déterminations par lesquelles elle ne cesse à la fois de se réaliser et de se posséder.*

⁵²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 61.





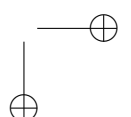
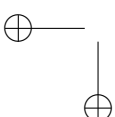
operando incondicionadamente no que diz respeito a possíveis condições impostas por algo que não seja a sua própria actividade essencial. Todas as regras que crie só as pode criar a partir de si, para si, por si e nunca contra si. É com estas regras – se as há – que o acto opera, é a elas que estão sujeitos os frutos da sua actividade criadora. Neste âmbito, a liberdade confunde-se com a própria criação e com o próprio modo de operar do acto. A liberdade é a operação do acto, enquanto criadora infinitamente livre. Infinitamente livre porque infinitamente nova no que cria e no modo como cria; infinitamente livre porque é a única que cria, que cria tudo. Tudo, não apenas os seres, mas a si mesma, ao desenvolver-se. Esta actividade infinitamente livre é o próprio acto puro. Assim, a questão da liberdade nem legítima é, uma vez que não faz sentido referenciar a condição de ser livre num âmbito onde nada há que ofereça obstáculo – nem o nada, como já se viu – e onde a criação é um absoluto, na sua integral pureza de radical e infinitamente nova eclosão de tudo. Não é pois a liberdade que se deve invocar, ela não é aqui necessária, mas a pureza absoluta do acto de criação, sem obstáculo algum (“liberdade” é apenas um nome inadequado para este acto).⁵³

2.7 O aparecimento do tempo: o acto e o tempo

Como aparece o tempo?

E o próprio tempo, no qual estas formas se sucedem, e que é a condição da sua possibilidade, está inscrito no ser e não possui, por si mesmo, virtude geradora alguma. É, se se pode dizer, concomitantemente derivado e infinito. A sua derivação quer dizer que, em vez de ser a condição primeira sem a qual o acto não poderia

⁵³Lembra-se que a única escolha que o acto não pode fazer é deixar de ser acto.





exercer-se, é engendrado pelo próprio acto, a partir do momento em que é participado. A sua infinitude exprime a eternidade do acto, o qual encontra sempre em si mesmo o seu próprio começo.⁵⁴

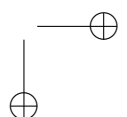
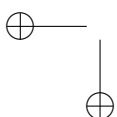
Se apenas houvesse um puro acto de ser pontual e mais nada, não haveria tempo. Havendo pelo menos dois actos de ser diferentes já *pode*⁵⁵ haver tempo. Porquê? Porque o aparecimento de um segundo acto de ser permite o estabelecimento, a criação de um intervalo entre o, agora, primeiro acto de ser e o, agora, segundo acto de ser. O tempo pode aparecer quando aparece este intervalo de ser, de acto de ser a acto de ser.⁵⁶ Embora o tempo não seja o intervalo enquanto tal,⁵⁷ isto é, a distância ontológica entre dois actos de ser, de algum modo pode dar, traduzir a medida dessa distância. Mas esta medida é dada propriamente não enquanto tradução da distância entre dois actos de ser, enquanto actos, na pura eclosão a partir da actividade do acto puro, mas, nesse mesmo contexto,

⁵⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 61: *Et le temps dans lequel ces formes se succèdent et qui est la condition de leur possibilité est lui-même inscrit dans l'être et ne possède par lui-même aucune vertu génératrice. Il est, si l'on peut dire, à la fois dérivé et infini. Sa dérivation exprime qu'au lieu d'être la condition première sans laquelle l'acte ne pourrait pas s'exercer, il est engendré par l'acte même à partir du moment où il est participé. Son infinité exprime l'éternité de l'acte, qui trouve toujours en lui-même son propre commencement.*

⁵⁵*Pode*, pois, como veremos, não basta estar no domínio dos puros actos para que haja tempo.

⁵⁶Quando se introduz o termo *intervalo*, de algum modo já se antecipa o que se vai dizer mais à frente acerca do ser e do seu aparecimento. Rigorosamente, este intervalo nada tem de similar com um intervalo espacial ou temporal comum à experiência e à linguagem correntes. Utilizamo-lo para dar a ideia, talvez apenas a imagem, do acto que é o acto que é e não se confunde com outro, embora no plano dos actos, da actividade do acto puro não se possa falar de descontinuidade, uma vez que a actividade é infinita. O termo *intervalo* dá, pois, a ideia da *diferença*, marca fundamental da participação, essência do criado. Diferença ontológica, distância ontológica própria entre cada ser e o que não é esse ser.

⁵⁷Enquanto tal, o intervalo é, como já se viu, acto (o acto do intervalo, o acto que é intervalo, que constitui o intervalo e que é, também, acto intervalar entre dois seres).





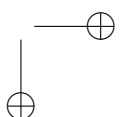
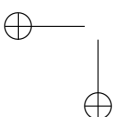
perante uma uma inteligência e, portanto, num ambiente não de puros actos, mas de seres, isto é, de actos de ser emergindo perante uma inteligência capaz de os intuir. Rigorosamente, o tempo mede, pois, perante uma inteligência, o intervalo entre actos de ser, a distância ontológica entre actos de ser. Abordando a questão de outro ângulo, pode-se afirmar que a diferença entre seres, *relativamente à inteligência* e como sua medida, é o tempo.

A pura criação de actos de ser pela actividade criadora do acto puro, através do labor participativo do acto matricial não necessita de tempo nem se traduz em tempo. O que se passa⁵⁸ neste domínio de pura criação de actos de ser esgota-se na pureza da riqueza da actividade constituinte do acto e dos actos que cria. Se não houver algo – a inteligência – que ilumine essa actividade e deste modo a transforme em ser, não há oportunidade para o aparecimento do intervalo⁵⁹ e, com este, do tempo. A razão profunda deste não aparecimento do intervalo na pura actividade do acto deve-se ao carácter infinito dessa actividade, a qual não conhece, como já foi visto, qualquer solução de continuidade, sendo infinitesimalmente íntegra e una. É a inteligência *finita*, incapaz de inteligir infinitamente que, ao iluminar⁶⁰ parcialmente a esfera da infinita criação faz aparecer “locais” iluminados os quais são o ser, os seres. O intervalo da iluminação sucessiva ou o intervalo das iluminações concomitantes é o que dá o tempo, pois faz aparecer o ser *diferenciadamente* em relação com a inteligência, criando, assim, tanto a

⁵⁸Nós é que não podemos utilizar uma linguagem da qual o tempo esteja ausente, nós pertencemos à esfera ambiente do ser. Assim, a linguagem que utilizamos para tratar deste assunto é essencialmente incorrecta, mas, como já vimos, não dispomos de outra.

⁵⁹Não é que não esteja lá, só que não transparece.

⁶⁰O termo iluminar sofre do mesmo mal dos anteriores, mas quer expressar a ideia do acto de intuição da inteligência sempre que esta consegue aceder ao interior de um acto. É este acesso que dá o ser, que transforma o acto em ser, ou, se se quiser, que transforma uma parte do domínio da pura infinitude metafísica em algo de ontológico.



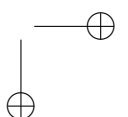
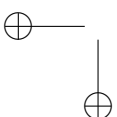


sucessão como a distância espacial, a qual implica também tempo, melhor, é tempo sob a forma de distância topológica.

O tempo aparece, pois, quando a inteligência finita ilumina partes do infinito do acto, transformando-as em ser e em ser diferenciado em seres, intervalados ontologicamente. Neste contexto, o tempo é a medida da distância entre estes seres. O que há entre o aparecimento de dois seres ditos sucessivos, isso é o tempo; o que há de distância, dita espaço, entre dois seres, ditos concomitantes, isso é tempo, uma vez que a mesma inteligência para os iluminar a ambos necessita de percorrer um intervalo de ser, isto é, necessita de tempo. Rigorosamente, tanto num caso como no outro, é a iluminação de diferentes actos que os traz ao ser e ao trazê-los, diferentemente, ao ser cria o tempo, o qual mede essa diferença.

Surge, necessariamente, a questão de saber se o modo de aparecimento do tempo se mantém relativamente a uma possível inteligência infinita e qual o sentido do tempo na relação com a pura actividade infinita do acto. Uma possível inteligência infinita terá de o ser em acto, pelo que, necessariamente coincide com o acto puro, na sua infinita actividade. Assim, a inteligência infinita é o mesmo que a actividade criadora infinita, é esta na sua realização e na apreensão da sua realização, que ainda é actividade e realização. A este nível, a inteligência e a criação são o mesmo, recobrem-se infinitamente. Não há, pois, intervalo onde possa aparecer o tempo, não há distância a medir porque o infinito em acto não deixa lugar a qualquer distância. Está lá sempre, sempre e infinitamente o mesmo que está, mas sempre e infinitamente o que está diferentemente. Presente em tudo, porque tudo cria, não deixa, neste nível que possa haver qualquer solução de continuidade⁶¹ entre actos. Não havendo esta solução de continuidade, não há diferença que o tempo possa medir. A diferença que há neste nível e que não confunde os actos criados uns com os outros e com o acto criador é acto, não ausência de acto. Acto diferente, mas con-

⁶¹Em termos de ausência de actividade.





tínuo, onde o tempo não pode entrar como medida. Não há, fora da iluminação pontual da inteligência finita, pontos de ser espaçados cujos intervalos possam ser medidos pelo tempo, cuja medida seja o tempo. A única iluminação possível seria a da inteligência infinita, mas essa, a iluminar, iluminaria como o acto infinito cria, infinita e continuamente, sem espaço para o tempo medir.

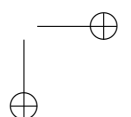
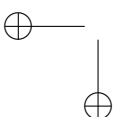
Não faz pois sentido a referência ao tempo no contexto da pura actividade criadora infinita do acto. Este é contínuo na sua actividade criadora, não havendo nesta qualquer possibilidade de encontrar um intervalo que pudesse ser gerador da medida que constitui o tempo. A infinita continuidade da actividade do acto não permite que o tempo apareça. Neste plano da pura emergência dos actos através da actividade do acto puro não há lugar para o tempo. O infinito não tem tempo. A eternidade define-se como puro acto infinitamente denso, infinitamente presente a si mesmo, *infinitamente presente*, em termos absolutos. O tempo pertence ao domínio do finito, ao domínio dos seres e da inteligência que os acompanha e os gera iluminando-os.

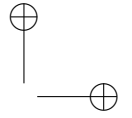
2.8 Tempo derivado e tempo infinito

O tempo, como acabámos de ver, é um derivado indirecto⁶² da actividade do acto e não é infinito. Não é infinito como infinito é o acto puro criador, mas não haverá uma dimensão de infinitude no tempo?

O tempo: derivado e finito. Derivado indirectamente do próprio acto, parecendo ser um seu sub-produto, uma medida escalar do lugar dos diversos modos de ser, na emergência participativa, isto é, o tempo parece ser a definição do lugar sucessivo de cada modo de

⁶²Os derivados directos são os actos de ser, de que o tempo marca a diferença. Deriva directamente desta marcação mediatamente, não imediatamente do acto.



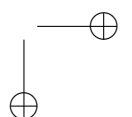
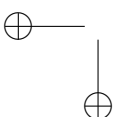


ser relativamente aos outros, mas também do seu lugar *topológico*, medindo o tempo a diferença da sucessão, mas também a diferença da emergência, topologicamente diferenciada, da simultaneidade. Sendo assim, o tempo não tem qualquer densidade própria (é um exagero, uma vez que o tempo é ser, acto de ser, em si, também), é uma mera escala derivada, a qual deve todo o seu ser à iluminação pontual dos actos pela inteligência.

No entanto, e em aparente contradição, o tempo é referido, por Lavelle, como, algo no seio do qual os seres eclodem,⁶³ o que parece indicar um outro estatuto para o tempo, o de suporte para a sucessão das formas de ser, o de condição ontológica da sua possibilidade. O tempo aparece aqui não já como mero derivado escalar, mas como a própria escada, preexistente, pela qual a sucessão dos modos de ser ascende. Parece, pois, haver uma pré-existência do tempo relativamente ao acto que cria os diversos actos do ser, criando-os, assim, no tempo.

Como ultrapassar esta perplexidade? Ontologicamente, o tempo aparece quando aparece a diferenciação dos modos de ser, isto é, com cada nova participação de um acto, perante a inteligência, substanciada num *novo* modo de ser, num *novo* acto de ser, num *novo* ser. A este novo ser, relativamente ao anterior ou anteriores ou aos topologicamente concomitantes, corresponde um lapso diferencial de acto e de ser que implica uma medida e essa medida é dada pelo tempo, constitui o tempo. Perceberemos melhor o que se passa, se pensarmos que a não criação absoluta, a não diferenciação absoluta não permite esse lapso diferencial, não permitindo qualquer medida de diferença, isto é, não permitindo o aparecimento do tempo. Se o tempo acompanha o eclodir infinito, sucessiva e lateralmente infinito, dos actos de ser, dando conta da sua diferença, do seu intervalo, não será, também ele, infinito? Não, porque, como já vimos, o intervalo medido pelo tempo é o que se dá relativamente à inteligência finita, finitamente e em número finito de casos, pelo

⁶³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 62.





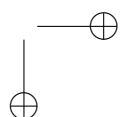
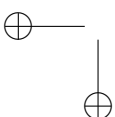
que, acompanhando o tempo esses e apenas esses casos, não é infinito. Se o tempo fosse o suporte de ser onde a eclosão se desse, sendo infinita esta, aquele também teria de o ser, melhor, só sendo o primeiro infinito poderia a segunda sê-lo também. Mas não é assim. O suporte da actividade do acto é o próprio acto, que é a própria pura actividade. O tempo aparece no acto, pelo acto, com o acto e perante uma inteligência finita, também ela fruto do acto.

2.9 O ser do tempo

Não podemos esquecer que o traço fundamental da filosofia de Lavelle no que respeita à questão da relação entre o acto e o ser é o facto essencial de tudo – infinitamente – ser resultado, produto, criação da infinita actividade do acto. Tudo. Assim sendo, o tempo – seja o tempo o que for – é, também ele, fruto dessa actividade, isto é, o tempo é também produto do acto, uma vez que *nada há de real nem em si nem para nós a não ser no acto mesmo que lhe dá a realidade*,⁶⁴ que constitui o seu acto de ser próprio. Retomando a meditação que se tem vindo a realizar acerca do estatuto do tempo, tendo descoberto a sua essência intervalar, necessário se torna admitir que esse mesmo intervalo de ser,⁶⁵ que constitui a medida da diferença que se traduz no tempo, é produto do acto e acto ainda na sua intimidade. Mas se é acto, não é ser, pois essencialmente mede a diferença entre seres para uma inteligência, dá a esta a métrica da diferença entre seres, mas não é mais do que a escala com que essa diferença se mede, nada é em si como ser, porque depende dos pólos de ser cuja diferença mede, depende deles exclusiva e necessariamente. Sem os pólos de ser, nada é. Como já vimos, para que haja ser é necessário que a actividade do acto se exerça – o que

⁶⁴LAVELLE, Louis, De l'acte, p. 16.

⁶⁵Lembre-se que o ser é sempre dado perante uma inteligência finita.



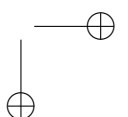
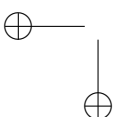


sempre acontece – e que esteja presente uma inteligência capaz de intuir essa actividade. Da conjunção concomitante destas duas condições factuais temos o aparecimento do ser. O tempo só aparece quando há, pelo menos, dois destes acontecimentos. O tempo é a medida da diferença entre esses dois acontecimentos, mais nada. Em si, nada é. Sem pelo menos um destes acontecimentos não há tempo e com apenas um destes acontecimentos também não, pois quer num caso quer no outro não há diferença e sem esta não pode haver tempo.

Temos, pois, que o tempo é dado na e pela diferença e não é esta que é dada num tempo anterior. Anterior a quê? Por outro lado, sem algo que observe a não pontualidade, isto é, a diferença, o tempo não faz sentido, uma vez que a pura actividade criadora em puro acto infinito não é nem deixa de ser diferenciada, uma vez que é infinitamente infinita e portanto infinitamente diferenciada em cada ponto ou, o que é o mesmo, infinitamente indiferenciada em cada ponto, uma vez que não há maneira de escolher entre infinitos infinitos, – essência do acto puro. A diferença só faz sentido para uma inteligência finita, o tempo só faz sentido como medida dessa diferença finita. Neste sentido, o tempo é finito.

A natureza do tempo, neste esquema relacional entre o acto e o ser, é, pois, escalar e instrumental e dependente funcionalmente. Só existe porque relaciona dois pólos relativamente a uma inteligência finita. Para esta é o instrumento da medida da diferença entre esses dois pólos. Fora desta especificidade funcional, não tem qualquer ser, qualquer diferença própria que possa ser medida como tal, isto é, não há um tempo do tempo. No entanto, nesta sua essência meramente funcional, é fruto da actividade do acto, actividade de criação da escala que permite medir o intervalo entre os dois pólos de ser, pólos de ser que só se autonomizam como tais face à inteligência quando o intervalo que entre eles existe é medido pela escala tempo.

Mais do que uma circularidade ontológica, o que aqui se nos





apresenta é uma integração instantânea de quatro modos diferenciados de eclosão da actividade criadora do acto. A origem é única e una – o acto – o que permite que essa diferenciação se dê integradamente, dependendo os vários elementos uns dos outros de um modo perfeitamente necessário. Os dois actos de ser individuais, a inteligência e o tempo aparecem todos concomitantemente.⁶⁶ Neste acto quádruplo, mas integrado, a posição fundamental é a da inteligência, a qual obriga à posição do tempo, necessariamente, pois instala, imediatamente, a medida da diferença. Relembramos que a pura posição dos puros actos, sem o correlato da inteligência, não obriga a coisa alguma mais: na pura posição dos actos não há lugar, espaço para o tempo.

2.10 Tempo, finitude, infinitude

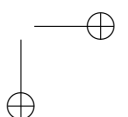
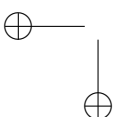
2.10.1 A sucessão e o espaço

Na sequência do que foi dito anteriormente sobre o ser do intervalo⁶⁷ ou lapso entre dois pólos de ser, dois actos de ser,⁶⁸ *tempo* é a designação, o nome que se dá à medida do intervalo, à medida de cada intervalo entre cada dois seres, a qual permite à inteligência finita perceber essa diferença e verificar, pela diferença, a especificidade, melhor, a individualidade própria de cada ser, na sua distinção relativamente aos outros seres. Permite, pois, o estabelecimento quer da sucessão, pela adição sucessiva das medidas da diferença, a qual cria, relativamente à inteligência, um fluxo, um movimento; quer da distância, pois a posição de dois ou mais actos

⁶⁶ *Concomitantemente* quer dizer não *ao mesmo tempo* mas *num mesmo acto*.

⁶⁷ Este intervalo não é o mesmo intervalo a que chamaremos o *intervalo ontológico*, do qual trataremos detalhadamente mais à frente.

⁶⁸ Ver parágrafo dedicado ao acto de ser.





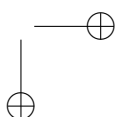
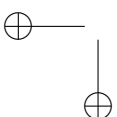
de ser dá-se, dando, consigo, a diferença e esta marca uma distância ontológica entre cada dois actos de ser, estabelece entre eles um espaço ontológico, o mesmo espaço da diferença do qual o tempo é a medida escalar. O movimento da inteligência, de acto de ser para acto de ser ou a sua colocação inteligente⁶⁹ perante dois ou mais actos de ser, dá concomitantemente aquilo que é o tempo e aquilo que é o espaço, que mais não são do que traduções, presentes à inteligência, da diferença ontológica. Nesta posição de índole instantânea, tempo e espaço são o mesmo, pois dão conta da mesma realidade intervalar. O modo da leitura é que é diferente. O tempo dá o intervalo sob a forma activa do trajecto necessário para ir de um ser para o outro; o espaço sob a forma passiva da distância que entre eles há. A realidade referenciada é a mesma e constitui a diferença ontológica que permite que haja discernibilidade no seio do acto infinito e portanto, seres.

Tempo é também a totalidade do somatório das diferentes medidas da diferença entre os diversos seres, enquanto houver essa medida, isto é, enquanto houver inteligência. Consideração paralela se pode tecer relativamente ao espaço. Salienta-se que, no entanto, a entidade activa neste processo de medida da diferença entre os seres é a inteligência e que o instrumento de operação é o tempo, não o espaço, uma vez que a medição é algo de activo, de integrador, de aproximativo e o espaço dá o valor estático da distância, não a medida activa da diferença.

2.10.2 *Finitude e infinitude do tempo*

O tempo pode ser considerado infinito, porque não há modo de assinalar o primeiro intervalo – o qual não faria sentido, uma vez que teria resultado da diferença absoluta da passagem do nada ao

⁶⁹Isto é, como inteligência em acto.



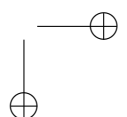
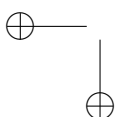


ser, absolutamente, o que já vimos não ser possível, pois qualquer modo de ser em acto provém de um outro modo de ser em acto anterior. Não há também maneira de prever o último intervalo, o qual corresponderia ou à queda do ser no nada ou à chegada à absoluta perfeição – outro “nada”, como já foi visto.

Parece, pois, estar o tempo condenado à medida da sucessão dos lapsos entre modos de ser sucessivos, não tendo podido ter, propriamente, início, nem poder vir a ter fim. Nesta perspectiva sobre o tempo, descobre-se, então, a expressão da sua essência de elemento móvel e dependente, a imagem móvel do ser ou, melhor, do acto criador, no seu perpassar actuante e eficaz pelos sucessivos modos de ser. Assim, pode-se intuir o que seja a suposta eternidade do tempo, vista pelo prisma expressivo do ser: é essa medida necessária, sem começo ou fim. Não quer isto dizer que o tempo seja eterno, nada disso, o que é eterno, porque não depende do tempo para ser, é o acto, que, ao dar-se à participação, cria a diferença que é medida pelo tempo, e que, ao aparecer, faz aparecer, também, em necessária concomitância, a escala que a mede: o tempo. Só na medida em que, neste sentido, o tempo acompanha o acto, se pode dizer que participa da sua eternidade, não esquecendo que a eternidade do acto é própria e independente e a do tempo derivada e dependente.

Compreende-se, agora, sem dificuldade, porque é que o acto, que se exerce sempre no presente, não possui ele próprio outra eficácia para além de uma eficácia de presença. Basta-lhe criar-se a si mesmo: é esta a sua essência eterna. Não se encontra virado para fim algum exterior si e que produziria, por assim dizer, com esforço. Criando-se, cria tudo o resto, quer dizer, todas as suas manifestações e todos os seus efeitos, que resultam sempre da perfeição maior ou menor com a qual é participado.⁷⁰

⁷⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 17: *On comprend maintenant sans peine pourquoi l'acte qui s'exerce toujours dans le présent n'a point lui-même d'autre efficacité qu'une efficacité de présence. Il lui suffit de se créer lui-même: c'est*



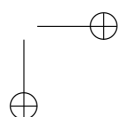
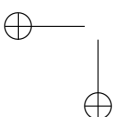


A referência de Lavelle ao *ciclo ininterrupto dos nascimentos*⁷¹ alerta para o facto de o tempo nunca poder ser medida do nascimento, na sua pureza de surgir absoluto do novo (a eclosão do novo dá-se num salto de ser, se assim se pode dizer, do qual só o salto pode ser medido, sendo isso que o tempo mede, apenas), mas da diferença que esse nascimento marca no conjunto dos seres e na relação de participação entre o ser e os seres. O tempo não é medida de ser, mas de diferença, mede a diferença entre os modos de ser, não mede o ser, que não pode ser medido, porque, em seu acto, é infinito. Cada novo ser, no que tem de absoluto, é infinito porque necessita de todo o infinito criador para dar conta da razão de ser total do seu ser, que é infinita e se confunde com o todo da actividade criadora, eterna do acto criador. O que o tempo faz é comparar o estado do conjunto dos seres criados antes do aparecimento do novo ser com o conjunto depois deste aparecimento. Trata-se de medir o relativo da diferença face ao que já estava, não o absoluto da novidade enquanto tal.

Em resumo, no ciclo aludido, o tempo não se refere ao nascimento, enquanto acto pronto, mas à passagem de modo de ser para modo de ser, não se refere ao acto de nascimento, mas ao nascer ou ao ir nascendo, processo mensurável, enquanto criador de diferença, que é medida pelo tempo. O tempo mais não é do que esta medida da diferença entre estados diferentes do processo de criação dos seres pelo acto, dos actos de ser pelo acto e sempre perante uma uma inteligência finita, como já vimos.

là son essence éternelle. Il n'est tendu vers aucune fin extérieur à lui et qu'il produirait pour ainsi dire avec effort. Et en se créant, il crée tout le reste, c'est-à-dire toutes ses manifestations et tous ses effets, qui résultent toujours de la perfection plus ou moins grande avec laquelle il est participé.

⁷¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 62.



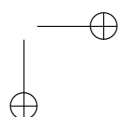
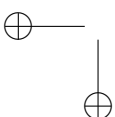


2.10.3 Acto, ser, tempo e angústia – breve nota

Sobre a angústia e a sua relação com o nada, um nada pessoal, um nada antes de mim e depois de mim, há a dizer que a questão, como Lavelle a põe,⁷² não está bem posta, uma vez que o ser em acto que é o eu (o acto de ser *eu*), não vem de um nada (mesmo que fosse um *nada de mim*, pois o eu já lá tem as suas raízes e estas não são *nada*, são é um modo diferente de *ser*, o modo de ser antes de ser eu, o modo de ser de tudo o que havia antes de mim, menos eu, mas onde estão as minhas raízes – é claro que nos referimos por um lado ao universo do já criado pelo acto antes de me criar a mim, num plano e, por outro lado, ao próprio acto, enquanto criador e fundamento desse mesmo mundo, num plano mais profundo), mas do ser, da totalidade do ser actual que há antes de haver eu e que possibilita o haver eu. Em termos do acto, o eu já estava radicalmente contido no pleno infinito do acto, não traduzido, ainda, na forma de ser eu.

Quando o ser deixa de ser o que é, não cai no nada, mas passa para outro modo de ser. O que se modifica é o modo de ser. O ser que há nesse modo de ser não finda – isso é que seria o nada, (um nada relativo) –, é participado diferentemente, isto é, esse ser passa a participar do acto geral de outro modo, passando a ser outro acto de ser, diferente. Muda. É mudado, mais rigorosamente. Não é aniquilado. Assim, a angústia não diz respeito ao encarar dos dois nadas, o de *antes* de mim e, sobretudo, o de *depois* de mim, mas à diferença de medidas entre a infinitude do ser, que participa na infinitude do acto (o qual gera infinitos intervalos de diferença) e a finitude do ser em acto dos seres, do modo de ser que é o eu, que se sabe finito, neste modo de ser – sabe que tem um número limitado de intervalos de ser, para poder ser, *sabe que tem o tempo contado*. Isto é que é angustiante: *saber que se tem limites*. A angústia é, pois, um dado incontornável, uma vez que aparece quando aparece

⁷²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 62.





o próprio limite, isto é, logo à nascença do modo de ser que é o eu. Não pode, pois, o eu, como quer Lavelle, libertar-se da angústia, enquanto for eu, neste modo de ser. A angústia morre com a morte do eu, deste eu, nesta dimensão de finitude saboreada. Só desapareceria se se deixasse de saborear a nossa finitude ou se se passasse a partilhar da infinitude do acto criador. Neste nosso plano finito, nada há a fazer, senão ser, finitamente, até ao limite... da angústia.

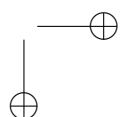
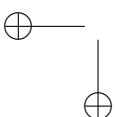
2.11 O acto de ser

2.11.1 O acto de ser

Tendo em consideração tudo o que já ficou exposto sobre o ser, *e que uma coisa não pode ser senão pelo acto interior que a mantém na existência*,⁷³ facilmente se compreenderá que a sua identificação com o acto não lhe restrinja o âmbito, como se se dissesse que o ser acto é o mesmo, por exemplo, que ser extenso ou ter definição ou algo no género. Ser acto não é uma propriedade do ser, não é próprio do ser ser acto, o que é o próprio do ser, é ser produto do acto que, em si, sob a forma de acto de ser, o cria, numa actividade produtora infinitesimal, a qual dá razão de tudo o que o ser é. Assim, só há ser porque há acto, não é o ser que permite o acto, que o sustenta, mas o oposto, é o acto que cria o ser e o suporta. Há uma anterioridade ontológica do acto em relação ao ser, que se pode traduzir imagicamente como uma anterioridade energética: o acto é a *energética* do ser, a *energia* que cria o ser.

Mas o que queríamos precisamente mostrar é que a operação não é uma sequência do ser, que seria necessário pôr antes dela para que ela fosse possível, mas que é a essência do ser, a iniciativa

⁷³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 17.



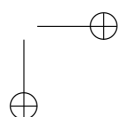
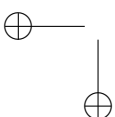


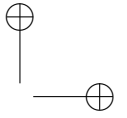
interior pela qual o ser é ao mesmo tempo que se faz. Também se pode dizer, concomitantemente, que o próprio ser nada mais é do que operação, quer dizer, eficácia e que o ser e o acto de ser são unos.⁷⁴

O ser é a presença *visível, notável, patente* do acto: é pelo ser que se percebe a existência do acto actuante, produtor.⁷⁵ É pelo que vai criando que se percebe que há acto – se fosse puro e nada criasse, seria incognoscível e incógnito. Vemos, agora, que não é correcto afirmar-se que há uma identificação entre o ser e o acto. A haver identidade, ela é apenas uma identidade indicial, indicativa, identificativa: o ser indicia, indica, aponta, identifica o acto, mostra-o, não se identifica com ele, não é o mesmo que ele. Supõe-no, e este suporta-o. Mas, mais do que a identidade ou a identificação do ser, *o acto é o ser*. O ser não é idêntico ao acto. Este é que é o ser. O ser é o mesmo que o acto, que o seu acto, nesta ordem de precedência ontológica. Não porque haja uma qualquer relação de identidade, uma equação ontológica entre dois membros equivalentes, unidos por uma relação de identidade, mas porque o ser é o acto e o acto é o ser. Não é uma equação, é o mesmo traduzido, pela participação, em algo capaz de ser intuído por uma inteligência. É isso o ser. O ser é o mesmo do acto, perante uma inteligência. A haver identidade, seria entre dois seres, nunca entre o ser e o acto. Mas dois seres nunca são idênticos, pois isso implicaria que os actos que os constituem fossem idênticos, também, o que seria necessariamente dizer que seriam *o mesmo acto*. Se se quisesse, ainda assim, salvar a identidade, poder-se-ia guardá-la para o instante em que cada ser é idêntico a si mesmo. Terá de se

⁷⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 67: *Mais ce que nous voudrions montrer précisément, c'est que l'opération n'est pas une suite de l'être, qu'il faudrait poser avant elle pour qu'elle devienne possible, mais qu'elle est l'essence de l'être, la démarche intérieur par laquelle il est en même temps qu'il se fait. Aussi peut-on dire à la fois que l'être lui-même n'est rien de plus qu'opération, c'est-à-dire efficacité, et que l'être ne fait qu'un avec l'acte d'être.*

⁷⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 63.





procurar esse instante algures no infinito que constitui o infinitésimo da criação contínua do ser pelo acto.

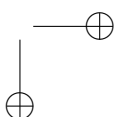
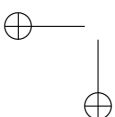
2.11.2 *O acto e o eu*

Tratámos do aparecimento puro do acto, através da eclosão do acto de ser, no acto de ser e em cada acto de ser. Mas o acto de ser também pode aparecer para mim, num contexto ontológico do qual o eu faça parte. Ao ser posto no ser, no acto de ser que sou eu, é posto, comigo, todo o restante ser em acto, isto é, todos os restantes actos de ser.

Não posso, pois, pôr o Ser senão pelo próprio acto pelo qual me ponho a mim mesmo. É notável que cada eu, pondo-se, ponha necessariamente a possibilidade para todos os outros de se porem a si mesmos, pela participação de uma “potência infinita de se pôr”, o que basta para mostrar que o foco do Ser está em toda a parte, quer dizer, que mais não há do que um foco, que transporta por todo o lado não apenas a sua luz, mas também a sua própria natureza de foco.⁷⁶

Como é isto? A eclosão de todo e qualquer acto de ser dá-se não num vazio ontológico, mas num ambiente constituído por todos os outros actos de ser anteriormente criados. Estão todos presentes. Presentes uns aos outros. Quando se põe, quando o acto põe um novo acto de ser, põe, concomitantemente todos os outros que o envolvem. *A criação é sempre uma recriação total, e*

⁷⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 39: *Je ne puis donc poser l'Être que par l'acte même par lequel je me pose moi-même. Il est remarquable que chaque moi, en se posant, pose nécessairement la possibilité pour tous les autres de se poser aussi eux-mêmes par la participation d'une "puissance infinie de se poser", ce qui suffit à montrer que le foyer de l'être est partout, c'est-à-dire qu'il n'y a qu'un foyer qui transporte partout non seulement sa lumière, mais sa propre nature de foyer.*





por cada novo acto de ser criado, é toda a criação que é chamada, reconvocada à presença, à mútua presença. Daqui o poder dizer-se que, quando sou posto pelo acto no meu acto de ser, é, comigo, posto todo o restante do ser, dos actos de ser.

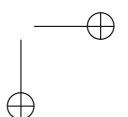
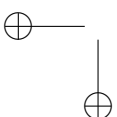
Mas o acto torna-nos interiores ao ser e a ele coextensivos através da nossa própria operação.⁷⁷

Não quer isto dizer que o meu acto de ser funciona como uma consciência infinita que abarca o todo da criação. A presença é, aqui, ontológica; é uma presença de seres perante seres, não de seres perante consciências (o que, aliás, é possível, mas não é o fundamental neste momento).

O que nos une, acto de ser eu e actos de ser outros, é sermos todos actos de ser e todos participarmos do mesmo acto criador – que se traduz, se presentifica em todos os actos de ser que cria. É este acto que nos põe a todos. Que nos põe concomitantemente, num horizonte que é, ainda, em si, acto. É esta homogeneidade de origem que permite o acto de relação que é a consciência que eu tenho dos outros actos de ser, do restante da criação, ambiente ontológico homólogo no qual emergi e que posso, por isso, contemplar. Como consciência, mais não posso fazer do que, na relação ambiental, reconhecer, pela acção da inteligência, o que nos é comum, em termos de ser,⁷⁸ e aquilo que constitui as diferenças e que nos torna incomuns. No entanto, apenas o reconhecimento das semelhanças permite, por subtracção, perceber as diferenças: assim, o outro é eu mais o que nos distingue; só o reconhecimento como outro porque, nesta equação, subtraio as semelhanças. O saldo final é a diferença, a consciência do saldo dá-me o reconhecimento da alteridade.

⁷⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 60: *Mais l'acte nous rend intérieur à l'être et coextensif à lui par notre propre opération*.

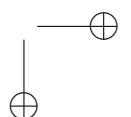
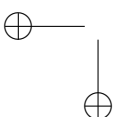
⁷⁸Não esquecer que este é o lugar privilegiado do ser, como correlato necessário de uma inteligência, aqui na forma de uma consciência.





2.11.3 *O acto, o eu e o tempo*

Como já vimos, o tempo é a medida do intervalo ontológico, da diferença ontológica, portanto, o que me distingue do outro acto de ser, de qualquer outro acto de ser, mais não é do que tempo, aqui entendido como a medida do lapso de ser que me separa do outro. Ontologicamente, o que nos separa é tempo: mesmo no gesto antropológico simples de estender a mão para tocar alguém – forma incipiente de aproximação – o espaço que a mão leva, de mim ao outro, leva tempo, é tempo. A grande barreira a vencer, a grande barreira ontológica a vencer para poder comunicar é este tempo medida da diferença ontológica, bem mais cavo e fundo e problemático do que o tempo dito físico. Este tempo da separação corre o perigo de ser transformado no tempo, não da diferença, mas da diversidade. Salvaguarda que é da propriedade ontológica específica de cada acto de ser, no que é imprescindível para a existência mesma desse acto de ser, uma vez que, dando conta da diferença ontológica, lha guarda, pode ser tomado como sinal, que não é, de uma pretensa diversidade dos actos de ser, especialmente dos actos de ser humanos (aparentemente os mais diferenciados). Assim, o tempo, de medida essencial da diferença e de salvaguarda da intimidade própria de cada acto de ser, pode desvirtuar-se em barreira ontológica intransponível porque absolutizadora das diferenças. Ora, o tempo dá sempre a medida do relativo, do que não é absoluto, do que não é a absoluta identidade: só esta é una, só esta não tem diferença, só esta não pode ser medida pelo tempo; também não é medida da absoluta diferença, que, como já vimos, não existe. O tempo não tem pois que ver com qualquer absoluto. Não lhe é dado isolar os actos de ser, apenas acompanhá-los, marcando-lhes as diferenças.





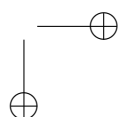
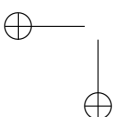
2.11.4 O acto, o eu e a liberdade

Concluimos, acima, que quando o acto me põe, põe, comigo, todo o restante dos actos de ser já criados. O mesmo acontece sempre que qualquer acto de ser é posto. O processo, como sabemos, é infinito e absolutamente contínuo, estando perenemente o infinito da criação a ser chamado à presença de si mesmo e do acto que o cria. Ora, o *acto de ser eu* também pode pôr outros actos de ser, goza desta possibilidade, única, de ser capaz de chamar ao ser actos de ser por si evocados, isto é, tem capacidade de co-criar, de participar na actividade de presentificação do ser, a par do acto, se bem que, como é claro, numa actividade pelo acto sustentada. É um criador de segunda ordem, de segundo nível hierárquico, mas, ainda assim, um criador.

Sem a actividade que exerço, eu nada seria; sem essa actividade que me ultrapassa, mas da qual participo, a possibilidade, para todos os seres, de pertencer ao Ser e de formar um mundo seria abolida.⁷⁹

Mais do que pôr-me, ao pôr outro ser, o que acontece é que, desde que o acto me põe pela primeira vez, põe, nesse e com esse mesmo acto, todos os seres comigo. A liberdade é, aqui, neste acto, toda do acto criador. Mas é neste e com este mesmo acto que começa a possibilidade da minha liberdade, com a possibilidade da minha actuação co-criadora, como adiante se verá com maior detalhe. Quanto à minha radical situação ontológica, no contexto ontológico do todo da criação, desde esse acto primordial que me lançou no ser, desde então, não tenho escolha: tudo o que eu puser, põe comigo todo o resto da realidade. Mesmo que decida não pôr coisa alguma mais e terminar o “meu” ser, ao matar-me, mato

⁷⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 53: *Sans l'activité que j'exerce, je ne serais rien; sans cette activité qui me dépasse, mais à laquelle je participe, la possibilité pour tous les êtres d'appartenir à l'Être et de former un monde serait abolie.*



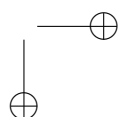
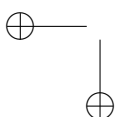


parte do todo em que estou e, ainda assim, ponho comigo o resto da realidade, negativamente. Não é, pois, como parece estar no texto,⁸⁰ algo de voluntário pôr o “meu” ser e, com ele, o resto da realidade, uma vez que, desde que sou, que, faça o que fizer, isso necessariamente acontece.

O que fica ao critério do “meu” acto de ser, relativamente a pôr ou não pôr em acto é a concretização de tal ou tal acto de ser, no âmbito da minha esfera de competências ontológica. Não depende do “meu” acto de ser pôr-me como acto de ser – já fui posto, de uma vez, pelo acto – ou pôr o ser em geral. Compete-me colaborar na participação, afeiçoando, a meu modo e dentro das minhas competências, a vinda ao ser de alguns novos actos de ser. O acto de ser que eu sou pode auxiliar o acto a produzir alguns novos actos de ser, mas apenas os que são supostos passar pelas minhas mãos. Mais nada. Eu não ponho o ser, se por tal se entende pôr o ser de um modo absoluto, tirando-o do nada. Antes, colaboro na sua criação, auxilio alguns seres a participar do ser, num âmbito restrito que é o do horizonte dos seres que a minha potência criadora participativa alcança.

Não é suficientemente claro qual o papel do eu, isto é, do acto de ser que é o eu, relativamente ao uso da potência de criação de novos actos de ser. Parece ser dada demasiada importância ao papel que o eu tem na realização concreta dos diversos actos de ser, como se o acto criador necessitasse de uma qualquer ajuda *necessária* por parte do eu, para criar. Pode-se aceitar que sim, que necessite dessa ajuda, mas nunca com carácter de necessidade e apenas para criar o que efectiva e necessariamente depende da cooperação do acto de ser do eu, e que é a própria construção do eu e das dimensões ambientais, contextuais, em que esse eu pode interferir. No plano puramente ontológico, não parece ser possível necessitar dessa colaboração, fora do âmbito referido. A menos que o acto matricial necessitasse, para criar, de uma companhia gnosiológica, ou seja,

⁸⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 63.

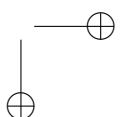
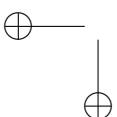




que só se desse como sendo o que tivesse acolhimento no âmbito gnosiológico do ser. Parece-me abusivo, uma vez que transformaria a criação pelo acto numa mera fantasmagoria espectacular.

A criação dá-se a conhecer, o que é um facto, mas o acto criador poderia muito bem, de direito, nada dar a conhecer, não criando instrumentos para tal, isto é, não criando a capacidade de leitura da criação, que é a parte da criação capaz de entender, entender-se e ao restante dos actos de ser que é a inteligência, ficando a criação cega, em si, e só acessível ao gozo do acto criador ele próprio. Não é o que acontece, ou não estaríamos escrevendo estas linhas, mas o acompanhamento da criação pela inteligência não é uma necessidade metafísica, é, tão só, um facto ontológico, produto de uma escolha do acto.

Que limites tem o meu poder, a minha potência? Os limites que lhe são consignados pela participação no acto, que estão inscritos no acto de ser eu. Ora, estes limites dependem da própria actuação, acção, do acto. Quando a sua acção no acto de ser eu se desenvolve e se alarga, alargam-se os limites do acto de ser eu, isto é, sempre que o acto de ser eu se modifica, isso deve-se à acção nele do acto. É isto que se quer dizer com a sustentação ou manutenção do acto de ser individual pelo acto: a actividade de cada acto de ser é sempre suportada, mantida, pela acção, nesse acto de ser, do acto criador. O que se passa, volta a sublinhar-se, é *uma infinita e infinitesimal actividade do acto criador em cada uma das suas criaturas*. É esta acção que me constitui e é ela que me dá a potência e me assinala os limites, que são os limites dessa mesma potência. Por seu turno, a potência coincide com a dimensão ontológica que me foi outorgada pelo acto quando me criou. Dito de uma forma mais correcta, *a minha potência coincide, a cada instante, com o que eu sou em cada instante* e isso é fruto do que o acto em mim põe em cada instante, continuamente. Mas não se esgota numa interioridade isolada essa minha potência, eu também sou o contexto ontológico onde estou, onde vou estando, onde vou



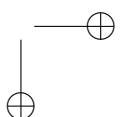
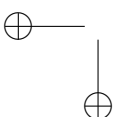


sendo criado incessantemente pelo acto. Ora, toda a criação é, de algum modo, parte da minha potência. Não que eu possa dela dispor. Não. O acto que a todos nos criou é que dispôs os diferentes actos de ser de modo a poder jogar com eles, todos, em integração infinitesimal, fazendo do horizonte de potência de cada um o horizonte comum de todos e deste o horizonte próprio de cada um. Não há, pois, um amontoado de seres autárcicos isolados, diversos, mas uma potencialidade comum, infinitamente partilhada, porque infinitamente dada pela mesma fonte que a dá quando dá o ser; ser que mais não é do que esta potencialidade geral, sendo infinitamente actualizada em cada um e em todos os actos de ser.

O facto de haver actos de ser que limitam a acção do acto de ser eu revela a exterioridade dos primeiros em relação ao segundo, isto é, que há um limite, uma fronteira de intimidade que é intransponível, apesar de toda a partilha essencial que acabámos de descobrir: é isso a resistência, é isso a irreduzibilidade ontológica do ser dos outros actos de ser relativamente ao acto de ser eu.⁸¹ É esta irreduzibilidade, presente no eu, e em todos os demais actos de ser, que permite a diversidade e evita a total confusão entre os actos de ser. Temos assim constituído o binómio essencial *intimidade/irreduzibilidade*, o qual permite que haja mútua participação entre os diferentes actos de ser,⁸² mas que não haja confusão de actos de ser entre os vários actos de ser, o que, no limite, seria indiscernível do nada.

⁸¹Esta observação, fundamental, aplica-se não apenas aos “eus”, mas a todos os actos de ser, relativamente aos quais o *eu* é apenas um especialíssimo caso.

⁸²Não confundir com a participação fundante dos actos de ser no acto, é esta que funda a dos seres uns nos outros.





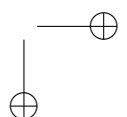
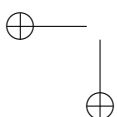
2.11.5 Acto, potência, participação

O que é notável é, pois, não que o ser suponha o acto, mas que eu não possa encontrar no próprio ser mais do que o acto pelo qual se põe, e não somente o acto pelo qual eu o ponho.⁸³

Após este primeiro contacto com a obra de Lavelle, fica, de indelével, uma primeira grande afirmação, cujas consequências são imensas: a matriz da realidade é o acto. Por detrás (e à frente!) de tudo o que existe, há algo de cinético que cria o ser, o ser do que é. Não se trata, já, de postular um primeiro ser (inexplicado) e, daí, deduzir os outros, como que por (activas) artes mágicas. Trata-se de explicar o movimento pelo único modo de o explicar, por uma energética. Um movimento de produção de ser que perpassa todo o real, e que se define pela pura energia criadora. Afasta-se a questão de saber o que era antes do acto. Não há antes do acto – sempre foi o acto, a pura acção criadora. Afasta-se a questão do nada: se há algo, há algo que, necessariamente, o produz – o acto – e, se há o acto, não pode haver o nada.⁸⁴ Radicalmente, afasta-se, mesmo, a questão da potência, enquanto algo com estatuto ontológico de entidade quase substancial, espécie de pré-ser envergonhado. Não, aqui não há lugar, na simples economia desta relação, para a potência, entendida como a mãe desconhecida de todas as formas possíveis. Nesta relação só há actos. Mais ou menos densos, mais ou menos complexos, mas todos actos, todos sempre fruto de um acto latente que neles se patenteia. Esta latência não é o mesmo que uma potência oculta. Não se trata de algo que espera ou serve de

⁸³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 63: *Ce qui est remarquable, c'est donc non point que l'être suppose l'acte, mais que je ne puisse trouver dans l'être même que l'acte par lequel il se pose, et non point seulement l'acte par lequel je le pose.*

⁸⁴São mutuamente exclusivos: se há o nada, não há o acto; se há o acto, não há o nada. O nada nunca permitiria o aparecimento do acto; o acto contraria o nada. O acto não pode cair no nada, pois, para isso, teria de haver um nada onde cair, e se há o acto, não há esse nada.



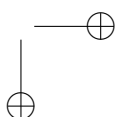
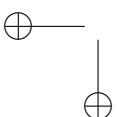


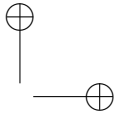
base para uma actualização. Já é, no que é, acto. Como acto, é o que é, e no que é se esgota. Não é propriamente potência para outra “coisa” qualquer, é tão somente o acto que é. Mas, e se evoluir, não poderá dizer-se que serviu de potência a essa evolução e ao fruto que dela resultou? Não neste esquema relacional que estamos estudando. É que, estritamente falando, não há evolução dos seres, dos actos de ser. O que há é o aparecimento de um acto de ser diferente, fruto da criação renovada do acto. O que faz a ligação entre os actos de ser não é qualquer estrutura esquelética que possuam, mas a própria acção neles do acto. Não há potências que se mudam em actos, que se actualizam, mas actos que se sucedem uns aos outros e que vão criando o todo dos actos de ser criados. A unidade é-lhes conferida pela acção do acto. A falar-se de potência, teria esta de ser totalmente atribuída ao acto, mas apenas no sentido daquilo que o acto ainda não tivesse criado. Ora, seria introduzir uma dimensão temporal na espessura mais íntima do acto, onde não é legítimo fazê-lo, uma vez que, como já vimos, o tempo aparece fora dessa dimensão e em concomitância com o próprio acto de criar, não antes. A intimidade do acto é puro acto, passe a redundância, aliás significativa. Está infinitamente em acto e infinitamente presente a si mesma. A criação transcende esta pura intimidade e configura um segundo grau de intimidade, exterior, especular, como que imagem extra-metafísica – física: o criado, o natural – da riqueza, de parte da riqueza íntima e secreta do acto.

O acto é o que cria, a este nível, a intimidade participativa, que é o que o une aos diferentes actos de ser por si criados e une estes uns aos outros. É a tradução física⁸⁵ da riqueza metafísica presente na intimidade do acto. É uma nova faceta do acto, esta que se traduz nos actos de ser criados, esta a que passaremos a chamar *acto matricial*.⁸⁶ Este acto matricial é, pois, a face do acto voltada

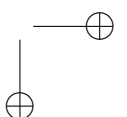
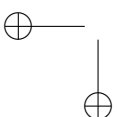
⁸⁵“Física”: do que tem natureza criada.

⁸⁶Veremos, no Capítulo III, como se conjuga com o *intervalo ontológico*, activamente.





para os actos de ser. É a sua operadora, é ela quem os faz. Não se trata de uma espécie de demiurgia de recurso, trata-se do *lado de cá do acto*, por oposição ao seu lado puramente puro e metafísico, o seu lado de matriz pura. Este é o lado matricial, o que faz seres a partir da pura matriz. O que se transforma em seres. Também não são dois. São o mesmo, vistos de lados diferentes. São o mesmo porque o lado matricial é a matriz pura quando faz, cria, produz seres. A matriz pura é, pois, a grande, infinita riqueza que se dá à participação. Esta é o labor criador do acto matricial, dando, da riqueza da matriz pura, acto aos actos de ser, criando-os.





3 CAPÍTULO II

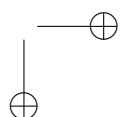
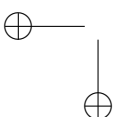
SER, ACTO, RELAÇÃO

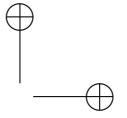
3.1 O Ser

O ser é o todo infinito, que tudo compreende quer como possibilidade real, na riqueza infinita e indefinida da potencialidade,⁸⁷ quer como o conjunto completo de todas as diferenças individuais dos seres já determinados na e pela existência.⁸⁸

⁸⁷Embora possa parecer contraditório ou menos ortodoxo, pode-se afirmar, no puro respeito pela filosofia de Lavelle, que esta potencialidade está em acto, é em acto, é acto. É acto, à maneira da potência, isto é, a potência, para ser, tem que ser, no seu nível ontológico de potência, potência em acto, *acto de potência*. Nesta filosofia, em que tudo, para ser, tem de ser acto, uma vez que é o acto que dá razão de ser de tudo, a única forma que a potência tem de ser, para ser, para que seja, é ser acto, é participar do acto geral que tudo cria e tudo mantém, mesmo a própria potência, sob a forma de potência. A potência radica, pois, numa actualidade anterior, que faz com que seja, ainda, acto. Não é, assim, algo de insubstante ou um “algo quase nada”, mas uma forma latente de ser acto, mantida, como tal, pela sua fonte e fonte de tudo o mais, o acto puro geral. É isto que Aristóteles nunca percebeu, mas que Platão, na metáfora do sol plenamente irradiante de luz e ser, já vê ou, pelo menos, entrevê.

⁸⁸Faça-se notar que a não-determinação, isto é, o não aparecimento da diferenciação, implicaria uma total monotonia do ser e, conseqüentemente, a sua



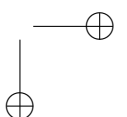
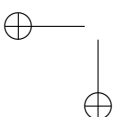


Pondo o Ser no início da especulação filosófica, pusémos não um objecto que se encontraria perante o eu e sobre o qual este regularia todas as suas iniciativas, mas um Todo do qual o eu faz parte. O Ser transborda o eu e ao mesmo tempo sustenta-o. Não há um único termo que possa ser afirmado pelo pensamento que não esteja incluído no Ser e dele não constitua uma determinação. É o mesmo Ser que nos pode aparecer não como vazio, mas como indeterminado, antes que comecemos a analisá-lo, e que faz explodir a abundância infinita das diferenças individuais, assim que empenhamos nele o nosso pensamento e a nossa vida. Por oposição a todas as outras ideias, que mais não exprimem do que a possibilidade do seu objecto, e não permitem concluir no que diz respeito à realidade, a ideia de ser vincula-nos ao ser, uma vez que nada há fora dele, de tal modo que é imediatamente adequada ao seu objecto, se bem que o próprio objecto mais não seja do que uma matéria para um conhecimento discursivo que nunca conseguirá esgotá-lo.⁸⁹

Este todo não é um conjunto de objectos, no entendimento limitado que define objecto como o que se opõe a um sujeito, e por-

total e unitária pobreza. É pela e na diferenciação do ser que aparece a sua riqueza, expressa na possivelmente infinita sequência e coincidência dos seres. Não uma monotonia, mas uma infinita harmonia ou sinfonia.

⁸⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 59: *En posant l'Être au débout de la spéculation philosophique, nous avons posé non point un objet qui se trouverait en face du moi et sur lequel celui-ci réglerait toutes ses démarches, mais un Tout dont le moi fait partie. L'Être déborde le moi et en même temps le soutient. Il n'y a pas un seul terme qui puisse être affirmé par la pensée s'il n'est inclus dans l'Être et n'en constitue une détermination. C'est le même être qui peut nous apparaître non point comme vide, mais comme indéterminé avant que nous commencions à l'analyser, et qui fait éclater l'abondance infinie des différences individuelles, dès que nous engageons en lui notre pensée et notre vie. Par opposition à toutes les autres idées qui n'expriment rien de plus que la possibilité de leur objet, et ne permettent pas de conclure à l'égard de sa réalité, l'idée de l'être nous donne pied dans l'être, puisqu'il n'y a rien hors de lui, de telle sorte qu'elle est d'emblée adéquate à son objet, bien que cet objet ne soit lui-même qu'une matière pour une connaissance discursive qui ne réussira jamais à l'épuiser.*

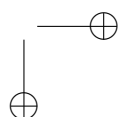
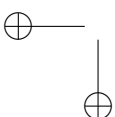




que se lhe opõe, lhe é exterior, definindo, deste modo, dois subconjuntos, a saber, um constituído pelo objecto, o outro pelo sujeito que se lhe opõe. O sujeito é, deste modo, excluído da comunhão próxima com os objectos, uma vez que pertence a um conjunto disjunto relativamente ao conjunto dos objectos. A disjunção entre estes dois conjuntos estabelece uma solução de continuidade entre ambos, tornando absoluta a diferença entre sujeito e objectos, isto é, tornando-os irreduzíveis a uma mesma raiz, a uma mesma origem, a uma mesma essência fundadora. Neste esquema, sujeito e objectos são radicalmente diversos, não podendo partilhar o ser. Se é o sujeito que é, não é o objecto; se este é, não é aquele.⁹⁰ Ora, para Lavelle, o todo do ser inclui também o sujeito ou o eu entendido como sujeito, uma vez que a definição do ser como produto total do acto, a tal obriga. Nela se incluem todos os termos possíveis. Todos os termos possíveis são ser – porque todos os termos possíveis são acto, acto de ser (e ser em acto), cada um a seu modo, no modo no qual foi criado pelo acto puro geral –, independentemente do seu estatuto ontológico. Se são, de algum modo, mesmo que no modo da pura possibilidade,⁹¹ são ser.

⁹⁰Não admira, pois, que as filosofias que acentuam, ao limite, o estatuto ontológico do objecto como único ou quase como único releguem o sujeito para o campo da fantasmagoria ou da pura insubstancialidade teórica, ainda que logicamente necessária; o mesmo se pode dizer das filosofias que acentuam de tal modo o papel e a densidade do sujeito que fazem, de todo, desaparecer os objectos ou transformam-nos em meros e incómodos pretextos para o exercício do todo-poderoso e solitário sujeito.

⁹¹O modo de ser da possibilidade é o modo mais importante, o mais fundamental, o que abre o campo à eclosão dos seres, pois é aquele sem o qual nada seria, uma vez que algo para ser tem de poder ser. Tudo o que é começa por ser possibilidade. Possibilidade ontológica. Melhor, possibilidade metafísica, uma vez que o plano da pura possibilidade se dá num ambiente, num meio de total transcendência relativamente ao plano das criaturas: é o plano metafísico da pura possibilidade de vir a ser, ontologicamente anterior ao acto propriamente dito da criação do ser, como ser que é, já algo de feito, de factual. É o plano ontologicamente anterior ao plano das criaturas, o plano das puras essências, das puras formas, em infinita variedade e eterna presença.

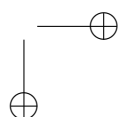
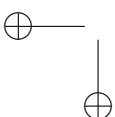




São ser todos os termos que possam ser afirmados pelo pensamento, pelo pensamento do sujeito, incluindo o próprio pensamento como ser, como ser no e do sujeito, incluindo o ser do próprio pensamento. O ser é, pois, a referência comum e a marca transcorrente a todos os termos: tudo é ser, isto é, todos os seres são ser, não interessando, para o caso, o nível ou o modo de ser próprios – questão epígona relativamente à questão ontológica primária: a de ser. Tudo o que é é ser. Antes de ser isto ou aquilo, antes de ser diferenciado, o ser é ser. Não se trata de uma simples e inútil tautologia, mas de marcar a essência profunda de tudo o que é. É por ser que o que quer que seja é passível de ser diferenciado, isto é, sujeito de atributos. O ser não é um atributo, é a condição de receber quaisquer atributos, é isso sem o qual não seria possível atribuir fosse o que fosse, fosse ao que fosse. O que é não *tem* ser, *é* ser. O que isso é é o ser que em si é. Não se trata de uma relação de atribuição, sempre pretérita, mas de uma relação de si para consigo mesmo, na plenitude total do que se é, sendo o que se é, plena, total e absolutamente. O ser de cada ser, nesta perspectiva, nunca é um qualquer relativo, mas o absoluto de ser o que é. Ser o que é, para um qualquer algo, é um absoluto. Ser-se o que se é, como se é e enquanto se é, é ser-se isso absolutamente. Ainda que a existência desse ser seja fruto de uma relação com algo que lhe tenha dado esse ser, a relatividade está na relação de dádiva, criação ou produção, não naquilo que o que é é: enquanto é, isso de ser é um absoluto. É sobre, melhor, é neste e com este absoluto de ser⁹² que se enxertam as diferenças que o vão tornar no ser único e irrepetível que todo o ser é, que todos os seres são.⁹³ São es-

⁹²Não confundir com ser absoluto, que é aquele que deve o seu ser a si mesmo, os seres acerca dos quais estamos discorrendo não devem o seu ser a si mesmos, o absoluto que possuem, melhor, que são, vem-lhes do absoluto do ser, enquanto ser, irredutível a qualquer outro algo que não seja o ser ser.

⁹³Todos os seres são diferentes uns dos outros. O mesmo é dizer que não há dois seres iguais. Basta a pura co-existência para provar que não são iguais: se fossem iguais sê-lo-iam também no lugar, qualquer que seja e de que tipo for,





tas características enxertadas no ser que tornam possível a relação com o sujeito, que tornam possível a relação gnosiológica, uma vez que são essas características que estão à disposição do sujeito, imediatamente, no ser onde se enxertam, o qual só é acessível imediatamente, por meio das características nele enxertadas, as quais chamam a atenção do sujeito para aquilo que necessariamente as unifica e lhes dá um sentido unitário, o ser.

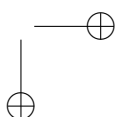
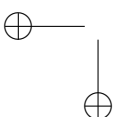
O erro mais grave que posso cometer é o que consistiria em olhar o Ser como a soma infinita das determinações, quando é apenas a sua fonte.⁹⁴

É, pois, pela diferenciação dada por esta enxertia das diversas características que acompanham o ser que este é possível de ser dado ao conhecimento, de se dar ao conhecimento. É como se as características que acompanham o ser e o revestem na existência servissem de índices ou de indícios para um itinerário de busca da e pela inteligência. Esta caminha de indício em indício, percorrendo um itinerário que lhe é próprio, que lhe é mesmo consubstancial, pois a inteligência, em si mesma, só se realiza nesse itinerário cujos passos a constituem, são a sua vida. No fim de cada itinerário de descoberta, achar o ser é achar-se a inteligência como sendo o que é, plenamente. Mais do que um encontro de algo a definir como verdade, é o encontro da própria identidade e natureza da inteligência, isto é, da essência relacional do sujeito, enquanto capaz de inteligir o que o ser é, de redescobrir a profunda e essencial co-naturalidade entre si mesmo e o restante do ser, co-naturalidade esta que é o que lhe permite a própria relação de descoberta.

São, deste modo, as diferenças que permitem à inteligência o

ocupado e seriam o mesmo. Quanto aos seres ideais, dos quais os números são um belo exemplo, lembra-se que apenas há um de cada, não se pondo, pois, a questão da igualdade, uma vez que dois números ou expressões iguais mais não são do que o mesmo número ou a mesma expressão.

⁹⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 171: *L'erreur la plus grave que je puisse commettre est celle qui consisterait à regarder l'Être comme la somme infinie des déterminations, alors qu'il en est seulement la source.*

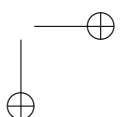
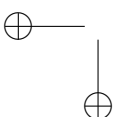


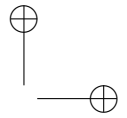


caminho que leva à descoberta do ser que lhes serve de base e de unificador. Mas, para respeitar a filosofia de Lavelle, é preciso afirmar, neste ponto, que essas diferenças também são ser, também são seres, a seu modo. Sendo todo o ser produto do acto interior que o faz ser e este acto, por sua vez, fruto do acto puro, como já vimos anteriormente e veremos mais detalhadamente no desenvolvimento deste estudo, forçoso é admitir a necessidade de estas características enxertadas no ser que lhes serve de base serem elas também actos, actos de ser, actos de ser segundos, se se quiser, mas actos de ser em qualquer dos casos. Deste modo, podemos perspectivar a relação entre o sujeito (o ser sujeito) e os demais seres como uma relação entre actos de ser, entre o acto de ser do sujeito (o sujeito como acto de ser) e os actos de ser do ser base e unificador e dos actos de ser das características, actos de ser segundos, relativamente ao acto de ser base, acto de ser primeiro, no que a esta relação diz respeito.⁹⁵

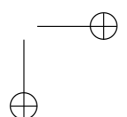
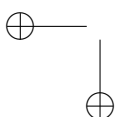
Assim sendo, no seio das relações entre os seres, só é possível, para um sujeito, dar pela existência disso que é, do ser, de todo o ser e de todos os seres, através da determinação ou das determinações que o fazem ser relacionável com a inteligência, dando-lhe, digamos assim, o “rostro”. Rosto este que assegura o que de transparência há no ser. Imediatamente, este rosto é toda a transparência que há no ser. O restante da descoberta do ser não é imediato, antes acontece pela caminhada itinerante, em perene aprofundamento, percorrendo as diversas características constitutivas do rosto. Sob uma nova perspectiva se reforça a ideia de que o acesso ao ser base só é permitido pela mediação dos seres que lhe moldam o rosto. Não se pode, no entanto, passar aqui sem se chamar a atenção para um perigo, que sempre espreita neste horizonte de descoberta, e

⁹⁵Não confundir com o acto primeiro, que não é um acto de ser, mas a fonte de todos os actos de ser, fonte mediatizada, ainda, por uma outra sua faceta, o acto de ser matricial, responsável pela efectiva criação dos diversos actos de ser, a partir do acto de ser puro, o tal primeiro, primeiríssimo sob todos os aspectos.





que é o perigo de se confundir este rosto ou algumas das suas características mais vincadas com o que seja o ser que se encontra por detrás dele. Neste caso, confundir-se-ia o rosto com o próprio ser, passando aquele a ser uma máscara e este a ser desconhecido, por insuspeitado. O itinerário do rosto para o ser só pode ser interrompido quando se tiver esgotado o caminho e a própria possibilidade de haver caminho. Só quando se dá o encontro com o ser, está o itinerário concluído. Como se sabe que se deu o encontro com o ser? Qual o critério para se aferir da realidade desse encontro? Que padrão de aferição? Que modelo? Estas questões, aparentemente legítimas, não o são, pois remetem para um círculo hermenêutico que, se bem que logicamente aceitável num domínio de relações puramente abstractas, não o é neste domínio, onde se joga algo que de abstracto nada tem, no que toca o essencial – a questão da descoberta, da heurística do ser, relativamente à qual a parte puramente teórico-raciocinante é sempre pretérita, desajustada e, por tal, empobrecedora. Aqui joga-se não a questão de se saber o que permite o encaixe abstracto no *puzzle* da verdade – questão mental –, mas o jogo do acerto com o que é real, no seu máximo, para cada um dos seres e que constitui o fundo do seu ser. Nesta perspectiva, o ser é encontrado, encontra-se, dá-se a conhecer no seu máximo e no máximo do que é possível a uma inteligência finita, quando essa mesma inteligência esgotou toda a riqueza possível de compreensão desse mesmo ser ou, o que é o mesmo, quando essa inteligência se esgotou, esgotou toda a sua capacidade na compreensão desse ser. A tarefa pode não ter fim, pois a dimensão do ser a compreender pode ser de tal modo grande que transcenda todas as dimensões de capacidade dessa inteligência finita. Onde está, então, a garantia mínima de um mínimo acerto? O mais parecido com essa garantia reside no esforço da inteligência levado ao limite. É nesse limite que se pode encontrar e que se encontra o que, finalmente, resiste ao inquirido, e o que resiste ao inquirido é o que de mais próximo se pode ter do ser, dado pela inteligência. E não



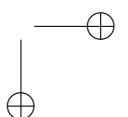
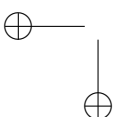


há garantia alguma.

A tarefa, no âmbito da filosofia de Lavelle, tem ainda um outro condicionamento, que lhe confere um carácter de perenidade e de necessária incompletude, e que é a *incessante acção criadora do acto*. Num esquema ontológico, no qual o ser seja algo de estável e de imutável, a tarefa da inteligência, à primeira vista, encontrar-se-ia facilitada, pois nada mais teria que fazer do que caminhar em busca desse mesmo ser estável e imutável – o que não seria difícil, pois ele estaria, desde sempre, no mesmo sítio e da mesma maneira – e, depois de encontrá-lo, possuí-lo. Só que, como já vimos, o problema de como o reconhecer sem fazer apelo a um outro ser que sirva de modelo complica a questão e conduz a um beco sem saída, uma vez que, sem a introdução desse terceiro termo, não é possível o reconhecimento e a introdução desse terceiro termo leva a uma remissão ao infinito.⁹⁶ O encontro não é possível para uma inteligência finita, uma vez que só se pode dar no infinito, o que necessitaria de uma inteligência infinita, em acto, para o poder cumprir. *O ser imóvel só é acessível a uma inteligência infinita*. Uma inteligência que possa intuir a infinidade de relações modelares que permitem, de algum modo circularmente, fundar o encontro com esse ser e a garantia da veracidade desse encontro.

No seio da proposta de entendimento do ser, fundada na relação entre o acto e o ser, tal como Lavelle no-la apresenta, a questão aparece, inicialmente como mais complicada, mas, após melhor

⁹⁶O primeiro elemento é o sujeito da busca - a inteligência -, o segundo é o ser que se procura e se espera ter, finalmente, encontrado, o terceiro é o tal modelo que sirva de paradigma com o qual se compare o ser que se encontrou, de modo a ter a certeza de que é o genuíno e não uma imitação. Só que, necessariamente, aparece aqui um mecanismo que bloqueia todo o sistema de raciocínio: é que, para se saber se o modelo paradigmático é, também ele, fidedigno, há que ir em busca de um outro que garanta isso mesmo e aparece um quarto termo, e assim até ao infinito, o que anula a validade do raciocínio e, com ela, da busca deste tipo de ser imóvel. O encontro final dar-se-ia no infinito, o que, para uma inteligência finita, é manifestamente improvável, impossível, mesmo.



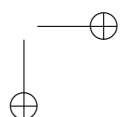
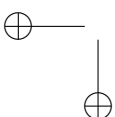


análise, emerge uma solução que se apresenta como boa para a elucidação da relação em causa. Sendo o ser sempre o fruto do acto de ser que o habita, que o constitui, que faz com que ele seja o que é, como é, enquanto é, e sendo todos os seres assim, o que acontece é não haver vez alguma a possibilidade de haver um ser estático, imóvel. O ser, dependendo do acto que, actuando nele, o constitui, depende de algo que *nunca pode deixar de estar em acto* e estar em acto é estar em permanente estado de movimento. Não se trata, claro está, de movimento físico,⁹⁷ mas do movimento ontológico que é dado pela e na permanente actividade do acto de ser próprio de cada ser. É este um movimento necessário, enquanto o acto de ser opera, absolutamente necessário, pois a sua interrupção levaria à paragem da operação do acto de ser, ao fim deste e à aniquilação do ser que constitui. Noutros termos, o ser mais não é do que esta permanente actividade, este acto permanente, este perene movimento ontológico, origem e base de todo o movimento da criação ontológica, metafisicamente baseada na acção metafísica do acto.

Dizer que o Ser é universal e unívoco é dizer que fazemos todos parte do mesmo Todo e que é o mesmo Todo que nos dá o ser mesmo que lhe pertence e fora do qual nada há. A dificuldade está em saber não como, através todas as diferenças que podem existir entre as formas particulares do Ser, a unidade do Ser pode ser reconhecida, mas como essas diferenças podem aparecer nela sem que seja, com efeito, quebrada: tal é o sentido do problema da participação.⁹⁸

⁹⁷O movimento físico é um dos movimentos possíveis (numa outra esfera ou nível ontológico), é ser e, assim, fruto de um acto de ser que o constitui. A raiz do movimento físico é, também ela, metafísica e dada no e pelo movimento da perene actualização do acto de ser de cada um dos seres. Mesmo a ausência de movimento físico é um acto e é, metafisicamente, movimento. A raiz de *toda* a possibilidade ontológica é metafísica, mesmo a do movimento.

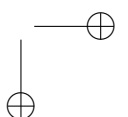
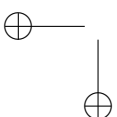
⁹⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 78: *Dire que l'Être est universel et univoque, c'est dire que nous faisons partie du même Tout et que c'est le même Tout*





Tendo caracterizado, sumariamente, este movimento e visto que ele é o cerne de todos os seres, podemos agora fazer a aproximação entre o ser do sujeito/inteligência e o ser do ser a inteligir. Ambos são movimento perene, ambos estão em permanente acto, ambos em permanente palpitação. Não há, pois, um ponto onde ambos possam parar para se encontrar. É esta a aparente dificuldade. No entanto, mais do que dificuldade, mais do que de um aspecto metodológico e acessório, trata-se de uma condição estrutural, necessária e iniludível. Mas será relevante? Haverá necessidade de parar o acto de ser de algo para inteligir esse algo? Que se visa: intuir o âmago do ser, no seu acto de ser, como é, ou possuí-lo, tirar-lhe um pedaço? Se for a segunda a alternativa escolhida, é claro que há que parar o movimento. Para se possuir seja o que for, há que o fixar. Só com esse ser fixado, é possível tirar-lhe algo. Em movimento escapar-se-ia à rapacidade... Se for a primeira alternativa a escolhida, já não há que adequar algo de móvel – a inteligência em processo de busca – a algo de estático – o ser imóvel –, mas há que, outrossim, harmonizar os movimentos de dois actos de ser diferentes, *mas de proveniência não diversa e comum origem*, pois são ambos fruto do mesmo acto criador, acto matricial, responsável pela criação de todos os seres, a partir da infinita e actual riqueza de ser, de acto, do acto puro geral. Ora, é esta comum e idêntica origem que permite harmonizar os dois movimentos de ser, dado que a essência desses movimentos não é *diversa*, mas *conversa*. Voltando à questão inicial relativa ao reconhecimento do ser pela inteligência em busca, na sua busca, percebe-se que o que há que reconhecer não é algo de diverso, e, portanto, de irreconhecível sem o testemunho de um terceiro que faça a ponte sobre a diversidade, mas de reconhecer o que é comum entre ambos e que

qui nous donne l'être même qui lui appartient et hors duquel il n'y a rien. La difficulté est de savoir non pas comment, à travers toutes les différences qui peuvent exister entre les formes particulières de l'Être, l'unité de l'Être peut être reconnue, mais comment ces différences peuvent apparaître en elle sans qu'elle soit en effet brisée: tel est le sens du problème de la participation.



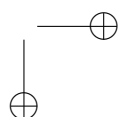
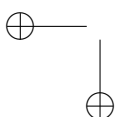


é o que ambos possuem, em si, de marca, neles posta em cada acto de ser que os constitui, pelo acto matricial. É este selo comum e, portanto, facilmente reconhecível em ambos, que torna possível a garantia da autenticidade do encontro e daquilo que no encontro a inteligência intui do ser do ser, mesmo estando ambos em movimento, pois o próprio movimento é um dos selos postos pelo acto matricial. O reconhecimento dá-se pois, a caminho e é, na sua essência, a descoberta pela inteligência⁹⁹ daquilo que no outro ser é comum porque radica numa mesma fonte criadora. Não se trata de descobrir algo de diverso e, portanto de novo, no seu sentido absoluto – ininteligível¹⁰⁰ – mas de descobrir algo de comum a ambos, e portanto cotejável, porque posto em ambos pelo acto matricial. Mais adiante, trataremos este assunto mais detidamente e veremos que o que está em causa é a comum participação dos dois seres no acto puro. É esta comunidade essencial – designação que, para já, basta para nomear a participação – que permite o encontro e o funda, pois o que a inteligência descobre é essa mesma comunidade essencial. De facto, os seres não descobrem coisa alguma de novo: reconhecem-se uns nos outros.

Após a reflexão até agora realizada, podemos afirmar que mesmo o “rosto” que aparece quando aparece o ser – e que mostra o ser – só aparece porque, também, é ser. O mesmo se passa com o sujeito ou o eu, o qual só é porque é ser, só aparece posto frente a um objecto porque é ser, porque comunga com o objecto a raiz fun-

⁹⁹Ou pelas duas inteligências, se se der o caso de os dois seres em presença serem dois seres capazes de inteligência, de intuir.

¹⁰⁰A novidade, entendida como absoluta, é irreconhecível. O absolutamente novo terá de ser o absolutamente diferente, pois, se o não for, terá em si algo de “igual” a algo já havido e, portanto, algo já não novo. Sendo absolutamente diferente, nada pode ter em comum com algo que já seja. Não pode ter sequer de comum a existência, o *facto* de ser, o qual já é nos outros, os que já existem. Não pode, pois sequer existir, pelo que não pode ser reconhecido. *A única diferença absoluta, e portanto a única novidade seria o nada, por oposição ao ser. O novo é sempre algo de relativo ao não-novo e sobre este construído, incorporando-o, para poder ser.* É uma renovação



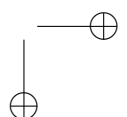
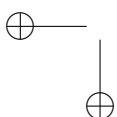


damental do ser. Fica, assim, assente o carácter de ser de toda a existência, qualquer que seja o seu modo. Em termos gramaticais, poder-se-á dizer que se infere do complemento directo para o sujeito, isto é, o que é alguma coisa, para ser alguma coisa, tem de, primeiro – ontologicamente – ser. O suporte das possíveis predicções é anterior a estas e estas não fazem sentido, pois não têm lugar onde se exercer – sem aquele. Não colhe, pois, dizer que isto do ser é apenas a forma infinitamente vaga de um infinitivo verbal, insubstante, vazio. É confundir a forma com o traje. Aquilo que o vocábulo ser designa¹⁰¹ não é a forma verbal insubstante de uma mera referência vocal – palavra “ser” – mas a referência ao que constitui em cada ser (em cada presença na consciência – para se conceder o estatuto mínimo) o que torna possível ser o que é. É isso que é o ser. É isso que, retirado, faz retirar, também, a presença, isto é, todas as características fenomenais que traduziam para a consciência a estadia do ser. Não se trata, pois, de uma vibração vocálica ou de um mero infinitivo transitivo; trata-se daquilo sem o qual nada pode existir, ser.

De ora em diante, sempre que apareça o termo “ser”, nas suas várias e, às vezes, equívocas designações, sabemos que se está referindo o conceito – unívoco – daquilo que transcorre toda a realidade, em todos os seus níveis, do possível e infinitamente improvável, ao possível já concretizado, ao ser pleno, infinitamente realizado. Tudo isto é ser e o ser é tudo isto.

Há uma infinidade de modos de ser, mas o ser de todas estas

¹⁰¹Poderia ser outro termo: *presença, luz, força, constante*, etc., todos, diversamente, sugestivos e significativos – parciais –, todos limitados, diferentemente de ser, mas também incapazes de dar conta cabal dessa incontornabilidade ontológica de *isso* que é o ser. Faça-se notar que o limite semântico dos vocábulos, dos termos, é, aqui, apenas o símbolo e o sintoma da incapacidade da linguagem humana para traduzir apropriadamente as experiências-limite, nomeadamente as que levam as nossas sensibilidade e inteligência à tangencialidade com as dimensões do infinito, como acontece no caso da experiência do ser: estamos sempre do lado de cá do infinito e a nossa linguagem reflecte isto mesmo.





maneiras de ser é o mesmo ser.¹⁰²

3.2 O Acto

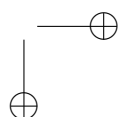
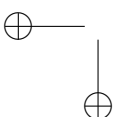
3.2.1 *Identidade e diferença entre acto e ser*

3.2.1.1O acto como pura eficácia operativa

O acto é a *eficácia pura*,¹⁰³ isto é, a pura actividade eficaz que se mantém a si própria perenemente, sem recurso a qualquer outra realidade anterior ou posterior para se fundamentar. O acto é a pura actividade, enquanto actividade, enquanto aquilo que se mantém em acto. Tão pura é esta essência activa que não pode não ser o que é. Como já vimos, a própria aniquilação implicaria um acto, pelo que reforçaria e justificaria a continuidade da actividade. O acto é, então, essa pura actividade que não pode deixar de o ser. Uma actividade eterna, mais do que eterna, infinita, infinitamente infinita. O acto puro é, pois, o que responde à antiga questão do porquê de haver algo e não coisa nenhuma. É o acto que funda e justifica a existência do ser, de todos os seres. É o acto que constitui, que é intimamente todos os seres e o ser de todos os seres. Isso que infinitesimalmente mantém o milagre de haver ser, isso é o acto contínuo, infinita e infinitesimalmente contínuo, que neles opera e que os constitui. O acto puro é o que sem se ver ou sem se inteligir directamente, para usar a expressão correcta, é indiciado pela pura e simples existência de tudo o que é. É o que se adivinha por detrás do milagre de haver ser e de continuar havendo ser. O ser, por si só, poderia deixar de ser. Nada nele obriga a que seja

¹⁰²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 78: *Il y a une infinité de manières d'être, mais l'être de toutes ces manières d'être est le même être.*

¹⁰³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 14.





perene. É o que é, enquanto é. Mas pode deixar de ser ou relativa ou absolutamente. Pode deixar de ser isto para passar a ser aquilo¹⁰⁴ ou pode deixar de ser absolutamente. O acto, como já se viu, não pode deixar de ser. É o acto que, pela sua presença, torna o ser perene, no caso em que o ser é perene, pela sua actividade omnicriadora e omnipresente.

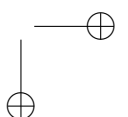
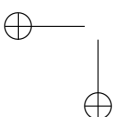
Toda a actividade dos seres, toda, qualquer seja, é explicada e funda-se na eficácia pura, omni-transcorrente, que perpassa todo o ser e o funda e à qual chamamos acto. Quer isto dizer que o ser apenas se justifica como o resultado último da efectiva capacidade operante e criadora ou eficácia pura, a qual é responsável pelo conteúdo ontológico total – ser – de cada ser e do todo do ser. Noutras palavras, a raiz profunda do ser, a sua razão de ser, isso que unicamente pode explicar a vinda ao ser do ser e a sua manutenção no ser, o que pode explicar o que o ser é, enquanto é, é a eficácia pura que produziu tudo isso que o ser tem, melhor, que constitui o ser, que dá ao ser o que o ser é: o acto.

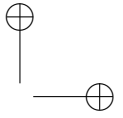
Assim se confirma a tese de que o acto mais não é do que o ser enquanto se produz a si mesmo ou enquanto exprime a sua própria suficiência.¹⁰⁵

O acto é a operação que cria o ser. Não se trata de uma operação pontual que coincida com um acto isolado. O acto de que trata este estudo nunca é um acto isolado, pontual, finito, perfeito ou completo. Trata-se de um acto infinito que, infinitamente cria seres, ou, para sermos mais exactos, actos de ser, individuais, mas nunca pontuais ou desligados, uma vez que a mesma operação infinita que os cria, por os criar, une-os, integra-os no seu âmbito

¹⁰⁴Não é correcto: se deixar de ser o que é, deixa de ser o que é e pronto. Acaba aquele ser e advém um outro, relativamente novo. Não há propriamente transição de ser para ser, há é desaparecimento de uns seres e aparecimento de outros.

¹⁰⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 73: *Ainsi se confirme la thèse que l'acte n'est rien de plus que l'être en tant qu'il se produit lui-même ou en tant qu'il exprime sa propre suffisance.*

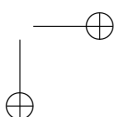
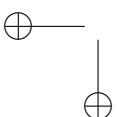




de infinita riqueza de ser e de relações entre seres, como veremos quando tratarmos da participação. Mas o acto não se limita a ser a operação que cria o ser, é também a operação mantenedora do ser, uma vez que, como já vimos, o ser só é enquanto nele opera o acto que lhe é próprio, ao qual chamaremos *acto de ser*. O ser é, assim, a obra do acto; a obra que o acto mantém em obra, enquanto opera nela. Sem a eficácia do acto, nada restaria da obra que é o ser. Nem mesmo a aparência de ser, pois o ser da aparência é, ainda, obra do acto.¹⁰⁶

A pureza da eficácia do acto puro releva da condição de distanciamento que existe entre a sua operatividade e o seu produto, a sua obra: se esta é o fruto contínuo da acção daquela, naquela encontramos apenas a operatividade pura, a pura eficácia produtora, enquanto tal, enquanto capacidade efectiva de produzir, de criar. É esta a sua essência, a infinita criatividade, não como mera possibilidade, potência ou capacidade, mas como efectiva, perene e infinita realização. Porque é o que é – não há outro modo de dizer isto –, o acto é infinitamente criador. Infinitamente criador de si mesmo e infinitamente criador de tudo o que não é ele mesmo, estritamente. Criando-se, infinitamente, o acto encontra-se presente, infinitamente, a si próprio, criando tudo o que não é confundível consigo mesmo, o acto encontra-se, de algum modo, também presente nisso que cria. Com uma grande diferença, a presença de si a si mesmo é directa e imediata; a presença no restante do criado faz-se mediatizadamente através da presença directa do acto de ser – mediador – em cada um dos seres. Não há, pois, qualquer mis-

¹⁰⁶A perspectivação da questão ontológica e da questão metafísica a partir do acto permite-nos perceber que mesmo a aparência tem um estatuto ontológico próprio e uma raiz metafísica, também própria. De quase não ser, passa a aparência a ter o ser que é seu, de ontológico e metafísico direito: o ser da aparência. Este ser, que é o que é, é ontologicamente o produto do seu acto de ser próprio, *o acto de ser próprio da aparência* – que não é um acto de ser aparente, é o acto de ser daquilo que aparenta ser o ser que não é – e, metafisicamente, radica no mesmo acto puro que tudo cria, mesmo o ser da aparência.



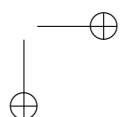
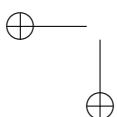


tura do acto puro com a obra produzida. Trata-se de uma presença mediada, mediada pela participação, a qual vai fazer a transposição do plano metafísico para o ontológico, através de dois degraus de operação e de tradução da riqueza do acto puro. Ressalve-se que os dois degraus a que aludimos não constituem uma qualquer degradação do acto puro, mas constituem a maneira de o acto puro operar, mediatizadamente, pela acção, essa, sim, directa, do acto matricial nos actos de ser particulares. Não há aqui ocasião para qualquer comparação da dignidade de estatuto dos diversos níveis da realidade.

É a todo-positividade, isto é, o princípio que permite a todas as preferências formar-se, a todas as diferenças aparecer.¹⁰⁷

O acto é o que explica a diferença entre o ser e o nada, é o que dá conta disso que é haver o ser e não o nada. O acto é, pois, o que nega o nada, o que lhe é contraditório, mais, o que o exclui para o domínio das referências-limite e o deveria excluir, de todo, do horizonte da consciência –, mas não o faz. Estando o ênfase centrado na condição de pura operatividade do acto puro, convém não confundir esta operatividade/actividade com uma qualquer forma de actividade meramente demiúrgica, sendo, deste modo, o acto considerado com um operante/executante moldador de formas, infundindo-as numa qualquer matéria pré-existente ou co-existente, o que implicaria que o acto puro não tivesse a total primazia e o infinito poder de tudo criar, sem qualquer constrangimento ou condição que não proviesse de si mesmo. Isto seria negar o estatuto do acto puro, relegando-o para uma condição de dependência, sendo dado como fruto não da sua eterna e infinita auto-criação, mas da criação de um outro que o tivesse podido criar a ele bem como à matéria. É claro que mais uma vez apareceria uma remissão ao infinito, o que deixaria sem resposta a questão de como dar razão do ser. Não. O

¹⁰⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 173: *Il est la toute-positivité, c'est-à-dire le principe qui permet à toutes les préférences de se former, à toutes les différences d'apparaître.*





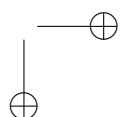
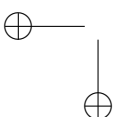
acto é isso tudo, abarca todas as possibilidades e como que resolve a questão da remissão ao infinito absorvendo-a: não se trata de ir reduzindo o fundamento, cada fundamento a um outro fundamento anterior, antes, pela sua infinitude, o acto puro abarca toda a série possível de remissões, substituindo-a pela sua infinita actividade, que não se resume a uma série infinita de razões encadeadas, mas é uma infinita rede de actos mutuamente justificadores. Melhor dito, o acto é o que explica o ser de tudo, de toda a série dos seres e das razões de ser desses seres. É o que funda, transcorrentemente, tudo, *desde sempre*, perenemente. É a própria perenidade, porque esta mais não é do que o desdobrar infinito e eterno da infinita e eterna actividade do acto puro, a partir da sua infinita riqueza, em puro acto. É, pois, não um todo activo ou uma actividade de um todo, mas o infinito, infinitamente criador.

Neste sentido, e paradoxalmente, o acto é o infinitamente potente e *absolutamente indeterminado*,¹⁰⁸ relativamente ao que já é produzido e, portanto, determinado; mas é, em si, o reservatório de todas as possibilidades, não no sentido lógico e fraco do termo, mas no sentido de ser o tesouro da realidade do possível, enquanto possível, isto é, da realidade enquanto matriz eterna e indelével da possibilidade de haver determinações, obras do acto, actos do acto,¹⁰⁹ actos de ser, seres concretos.

A real realidade do ser é o poder haver ser. É esta a sua realidade metafísica. O seu ponto de ancoragem na realidade. É este poder haver ser, determinado ser a haver, como tal ser que pode vir a haver, que constitui a sua forma metafísica, forma que lhe vai permitir vir a ser e vir a ser determinado ser e não um outro qualquer. No princípio de todo o ser está esta possibilidade metafísica que, depois, se transformará em possibilidade ontológica e em

¹⁰⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 14.

¹⁰⁹É interessante fazer notar que cada um dos seres é, em última análise, um acto do acto puro. É, claro está, um acto fruto de mediação, mas, ainda assim, um acto do acto puro, um acto que participa do acto puro.





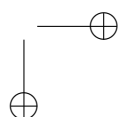
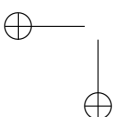
existência, se for esse o caso. Claro está que, para a inteligência, só se sabe da possibilidade metafísica depois de se ter intuído a existência e a conseqüente realização da possibilidade ontológica. O caminho da inteligência funciona para trás, a inteligência é sempre arqueológica.

Só que a possibilidade, então, mais não é do que uma não-participação. E se vamos do possível ao ser, no que respeita à formação da nossa existência pessoal, é evidente que o próprio possível não faz sentido senão através do modo pelo qual se enraíza no ser absoluto, de tal maneira que, relativamente ao Acto puro, é a nossa participação, pelo contrário, que se torna numa pura possibilidade. O segredo da metafísica inteira encontra-se precisamente na inversão destas relações entre o Ser e o possível, segundo se vai do Ser total ao ser particular ou se remonta, ao invés, deste para aquele.¹¹⁰

O acto puro é a infinita possibilidade das possibilidades de haver ser. Isto é, da sua permanente e diferenciada possibilidade de realização. A possibilidade do jogo dos possíveis tornando-se realidades, seres. A capacidade de concretização, sob a forma de seres, da infinita riqueza que o constitui enquanto puro acto. O acto puro é o fundamento deste jogo¹¹¹ criador ou, se se quiser perspectivar a relação desde o lado oposto, o jogo criador da realidade é fundado no acto puro. Jogo para o qual o acto convida como parceiros todas as suas possíveis obras. É que algumas obras criadas

¹¹⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 86: *Seulement, la possibilité alors n'est rien de plus qu'une non-participation. Et si nous allons du possible à l'être, en ce qui concerne la formation de notre existence personnelle, il est évident que le possible même n'a de sens que par la manière dont il s'enracine dans l'être absolu, de telle sorte qu'à l'égard de l'Acte pur, c'est notre participation au contraire qui devient une pure possibilité. Le secret de la métaphysique entière se trouve précisément dans le renversement de ces rapports entre l'Être et le possible selon que l'on va de l'Être total à l'être particulier ou que l'on remonte au contraire de celui-ci vers celui-là.*

¹¹¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 14.



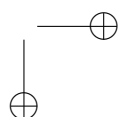
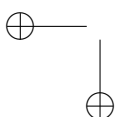


pelo acto puro, no seio deste jogo de participação, alguns destes actos do acto puro são, também eles, capazes de criar, à sua escala e no seu nível. O acto puro reparte a sua riqueza de acto de tal modo que alguns seres são dotados da capacidade de exercer-se como criadores de outros actos de ser. Esta capacidade de criação não é de modo algum autónoma, antes procede, ela também, do acto de ser puro, como tudo o mais, só que, mais uma vez, não o faz directamente, mas através de mediação, neste caso da mediação de um ser anteriormente criado com a capacidade de transmitir ser. Esta capacidade está inscrita na matriz de ser desse ser, de onde promana directamente. Não advém directamente do acto puro, mas, indirectamente, daquilo que o acto puro tinha posto na constituição do ser criado/criador. Os actos de ser detentores desta capacidade são produtos, obras do acto, que, vindo a ser mantidas no ser pela actividade que as transcorre, são, também elas, activas e podem, também elas, entrar no jogo da criação, como co-criadoras.¹¹²

3.2.2 *O acto é idêntico ao ser, de um ponto de vista genético*

Num sentido mais rigoroso, dever-se-á dizer que o ser é idêntico ao acto, deste modo respeitando a anterioridade ontológica deste em relação àquele e indiciando a anterioridade metafísica do acto puro relativamente a ambos os elementos do par. A anterioridade, como aparece no par citado (acto, ser), é definida pela anterioridade do acto de ser próprio de cada ser relativamente a esse mesmo ser, sendo aquele tomado como genética do ser, como o que, do ponto

¹¹²No entanto, e se queremos levar mesmo a sério a transcorrência ontogenética do acto nos seres, teremos de perceber que essa co-criação é ainda o acto a operar, se bem que indirectamente, desdobrado. Mais do que entrever-se, aqui, o problema do panteísmo, parece entrever-se o velho tema da co-divindade do real, o que não é o mesmo, uma vez que não se trata de uma mesma natureza dividida, mas de uma participação.





de vista da geração do ser, é o responsável; responsável não só pelo lançamento inicial no ser, mas responsável pela manutenção do ser sendo, implicando uma genética não pontual e posteriormente desligada, mas um acompanhamento infinitesimalmente próximo e infinitesimalmente continuado ou contínuo, sem quaisquer soluções de continuidade.¹¹³ Repare-se que o termo *gênese* não foi utilizado propositadamente – preferindo-se o termo mais lato e compreensivo *genética* –, porque *gênese* parece querer referir algo como uma fonte inicial, a qual pode ser meramente inicial e nisso se esgotar, sem outra relação com o ser, à laia de uma qualquer causa primeira, que o seja apenas segundo a ordem do tempo, que não do ser. A actividade do acto no ser é contínua, sem interrupções, e é o que ergue a cada momento o ser. Nada tem de dependente do tempo, sendo este que depende da actividade do acto, como se vê no trecho de reflexão ao tempo dedicado, neste trabalho.

Ora, o acto, a ser entendido como fonte do ser, tem de o ser como algo permanente, pois o acto não é algo que gere o ser, como se de um acto de parto se tratasse, num qualquer acto situado e pontual, retirando-se, depois, e deixando o ser à deriva. A geração é constante.

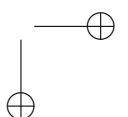
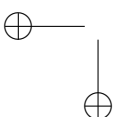
Dizer que o acto é eterno, é dizer que é o primeiro começo de nós mesmos e do mundo, reencontrado por nós a cada instante.¹¹⁴

O ser é, em cada “instante”,¹¹⁵ sempre, aquilo e só aquilo que

¹¹³Qualquer solução de continuidade ditaria o desaparecimento do ser, pois significaria a cessação do acto de ser desse ser e, conseqüentemente, o esvaziamento ontológico desse ser, isto é a sua anulação.

¹¹⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 87: *Dire que l'acte est éternel, c'est dire qu'il est le premier commencement de nous-même et du monde, retrouvé par nous à chaque instant.*

¹¹⁵Propriamente falando não há “instantes”, a actividade do acto de ser em cada ser é constante e a actividade do acto puro no conjunto dos actos de ser é também contínua, infinitesimalmente contínua. Não há, pois, instantes. Para uma mente infinita, que possa acompanhar esta actividade em infinita extensão e movimento, *o instante corresponde à infinita integração do infinito todo*, o que é a única “imagem” fiel da realidade. Para uma mente finita, incapaz de



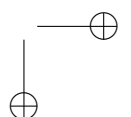
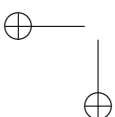


nele o acto põe, o que nele o seu acto de ser põe. O acto é o que põe o ser. O acto é o que põe o ser, pondo-se. O acto de ser é o que põe o ser, pondo-se. O ser é o acto enquanto posto, melhor, enquanto se põe. O ser é o acto de ser enquanto posto, enquanto se põe. O ser é a transparência do acto. O ser é a transparência do acto de ser. É a transparência do seu acto de ser. *O ser é o acto em transparência.* O ser é o acto de ser em transparência. O ser é o seu acto de ser em transparência. A relação entre o acto e o ser não é apenas um mero jogo de palavras, no qual se troque, arbitrariamente e infundadamente, um termo por outro, deixando tudo na mesma, no que diz respeito à compreensão da realidade. Não. Trata-se de dar conta, intuitivamente,¹¹⁶ da razão de ser do que é. Porque há ser? Ainda antes: que é isto?; que é isto que é? Que faz com que isto seja? Que está, não por detrás da realidade,¹¹⁷ mas *na* realidade? Qual é o ser todo disto que se me apresenta? Até onde posso ir na busca e no encontro das suas razões de ser, das razões de ser de tudo? O que é isto, no seu todo, e o que é o todo disto? Onde se

acompanhar a infinitude quer da extensão quer do movimento, o instante aparece sempre como um corte fixador e redutor da realidade, uma imagem truncada, parcial e pretérita, arqueológica da realidade, uma imagem grandiosa, mas infiel.

¹¹⁶Na base do discurso de Lavelle, de altíssima racionalidade discursiva, está esta intuição, já antiga, que, metafisicamente, sente ou pressente a essência energética, motriz da realidade, não por detrás do real, mas presente no real, visível no e pelo que o real é, não na aparência bruta, mas no que essa aparência indicia, na heurística que suscita à inteligência da busca da razão de ser do que é. Toda a filosofia que não passar por esta via nunca passará de uma mediocridade intelectual autocomplacente com e nas suas mesmas incapacidades intelectuais, que remetem necessariamente para um discurso meramente mentalista ou sensista.

¹¹⁷Rigorosamente, neste esquema filosófico, não há por detrás da realidade: o detrás é, ainda, realidade. Por mais que custe a aceitar a quem se deleita com mistérios e escuridões, tudo o que é é real, real a seu modo e no seu estatuto próprio - o que lhe foi dado quando lhe foi dado o ser -, seja patente seja latente, conhecido ou desconhecido, pretérito, presente ou futuro, o que é é. O único "mistério" que persiste, para gáudio dos amantes da penumbra, é o ser possível haver referência ao nada. O único verdadeiro mistério coincide com a infinitude racionamente inabarcável do acto.





esgota o que está, no que está, o que é, no que é? Esgota-se? Qual o limite da busca? Qual o limite da realidade? Coincidem?

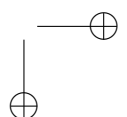
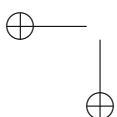
A estas questões e à miríade de outras que se podem levantar, concomitantemente, e que são a inteligência invadindo o campo do sentido da realidade, invasão necessária e que constitui a essência mesma da inteligência, da sua vida – se o não fizesse não existiria¹¹⁸ –, responde a intuição acerca do papel e do estatuto do acto, da sua função, da sua essência. *O acto é a entidade metafísica*¹¹⁹ *que responde a todas estas questões*. Precisemos, o que se afirma é que o acto é o que responde pela realidade da realidade. Parte-se da realidade para o acto. Este é uma descoberta da heurística da inteligência, no seu ápice noético, não é um postulado, do qual se deduz a realidade. É que, partindo de haver ser, chame-se-lhe “qualquer-coisa”, chame-se-lhe o que se quiser, há que explicar¹²⁰ o que a explica, isto é, desdobrá-la em razões, até à última a encontrar, que é a primeira em importância. Ora, todo este processo implica movimento, é activo, o que implica, necessariamente, que o que o constitui, quer enquanto heurística quer enquanto objecto heurístico, seja algo de activo. Isso que, dinamicamente, melhor, cinematicamente¹²¹ sustém o sujeito e o objecto da heurística, isso

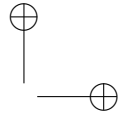
¹¹⁸Há aqui um automatismo inalienável nesta essência da inteligência: automaticamente exerce-se quando há objecto. Não pode não se exercer. Aparece o acto, aparece a inteligência, sendo esta um correlato daquele, dependendo daquele a sua existência, necessariamente. A recíproca não é verdadeira. Pode perfeitamente haver acto sem inteligência. No domínio dos seres, a inteligência é um luxo desnecessário, está aí, quando está, mas poderia não estar, apenas não estaria, estaria o resto sem ela.

¹¹⁹Metafísica, enquanto acto puro, pura possibilidade de criar. Tradução ontológica, natural, *física* nos seres que cria: o acto é o ente metafísico, melhor, a raiz metafísica, latente e patente em todos os seres.

¹²⁰É isto que faz de nós homens: esta tensão fundamental, esta vontade de entender, de perceber, de explicar para compreender - sem conotações de posse, aqui não.

¹²¹Não se trata de uma dinâmica, pois não estamos lidando com potências, mas de uma cinética, uma vez que lidamos com um eterno e infinito movimento.





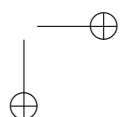
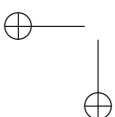
é o acto.

3.2.3 *Em cada ser, o todo do seu ser é o acto que o faz ser*

No ponto anterior, mostrámos que, de um certo ponto de vista, o acto e o ser são o mesmo, perspectivando o primeiro como genética do segundo, como a actividade criadora e mantenedora do segundo, e este como a transparência do primeiro. Ora, esta genética não se limita, como já foi dito, ao acto pontual do lançamento do acto de ser no ser. O acto é perene, é a perene actividade que mantém o ser no ser, isto é, a actividade que continuamente cria o ser, pela íntima operação no seu acto de ser. Assim se justifica o título dado a este nosso parágrafo. Em cada ser, tudo o que esse ser é é fruto do acto, melhor, é o seu¹²² acto, o seu acto de ser – se quisermos partir do

Não será este estudo o lugar para abordar o tema, senão através de mera alusão, mas mais uma vez se afirma que, nesta filosofia, não há lugar para a potência comumente entendida, uma vez que tudo é acto, tudo são actos, uns mais outros menos densos. As relações entre seres são relações entre actos, não entre actos e potências. Para que não se estabeleça a confusão e mesmo sem aprofundar o estudo da questão, assenta-se, desde já, em não utilizar o conceito de potência neste estudo. Outros posteriores e mais aprofundados estudos poderão conduzir ao reaproveitamento do conceito, mas apenas se se lhe descobrir um lugar pertinente e específico nesta filosofia, só assim não será equívoco e auxiliará a entender a especial intuição de Lavelle.

¹²²O termo *seu* é ilegítimo, pois não há aqui lugar para um linguagem de posse. Realmente, não é o acto que é o *seu* do ser, é mais o ser que é o *seu* do acto. Mas, rigorosamente, ambas as expressões são incorrectas. A relação que existe não é uma relação de *posse* mas de *criação*. O ser não é do acto nem o acto é do ser: o ser é o acto, o acto de ser que o constitui. Mais rigorosamente ainda, dever-se-á dizer que só *é*, mesmo, o acto de ser do ser. Este último é o correlato de uma inteligência e apenas como tal faz sentido. Nesta acepção, o ser é o instantâneo adequado à inteligência do acto de ser, o qual, em si, é transcendente à inteligência, pois é fruto de um obreiro puramente metafísico. É a *transparência-ser* do acto de ser que, adequando-se à inteligência, permite a ontologia, enquanto acesso da inteligência ao ser. Sem o ser, poderia haver



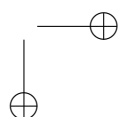
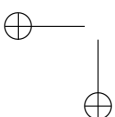


que se nos apresenta para a sua raiz. Se partirmos desta, diremos que o ser é o que se manifesta do e o que manifesta o acto. Este não se reduz ao ser. O ser, no entanto, é redutível ao acto que o faz ser, uma vez que é, apenas, a sua “face visível”. Se esta desaparecer, permanece, ainda, o que, no acto de ser, é a pura actividade, sem o correlato da inteligência. Permanece a pura possibilidade eficiente,¹²³ a pura eficiência, a pura criação em acto, sem mais, sem “espectador”. Se for o acto a desaparecer, nada restará, uma vez que o acto é tudo, resume em si toda a presença, toda a essência e todas as características diferenciadoras, daquilo que, para a inteligência, é o ser, na sua transparência. O acto de ser para ser, melhor dito, para haver acto de ser, não é necessário mais do que a actividade criadora do acto puro. Toda a realidade poderia estar num plano puramente metafísico, de pura actividade formal ou paradigmática, sem que houvesse criação de ser propriamente dito. Não se trataria de uma realidade de puras essências, mas de uma realidade de puros actos, o que é muito diferente, uma vez que a essência não é por si, não tem em si a necessidade da actualidade, ao passo que o acto é, antes de mais, essa mesma necessidade de actualidade. Poderia, outrossim, ser uma actualidade apenas metafísica, nunca havendo uma ontologia.

Neste parágrafo fica, momentaneamente, por resolver a questão de se saber como é que, para cada acto de ser, o seu acto *como*

acto de ser, mas este seria sem inteligência correlativa, sem ser passível de uma ontologia, de uma heurística ontológica.

¹²³Possibilidade eficiente relativamente ao ser. Pura eficiência relativamente ao acto de ser. Note-se que, do ponto de vista do acto, nada se altera de fundamental. Quando há uma inteligência capaz de apreender o acto de ser aparece o ser, que já lá estava sob a forma de acto de ser. Quando não há essa inteligência, não há o ser, há apenas o acto de ser. O ser é sempre o correlato da inteligência e esta do ser. Só aparecem em par, nunca separados. Neste sentido, o ser é o acto de ser iluminado perante a presença da inteligência, daí a sua transparência. A própria inteligência é um acto de ser especial, submetida às mesmas condições e a uma mesma postura perante uma outra inteligência, que pode aparecer como terceiro elemento do par e que é a consciência.





puramente possível, como pura possibilidade, passa a ser efectivo acto de ser. Espontaneidade? – se sim, de onde vem ela e onde se alberga? Função de uma decisão heterógena? – de quê e porquê?

3.2.4 O ser é redutível ao acto de ser: todo o ser é acto de ser

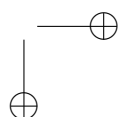
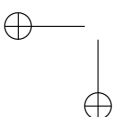
O ser é a presença “visível” do acto, é pelo ser que se percebe a existência do acto actuante, actuando.¹²⁴ Isso que actua permanentemente, que é permanentemente actuante em cada ser e que, através dessa actividade constante, constantemente cria o ser – dá ao ser o que, tudo o que o ser é –, é o acto de ser. O acto de ser próprio de cada ser. Deste modo, e sob o ponto de vista da operacionalidade criadora, o ser reduz-se ao acto de ser. O acto de ser é, assim, o acto imediatamente fundamental em cada e de cada ser, porque é o acto imediatamente *fundante* de cada ser, de tudo o que esse ser é.¹²⁵

Numa breve sinopse, temos, pois, que cada ser é produzido e mantido no ser, isto é, constantemente produzido, pelo acto de ser que, intimamente, o produz, melhor, o cria. Quer isto dizer que cada ser e o diverso dos seres é fruto do labor activo dos actos de ser, um acto de ser para cada ser particular, sendo que cada ser particular é o que nele vai pondo o acto de ser particular que o vai constituindo, criando, por meio da acção geral da faceta matricial do acto. É dos actos de ser que, cada um do “seu”, os seres imediatamente dependem, uma vez que:

[...] o acto fundamental, do qual todos os outros dependem, é

¹²⁴Relembra-se que a essência do acto é esta mesma perene, eterna actividade, é isso que suporta a existência, a unidade e a continuidade de cada um dos seres em particular e do todo da realidade.

¹²⁵No entanto, como à frente veremos, o acto de ser, para cada ser, não é o fundamento último (ou primeiro) do que ele é. Isso é o acto puro, no seu sentido geral.



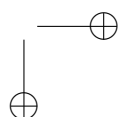
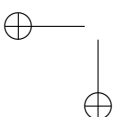


o *mesmo acto de ser*, relativamente ao qual todos os actos particulares são uma espécie de expressão e de dispersão, segundo as circunstâncias de tempo e de lugar.¹²⁶

Sendo mais precisos e rigorosos, podemos afirmar que há, ainda, uma anterioridade do acto puro relativamente a cada um dos actos de ser particulares que actualiza, pela participação operada pelo acto matricial em cada um dos seres. Retomando a sinopse, que ora se precisa, temos que, relativamente aos seres, há o acto de ser particular que, no seu íntimo, os produz continuamente, sendo este acto de ser a eficaz capacidade de produzir um ser, este ser determinado. Mas esta capacidade eficaz de produzir determinado ser só é porque há a possibilidade eficaz geral de produzir seres. Esta possibilidade é o que faz com que cada acto de ser possa ser e, porque é uma possibilidade efectiva, seja, efectivamente seja.¹²⁷

¹²⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 63: [...] *l'acte fondamental dont tous les autres dépendent c'est l'acte même d'être dont tous les actes particuliers sont une sorte d'expression e de dispersion selon les circonstances de temps et de lieu.*

¹²⁷É o que se verá mais à frente, com o devido detalhe, o acto puro matricial, a faceta matriz, produtora, criadora de ser do acto puro. Alerta-se para que se não confunda a efectividade com uma referência a efeitos, como se os seres fossem efeitos dos actos de ser, suas causas. De propósito e com grande disciplina de termos não se utiliza vez alguma, à parte esta chamada de atenção, neste trabalho qualquer referência aos termos “causa” e “efeito”, os quais são descabidos na relação que nos propusemos estudar entre o acto e o ser. A relação entre o acto de ser e o ser que dele depende não é uma relação de causa e efeito, mas uma relação de presença, de presentificação e supõe, como já foi visto, uma inteligência testemunhal, sem a qual a existência de ser não faria sentido, sendo mesmo desnecessária. Por maioria de razão, a relação entre o acto puro e os actos de ser também não é uma relação de causa e efeito ou de causa a efeito, mas uma relação de criação, de infinita criação e presença, de infinita participação dos actos de ser criados no acto puro. Não há propriamente uma cesura, mas uma continuidade, assegurada pela actividade criadora do acto nos actos de ser: é esta actividade que faz a ponte ontológica.



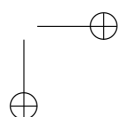
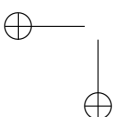


3.2.5 A hierarquia do acto

Como se tem vindo a apurar ao longo desta reflexão sobre a relação entre o acto e o ser, esta relação não é monótona, antes se revela constituída em forma de escala, íntegra e harmónica escala. Conforme a percorremos do topo para a base ou desta para o ápice, assim encontramos duas modalidades diferentes de perspectivar a mesma realidade. Se formos da base para o topo, começamos por nos deparar com os seres, com o diverso dos seres – primeiro degrau. Acima destes, encontramos aquilo que constitui a sua essência eficaz, a sua activa intimidade, aquilo que os constitui enquanto seres, o que os mantém sendo e que é o acto de ser, o acto de ser constitutivo de cada um deles – segundo degrau. Acima deste nível, encontramos o acto matricial, a faceta produtora de actos de ser do acto geral, puro. É aquele o que opera a participação, fazendo a passagem da esfera puramente metafísica do acto puro, geral, aos actos de ser particulares – terceiro degrau. No ápice, encontramos o acto puro, fonte de toda a possibilidade e de toda a riqueza efectiva de acto, a transformar ou não em acto de ser. Este ápice, uma vez lá chegados, descobrimo-lo não apenas como o topo da escada, mas também como a esfera que a envolve e o movimento que a percorre e a ergue, bem como o que permite que haja algo que ascenda os degraus e descubra o horizonte. Em resumo, partindo dos seres, temos que cada ser é a transparência, para uma inteligência presente, do acto de ser próprio que o produz, este acto de ser é, por sua vez, produto do acto puro matricial, responsável pela efectivação da participação dos diversos actos de ser no acto puro, e, no fim, encontramos o acto puro, o qual é infinitamente toda a riqueza em puro acto, infinitamente.¹²⁸

Se partirmos do topo para a base, temos primeiro o acto puro, em seguida o acto matricial, tradução da riqueza metafísica do acto

¹²⁸De notar que, no nível dos seres, iremos encontrar uns especiais, que, também eles, podem criar.





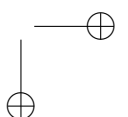
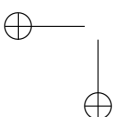
puro, na intimidade de cada acto de ser, terceiro a deparar-se-nos, o qual habita o âmago de cada ser – este quarto nível apenas emerge perante uma inteligência presente.

Feita esta dupla viagem, não nos encontramos satisfeitos com a imagem encontrada para dar conta da relação entre os diferentes níveis. Não se trata de uma escada, mas de um imbrincado de interioridades, em que cada nível é habitado – formado, criado –, pelo nível que lhe é imediatamente superior. Uma múltipla e sucessiva circunscrição de intimidades; uma múltipla esfera de esferas concêntricas, em que o máximo continente – o acto puro – é também o centro e determina o raio, dando o sentido e a amplitude a cada acto de ser.

Assim, é o Todo que dá à parte essa espécie de potencial consubstancialidade consigo mesmo, pela qual participa da essência daquele e que é, concomitantemente, a fonte e o fim do seu próprio desenvolvimento.¹²⁹

Assim, a participação não é algo de semelhante a uma cópia, mas algo que decorre da própria condição da coabitação da interioridade do acto puro, omnicontinente. Algo como que uma *osmose metafísica*, em que a membrana dada no acto matricial liga a riqueza possível do acto puro à riqueza do facto de cada acto de ser. A pura riqueza “desfaz-se” em seres, não por uma qualquer “hemorragia” que a dessangue e empobreça, mas por algo como uma irradiação que se auto-abraça e por isso nunca se perde, que sai para dentro de si mesma, que se ensaia, em si, em infinitas tentativas, em infinitos actos. Em última análise, o que cada ser tem de ser, o que cada ser é, vem-lhe do acto puro, mediadamente, através de duas mediações, a da faceta matricial do acto puro, que é o acto criador em geral, responsável pela participação dos diversos actos

¹²⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 339: *Ainsi c'est le Tout qui donne à la partie cette sorte de consubstantialité potentielle avec lui par laquelle elle participe de son essence même et qui est à la fois la source et la fin de son propre développement.*





de ser no acto puro, na sua tradução em seres, e a mediação dada pela actividade, íntima em cada ser, de todos e cada um dos actos de ser. Se, mediadamente, os seres têm o seu ser do acto puro, imediatamente têm-no directamente do acto de ser que lhes é íntimo, que lhes constitui a intimidade, toda a intimidade. É este o sentido da afirmação que reduz o ser ao acto de ser que lhe é íntimo, o “seu” acto de ser. Esta intimidade percorre toda a hierarquia dos seres, sendo que cada acto de nível superior é a intimidade criadora daquele que lhe é imediatamente inferior, mas é também o modo de ser do todo da infinitude do acto puro. Como infinito, é absolutamente íntimo a si mesmo. O seu desenrolar em acto e em actos, não é um extravasar, mas um intensificar da riqueza que o constitui. Não empobrece, perdendo energia, enriquece-se no infinito desenvolver das suas possibilidades.

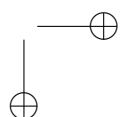
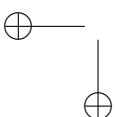
3.2.6 *O nível do ser*

2.6.1. *As três referências do ser a noção de ser, o facto de ser e o acto de ser*

2.6.1.1. *A noção de ser*

Há a *noção de ser*, a única que é plenamente universal, uma vez que termo algum pode ser posto sem que se encontre nela contido. Não pode, no entanto, ser considerada como vazia e abstracta, uma vez que não se pode enriquecer, que, para obter as suas determinações particulares, é necessário dividi-la em vez de a acrescentar e que o termo ser nunca representa mais do que uma realidade individual e concreta, quer se trate do universo inteiro quer se trate de tal objecto no meio dos outros.¹³⁰

¹³⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 65: *Il y a la notion d'être, la seule qui*





Esta noção é, como todas as noções, geral, melhor e mais rigorosamente, universal e abstracta. Universal porque, à semelhança do conceito, refere-se necessariamente à totalidade, no caso indeterminada,¹³¹ dos membros de um conjunto e abstracta porque o seu conteúdo objectivo não depende de qualquer concretização e é independente da existência concreta. Pertence, pois, exclusivamente à esfera própria do pensamento, do pensamento puro, pois *a noção de ser era puramente pensada*.¹³² Mas é diferente de todas as outras noções porque *é a única verdadeiramente universal*: transcorre todos os possíveis¹³³ termos, sejam eles simplesmente possíveis, factuais, imaginários ou imagináveis. Numa linguagem mais rigorosa, dir-se-á que a noção de ser aplica-se a todos os termos possíveis¹³⁴ independentemente da sua forma de ser, do seu estatuto de ser. Neste nível de referência, tudo, qualquer termo referenciável, só é porque é ser,¹³⁵ cabendo, assim, sob a alçada nocional paradigmática do termo *ser*.

Neste seu papel de paradigma nocional, o termo *ser* deixa de

soit pleinement universelle, puisqu'aucun terme ne peut être posé qui ne s'y trouve contenu. Elle ne peut pourtant être considérée comme vide et abstraite puisqu'elle ne peut pas s'enrichir, que, pour obtenir ses déterminations particulières, il faut la diviser au lieu d'y ajouter et que le mot être ne représente jamais qu'une réalité individuelle et concrète, soit qu'il s'agisse de l'univers entier, soit qu'il s'agisse de tel objet au milieu des autres.

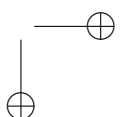
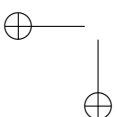
¹³¹Se fosse determinada, não haveria razão alguma para que não fosse conceito.

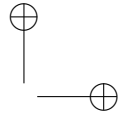
¹³²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 65: *La notion d'être était purement pensée.*

¹³³Aqui, o termo *possíveis* não tem o mesmo valor que o termo *possíveis* que irá aparecer imediatamente em seguida, o primeiro refere-se a todos os possíveis termos, sejam eles quais forem, tenham o estatuto ontológico que tenham; o segundo refere-se a um dos tipos de estatuto ontológico, o dos possíveis.

¹³⁴Aqui, *possíveis* aparece na sua significação ontológica mais lata, englobando no possível tudo o que já foi, é ou poderá vir a ser, não como noção ou conceito, mas ontologicamente: assim, nesta acepção, *possível* é o mesmo que *ser*, tem a mesma extensão compreensiva.

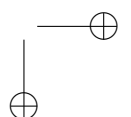
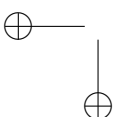
¹³⁵E o ser é isso que é comum a tudo o que é, não apenas como noção, como veremos, mas de facto.





ser um mero “termo” ou, mesmo, uma mera noção para se elevar à categoria de conceito: geral, abstracto e definido, isto é, imposto à inteligência pelo conteúdo que apresenta e o constitui. No entanto, é compreensível a escolha que Lavelle faz, preferindo *noção* a *conceito*, uma vez que, deste modo, salvaguarda o que de irreduzível a uma razão conceptualizadora há na realidade e que é dado de uma forma muito mais segura – porque não cai na armadilha fixista –, pela referência ao papel insubstituível e irreduzível da intuição; intuição que anda muito mais próxima da descoberta de noções do que da descoberta de conceitos. A noção possui uma abertura para uma aproximação infinitesimal ao ser, ao que este é, na sua total riqueza,¹³⁶ pois não se encontra definida, totalmente definida. Dispõe sempre de um espaço indefinido que permite a busca e a consequente aproximação ao que o ser é. Sendo indefinida, não permite que se caia na fácil ilusão de que detendo-se o conceito, se detém o ser. Este é sempre algo de, por um lado, não totalmente definível, por outro, de não abstracto: ser-se detentor da definição abstracta não equivale a possuir o ser que essa definição visa captar, capturar, sem nunca o conseguir. Com a noção, a distância ao ser está dada pela própria indefinição do universo. A noção não visa apreender coisa alguma, até porque sabe que essa alguma coisa lhe escapa necessariamente. Tem como objectivo, tão só, a apreensão da linha condutora que lhe sirva de guia no infindável itinerário da busca do ser. No caso vertente, sabe que isso do ser é o que é comum a tudo o que se lhe vai deparando. Não sabe *que mais* se lhe irá deparar, mas aposta na continuidade da manutenção da linha mestra. O ser é o que encontrará no infinito. O ser é, pois, o que nunca encontrará. A noção não serve, assim, para possuir seja o que for, mas apenas como bússola e carta geográfica para a viagem do achamento do ser.

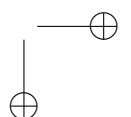
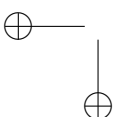
¹³⁶Que nunca é dada pelo conceito, o qual se limita a esquematizar as linhas-mestras definidoras, com a preocupação funcional de estabelecer distinções. O esquema nunca substitui o que esquematiza.





Claro está que, ao introduzirmos a relação, específica de Lavelle, entre o acto e o ser, o esquema se complica, tornando-se a noção de ser ainda mais móvel e plástica, uma vez que se intensifica ainda mais o carácter de progressão ao infinito da marcha de ser de cada ser, fruto da incessante actividade nele do seu acto de ser e da infinta actividade de ser do acto de ser puro no todo infinito da realidade através da participação operada pelo acto matricial. A noção passa a ser o ténue, mas inquebrável, fio de Ariadne que guia a inteligência no acto de aproximação a cada acto de ser e ao acto puro. Aproximação infinita e de carácter infinitesimal, enquanto a inteligência se encontrar separada do acto puro, isto é, enquanto for finita.

O estatuto da própria noção aparece transformado, uma vez que a noção tem de passar a ser entendida, também ela, como um acto de ser. Um acto de ser para cada noção diferente e um acto de ser especial para a noção de ser. Sendo esta a noção que acompanha todos os actos de ser, tem de ser um acto de ser especial, um acto de ser que se caracterize pela sua capacidade de poder acompanhar todos os outros actos de ser, a si próprio incluído. Ao mesmo tempo, necessita de poder unificar o que de comum há nos actos de ser que acompanha e de poder referenciar isso à única característica comum que todos possuem e que é o serem todos actos de ser e originarem seres. A noção, por estas características, que são as da inteligência em acto, confunde-se com a própria inteligência, podendo dizer-se que são as duas faces de uma mesma realidade: em acto, a inteligência é um acto de ser que tem como essência – e característica funcional/operacional – a descoberta daquilo que no ser, nos diversos actos de ser é inteligível, isto é, daquilo que é passível de ser lido na linguagem própria da inteligência, do seu acto de ser, tarefa que lhe é permitida pela co-naturalidade que partilha com os demais actos de ser; a inteligência como resultado, resultado sempre em evolução e que se confunde com o próprio exercício, com o próprio acto, é aquilo a que chamamos noção.



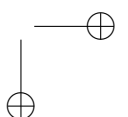
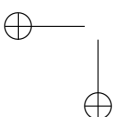


Percebemos, agora, a razão de ser da incompletude da noção: é necessária e deve-se à natureza própria do funcionamento da inteligência, que é um acto de ser adequado aos demais actos de ser – partilha com eles a mesma natureza íntima – que são, por essência, permanente actividade, infinita actividade. O conceito aparece, assim, como uma cristalização esquemática, acrescentando-se à sua pobreza de compreensão e de tradução da riqueza ontológica dos seres, dos actos de ser, mais profundamente, um aspecto de preteridade que o relega para o campo da arqueologia noética.

Temos, pois, que a noção de ser é especial, única, por ser aquela que se aplica a toda a realidade, a todos os seres possíveis. Porém, o seu carácter extraordinário não advém apenas desta absoluta universalidade, mas também da condição necessária de, sob a epígrafe “ser”, existir um conjunto cuja extensão, ainda que indefinida, nunca é nula ou vazia, havendo, pelo menos, um elemento que lhe pertence – isto é, um ser –: o elemento que é o ser da própria noção de ser.¹³⁷

Em resumo, o que Lavelle designa como *noção de ser* é, concomitantemente, universal e abstracto, universal porque transcorre necessariamente todos os termos possíveis, quaisquer sejam; abstracto porque, enquanto pura referência inteligível transcorrente, é do exclusivo domínio noético. Mas é, também, a única noção

¹³⁷A circularidade que parece haver neste argumento é, apenas, aparente, uma vez que, desde que haja a noção de ser, a qual engloba todos os seres possíveis, e, portanto, o seu próprio ser, há, necessariamente, um ser sob a noção, que é o ser da própria noção. Não se trata de circularidade, trata-se, sim, da emergência simultânea, face à inteligência, do ser e da noção de ser, que, com carácter de necessidade, se implicam mutuamente. Não é, pois, uma circularidade, mas uma dupla implicação, ou, se se quiser, uma equivalência formal. Ser e noção de ser são o mesmo, apenas aparecem de modos diferentes, pois um dá-nos o real na sua concretude (que inclui a noção) e o outro dá-nos a sua definição ou forma definitiva, que inclui a concretude. O que acabou de ser dito não contraria o que se afirmou sobre a relação entre o acto de ser da noção e os diversos actos de ser. A noção é sempre, também ela, ser, acto de ser, pelo que a equivalência formal a que se aludiu se aplica.





que, necessariamente, se refere a um conjunto necessariamente não vazio, referência que aponta para o concreto, para a existência, e ancora a noção de ser em algo fora do puro pensamento¹³⁸ transpondo, assim, a ponte que liga o pensamento ao que não é pensamento e que é constituída pela comunidade de natureza e de origem de ambos.

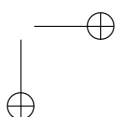
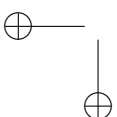
2.6.1.2. O facto de ser

A noção de ser, justamente, não pode, pois, ser separada do *facto de ser*. Ora, ser é sempre ser tal ou tal, em tal tempo e em tal lugar. De tal modo que a universalidade da noção não encontra a sua expressão senão na exigência, feita a todo o ser, de ser justamente o que é, com todos os caracteres que o constituem, isto é, no facto universal de se ser sempre um indivíduo.¹³⁹

Na sequência do que ficou demonstrado na alínea anterior, sobre a necessária atribuição da noção de ser a tudo o que, *de algum modo é*, a qual, imediatamente, cria uma nova dimensão no ser, a da concretude do ser, quando atribuída a cada ser, avança-se agora

¹³⁸Em termos ontológicos, negar esta necessidade da existência deste termo fora da pura realidade do pensamento, equivale, no limite, a negar a realidade do próprio pensamento, o que é absurdo, pois só o pensamento, em acto, pode negar o pensamento. Quer, pois, isto dizer que o pensamento, uma vez posto, descobre-se como acto de ser *e como ser desse acto de ser*, ser este que não é fruto de geração espontânea do pensamento, pois é o próprio ser do pensamento, isto é, o pensamento enquanto se descobre como tal, descobre-se como dado e não como auto-criação, a qual teria de ser absolutamente *ex nihilo*, o que repugna à inteligência. O ser que preenche o tal conjunto necessariamente não-vazio é este ser dado, descoberto como dado pelo pensamento: a reflexão começa sempre com um qualquer dado.

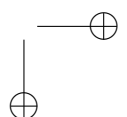
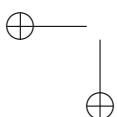
¹³⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 65: *La notion d'être justement ne peut donc être séparée du fait d'être. Or être, c'est toujours être tel ou tel, en tel temps et en tel lieu. De telle sorte que l'universalité de la notion ne trouve son expression que dans l'exigence pour tout être d'être justement ce qu'il est avec tous les caractères qui le constituent, c'est-à-dire dans le fait universel d'être toujours un individu.*





um novo passo, ao afirmar a descoberta de que cada ser, ao ser, é ser *a seu modo*, isto é, é sempre *um ser determinado, um determinado ser*.¹⁴⁰ Neste sentido, só há ser quando há determinação. Uma determinação qualquer, qualquer que seja. É a determinação que põe o ser. É a determinação que é o ser. Este ser. O ser deste ser. Não há ser indeterminado. Se é determinado, é ser. Se não é determinado, não é coisa alguma. A indeterminação não funciona relativamente ao ser na sua acepção individual, mas relativamente ao ser possível, todo – muito mais um horizonte de referência do que um facto. Neste sentido, o ser é sempre o ser determinado, determinado pelo acto de ser que o constitui e na medida que o constitui e no limite dessa constituição. O ser é, em cada instante, a determinação que nele opera o acto de ser, o seu próprio acto de ser. O ser é sempre um facto de ser. Um facto vivo em permanente movimento, íntima génese. Desaparecer este facto implicaria desaparecer a determinação, implicaria a desdeterminação do ser, a cessação da actividade do acto de ser constituinte e a sua queda no nada. Se cada ser é um facto, uma determinação operada pelo próprio e íntimo acto de ser, o grande facto é a actividade do acto matricial que opera a participação e determina o todo do ser em geral, da generalidade do conjunto total dos seres. O grande facto é a participação, que é *a determinação total* – partilhada por todo e cada um dos seres – da totalidade dos seres criados, a sua criação, pela determinação. O que não é um facto de ser é o acto puro. Este é indeterminado, não à maneira do todo possível do ser, que é indeterminado porque incompleto e inumerável, mas porque é infinito e este é inconcretizável, ou melhor, é a concretização infinita de si mesmo, para si mesmo, ao seu nível, que não é o do ser, como já vimos. O ser dos seres é sempre um facto de ser, um ser *de facto*: este ser, aquele ser. Mesmo o ser em geral é determinado pela característica única de ser absolutamente indeterminado – é esta a sua

¹⁴⁰ Aparece, já aqui, a questão da diferenciação, a qual irá desempenhar um papel fundamental na construção da realidade, como veremos.

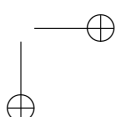
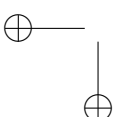


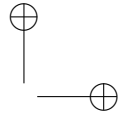


determinação, o seu *facto*: a absoluta indeterminação.

Neste ponto da meditação, temos de levantar uma discordância relativamente ao autor quando afirma, no trecho dedicado ao facto de ser: *Ora ser é sempre ser tal ou tal, em tal tempo e em tal lugar* (itálico nosso). *LAVELLE, Louis, De l'acte, p. 65*. Se a primeira parte da afirmação é o resumo do que tentámos explicar atrás, a parte a itálico não está correcta, como vimos quando tratámos com detalhe do tempo e do espaço. Esta afirmação só é aceitável – e, aí, sim é correcta –, se se aplicar ao ser, a cada ser, já em contexto de ser, isto é, inserido na sequência e na rede de todos os seres, de todos os factos de ser e submetido a uma inteligência capaz de o intuir. Se for este o caso, a eclosão do ser, na sua determinação, dá-se num contexto onde espaço e tempo têm pertinência, mas pertinência meramente contextual e não essencial. O tempo, como já vimos, é uma medida contextual de distância ontológica, introduzido pela inteligência, nada mais. A afirmação é errónea se aplicada ao ser em geral ou se aplicada como condição essencial à eclosão do ser, particular ou geral. No primeiro caso suporia que teria de haver um tempo (e um espaço) que pré-existissem relativamente ao ser e no seio do qual este apareceria. Ora, tal não acontece. O que “pré-existe” é o acto puro, em que não há lugar para o tempo, uma vez que o infinito não tem interstícios a preencher: é pleno de si mesmo, não tem diferenças a medir, é infinitamente diferente, o que não se mede. Mas também a eclosão de cada ser particular, determinado, não necessita de tempo (ou espaço), são estes que aparecem quando aquele aparece, é este que os cria ao aparecer e não o contrário. É, como já vimos, o aparecimento de um segundo ser que faz emergir (relativamente a uma inteligência) a diferença e instaura, automaticamente, o lapso ontológico de que a inteligência se dá conta como tempo e espaço.

O facto de ser é a tradução individual última da actividade, mediatizada pelo acto matricial e por cada acto de ser particular, do acto puro. O facto de ser é, pois, o necessário correlato da noção de



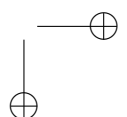
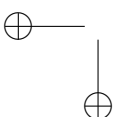


ser. Se esta nos dá a abrangente transcorrência da comunidade daquilo que está presente em cada um e todos os seres, que, por isso, os une, como comum fonte e referência, e que, em última análise, é a actividade permanente do acto puro, o facto de ser transpõe-nos para o plano da singularidade, da diferenciação, da individualidade, da irreducibilidade entre seres e, por fim, aponta para o que é específico de cada acto de ser particular. O ser de cada ser não se resume à mera noção de ser, é um composto do que existe de comum entre todos os seres e é dado à inteligência descobrir sob a forma de noção e da caracterização individual, dada no que é próprio e exclusivo de cada ser. De facto, no ser de cada ser concreto, no seu facto de ser, no seu *ser de facto*, está presente sempre este composto bidimensional, que se encontra resumido no seu acto de ser, o qual não só contém o que é particular a cada ser como o que é comum com todos os outros. Se o acto de ser próprio de cada ser é o responsável pelo que de individual e irreducível esse ser possui, transporta também consigo o que de comum esse ser tem com os demais. Ao traduzir para seres individuais a riqueza do acto puro, o acto matricial põe em cada acto de ser particular tudo o que é necessário para a criação de um ser e esse tudo é o já aludido binómio constituído pelo que é universal e pelo que é irreducivelmente próprio.

2.6.1.3. *O acto de ser*

Ora, o próprio do ser é ser para si e não para um outro: o meu ser não pode ser afirmado por um outro, não o pode ser senão por mim; isto é o mesmo que dizer que não há ser algum que eu possa simplesmente receber, sem que me o dê, ao mesmo tempo, a mim mesmo. Assim, o facto de ser não é coisa alguma se não for, para um observador exterior, o testemunho do *acto de ser*, o único que nos permite apreender o ser na sua essência e na sua raiz.¹⁴¹

¹⁴¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 65: *Or le propre de l'être, c'est d'être pour*

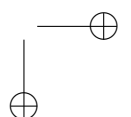
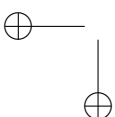


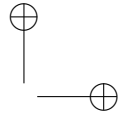


O acto de ser é, como já vimos anteriormente, o que, em cada ser, na sua intimidade,¹⁴² produz o que esse ser é: o acto de ser é o ser, do ponto de vista do que o gera e, continuamente gerando-o, o mantém sendo. Assim, e para cada ser, o acto de ser é o que, em cada instante, concretiza o ser no ser que é, como é – o facto de ser que é, o ser que, *de facto*, é. Entre a pura abstracção do ser meramente formal e a facticidade concreta do ser determinado, há o acto de ser que concretiza o ser, em determinado ser. Mais do que uma função de simples estabelecimento de um plano intermédio, o acto de ser é o resumo ou a síntese do que a noção dá em abstracto e o facto de ser é em concreto. Nunca é demais recordar que o acto de ser é tudo o que o ser é. Sendo assim, o acto de ser resume todas as dimensões presentes no ser, sejam elas as abstractas ou as factuais. Rigorosamente, a realidade é única, as perspectivas é que são não-unitárias ou unicitárias, isto é, a única realidade é o acto de ser, este pode ser perspectivado em si, enquanto acto de ser na sua pureza de acto de ser, sem mais; ou pode ser perspectivado acompanhado de uma inteligência capaz de o apreender: e temos o ser, correlato necessário da inteligência. O essencial, aqui, como já foi visto, é o acto de ser, o qual pode existir sem qualquer referência a uma

soi et non pour un autre: mon être ne peut pas être affirmé par un autre, il ne peut l'être que par moi; c'est dire qu'il n'y a point d'être que je puisse seulement recevoir, sans que je me le donne en même temps à moi-même. Ainsi le fait d'être n'est rien s'il n'est pas pour un observateur du dehors le témoignage de l'acte d'être qui seul nous permet de saisir l'être dans son essence et dans sa racine.

¹⁴²O termo *intimidade*, muito usado no vocabulário lavelliano, nada tem de místico ou de taumatúrgico, muito menos de fuga conceptual. Não se trata nem de arrumar a questão, fugindo à utilização de um termo mais científico (ou filosófico) nem tão pouco de resolver poeticamente, milagrosamente, uma questão sem resposta racional. *Intimamente* quer dizer na sua interioridade estrutural, na sua estrutura, se se quiser um termo mais técnico. A estrutura ontológica, a energia ordenada que ergue e sustenta o ser, isso é o seu acto de ser, isso é a sua intimidade. Nada de obscuro ou mágico. *Intimidade* tem a vantagem de não reduzir a uma figura esquelética a complexidade estrutural (bebe no infinito...) de cada acto de ser.



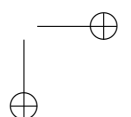
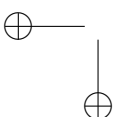


inteligência. É ele o real inconcusso, absoluto¹⁴³ no seu nível e em si, relativo apenas ao acto puro que o cria pela participação operada pelo acto matricial.

Note-se, ainda, que não há qualquer anterioridade do ser, enquanto noção, relativamente ao acto de ser. A noção de ser aplica-se ao acto de ser quando é, logo que é, apenas quando é e apenas enquanto é. Sem o acto de ser não há noção de ser. O que há é algo de diverso, que nada tem de comum com a noção de ser, para além de esta se lhe aplicar, de ser a sua tradução para uma inteligência espectadora. Esse algo é a actividade do acto matricial, que faz participar cada acto de ser, ao criá-lo; e criá-lo é fazê-lo participar nisso e disso, no e do acto puro, na e da sua riqueza de possibilidade ontológica. Assim, o que é anterior ao acto de ser não é a noção de ser, mas esta actividade participativa/criadora. A noção nunca é anterior, aparece apenas só e só quando se dá o acto de participação e há uma inteligência capaz de entender essa noção. Por seu turno, a inteligência só aparece quando há um acto de participação – para além do seu próprio – e com esse acto aparece no seu seio a noção. Não haveria, pois, noção de ser se não houvesse acto de ser, pois é este que, criando propriamente o que cada ser é, transpõe para cada ser e para todos os seres o que lhes é comum a todos, isto é, o facto de serem – fruto da participação no acto puro –, comunidade esta que é traduzida pela e na noção de ser.

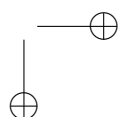
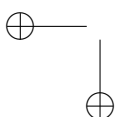
Antes de terminarmos este parágrafo sobre o acto de ser, não

¹⁴³*Absoluto* quer dizer, neste nível, que não é relativo a qualquer acto de ser no seu nível. Não é efeito de qualquer causa exterior. É absolutamente o que o acto puro nele põe, através da acção do acto matricial. Pode “conviver” com os outros actos de ser, mas nada lhes deve. O convívio é dado, ainda, pela participação e na participação de cada um no acto puro – não por laços laterais –, acto de ser a acto de ser, mas por “imersão ontológica” num ambiente de comum partilha da radicação, da fonte, da energia geradora, que, ao gerar tudo, tudo une. A comunicação é dada pela comum filiação no acto puro, pela transcorrência da energia criadora que, ao criar, une e divide. Beber na mesma fonte é descobrir que há mais sedes e que é a água o que as dessedenta a todas, a mesma água.





podemos deixar de apontar uma característica fundamental de um tipo especial de actos de ser e que é o dos actos de ser dotados, no acto de participação – que, recorde-se, não é pontual, mas perene, mantenedor – da capacidade de também eles serem produtores de outros actos de ser e, assim, participarem da capacidade matricial do acto matricial. Há actos de ser que quando criados passam a dispor da capacidade de produzir outros actos de ser. A transferência de riqueza ontológica assume, neste caso, mais um degrau uma vez que o ser posto no terceiro degrau, após o acto puro e o acto matricial, pode produzir um quarto grau de ser, pela sua actividade. No entanto, uma diferença fundamental há a assinalar, é que a produção neste quarto degrau é meramente pontual, ficando o produzido entregue a si mesmo. Mais correctamente, entregue à mesma actividade mantenedora que mantém tudo o resto. Nele perpassa, ainda, a actividade infinita do acto puro. Houve a possibilidade de existir um ponto de co-criação, depois a capacidade do co-criador de terceiro nível esgotou-se e teve de intervir a infinitamente presente actividade do acto puro, sem a qual nada é. Quer isto dizer que, apesar de haver outros actos de ser criados capazes de produzir actos de ser outros, essa capacidade não é autónoma, participa, ainda, da capacidade geral de criar e é pontual, pois não acompanha interiormente o acto de ser desse acto de ser por si criado. Este é sempre o papel do acto matricial. Quando um acto de ser criado afeiçoa a realidade de modo a produzir um outro acto de ser, limita-se a fazer inflectir uma série participativa, não a cria, desvia-a. Dado este toque pontual ou série de toques pontuais, é impotente perante a infinitude de acontecimentos que desencadeou e que se repercutem no todo do conjunto dos actos de ser. As repercussões são infinitas e sem horizonte assinalável. Só o acto puro, infinito, pode compreender o desenvolvimento infinito provocado. Neste sentido, poder-se-á falar de uma causa? Sim, se se considerar a interferência na série como algo de isolado, tão isolado que um qualquer toque abre um infinito de diferença só por ter existido.





Não, se se perceber que ainda este toque faz parte de um infinito que, como tal, é incausado, porque incausável, uma vez que não há propriamente causa para um efeito infinito, a não ser o próprio infinito, o que nada esclarece. Como é fácil de adivinhar, aparecerão problemas difíceis quando se tratar da acção do acto de ser humano – este especial acto de ser aqui em causa –, ao nível da sua inserção neste infinito e da pertinência com que é feita, nomeadamente ao nível da liberdade, assuntos que abordaremos na terceira parte deste trabalho.

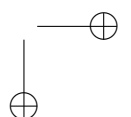
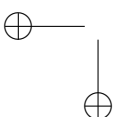
3.3 O acto é a pura acção auto-suficiente

Mas o agente não é anterior ao acto, uma vez que é o acto que faz dele um agente e que nunca se conseguirá compreender como é que o acto poderia sair de um termo que fosse estranho ao próprio acto, isto é, como é que não se engendraria a si mesmo.¹⁴⁴

Antes de reflectirmos acerca da relação operatória entre o acto e o ser, vamos investigar qual é a essência própria do acto e qual é o seu estatuto ontológico, a saber: é um mero postulado, artificial, tentativa engenhosa, mas vazia de explicar o porquê das coisas ou é algo de necessário à boa compreensão da realidade, porque traduz na linguagem, que é a nossa, algo que se encontra presente nisto que é o todo do real onde nos sentimos/sabemos imersos?¹⁴⁵

¹⁴⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 69: *Mais l'agent n'est pas antérieur à l'acte, puisque c'est l'acte qui fait de lui un agent et qu'on ne réussira jamais à comprendre comment l'acte pourrait sortir d'un terme qui serait étranger à l'acte même, c'est-à-dire comment il ne s'engendrerait pas lui-même.*

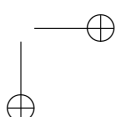
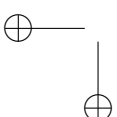
¹⁴⁵Isto é, trata-se de mais um postulado artificioso, que se limita a dar um nome e uma explicação convenientes e bem-sonantes, nada de novo ou de essencial acrescentando à compreensão da realidade, ou trata-se da descoberta de uma necessidade metafísica, a qual não só funciona como uma mera consolação gnosiológica, mas explica o funcionamento radical e a radical raiz da realidade?





Tange-se, neste ponto, a questão fundamental: porquê e como o ser e não o nada? Dita assim, a questão é, ainda, demasiado abstracta e conta, já, com demasiados pressupostos. Melhor será interrogar: *porquê algo, como é possível algo?*; ou, ainda, *o que é isto?* – questão que levada às suas últimas consequências deixa de ser uma questão de facto e de ciência, para passar a ser uma questão de direito, de metafísico direito, se se nos permite a expressão. É interessante verificar neste ponto em que nos interrogamos acerca do fundamento da realidade, tentando perceber se o acto cumpre os requisitos para o ser, que qualquer questão que se possa pôr acerca de algo, se levada às últimas consequências, conduz sempre aos limites da questão metafísica, uma vez que a inteligência capaz do ser descobre sempre uma nova e mais profunda questão a pôr perante a última resposta dada. Cada nova pergunta e cada nova resposta descobrem um novo limite mais largo no horizonte do real, até aí insuspeitado, e que se passa a suspeitar e a querer investigar. A marcha da inteligência, parta ela de onde partir, tem uma dinâmica potencialmente infinita e sem assíptota ou com esta coincidindo com o próprio infinito. Só este pode, ou melhor, poderia, dar cabal satisfação à busca do fundamento último da realidade, pelo que o acto terá de ser infinito se houver de merecer o título de fundamento do real, *disto*.

É já muito antiga a consciência de que de nada serve ir em busca de um primeiro termo para uma sequência de seres – e de causas e efeitos –: a sequência é, em si, infinita e a busca, porque infinita também, absurda, pois nunca atingirá princípio algum, ou, o mesmo será dizer, não há qualquer primeiro termo para a sequência. Aquilo que é chamado de “primeiro termo” está sempre fora da sequência, e só assim pode ser primeiro, isto é, não ter outro, antes de si, “mais primeiro”, ainda: assim o primeiro motor aristotélico, por exemplo. Não é, portanto, na perseguição do primeiro termo de uma série infindável que se pode encontrar o fundamento inabalável para a resposta ao porquê de haver algo.





Na pura seriação, não há termos diferentes quanto à natureza nem possibilidade de os haver, uma vez que a natureza de cada um é dada pela pertença à série, o que é algo de necessariamente comum, idêntico. Ser diferente, implica não pertencer àquela série, mas a outra ou ser um elemento isolado. Assim, nunca em série alguma se poderá encontrar um elemento que sirva de ponto de apoio absoluto e primeiríssimo aos outros. Aquilo em que a série se apoia está fora da série, é o que lhe dá a lei e a natureza. A série é o mero desenvolvimento mecânico dessa lei. Significa isto que o que quer que produziu a série está *fora* da série, é de uma outra natureza.¹⁴⁶

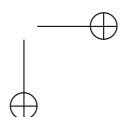
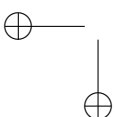
Não é, pois, numa série de seres, em que uns sejam causa e outros consequência e, assim sucessivamente, que se poderá encontrar o que explica o haver essa mesma série. Tem de ser em algo cuja explicação se possa encerrar em si próprio e que, portanto, não necessite de uma remissão, qualquer que seja, para algo exterior, o que, imediatamente, iniciaria uma nova série infinita e traria de volta o absurdo em vez da compreensão.

Mas em que consistiria este agente antes de começar a agir?¹⁴⁷

O que quer que seja – qualquer termo, qualquer ser, só pode explicar-se e a sua existência só pode compreender-se, se se considerar como produto de uma qualquer actividade. Vimos já que todos os seres, com excepção de um, podem ser explicados por uma actividade heterogénea que os produz. Só esse ser especial que, para ser o primeiro, não pode ser hetero-produzido, não pode ter uma tal explicação. Tem, pois, de ser ele mesmo a fonte da sua produção, mas, para isso, tem de ser ele mesmo o próprio agente,

¹⁴⁶Pode-se perguntar, agora, se não pertence a uma outra série infinita, e assim, sucessiva e infinitamente. Mas, se assim fosse, o problema não mudaria de qualidade, apenas se complicaria infinitamente – a busca do princípio continuaria, pois nenhuma série infinita ou infinidade de séries infinitas pode explicar por si só, como apareceu (pelo menos para uma mente finita).

¹⁴⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 65: *Mais en quoi consisterait cet agent, avant de commencer à agir?*

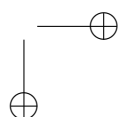
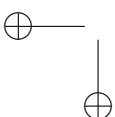




numa constante auto-agência, auto-produção de si mesmo. Ora, não podendo essa acção provir de fora de si nem podendo haver nele seja o que for de hetero-produzido, todo ele tem de ser actividade, pura actividade, puro acto, contínuo e eterno, sem princípio – seria heterógeno – e sem fim – uma vez que a sua pura acção não pode deixar de o ser.¹⁴⁸

Vejamus de outro modo. Chama-se *acto* a isso que é a pura actividade, acção, produção efectiva de ser, qualquer que seja, a qualquer nível, e que justifica a existência contínua de tudo. É isso que, parando, tudo cessaria, em todos os aspectos e domínios: seria, aqui sim, o nada. Voltando ao mecanismo da série, podemos verificar que o desaparecimento de um único passo da série acarretaria o desaparecimento de todo o restante da série, quer se entenda esta linearmente quer esfericamente. No primeiro caso, a ausência de um ponto de passagem $n+1$ levaria a que não pudesse haver trânsito de n a $n+2$, pelo que o $n+2$ nunca poderia existir e não existindo o $n+2$ nenhum dos possíveis futuros $n+n$; no segundo caso, como as referências são mutuamente infinitas, basta a ausência de uma delas para que a todo o “restante” infinito falte uma referência infinita, necessariamente constitutiva desse infinito, o que é manifestamente impossível – não há como diminuir o infinito. Nos dois casos, se fosse possível elidir um elemento, seria a totalidade do universo a ser negada e a consequente e imediata passagem ao nada. O movimento tem esta espantosa característica (seja físico ou metafísico): não pode parar, uma vez que tentar pará-lo é movimento e não há coisa alguma parada desde que algo

¹⁴⁸A “ordem” para parar seria ainda actividade, acto, e teria de provir de uma qualquer fonte de actividade – sempre fruto da actividade primeira – eterna: a actividade só pode ser parada por um acto, um outro acto. Cada vez que a actividade tentasse parar-se actuaria e teria de tentar de novo, infinitamente. Quer isto dizer que desde que haja um primeiro acto, é impossível que não venha a haver uma infinidade deles. A realidade mais não é do que essa infinidade de actos que se seguiram ao primeiro. Primeiro que, como tal, não existe. É o eterno primeiro ou o infinitamente primeiro ou o desde sempre primeiro.

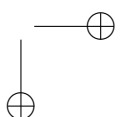
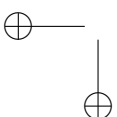




se movimentou “algures”. *O movimento gera o infinito e este não é parável.* Por outro lado “antes” de haver movimento, nada senão o movimento poderia iniciar o movimento, pelo que este tem de ser eterno, sob pena de nunca poder ter começado. A grande questão – que nos ultrapassa e nos ultrapassará sempre (somos finitos) – é a questão do infinito, essencialmente movimento, desenvoltura metafísica, acto. Questão sem resposta.

O acto ou o nada. É esta a grande opção. A alternativa ao acto é o nada. Neste ambiente metafísico, nem há a útil hipótese de se fazer referência a um não-ser como contrapartida do ser. Um não-ser que, de tão denso, é apenas um caso limite do ser. O ser *não ser*. A sombra vazia, mas presente da estátua do ser. Com o acto, e devido à sua incontornável essência de movimento, a qual pode unicamente explicar o porquê de haver algo, a alternativa não é uma sombra ainda densa, é *o não movimento absoluto*, o nada. Não há um “não-acto”, que ainda é acto, mas pelo “lado do não”. Não haver acto é não haver coisa alguma, desde sempre e para sempre. O acto, pela sua negação, força-nos a encarar o nada como um absoluto, limite de pura ausência ultrapassado: é mesmo a pura ausência, não uma ausência relativa, um *nada de*. Não. É um nada de coisa nenhuma, de nada. Um nada onde falham todas as metáforas: não é nem frio nem escuro nem vazio, uma vez que tudo isto é algo, ainda. É a absoluta ausência seja do que for, eternamente. Acto de nada, potência de coisa nenhuma. *Absoluta ausência*.

O pensamento do nada é contraditório, pois este pensamento que o põe é ele mesmo um ser. Mas, se é absurdo imaginar que possamos pôr o nada de um modo absoluto, ao menos podemos pôr o nada do nosso ser individual e, por exemplo, representarmos um mundo do qual estaríamos ausentes, como o mundo que precedeu o nosso nascimento ou que seguirá a nossa morte. É que o pensamento, do qual participo, é um pensamento que me ultrapassa, que traz em si a universalidade, e pelo qual me posso pensar a mim mesmo como um objecto presente ou ausente, sem que ele





sofra qualquer alteração, a não ser na operação pela qual dele participo. O pensamento do nada não faz sentido senão em relação a mim.¹⁴⁹

O acto, isso sem o qual a forma não seria formada (mesmo a da matéria!),¹⁵⁰ isso sem o qual nem a contraposição com o nada poderia ser feita, uma vez que o nada é a antítese imaginada disso que o acto é.

3.4 O acto é a essência operativa do ser

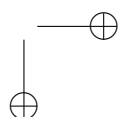
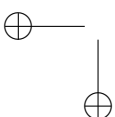
O acto não é de modo algum uma operação que se acrescenta ao ser, mas a sua própria essência.¹⁵¹

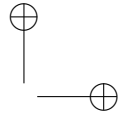
Apurada a essência do acto como aquilo que constitui o movimento que *sustenta o que é* e contraria eternamente a negação desse

¹⁴⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 62: *La pensée du néant est contradictoire puisque cette pensée qui le pose est elle-même un être. Mais s'il est absurde d'imaginer que nous puissions poser le néant d'une manière absolue, du moins pouvons-nous poser le néant de notre être individuel et, par exemple, nous représenter un monde dont nous serions absent, comme le monde qui a précédé notre naissance ou qui suivra notre mort. C'est que la pensée à laquelle je participe est une pensée qui me dépasse, qui porte en elle l'universalité et par laquelle je puis me penser moi-même comme un objet présent ou absent, sans qu'elle subisse aucune altération, sinon dans l'opération par laquelle j'y participe. La pensée du néant n'a donc de sens que par rapport à moi.*

¹⁵⁰A capacidade de explicação do acto é de tal modo extraordinária, a sua compreensibilidade infinita, o que permite dar razão da própria matéria como ser. É que não faz sentido que possa haver referência sem ser a que se refira, por mais ténue que esse ser possa parecer ser. A matéria, mesmo que entendida no limite mínimo de pura capacidade, receptáculo de formas, tem um ser que é esse mesmo de ser puro receptáculo de formas. Esse ser depende em tudo, como os demais, nas demais categorias, do acto que nele opera. Sem este não haveria formas, mas também não haveria essa forma especial que é a forma da matéria.

¹⁵¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 65: *L'acte n'est point une opération qui s'ajoute à l'être, mais son essence même.*





movimento, o nada, vamos, agora, inquirir da funcionalidade do acto relativamente ao ser, na intimidade de cada acto de ser. O acto é a essência operativa do ser, uma vez que tudo o que se encontra no ser é fruto da operação do acto, da sua eficácia, definindo-se o acto exactamente como *a pura eficácia produtora que cria o ser*. O acto é, pois, na linguagem de Lavelle, a intimidade do ser¹⁵² e este é a face visível do acto.¹⁵³ Deste modo, o ser é sempre um *derivado* do acto, tendo este sobre aquele a preeminência ontológica.¹⁵⁴

Rigorosamente, o acto não é a essência operativa do ser, é este que é uma determinação da operatividade e da operação do acto nele. Se a realidade que nos é dada nos aparece como um conjunto de seres, estes remetem-nos para a essência criadora do que cada um é, para o movimento contínuo e eterno, que não só não nega o ser, mas o cria, permanentemente. *O acto é movimento criador*. O acto é o movimento criador. É este movimento criador que, ao mover-se, ao actuar, cria, se cria e, ao criar-se, cria a sua parte visível:¹⁵⁵ o ser.

Assim sendo, quando lidamos com um acto que não é mais do que acto, estranho a toda a limitação e a toda a passividade, qual poderia ser o suporte que se reclama? Não há lugar algum para supor aqui um agente anterior a esse mesmo acto e que contivesse a sua possibilidade. É o acto, pelo contrário, que faz o agente.¹⁵⁶

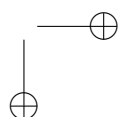
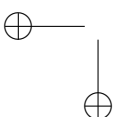
¹⁵²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 67.

¹⁵³Daqui decorre, necessariamente, que o acto é a entidade metafísica, o correlato da pura inteligência, de uma inteligência capaz do acto, da sua dimensão, da sua omnidimensionalidade, da sua infinitude: uma inteligência infinita em acto. Numa ciência puramente noética, metafísica, há lugar apenas para esta inteligência. A inteligência capaz do ser é diferente, porque basta ser da mesma medida do ser de que é capaz para ser. Não necessita ser infinita.

¹⁵⁴Não esquecer, todavia, que só se acede ao acto pelo ser, pela sua parte manifesta na forma do ser. Tem, pois, o ser a preeminência gnosiológica sobre o acto.

¹⁵⁵Visível, isto é, acessível a uma inteligência presente e capaz de o intuir.

¹⁵⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 70: *Dès lors, quand nous avons affaire à un acte qui n'est qu'acte, étranger à toute limitation et à toute passivité, en quoi*





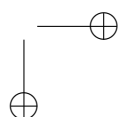
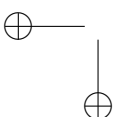
A realidade é uma infinita e infinitesimal auto-criação do acto, numa infinitude de actos de ser, que, sendo diferenciados, são, ao mesmo tempo, pela participação, o acto diferenciado, a diferenciação do acto. A realidade é, pois, a perene diferenciação do acto puro, através da actividade produtora do acto matricial, a sua imprincipiada, contínua e incessante agência auto-produtora, na omni-diferenciação, na omni-presentificação, sempre mantendo a unidade radical de toda a criação, pela comunhão participativa operada pelo acto matricial no e a partir do acto puro, infinita reserva de toda a riqueza possível de possíveis seres.

Ora, nós propomo-nos mostrar que é no acto que o ser nos descobre a sua própria interioridade, que não se censurará de modo algum ao acto, como se faz ao ser, ser uma pura denominação abstracta comum a tudo o que é, e que este acto, pondo-se, se justifica, e que, ao descrever as condições mesmas do seu exercício, obrigamo-nos a reencontrar todas as limitações e todas as determinações que constituem para nós a riqueza do mundo, todas as formas de participação, sem cessar oferecidas, pelas quais todos os seres vivos, todos os seres pensantes constituem sem cessar a sua natureza e o seu destino.¹⁵⁷

A essência deixa, pois, de ser considerada como algo de fixo e parado, embora mantenha o carácter de permanência, se bem que o que permanece não seja algo de permanentemente indiferenci-

pourrait consister le support que l'on réclame? Il n'y a point lieu de supposer ici un agent antérieur à cet acte même et qui en contiendrait la possibilité. C'est l'acte au contraire qui fait l'agent.

¹⁵⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 71: *Or nous nous proposons de montrer que c'est dans l'acte que l'être nous découvre sa propre intériorité, que l'on ne reprochera point à l'acte, comme on le fait à l'être, d'être une pure dénomination abstraite commune à tout ce qui est, que cet acte en se posant se justifie, et qu'en décrivant les conditions mêmes de son exercice nous nous obligeons à retrouver toutes les limitations et toutes les déterminations qui constituent pour nous la richesse du monde, toutes les formes de participation sans cesse offertes par lesquelles tous les êtres vivants, tous les êtres pensants, constituent sans cesse leur nature et leur destinée.*

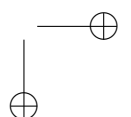
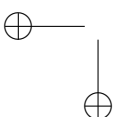




ado, mas a permanente diferenciação, o perene movimento criador. É uma essência energética, auto e hetero-portante, sustentadora e mantenedora do ser. Movimento que cria forma. Estrutura metafísica que une delicadamente os diversos momentos e passos que, integrados e interactivos, dão o volume ontológico a cada ser e ao conjunto total dos seres. A essência é mesmo a operatividade, a permanente actualidade, o ininterrupto acto erector da realidade. A essência do acto, a essência da constituição e da constitutividade do ser é a operatividade, o movimento criador, a criação em movimento, a ininterrupta, eterna e infinita obra criadora. A essência do acto – a essência do ser que se lhe segue – é o movimento. Movimento que não tem como fim (*telos*) uma paragem (já vimos o que isso significaria), mas um eterno movimento; *movimento que é fim de si mesmo*, num movimento ainda superior e mais vasto, num infinito que se infinitiza, criando-se, indo-se em busca, desdobrando-se, explodindo – implodindo – em infinitudes de riqueza. *Essência móvel*. Mobilidade essente. Infinito que se caminha e se encaminha, que se é e que se sendo, é tudo. Movimento que é.

3.5 5. O acto é, para si mesmo, o seu próprio começo e o seu próprio fim; o ser é tudo o que há no intervalo

Mas nós sabemos, pelo contrário, que nada mais há para além do acto, no momento em que se realiza, que seja totalmente interior a si mesmo; é ele que constitui a realidade mesma da essência, e querer reportar o acto a um suporte que dele difere é fundar a interioridade sobre a exterioridade, o que é a pretensão não da metafísica, mas do materialismo. Do mesmo modo que o acto não tem suporte, não tem efeito. Pois os efeitos limitam-no e mostramos não a sua potência nem a sua eficácia, mas o ponto onde se



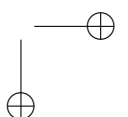
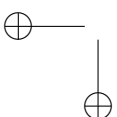


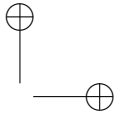
detém e onde, por assim dizer, vem morrer. Em todo o efeito, o acto tornou-se coisa, destacou-se de mim para se tornar visível aos olhos de outrem e aos meus próprios olhos.¹⁵⁸

Relativamente ao par movimento/não movimento, facilmente se intui que se está perante um binómio de absolutos extremos: ou há movimento ou não há movimento, não é possível um meio termo, uma vez que negar qualquer um dos membros implica, necessariamente, afirmar o outro. O não-não-movimento é sempre movimento.¹⁵⁹ Fundamental é, também, perceber-se que a negação do movimento é, ainda, movimento, sendo, pois, a negação do movimento um estranho ser mental, o qual só se afirma auto-contraditoriamente, não tendo, por isso, outro estatuto ontológico possível que não o de mero pseudo-conceito-limite, por contraposição imagética ao conceito de movimento, e de valor meramente gnosiológico e, ainda assim, de carácter tão só apofático, pois que mais do que dizer algo sobre a realidade, apenas se limita a servir de índice do que a realidade não é, do que sobre ela não pode ser dito, do limite quer do real quer da linguagem que tenta penetrá-lo e dizê-lo. O não-movimento é o impenetrável, impensável e indizível, e não porque seja apenas inalcançável, mas porque *não é*, uma

¹⁵⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 68: *Mais nous savons au contraire qu'il n'y a que l'acte, au moment où il s'accomplit, qui soit tout entier intérieur à soi; c'est lui qui constitue la réalité même de l'essence, et vouloir rapporter l'acte à un support qui en diffère, c'est fonder l'intériorité sur l'extériorité, ce qui est la prétention non pas de la métaphysique, mais du matérialisme. De même que l'acte n'a pas de support, il n'a pas d'effet. Car les effets le limitent et ils nous montrent non point sa puissance ni son efficacité, mais le point où il s'arrête et où pour ainsi dire il vient mourir. Dans tout effet, l'acte est devenu chose, il s'est détaché de moi pour se rendre visible aux yeux d'autrui et à mes propres yeux.*

¹⁵⁹Volta a encontrar-se a mesma perplexidade com que se deparou ao tratar da relação entre o ser e o nada. Aqui, a questão tem como diferença ser mais profunda, neste contexto, uma vez que o ser é fruto da actividade, do movimento do acto. A ausência absoluta é absurda perante a presença de algo, perante a *presença*.





vez que para se ser se necessita de se ser em acto, isto é, tem de haver um qualquer movimento ontológico que constitua e suporte esse estar sendo o que é. *A absoluta ausência de movimento é a absoluta ausência de ser.*

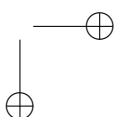
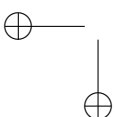
Ora, a essência do acto – aqui no seu sentido mais geral de puro acto¹⁶⁰ – é o movimento, o movimento absoluto, *o absoluto do movimento*. Sendo assim, e não se podendo negar o movimento, e, por isso, não se lhe podendo apontar uma qualquer origem definida,¹⁶¹ conclui-se que aquele não teve origem, ou, se se preferir, que o acto é a origem de si mesmo, desde sempre, melhor, desde que há acto,¹⁶² desde que há o que há, desde que há algo e desde que há algo é tudo e é sempre.

Considerações paralelas se podem tecer relativamente à questão do fim, quer este seja entendido como termo cronológico quer como finalidade teleológica. Cronologicamente, o fim do acto significaria um acto final, como termo de uma sequência linearizada e vectorializada, em que a distinção entre um antes e um depois fosse nítida, em que a sequência das implicações seguisse apenas um vector-sentido e fosse possível, de algum modo, identificar esse vector-sentido com o próprio tempo, o acto final, o *último* acto, o ponto final do vector-sentido; e um último acto que seria o desa-

¹⁶⁰Isto é, da entidade metafísica que funda, pelo próprio movimento agente, toda a restante realidade, todos os outros actos, os actos de ser particulares – os quais são a essência de *todos* os seres.

¹⁶¹Antes da qual não haveria movimento: o que não faria, de todo, sentido, uma vez que a origem teria de ser fruto de um qualquer movimento. Negar o movimento implica que nunca tenha havido movimento algum, o que é absurdo. Não o podendo negar, afirma-se, necessariamente a sua absoluta ausência de origem primeira definida, uma vez que uma origem primeira definida implicaria uma anterioridade definitória que ou é, ainda, movimento ou é coisa nenhuma, isto é, nada.

¹⁶²E desde que há acto é tudo. Não se pode sequer perguntar o que havia antes, pois não há antes, como vimos quando tratámos do tempo. É mesmo muito estranho que se possa perguntar isto ou que se possa referir um absoluto não-movimento ou referir o nada.





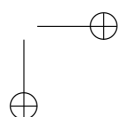
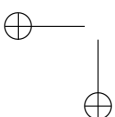
parecimento de qualquer acto,¹⁶³ o ponto sem ponto seguinte, um ponto perante o abismo de coisa nenhuma, perante o nada. Como já se viu anteriormente, esse acto seria antes de mais um acto, um outro acto, e, portanto, *mais um acto*. Sendo mais um acto necessitaria de um outro que fosse, esse outro, o último. Mas este teria o mesmo estatuto de mais um acto e, por sua vez, necessitaria de um outro que fosse o último, e assim sucessiva e infinitamente. Não há, portanto, um fim para o acto que não se dê no seio do próprio acto, dentro dos limites que cria, incluindo os cronológicos, isto é, mais uma vez se descobre que o tempo é interior ao acto e tem como limites os limites do mesmo acto. O tempo é um acto de actos interior ao acto. É um entreacto. Inter-acto e intra-acto. Não é o vector do acto, é a sua medida, a sua escala.

Em termos teleológicos, não se problematiza o desaparecimento do acto, mas a sua eventual finalização ou acabamento numa qualquer perfeição final.¹⁶⁴ Ora, um acto finalizado, se possível, seria, ainda, um acto, isto é, manteria a sua essência de actividade, de agência, as suas funções produtivas e produtoras e, assim, não seria algo de acabado, mas algo de, ainda e sempre, em movimento, permanente criação. Só seria perfeito, no sentido de acabado, se não fosse acto, isto é, se não tivesse essas funções. Para não ser acto teria de não ser coisa alguma, uma vez que a alternativa a um acto ou é outro acto ou é, por absurdo, o nada. O eventual acabamento do acto seria idêntico à sua finalização cronológica absoluta, um último intervalo para o nada, seria não um acabamento, mas um desaparecimento absoluto, o que como já se viu abundantemente, não é possível. Relativamente à relação entre o acto e o seu fim, diz Lavelle: *o acto é, para si mesmo, o próprio fim*,¹⁶⁵ isto é, toda a actividade produtora/criadora, em permanência, do acto visa o

¹⁶³E, com ele, do tempo.

¹⁶⁴Esta perfeição final implicaria, imediata, automática e necessariamente, que o acto não fosse infinito.

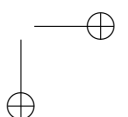
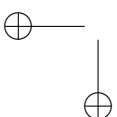
¹⁶⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 15.





enriquecimento do próprio acto, funcionando este como a teleologia de si mesmo, o *telos* próprio de toda a sua infinita criatividade e criação. A tendência do acto não é, assim, para algo fora de si, para um efeito transcendente ou conjunto de efeitos transcendentos, mas para a infinita concretização da sua riqueza própria, servindo cada fim particular da sua actividade como instrumento da perene actividade, instrumento a superar, numa caminhada sem fim em direcção à infinita plenitude actual, ao infinito presente. Há, no entanto, que ressaltar o inelutável carácter de transcendência de qualquer modificação no estatuto ontológico anterior: a introdução da diferença é transcendente, ou, pelo menos, transcensora, isto é, a diferença transcende sempre aquilo relativamente ao qual é diferente e a introdução da diferença cria um novo ser, como tal diferente do anterior. Mas esta transcendência, embora absoluta enquanto diferença, não é nem uma diferença absoluta nem a absoluta diferença, antes se inscreve na actividade criadora do acto, que é sempre o mesmo acto que cria novos actos de ser, os quais se transcendem enquanto actos diferentes, mas que não transcendem a esfera criadora do acto que os cria, que os cria sempre no âmbito dessa esfera, infinita, plena, intransponível, intranscendível: o infinito transcende-se para dentro de si mesmo, “alarga-se” para dentro, intensificando-se. A transcensão é, pois, interior ao próprio acto – este é sempre o seu próprio e mesmo fim, infinitamente.

A questão complica-se ainda um pouco mais, quando se percebe que não há modo de o acto deixar de o ser, uma vez que, qualquer acto que levasse à cessação do acto seria, ainda, acto e acrescentaria acto ao acto, não podendo terminá-lo, antes o enriquecendo. Dir-se-á que esta era uma iniciativa interna do acto e, portanto, auto contraditória, logo, um suicídio falhado, pelo que, aparentemente, a boa solução é que o acto terminal venha de fora e, assim, já não há auto-contradição. Também este argumento não serve, uma vez que, necessariamente, postula uma outra fonte de actos, isto é, postula um outro acto e obriga a postular um outro que





seja fonte dos dois primeiros, e assim sucessiva e infinitamente, o que, sendo absurdo, reforça ainda mais o carácter inamissível do acto, uma vez posto. É esta inamissibilidade que constitui o ponto de apoio quer do todo da realidade quer da busca do sentido da realidade. Constitui também o limite da busca para a inteligência, inteligência esta que utilizamos e que é finita; não pode ir mais além porque não pode passar além da realidade da qual é capaz.

Deparamos, aqui, com o grande mistério do ser, que é o haver ser, ou, na linguagem de Lavelle, haver *acto*. A sua natureza é tal que, uma vez posto – em termos noéticos, uma vez intuído e intuída a sua natureza – não é possível removê-lo sem que, com essa remoção se remova tudo, incluindo a inteligência que promove a remoção, que tentava promover a remoção.¹⁶⁶ Negar esta inamissibilidade implica, necessariamente, negar-nos, não só no que em nós há de ilusão,¹⁶⁷ mas na nossa dimensão total, o que repugna à nossa inteligência.¹⁶⁸

Entre o começo que não teve e o fim que nunca terá, desenvolve-se o acto e esse desenvolvimento é a produção do que para a inteligência presente é o ser. O ser é, pois, o que preenche o intervalo ontológico e gnosiológico que há entre o princípio e o fim do acto, isto é, toda a eternidade, como veremos a seguir.

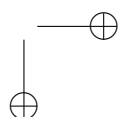
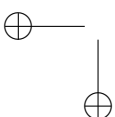
3.6 5. O acto não tem efeito, o acto é efeito de si mesmo

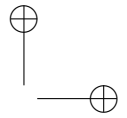
É diminuir duplamente o valor do acto querer que seja subordinado concomitantemente ao agente que o produz e ao fim que realiza:

¹⁶⁶Não vamos entrar, aqui, nessa discussão, mas é este o fundamento do famoso argumento anselmiano.

¹⁶⁷As ilusões são actos: actos de ilusão, não actos ilusórios.

¹⁶⁸E é com ela que temos de conviver, não com uma bestial ou uma angélica.





uma vez que é através dele que o agente se torna agente e que o fim para o qual tende nada mais é do que o seu fenómeno.¹⁶⁹

O acto não tem efeito – afirmação abstracta; o acto não tem efeito – afirmação concreta. Numa primeira abordagem, estas afirmações parecem inaceitáveis: então, não é bem patente que o acto produz efeito e que este efeito é, concretamente, o conjunto dos efeitos que são os diversos actos de ser particulares? Então o ser e os seres não são efeito do acto?

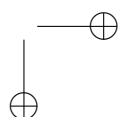
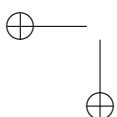
Não. Para bem compreender a originalidade do pensamento de Lavelle sobre esta matéria, há que perceber que nele nunca há, no que toca à relação entre o acto e o ser, o estabelecimento de uma causalidade, a qual separa mais do que une.¹⁷⁰ O que há é uma transcorrência¹⁷¹ do acto, no sentido puro geral, pelos diversos actos de ser, os quais, por sua vez, constituem a essência motriz própria de cada ser. Não se trata, pois, de um pontilhado sucessivo¹⁷² de actos causadores, para diante, no tempo, e causados, para trás, no tempo, mas de um movimento transcorrente de *explicitação* da absoluta e infinita riqueza ontológica do acto puro, que se revela em cada um e todos os actos de ser. Esta transcorrência é promovida pelo acto puro matricial, o qual procede à efectivação da ac-

¹⁶⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 69: *C'est doublement diminuer la valeur de l'acte de vouloir qu'il soit subordonné à la fois à l'agent qui le produit et à la fin qu'il réalise: puisque c'est par lui que l'agent devient agent et que la fin vers laquelle il tend n'est rien de plus que son phénomène.*

¹⁷⁰Quando se diz que A é causa de B, afirma-se, imediatamente, que A e B são distintos, abrindo um fosso ontológico entre ambos, que, depois, se quer preencher, dizendo que o que os une é a relação de causalidade, quando, na realidade, foi ela que os desuniu. Veremos que, para Lavelle, não há causa, há participação, forma essencialmente diversa da causalidade, não partitiva, mas unitiva.

¹⁷¹Chamamos, agora, assim à participação, pela sugestão, bastante exacta, aliás, que dá da transcorrente intimidade do acto relativamente a todos os actos de ser e, conseqüentemente, a todos os seres.

¹⁷²Lembra-se que um qualquer conjunto de pontos só não é caótico se pertencer a uma qualquer linha – a linha, aqui, é a transcorrência.





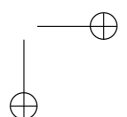
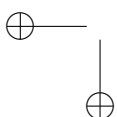
tividade participadora, transpondo a riqueza ontológica¹⁷³ do seio do acto puro para cada um e todos os actos de ser particulares. Em termos da estrutura da realidade, há o acto puro que, à medida que vai sendo participado pela actividade produtora do acto puro matricial, à medida que vai, mediatizadamente, actuando, não produz seres exteriores a si – efeitos –, mas intensifica a sua compreensibilidade:¹⁷⁴ de algum modo, cresce ou desenvolve-se “para dentro”, uma vez que, como vimos, não há exterior ao acto, há é um interior diferenciado, uma tradução infinitamente diferenciada da riqueza ontológica do acto puro.¹⁷⁵

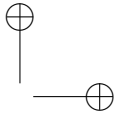
A utilizar-se o termo *efeito*, ter-se-ia de dizer que o acto é efeito de si mesmo. Em cada instante, o efeito do acto é o acto em acto, em acção. O efeito não é aquilo em que o acto pára e onde, como

¹⁷³É claro que o termo *ontológica* referido à riqueza infinita contida no acto puro não é adequado, o ontológico, o plano do ontológico aparece só quando aparece o fruto dos actos de ser, sob a forma de seres, e perante uma inteligência capaz de os inteligir. No entanto, não conhecemos outro termo que vantajosamente substitua este. O que está “para além” do acto de ser de cada ser não é referenciável estritamente, mas como nos decidimos por uma via não apofática, há que ensaiar o sentido e isso só se consegue usando o instrumento, único, de que dispomos e que é a linguagem, em alargamento, felizmente.

¹⁷⁴No sentido do que compreende em termos da sua riqueza explícita, do que explicita sob a forma de ser relativamente a uma inteligência capaz de inteligir essa explicitação.

¹⁷⁵Trata-se, também, do crescimento compreensivo do infinito. O infinito – o acto é o infinito – só pode “crescer” para “dentro”, isto é, o que se altera não é a infinitude da riqueza ontológica, mas sim o modo como essa riqueza aparece. Um infinito que se desdobra caleidoscopicamente, porque é essencialmente uma riqueza infinitamente plena, capaz de ser perspectivada de infinitos pontos e de infinitos modos, dos quais esta inteligência é apenas um. (O acto puro pode muito bem mostrar-se de outros modos para outras formas de inteligência, totalmente irreferenciáveis para nós). É claro que este desdobramento implica algo que o perspective, esse algo ainda é parte do mesmo infinito: a consciência do infinito, a infinita consciência, co-extensiva à riqueza ontológica do ser. O acto puro é a consciência de si mesmo e nele a consciência é a criação e esta é aquela. Absoluta unidade.



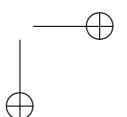
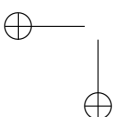


diz Lavelle, vem morrer,¹⁷⁶ mas a tradução compreensiva da sua perene acção criadora. De qualquer modo, não se retiraria a sugestão de exterioridade que o termo efeito tem e muito menos a inevitável alusão a uma qualquer causa sua. Como vimos, ambas estas alternativas repugnam à caracterização do acto, pelo que é de não ceder a utilizar o termo *efeito*.

Esta coincidência do acto com a sua tradução/explicitação em actos de ser não quer, todavia, dizer que estes sejam indiscerníveis daquele. Estamos perante duas facetas do acto: a sua faceta pura que pela actividade matricial, produtora, omni-criadora, infinitamente produz actos de ser, e a sua faceta filial, explícita, criada, produzida, os actos de ser. Ora, nem cada acto de ser particular¹⁷⁷ nem o conjunto total de todos os actos de ser particulares, já criados, em criação ou a criar, são o mesmo que o acto puro: este excede-os sempre, pois é ele que, perenemente, neles actua, para os manter em acto ou para os actualizar, isto é, mudar de modo de acto de ser. É esta incondicionada e ilimitada pura capacidade de actuar, de criar, que constitui a essência do acto puro, o seu in-delével e inatingível excesso. É, pois, este sempre transbordante excesso que distingue em absoluto (infinitamente) o acto puro dos actos de ser particulares e do seu conjunto total. Nunca pode haver qualquer identificação entre estes e aquele, não pode haver um qualquer panteísmo: *a essência do divino está no excesso criador; este transcende sempre o universo do criado.*

¹⁷⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 68.

¹⁷⁷Que só é porque é produto constante, constantemente mantido, do acto matricial.





3.7 O acto não tem suporte; o acto é o suporte de si mesmo

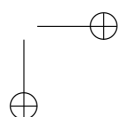
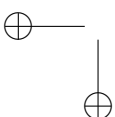
Ora, o acto, que põe todos os vínculos, não está subordinado a vínculo algum.¹⁷⁸

Se o acto é tudo, infinitamente tudo, que poderá ser o suporte do acto senão, ainda, um acto e este acto ser o próprio acto puro? Mas, que quer isto dizer? Estaremos perante mais um jogo de palavras, jogo interessante, mas assignificativo, porque às “palavras” nada corresponde fora da mera referência mental e imagética?

Tendo em consideração toda a reflexão já produzida nos pontos anteriores e as conclusões já alcançadas – positivas ou negativas –, vemos que, de novo, nos deparamos com a questão do fundamento da realidade quer a nível principal quer originário quer etiológico. A resposta que Lavelle nos dá funda princípio, origem e “causa” num fundamento único, o acto puro, o qual, pela sua essência de puro movimento infinito e infinitamente criador, a tudo dá a razão de ser – a tudo o resto e a si próprio. O acto puro é, pois, o fundamento, o suporte de si próprio, isto porque o suporte é a própria pura actividade que é a essência mesma do acto puro. Acto puro e suporte do acto puro são o mesmo. Não há um algo qualquer anterior ao acto puro, do qual este derive, pois essa derivação ainda é acto, como acto ainda seria o tal algo do qual o acto puro derivaria. Mesmo que estendêssemos a derivação ao infinito, facilmente se intuiria que o acto de derivação infinita implicaria um acto infinito e, assim, um infinito em acto e, por isso, apontaria para um movimento infinito, uma infinita actividade, isto é, nos levaria até ao acto puro.

Como vimos no ponto anterior, para onde quer que nos viremos, encontramos a omnipresença do acto e o único modo de evi-

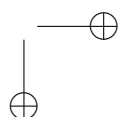
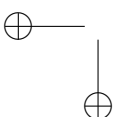
¹⁷⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 66: *Or l'acte qui pose tous les liens n'est subordonné lui-même à aucun.*





tar esse encontro é postular o nada.¹⁷⁹ Não é, pois, um jogo de palavras dizer que o acto puro é o suporte de si mesmo. Aqui a linguagem, mais uma vez, mais não faz do que tropeçar num novo limite do real e do seu possível entendimento para uma inteligência finita. Mais não faz do que expressar a importância de uma heurística que busca passar além do horizonte do já sabido e pereneamente depara com o mesmo horizonte, um pouco mais longínquo, apenas. Não é que o horizonte esteja em fuga ou a inteligência, pela sua mesma limitação, abrande a velocidade da busca, tão só o alargamento do horizonte dá um horizonte cada vez mais vasto. A busca do que suporta, mantém o acto é o ápice desta relação de tangência da inteligência relativamente ao horizonte: o suporte está sempre além, não além do horizonte, que o não tem, mas além do limite da inteligência, a qual vai descobrindo que, à medida que o horizonte se alarga, se alarga também o suporte e que este é o próprio horizonte, isto é, como dissemos atrás, a busca do suporte é infinita e é-o porque o suporte é o infinito que sustenta o infinito do acto, confunde-se com ele, é o mesmo, são o mesmo. *É esta sempre inacabada descoberta que a linguagem faz que a constitui.* O jogo está em adequar as “palavras” ao horizonte que se alarga e este àquelas. Jogo perdido, diga-se, uma vez que o acto, como infinito, joga sem regras, isto é, brinca, cria novidade, brincando.

¹⁷⁹É um mero jogo: postular o nada é deixar, pelo menos, um acto, o acto do nada enquanto posto. A única hipótese de não haver *isso que é o acto* é nunca ter havido *isso que é o acto*.





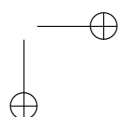
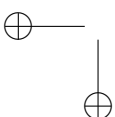
4 CAPÍTULO III

DA PARTICIPAÇÃO

Do Acto puro aos seres e dos seres ao Acto puro

4.1 Antes do caminho

Nos dois capítulos precedentes intentou-se perceber na sua essência – lógica e doutrinal – a relação entre o acto e o ser nas suas variadas valências e, pelo menos, nalgumas das suas mais relevantes consequências. Assim, e tendo sempre presente essa reflexão, como horizonte contextual fundamental, e nunca esquecendo que nesta filosofia a essência da busca se joga sempre num plano ontológico, que se sabe radicar num outro – metafísico –, vai-se agora proceder à discussão da fundante questão da participação – *relação entre o Acto e o ser*.





4.2 Que seres?

4.2.1 *O acto-de-ser-humano*¹⁸⁰

Os filósofos procuraram sempre saber qual o facto primitivo do qual todos os outros dependem. Mas o facto primitivo é eu não poder pôr o ser independentemente de mim, que o apreendo, nem poder pôr o eu independentemente do ser em que se inscreve. O único termo em presença do qual me encontro sempre, o único facto que é para mim primeiro e indubitável é a minha própria inserção no mundo.¹⁸¹

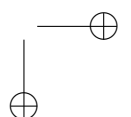
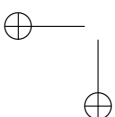
Este acto de ser especial aparece destacado, pois assume, na relação do Acto com o ser, com os seres, um papel não apenas eminente, mas fundamental e insubstituível. Como se verá ao longo deste terceiro capítulo, dedicado à questão da participação, o acto de ser humano, na sua estrutura cinética, é o ponto de convergência e o co-operador¹⁸² necessário da actividade criadora do Acto, a com-possibilidades¹⁸³ da criação do mundo e a sua efectiva participação nessa mesma criação. Antecipando a conclusão da discussão, afirmamos, desde já, que a criação do mundo passa ne-

¹⁸⁰“Acto-de-ser-humano” aparece aqui com as quatro palavras que constituem graficamente o símbolo ligadas por hífen; é assim que deve ser, mas, por razões de simplificação prática, passar-se-á a escrever sem hífen.

¹⁸¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p.10: *Les philosophes ont toujours cherché quel est le fait primitif dont tous les autres dépendent. Mais le fait primitif, c'est que je ne peux ni poser l'être indépendamment du moi qui le saisit, ni poser le moi indépendamment de l'être dans lequel il s'inscrit. Le seul terme en présence duquel je me retrouve toujours, le seul fait qui est pour moi premier et indubitable, c'est ma propre insertion dans le monde.*

¹⁸²Preferiu-se destacar o prefixo “co” de modo a fazer ressaltar quer a ancilaridade quer a relativa autonomia desta capacidade do acto de ser humano.

¹⁸³Utiliza-se o hífen porque interessa destacar o carácter especial desta possibilidade partilhada.

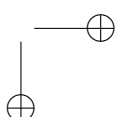
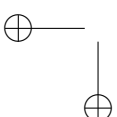


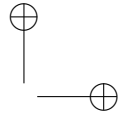


cessariamente pela colaboração do acto de ser humano, sem a qual a existência do mundo não faz sentido, pois de nada serve, isto é, não tem finalidade: o acto puro não cria um mundo para si, mas para o acto de ser humano e cria este para o mundo e no mundo das relações que, com ele, e, através dele, cria. O mundo e o acto de ser humano são correlatos interdependentes, pois o acto de ser do mundo depende do acto de ser humano e este não faz sentido sem um horizonte de existência onde possa ser – a seu modo – o criador de si mesmo e das relações que instituem o mundo.

Antes ainda de se iniciar a meditação sobre a participação, vista segundo a perspectiva do acto de ser humano, há que lembrar que o ser do mundo não se limita a uma presença especular na consciência do acto de ser humano, mas tem uma realidade própria de acto de ser, no modo do objecto, real, como tal, mas sempre relativo aos dois pólos que lhe servem de suporte extremo: o acto puro e a estrutura ontológica do acto de ser humano. Aprofundando um pouco mais, pode-se verificar que mesmo este segundo pólo suporte é, também ele, produto do acto puro, pelo que o mundo é, duplamente, produto do acto puro: directamente, pela acção matricial – que é o acto puro oferecendo-se à participação – e indirectamente, através da actividade de um ser já de si participante – o acto de ser humano. Assim, o mundo é, em última análise, uma tradução à dimensão do acto de ser humano, do acto puro. Uma, de entre infinitas possíveis: exactamente a adequada às dimensões ontológica e gnosiológica do acto de ser humano.

É este o grande, fundamental e incontornável papel do acto de ser humano: servir do *outro* pólo necessário à criação do mundo, *deste mundo*. Não de outro qualquer. Deste. Não se trata, pois, de uma fantasmagoria (dupla) em que o mundo fosse um sonho mental, dito consciente, no seio de uma qualquer mente efabuladora ou sujeita a alucinações. Não. Trata-se de, pela presença da inteligência capaz do acto matricial – a do acto de ser humano –, contribuir para dar *forma* à riqueza metafísica da possibilidade ontológica que



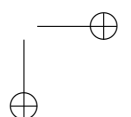
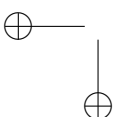


o Acto puro oferece à participação.

É o encontro do acto de ser humano, de cada um e de todos, com a face matricial do acto puro que gera o mundo. Sem este encontro (e este encontro é a participação), não haveria este mundo nem ser – *este* ser. A pura presença do acto puro é, sempre e só, de si para si mesmo: nada cria de estranho – é, é-se apenas, total e infinitamente. A presença de um ser finito – ainda que mero fruto de imaginação ou de alucinação –, implica sempre, como já foi dito atrás, algo de infinito que a suporte em acto, sob pena de nada haver. Assim, o ponto de fixação, o facto primitivo começa por ser *o haver algo*, este algo tem necessariamente de ser algo de infinito, sem qualquer solução de continuidade que o faça colapsar no nada. É deste infinito e neste infinito que se dá uma presença especial, o acto de ser humano, que, quando aparece, aparece concomitantemente com o restante do ser; aparecendo este concomitantemente com aquele. Eliminar um é eliminar o restante. Assim, o mundo (o restante, sob a forma relacional) aparece como o necessário correlato especular e ambiente do acto de ser humano e este aparece como o necessário espelho que se dá conta do haver mundo e mundo com ele mesmo incluído, no plano das relações inter-actuais, da partilha do sentido. O acto de ser humano é, pois, o necessário correlato do mundo. Não é o seu fundamento ou o seu suporte: este é o papel do acto puro.

4.2.2 *O ser do restante: o mundo*

O mundo é o necessário complemento do acto de ser humano: é o *seu* mundo, o mundo à sua dimensão; o acto de ser humano é o complemento necessário do mundo: *este* mundo é um mundo à medida deste acto de ser humano. Outros “mundos” são possíveis, para outros seres, para seres com uma diferente constituição onto-





lógica, com uma diferente estrutura constitutiva.¹⁸⁴ Mas *este* o que é?

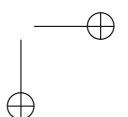
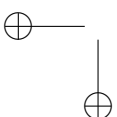
O mundo é o intervalo que separa o acto puro do acto de participação. Mas é, ao mesmo tempo, aquilo que preenche este intervalo.¹⁸⁵

Pode-se facilmente concordar com a afirmação que diz ser o mundo aquilo que preenche o intervalo ontológico, se se aceitar que a participação se esgota totalmente no acto de co-criação do mundo pelo acto puro (face matricial) e pelo acto de ser humano. Assim sendo, o mundo confundir-se-ia com o produto total da participação e seria aquilo que constituiria o preenchimento do intervalo ontológico entre o acto puro e o acto de participação, pois, sendo o produto deste último, seria o que, de facto, ocuparia esse intervalo. Mas o acto de participação também cria o acto de ser humano que com ele co-opera. O acto de ser humano cria-se operando, mas opera, porque é o produto da actividade, que lhe é íntima, do acto matricial, isto é, o acto de ser que co-opera com o acto matricial na participação é, ele também, fruto de uma participação que se vai constituindo à medida que co-cria o mundo. O preenchimento do intervalo ontológico não se limita, pois, ao conteúdo *mundo*, mas encerra também essoutro conteúdo, correlato e co-operante da criação do mundo – a par do acto matricial – que é o acto de ser humano. É a actividade deste que constrói o mundo e que, portanto, preenche activamente o intervalo ontológico.

O acto de participação, gerador do acto de ser humano, gera,

¹⁸⁴Nem sequer é necessário alienarmo-nos desta nossa dimensão, ou melhor, da sua vizinhança: para uma mosca o “mundo”, o seu mundo de mosca é o correlato à *sua dimensão*, à dimensão da sua capacidade inteligível e é necessariamente diferente do nosso, daquele a que chamamos nosso. Nada impede que sejamos “moscas” para um outro nível. Mas o que está em causa é o *nosso* nível, é nele que estamos, é dele que somos capazes.

¹⁸⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 311: *Le monde est l'intervalle qui sépare l'acte pur de l'acte de participation. Mais il est en même temps ce qui remplit cet intervalle.*

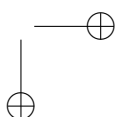
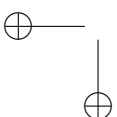




concomitantemente, o mundo, que mais não é do que a parte da participação total realizada à medida do acto de ser humano, como meio possibilitante da integração, desse acto de ser humano, nesse mesmo acto de participação total. *O mundo é o nível ontológico de relação à medida do acto de ser humano*, o tempo e o espaço da diferença, coevos à eclosão do acto de ser humano e que lhe conferem o contexto ambiente que lhe permite ser, diferentemente; ser como é, na plenitude de todas as suas dimensões, ser como posição activa própria no seio de uma teia de significados que permite a integração total da comunicação entre os diferentes actos de ser humanos, unindo-os, mas distintamente.

Sem mundo, não haveria acto de ser humano. Sem *este* mundo não haveria *este* acto de ser humano. Sem *este* acto de ser humano, como é, na sua pluri-dimensionalidade, não haveria *este* mundo. Não é que não houvesse real, um real qualquer, um outro e diferente – radicalmente diferente – real, fruto do acto puro também, mas irreferenciável para este acto de ser humano. Seria um outro real, eventualmente à medida de outros diversos actos dele capazes. Este acto de ser humano e este mundo são necessariamente correlatos, coevos, concomitantes e, mesmo, *homogéneos*. A sua heterogeneidade implicaria a sua irreferenciabilidade mútua. Seria um nada, relativamente ao todo presente da nossa dimensão, isto é, da dimensão do acto de ser humano.

Segundo esta perspectiva, o mundo tem como essência uma função, melhor, é uma função, é ancilar: é um instrumento, é o instrumento da possível e da efectiva inserção do acto de ser humano no acto, no acto total, no Acto. Não se nega a realidade do mundo nem sequer se remete esta para uma virtualidade, antes para uma organicidade indutora de sentido, uma contextualidade instrumental que serve como meio de comunicação de ser, melhor, de acto, verticalmente, entre o acto puro e os diferentes actos de ser humanos e, horizontalmente, entre estes. O mundo é, pois, o fenómeno resultante da actividade de crescimento do acto de ser humano, de





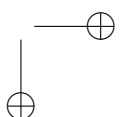
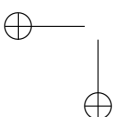
cada um e de todos. Não se resume a essa actividade, traduz, sim, a apropriação *limitada* pelas dimensões do acto de ser humano, de parcelas do Acto total. Parcelas que, uma vez apropriadas, constituem concomitantemente o mundo e, através dessa constituição, a criação do ser íntimo de cada acto de ser humano. Este cria-se, criando o *seu mundo* e o *seu mundo é todo* o mundo que para ele faz sentido, uma vez que o seu mundo é o próprio resumo total do seu sentido, das suas relações. E isto é tudo o que cada acto de ser humano tem, mais propriamente, é.

Não se pode, no entanto, confundir mundo com realidade total do acto: esta é infinita e ultrapassa sempre infinitamente aquele. Esta é, como já foi visto, a infinita potência, latentemente real, do acto puro, posta à disposição da participação, virtualmente infinita. O mundo é uma parte dessa virtualidade concretizada em ser/fenómeno¹⁸⁶ pela actividade de cada acto de ser e do conjunto dos actos de ser. Não são imiscíveis, embora a realidade do mundo dependa imediatamente da actividade criadora de sentido do acto de ser humano e mediatamente da actividade matricial do acto puro.

O mundo é o efeito da participação: não tem existência a não ser no instante, é pois eminentemente perecível; é como um corte ou um plano transversal no interior da nossa vida espiritual. É o lugar onde se opera a junção da nossa actividade e da nossa passividade, onde a virtualidade que pertence ao futuro se converte sempre, para nós, numa realização e numa posse que pertencem doravante ao passado. Os homens esperaram durante muito tempo o fim do mundo; mas o mundo termina e começa a cada instante, não tem qualquer profundidade.¹⁸⁷

¹⁸⁶ *Fenómeno*, no sentido patenteado na citação que se segue.

¹⁸⁷ LAVELLE, Louis, *De l'acte*, pp. 312-313: *Le monde est l'effet de la participation: il n'a d'existence que dans l'instant, il est donc éminemment périssable; il est comme une coupe ou un plan transversal à l'intérieur de notre vie spirituelle. Il est le lieu où s'opère la jonction de notre activité et de notre passivité; où la virtualité qui appartient à l'avenir se convertit toujours pour nous en un*





O acto de ser humano não se insere no mundo: a sua actividade participadora, auto-criadora, mediadora da actividade matricial do acto puro, cria o mundo como apropriação instrumental da parte da participação necessária à inserção do acto de ser humano, como tal, no acto, no Acto total. Neste sentido, a realidade do mundo reduz-se a um sub-produto operacional do crescimento ontológico do acto de ser humano. Não é, no entanto, um nada, é a teia de sentidos que permite a construção ontológica do acto de ser humano. O verdadeiro “mundo” do acto de ser humano é o acto, isto é, o “mundo”, o lar próprio do acto de ser humano é o Acto total, na dimensão ontológica intervalar criada, no seio da qual, a fim de se situar no seu nicho próprio, tem de criar uma teia de relações instrumentais: essa teia é o mundo. Como se verá, este mundo não esgota a participação.

4.3 Que participação?

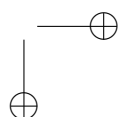
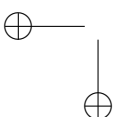
4.3.1 O que é a participação?

A resposta a esta questão não irá ser dada cabalmente neste parágrafo. Todo o terceiro capítulo versará sobre a participação, na sua complexidade, aduzindo elementos para a sua compreensão. No entanto, algo de positivo pode, desde já, ser dito de uma forma breve e simples sobre a natureza e essência da participação.

Se o acto é a disposição do possível¹⁸⁸ e é-o em duas acepções diferentes, uma vez que, enquanto acto puro é a total disposição in-

accomplissement et une possession qui appartiennent désormais au passé. Les hommes ont attendu pendant longtemps la fin du monde; mais le monde finit et commence à chaque instant, il n'a point de profondeur.

¹⁸⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 75.





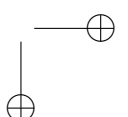
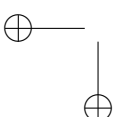
terna de todo o manancial possível de possível realidade – real enquanto disposição total do possível, como a realidade fundamental da possibilidade; e, enquanto acto matricial – fator da participação, o acto é a efectiva disposição do possível transformado em seres: actos de ser humanos e restantes actos de ser, os “efeitos” que constituem o mundo¹⁸⁹ –, ele é também o participável, isto é, aquilo que, a nível da possibilidade, está permanentemente disponível para ser concretizado quer como acto de ser humano quer como mundo. É, pois, na transição do acto puro para o acto de ser que se dá a participação. Esta é, em si mesma, na sua essência, esta transição em acto, esta modificação do estatuto do Acto, de puro acto, de pura real possibilidade, em acto de ser.

Como foi visto nos dois primeiros capítulos, a identidade entre o acto e o ser, sendo aquele a essência motora deste, funda a existência do ser na indelével actividade do primeiro no segundo. Ora, esta actividade mais não é do que a participação como o encontro da actividade criadora/matricial do Acto com a capacidade criadora do acto de ser humano, através do exercício das suas diferentes capacidades. A participação é, pois, a operação que permite passar do acto puro ao acto de ser, da sua plena possibilidade potencial real, à realidade em acto dessa pura potencialidade.

4.3.2 *Como é a participação*

A participação opera a transição do acto puro para cada acto de ser, infinitamente. Todos os actos de ser, quaisquer sejam, que o Acto cria, cria-os operando a transformação matricial que os destaca e

¹⁸⁹Não se discutem outras participações possíveis, com efeitos consubstanciados em outros mundos possíveis. A totalidade infinita do acto puro permite-lhe criar infinitos mundos alternativos, (melhor, alternativos intervalos ontológicos, passíveis de receber outros, diversos actos), inacessíveis aos correlatos deste mundo, os actos de ser humanos.

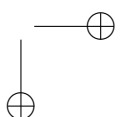
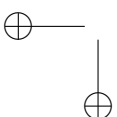




refaz em ontológica diferença relativamente à matriz originária e uns relativamente aos outros. É isto a participação: a operação que dá razão do todo do acto no seio do intervalo ontológico, onde se situa o acto de ser humano.

Encontramos aqui um tipo possível de participação – entre infinitos possíveis –, o da participação operando no, com o e pelo acto de ser humano, como co-operante da participação, na qual se cria e é criado, e na qual cria, se cria e é criado tudo o que não é imediatamente esse acto de ser humano, isto é, o mundo das relações, abreviadamente o *mundo*. Outros fossem os actos de ser co-criadores diferentes deste e outros seriam os mundos, porque outras seriam as *significações criadas*. Serve este entre-trecho discursivo para afastar a suspeita de haver uma espécie de animismo prosopopáico na essência do acto puro. E haveria, se a capacidade de criação deste se reduzisse à criação *deste* mundo ou *desta* teia inter-conexa de mundos. Não. A capacidade é infinita e o Acto que cria esta dimensão intervalar ontológica pode criar infinitas outras, sucessivas ou concomitantes, conjuntas ou disjuntas. Do que não é possível libertarmo-nos é do necessário antropomorfismo do universo de sentido presente à inteligência/consciência do acto de ser humano, uma vez que é ele que, ao co-criar o mundo – teia de sentidos e não de coisas –, imprime, necessariamente, a sua marca: ver uma estrela é ver o que o homem vê, e é isso que vê que se chama estrela. Deus “vê”-la-á diferentemente, e se um ser consciente de um outro universo a pudesse ver, “vê”-la-ia, certamente, de um modo diferente ou deixaria de ser um ser de um outro mundo¹⁹⁰ e passaria a ser um ser deste mundo. Este mundo é o que nele “vemos”, é sempre o que é, mas o que é é sempre *na relação*, sempre relativo à consciência que o capta, põe ou constitui. Nada é sem esta consciência, isto é, não faz sentido, pois só há sentido, mesmo sentido de existência, para uma consciência, melhor, a consciên-

¹⁹⁰O termo correcto é *intervalo ontológico*, já introduzido, por manifesta necessidade, mas ainda não formalmente apresentado.



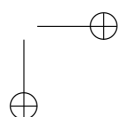
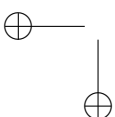


cia, qualquer seja, de que modo seja, em que nível seja, é o acto de sentido, por mínimo que este seja.

A participação procede, pois, de um modo construtivo, preenchendo o intervalo – a relação fundante, instituinte, constituindo a relação, assumindo a relação – que medeia entre o Acto e os actos de ser e o Acto e o mundo e entre este e os actos de ser.

A reflexão, remontando a um princípio de actividade absoluto, do qual participa, obriga-me a descobrir os meus próprios limites e a pôr aquele princípio como não tendo limites, ou melhor, a considerá-lo como não podendo jamais ser posto, uma vez que ele é sempre o que põe e que é, relativamente a todos os seres que estão no mundo, aquilo pelo qual são capazes de se pôr a si mesmos: é o que exprimo ao dizer que é infinito. Permite-me pôr-me, determinando-me, mas por participação da sua essência, e determinando relativamente a mim um mundo que testemunha sem cessar os meus limites, mas para me oferecer um campo de acção que é em si mesmo sem limites. E, como se disse, não tem forma, mas é através desta operação, que me permite discernir e circunscrever as formas no mundo, que o meu acto de participação testemunha a sua realidade e a sua eficácia.¹⁹¹

¹⁹¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 36: *La réflexion, en remontant jusqu'à un principe d'activité absolu auquel elle participe, m'oblige à découvrir mes propres bornes et à le poser lui-même comme sans bornes, ou plutôt à le considérer comme ne pouvant jamais être posé puisqu'il est toujours posant, et qu'il est, à l'égard de tous les êtres qui sont dans le monde, ce par quoi ils sont capables de se poser eux-mêmes. C'est ce que j'exprime en disant qu'il est infini. Il me permet de me poser, en me déterminant mais par participation à son essence, et en déterminant par rapport à moi un monde qui témoigne sans cesse de mes bornes, mais pour m'offrir un champ d'action qui est lui-même sans bornes. Et, comme on l'a dit, il n'a point de forme, mais c'est par cette opération qui me permet de discerner et de circonscrire des formes dans le monde que mon acte de participation témoigne de sa réalité e de son efficacité.*





4.3.3 *O que ou quem opera?*

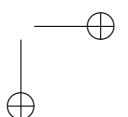
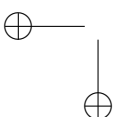
A resposta mais óbvia, no que diz respeito à participação definida como a co-operação auto-constutora do acto de ser humano com a actividade criadora do acto puro, é que quem opera a participação é o acto de ser humano, uma vez que é esta mesma operação que o constitui como acto de ser humano – este é tudo e apenas tudo o que resulta da sua operação participadora, pelo que tem de necessariamente coincidir com ela. Existir, para o acto de ser humano, é participar da riqueza de possibilidade ontológica sempre oferecida pelo acto puro, pelo que o operador da participação é o acto de ser humano. Da sua auto-realização resulta a participação e desta resulta tudo o que é: o próprio acto de ser humano e o mundo que necessariamente constrói ao construir-se. Este é o ponto de vista da relação a partir do acto de ser humano, *já em acto*. No entanto:

Não posso contentar-me com considerar-me, ao mesmo tempo, como causa e como efeito de mim mesmo. Pois, do poder de me pôr a mim mesmo como causa apenas disponho do seu exercício: ele é, por seu lado, um efeito, uma vez que o recebi.¹⁹²

A questão complica-se necessariamente devido à própria estrutura da realidade e ao facto de esta determinar que a operação do acto de ser humano, como já se viu, é ainda operação mais profunda do acto puro na sua vertente matricial, isto é, na sua vertente *realizadora* da participação.

A participação – imediatamente produto do acto de ser humano em efectiva auto-construção e concomitante construção do mundo – é, mediamente, fruto da total actividade do acto puro, uma vez que é ainda esta actividade que permeia e constitui o próprio acto de ser do acto de ser humano. Em última análise, a participação

¹⁹²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 340: *Je ne puis pas me contenter de me considérer comme cause à la fois et comme effet de moi-même. Car le pouvoir de me poser moi-même comme cause, je ne dispose que de son exercice seulement: il est à son tour un effet, puisque je l'ai lui-même reçu.*



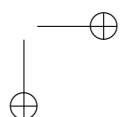
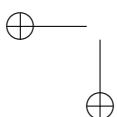


é participação do acto puro no acto puro, diferenciada a este nível – nesta dimensão ontológica –, na actividade de actos de ser especiais, dotados de capacidade autonómica, até certo ponto – os actos de ser humanos. Com é possível esta estrutura imbricada funcionar, sem que haja uma infinita confusão ontológica, é a questão latente que acompanha a reflexão que apresentamos a jusante. A indiscutível autonomia relativa¹⁹³ do acto de ser humano é algo a ser compreendido, não contra a omni-abrangência do acto puro, mas no seio dessa omni-abrangência, sob pena de, retirado o acto puro, se ficar apenas com o outro absoluto possível, o absurdo nada, “realizado”.

Em resumo, pode-se concluir provisoriamente que o que ou quem opera é a pura operatividade eficiente do real, consubstanciada no acto puro, na sua vertente eficaz matricial a qual produz actos de ser capazes de, com ela colaborar na criação do mundo, que é o real à dimensão desses mesmos actos de ser criados. Estes operam, imediatamente, criando o sentido do mundo e o mundo como integração de sentidos possíveis, tornados realidade; aquele que actua mediatamente, actuando nestes, pondo-os no ser e pondo com eles o mundo e pondo a ambos, inseparável e integradamente. Assim:

O eu pode ser definido como o veículo e o lugar da participação. Apenas temos consciência de nós mesmos no momento em que nos destacamos do Todo, quer dizer, do Acto, mas é então também que o Todo se transforma para nós num objecto de conhecimento, isto é, se torna num mundo. Neste sentido, o eu pode ser considerado como mediador entre o acto e o mundo. O eu não cria coisa alguma; pode-se mesmo dizer que tudo lhe é dado, salvo a disposição dessa potência interior que deve exercer para que tudo

¹⁹³Mas constituída por pontos de absoluto, de escolha absoluta, e instantes de eternidade e de partilha da infinitude em que a posição de um possível *como real* muda o todo na sua infinita integração, muda-o como Deus o mudaria.





lhe seja dado: ora é esta disposição que é ele mesmo.¹⁹⁴

4.4 *O intervalo (do Acto puro aos seres)*

4.4.1 *O que é?*

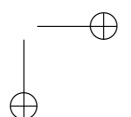
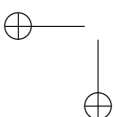
O que define cada domínio de acção é o intervalo no interior do qual a nossa acção poderá exercer-se.¹⁹⁵

O que define *cada* domínio da acção e *todo* o domínio da acção¹⁹⁶ é o *intervalo ontológico* que medeia entre o acto puro e os restantes actos de ser, melhor os diferentes ou diferenciados actos de ser. Antes de se prosseguir na busca da elucidação da essência deste intervalo, convém distingui-lo da multiplicidade dos intervalos entre os diversos actos de ser, que, como já se viu anteriormente, são a própria essência do tempo – medida da diferença ontológica entre os diferentes actos de ser. O intervalo agora em estudo é a diferença –* e concomitantemente a marca da diferença, estabelecendo-a –, entre o acto puro, na sua total infinitude, e o

¹⁹⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 342: *Le moi peut être défini comme le véhicule et le lieu de la participation. Nous n'avons conscience de nous-même qu'au moment où nous nous détachons du Tout, c'est-à-dire de l'Acte, mais c'est alors aussi que le Tout devient pour nous un objet de connaissance, c'est-à-dire, devient un monde. En ce sens le moi peut être considéré comme médiateur entre l'Acte et le monde. Le moi ne crée rien; on peut même dire que tout lui est donné sauf la disposition de cette puissance intérieure qu'il doit exercer pour que tout lui soit donné: or c'est cette disposition qui est lui-même.*

¹⁹⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 200: *Ce qui définit chaque domaine d'action, c'est l'intervalle à l'intérieur duquel notre action pourra s'exercer.*

¹⁹⁶Aqui, o termo *acção* é pertinente, pois refere-se à actividade construtora do acto de ser humano, propriamente denominada *acção*, isto é, a actividade própria do acto de ser humano. Obviamente, o valor ético do termo reduz-se a um subconjunto, o seu valor é fundamentalmente ontológico.

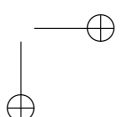
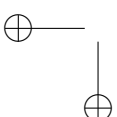




conjunto dos actos de ser, referenciáveis ao acto de ser humano como co-operador da criação de todos os actos de ser, incluindo do acto de ser daquilo que constitui a teia de relações do mundo.

Esta diferença intervalar (ou este intervalo diferenciador) é necessária, de um ponto de vista lógico – não pode haver diferença na absoluta continuidade (só o mesmo é absolutamente contínuo) – , necessidade lógica que radica numa necessidade ontológica, pois, para que o facto real da existência dos actos de ser possa ocorrer, há que ter um espaço ontológico próprio e adequado – o intervalo. Ora, esta necessidade, dita ontológica e lógica, mas também física, no sentido de natural, isto é, da natureza própria do acto de ser, da sua eclosão e desenvolvimento, radica numa necessidade metafísica, meta-natural, que transcende a pura natureza mecânica da constituição necessária do processo de construção dos actos de ser, antes provém da própria essência do acto puro, isto é, a condição intervalar da eclosão da diferença capacitante da eclosão dos actos de ser radica na própria essência do acto puro, no facto de este poder criar algo de não absolutamente coincidente com a sua pureza, de algo determinado como não puro, não meramente possível e possibilitante.

O intervalo radica na pura possibilidade metafísica de *poder haver diferença*. É este poder haver diferença que é a raiz metafísica da existência de actos de ser, pois é ele que permite o aparecimento do intervalo. Sem ele, o acto puro nunca deixaria a sua pura pureza, nunca criaria ser ou mundo algum. Desta pura possibilidade metafísica nascem todas as condições operacionais e operativas, *todas* as mediações que vão concretizar o poder haver ser.





4.5 O intervalo vazio

4.5.1 Vazio ou aberto?

O intervalo é a condição ambiente necessária ao aparecimento dos seres, pois:

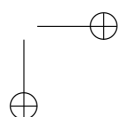
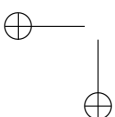
O próprio da participação é criar um afastamento entre o acto total e o acto particular.¹⁹⁷

A alternativa posta na e pela pergunta em epígrafe é enganadora, pois o afastamento, que é próprio da participação criar, não tem escolha entre ser vazio e ser aberto: *é vazio e é aberto*. É aberto porque o que constitui a essência da possibilidade de haver actos de ser, não coincidentes com o acto puro, é esse mesmo afastamento, lógica e ontologicamente: sem ele, não poderia haver possibilidade de eclosão de qualquer acto de ser. A *primeira criação matricial* do acto puro, quando este cria, é a criação do espaço ontológico, lugar, *topos* ontológico, da criação dos diferentes actos de ser. O primeiro acto de ser criado é o acto de ser do intervalo ontológico fundamental, aquele que separa o acto puro dos actos de ser particulares. Neste momento, neste *instante*,¹⁹⁸ o intervalo é absolutamente vazio e infinitamente preenchível, passível de albergar qualquer acto de ser. Não há, aqui, qualquer outro ser que não o ser do acto de ser do intervalo: não há tempo ou espaço, não há diferença alguma presente no intervalo. É este que marca a diferença possível e necessária entre o acto puro e os possíveis actos de ser.

Mas o intervalo não se dá como forma pura, como a forma pura que se acabou de expor. O intervalo dá-se, sempre, como

¹⁹⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 200: *Le propre de la participation, c'est de créer un écart entre l'acte total et l'acte particulier.*

¹⁹⁸O qual constitui a abertura, a ponte para a eternidade.





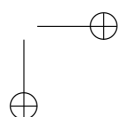
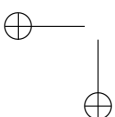
intervalo *para*. Intervalo para a eclosão de determinável e determinado ser, em possivelmente infindas iterações de possíveis eclosões. Como já foi visto, é quando estas iterações acontecem que surgem o tempo e o espaço, como medidas necessárias de diferença ontológica relativa, isto é, das diferenças ontológicas entre os diferentes actos de ser, diferenças que os constituem, a par das semelhanças, como *os actos de ser que são*, cada um deles e todos eles.

Assim, o intervalo começa por ser uma abertura metafísica; quando se constitui como tal, constitui-se como um vazio ontológico que logo é preenchido pelos actos de ser para os quais o vazio foi aberto a fim de ser fechado. A abertura, como possibilidade metafísica da eclosão ontológica, mantém-se sempre presente – aberta – por mais fechamentos ontológicos que ocorram, por mais actos de ser que se criem.

O próprio acto de ser, se capaz de co-criar, opera dentro da abertura na qual ele mesmo eclodiu, assume essa abertura e constitui-se como vazio próprio, a preencher por sucessivos actos criadores. Assim, o acto de ser humano pode ser definido como uma partilha da abertura metafísica do acto puro, num vazio ontológico em permanente aquisição de acto construtivo e preenchedor desse vazio. O processo não tem fim, uma vez que a quebra da abertura equivaleria à queda no nada, como já se viu anteriormente.

4.5.2 *Intervalo potente?*

O intervalo é o lugar da abertura metafísica à possibilidade ontológica. Enquanto tal, é um vazio absoluto, só não é coisa nenhuma porque é aquela abertura. Só tem forma, não tem conteúdo nem como o obter em si e por si; é apenas a condição metafísica inicial necessária:





A participação não se realiza a não ser pelo intervalo e este intervalo separa sempre o finito do infinito.¹⁹⁹

Ora, não havendo no seio, vazio, do intervalo qualquer acto que justifique, por si só, o aparecimento dos diferentes actos de ser, só há que buscar esse acto necessário no seio do próprio acto puro:

Mas a questão põe-se agora quanto a saber como é que este intervalo pode ser transposto. É evidentemente na condição de o finito encontrar no infinito o princípio que lhe permite ao mesmo tempo formar-se e crescer.²⁰⁰

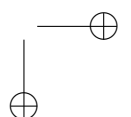
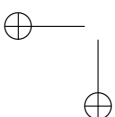
O Todo, infinito manancial de possibilidade ontológica, acto total e puro em si, por si e para si, funciona necessariamente como manancial de potência ontológica relativamente à abertura intervalar, a preencher com os diferentes actos de ser. Ora, aparece-nos, aqui, algo de extraordinário e que é a actualidade da potência ou a potência em acto (potente, de potência), ou, ainda, o acto de potência. Este é o que no seio do acto puro é puro acto, mas que, no que diz respeito ao intervalo, é acto potente, fonte potente (em acto) do acto de ser que eclodirá no seio do intervalo.

4.5.3 Intervalo preenchível?

O intervalo absoluto seria o próprio intervalo que separa o nada do ser, mas este intervalo infinito é aquele que é, de algum modo, eternamente transposto pelo acto puro, enquanto criador de si mesmo, e pelo acto participado, enquanto nos permite por nosso lado pas-

¹⁹⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 269: *La participation ne se réalise que par l'intervalle et cet intervalle sépare toujours le fini de l'infini.*

²⁰⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 269: *Mais la question se pose maintenant de savoir comment cet intervalle peut être franchi. C'est évidemment à condition que le fini trouve dans l'infini le principe qui lui permet à la fois de se former et de s'accroître.*



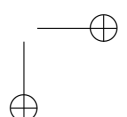
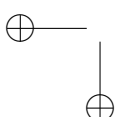


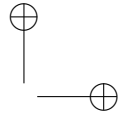
sarmos, a cada instante, do nada a uma existência que nos é própria.²⁰¹

O intervalo absoluto *seria* o que separa o nada do ser. Seria o intervalo que marcaria, que imporá a diferença absoluta. Só que, como já foi visto anteriormente, o nada nada mais é do que uma mera referência-limite mental, de duvidosa legitimidade. Não há, pois, um intervalo absoluto, uma vez que o trânsito ontológico não se faz do nada ao ser, mas do acto ao acto, de acto de ser a acto de ser e, em última análise, do acto puro ao conjunto dos actos de ser (virtualmente infinito). O intervalo instala, assim, o domínio da diferença relativa e este abre o acto puro à participação, a qual só se pode dar por diferenciação – só o diferente ocupa um *topos* ontológico próprio, não coincidente com o *topos* de outro, pois, caso coincidissem, seriam o mesmo. O mesmo pode, inclusivamente, definir-se como o que ocupa sempre um mesmo *topos* ontológico. O único absoluto aqui presente, isto é, presente no seio do intervalo, é o absoluto que é dado em cada relativa diferença: o que constitui a diferença *como diferente*, isto é, enquanto tal, enquanto é aquilo que nada mais é. O absoluto da diferença não se define por si, uma vez que essa diferença que o constitui radica no acto puro, esse sim, absoluto, único absoluto em si e por si.

A participação, neste sentido, é a própria diferença, no que esta tem de absoluto, de irreduzível a outro acto de ser e que pode ser reportado apenas ao acto puro. O que constitui o acto de ser do acto de ser diferente é esta porção de irreduzibilidade, sem a qual não seria o que é, mas sim o que é um outro, isto é, seria outro. Participar, é, assim, apropriar-se de uma irreduzível diferença ontológica, a qual constitui e marca a originalidade de cada acto de

²⁰¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 202: *L'intervalle absolu serait l'intervalle même qui sépare le néant de l'être, mais cet intervalle infini, c'est lui qui est en quelque sorte éternellement franchi par l'acte pur, en tant qu'il est créateur de lui-même, et par l'acte participé, en tant qu'il nous permet pour notre compte de passer nous-même, à chaque instant, du néant à une existence qui nous est propre.*

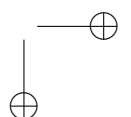
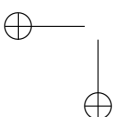




ser, inserindo-o, como nova forma ontológica no seio do intervalo. O intervalo ontológico constitui-se interiormente à medida que é preenchido pelo todo da diferenciação que consubstancia em actos de ser diferentes a participação. Longe de ser um intervalo vazio ou fechado, o intervalo ontológico é o *topos* total da eclosão do diferente da participação, o lugar ontológico da abertura ao aparecimento da totalidade dos actos de ser. A inicial vacuidade e a permanente abertura só fazem sentido no horizonte da necessária preenchibilidade do intervalo pelos actos de ser. Quer isto dizer que a condição – natural, poder-se-ia dizer –, para a existência de actos de ser – de seres –, é a possibilidade metafísica da sua existência, mas esta possibilidade metafísica tem necessariamente de ser traduzida pelo aparecimento, nesta nossa dimensão, *desta nossa dimensão*, isto é, do lugar ontológico próprio para o aparecimento destes seres. Assim, para que nós homens e o mundo que nos é correlativo existamos, é necessário que *isto* que somos possa existir – condição metafísica –, e que, podendo existir, haja um lugar ontológico para essa mesma existência. A condição para que haja um mundo é poder haver esse mundo – pura possibilidade ou pura potência; mas se não houvesse um lugar²⁰² ontológico onde esse universo pudesse existir, este nunca passaria de algo da ordem do ideal.

Assim, o intervalo é para ser preenchido, a sua essência é a própria preenchibilidade, o seu sentido o preenchimento, virtualmente infinito. Este preenchimento opera-se quer através da actividade directa do acto de ser matricial, pela criação de ser dos actos

²⁰²Aqui, e mais uma vez, falha a linguagem. *Lugar* não se refere a espaço e tempo, estes são já algo “interior” a esse lugar. O lugar a que aludimos é o “*topos*”, o “cantinho” metafísico onde o acto pode *ser*, isto é, onde se pode concretizar como acto. Virtualmente, serão infinitos. Nós, que escrevemos, estamos neste, aqui. Mas, para estarmos aqui, foi e é preciso que isso fosse e seja possível como tal, e possível de, como tal, aparecer. Nós vemo-nos dentro desse *topos* e suspeitamos – ou não – que, para além, melhor, no seu mais íntimo fundo ontológico, há algo que mantém este *topos* sendo.



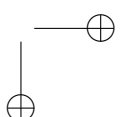
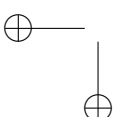


de ser, quer pela actividade mediadora dos diferentes actos de ser capazes de co-operação na criação dos diferentes outros actos de ser. Deste modo, nesta esfera intervalar, a actividade do acto puro acaba por nunca ser directa, uma vez que, criado o intervalo com a sua real potencialidade de eclosão de actos de ser, e uma vez estes postos em ser e a operar, se desencadeou, assim, uma ininterrupta cadeia integrada de criação, inter-criação de actos de ser. Toda a interferência – consciente ou inconsciente, a este nível –, de cada acto de ser junto de cada acto de ser, modifica-os a ambos e modifica a soma resultante, total, do intervalo. *Não há, pois, qualquer acontecimento no seio do intervalo que seja insignificante*, todos eles interferem no sentido do todo, sendo o destino do intervalo solidário, infinitamente integrado.

Neste contexto, como se verá, o papel do acto de ser humano (ou de outros possíveis actos de ser dotados de inteligência/consciência) irá assumir um carácter fundamental para a construção do todo do intervalo.²⁰³ O intervalo é, pois, o campo de trabalho co-operante do acto puro matricial com o acto de ser humano e com os restantes actos de ser, nomeadamente os correlativos ao acto de ser humano, que designámos por mundo. Este não é o intervalo, mas a consequência da apropriação do intervalo, das suas potencialidades ontológicas, pelo acto de ser humano. Outro intervalo, outros actos de ser humanos – melhor, outros actos de ser no lugar dos humanos – e o mundo seria outro.

O erro da grande ciência hodierna consiste em querer sair do mundo para ver o intervalo, mas o intervalo só se vê vendo o mundo e este é uma concretização possível, feita facto daquele. O que falta sempre – e sempre faltará – na aproximação *assimptótica* da ciência ao real, é o infinitésimo (infinito) da diferença que medeia entre o mundo concretizado e o intervalo concretizável. O desaparecimento dessa diferença significaria o desaparecimento da distância entre o intervalo e o acto de ser humano, significaria o desapare-

²⁰³Não para o acto puro.

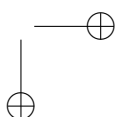
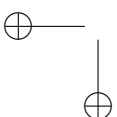




cimento do mundo, pelo desaparecimento do acto de ser humano. Se este coincidissem com o intervalo, seria o próprio intervalo, já não haveria mundo e a diferença seria não já de ordem ontológica – intervalo / acto de ser humano –, mas metafísica – intervalo / acto puro. O preço desta nossa dimensão é a sua condição intra-intervalar, melhor sub-intervalar, marcando a distância de nós e do nosso mundo ao intervalo a nossa própria condição de existência, o nosso quinhão de liberdade –, o intervalo, esse, não é livre, é a pura necessidade do vazio ontológico a preencher, necessariamente.

O acto puro é livre de criar o que bem quiser. O intervalo criado é o lugar da liberdade co-criadora dos actos de ser, e é-o necessariamente. A condição da partilha da liberdade absoluta do acto puro é ter de o fazer através da mediação de um lugar em si mesmo necessário: a liberdade participada é necessariamente relativa, pelos meios que usa (necessários) para atingir os fins que busca (absolutos), os quais, em última análise, se integram no acto puro. Um ciclo que se fecha, um infinito que, infinitamente, se recolhe, depois de se experimentar infinitamente, nos infinitos ensaios de um Todo que nunca se totalizará. De algum modo, a liberdade é a busca infinita da totalidade do Todo, que só é porque é tudo, mas que só é tudo porque nunca pára de ser tudo, sendo um tudo que se busca, realizando-se totalmente, mas sem fim possível. Desta busca infinita, temos notícia no ensaio de realização total de cada acto de ser, do acto de ser do mundo e particularmente do acto de ser humano.

Assim, cada acto participante encontra a sua origem no acto puro e dele nunca se separa. O próprio do acto é ser, na sua essência mesma, uma frutificação e uma generosidade sem limites: é por isso que, como o acto do qual participa, o acto participante, por seu lado, é sempre criador, quer dizer, oferecido, ele mesmo, sem cessar, a qualquer participação e cooperação novas. Ora, compreende-se bastante facilmente qual é a fonte da multiplicidade, se se der conta de que esta é somente a expressão da participação sempre





proposta e que exige uma infinidade de modos não apenas para que o absoluto seja em direito totalmente participável, mas ainda para que cada ser participante se constitua a si mesmo livremente, isto é, actualizando, organizando e hierarquizando os diferentes aspectos do ser total, de modo a que não fique vez alguma identificável com algum deles, o que aniquilaria a sua independência, bloqueando-o numa essência estática e separada.²⁰⁴

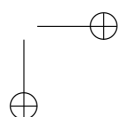
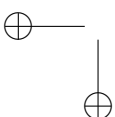
4.5.4 Intervalo fechável?

A participação é sempre um encontro entre o acto participado e um certo dado.²⁰⁵

Para que haja participação, é necessário que o intervalo capaz de receber os diferentes actos de ser exista e que a sua existência tenha como definição essencial a abertura, isto é, a pura capacidade de permitir o aparecimento de actos de ser. Esta eclosão efectiva da totalidade dos actos de ser, incluindo as relações de sentido estabelecidas – o mundo –, constitui o que se poderá designar por

²⁰⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 219: *Ansi, chaque acte participé trouve son origine dans l'acte pur et ne s'en sépare jamais. Le propre de l'acte, c'est d'être, dans son essence même, une fructification et une générosité sans limites: et c'est pour cela que, comme l'acte dont il participe, l'acte participé, à son tour, est toujours créateur; c'est-à-dire offert sans cesse lui-même à quelque participation et coopération nouvelles. Or, on comprend assez facilement quelle est la source de la multiplicité si on se rend compte que celle-ci est seulement l'expression de cette participation toujours proposée et qui exige une infinité de modes non pas seulement pour que l'absolu tout entier soit en droit participable, mais encore pour que chaque être participé se constitue lui-même librement, c'est-à-dire en actualisant, en organisant, et en hiérarchisant des aspects différents de l'être total, a fin qu'il ne reste jamais identifiable avec aucun d'eux, ce qui annihilerait son indépendance en le bloquant dans une essence statique et séparée.*

²⁰⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 293: *La participation est toujours une rencontre entre l'acte participé et une certaine donnée.*



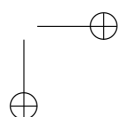
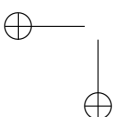


universo.²⁰⁶ Este universo é o resultado da actividade participadora co-criadora do acto puro e do acto de ser humano, como já foi anteriormente visto. Mas, de algum modo, o produto desta actividade comum implica a criação de um dado, de algo que, quando acaba de ser criado, aparece como transcendendo, como produto, o puro acto de criação, transcendendo-o sob a forma de dado. Cada acto de ser, quando acabado de criar, transcende o puro acto de criação que o fez chegar a ser o que é. Isso que é, é um dado. Só que a questão é muito mais complicada, pois a actividade criadora no seio de cada acto de ser persiste, enquanto nela insistir a presença do acto puro, pelo que o que, de facto, há é uma constante e perene mútua transcendência dinâmica e cinética do acto de ser relativamente ao dado – que já é, mas que já não é, que logo deixa de ser – e do dado em relação ao acto de ser, permanentemente ultrapassando este como pura actividade, em resultado eficaz concreto.

Mas, ainda assim não se esgota a complexidade do esquema, uma vez que o próprio dado é acto de ser: o que é, em si, é acto de ser, por ele se justifica. Assim sendo, há uma infinita auto-transcendência do acto de ser relativamente a si mesmo, permanentemente, infinitesimalmente, transcendendo-se em dados, que só são dados porque são, ainda, actividade desse acto de ser, que prossegue sempre transcendendo-se em dados sucessivos.

Em última análise, o que se passa, ao nível deste horizonte de dados, deste universo, para estes actos de ser humanos, é a presença constante, infinitesimalmente unificada, de um acto criador, o acto puro, que, pelo que cria, se auto-transcende, mas o faz no próprio dado criado, isto é, cria algo de diferente de si, mas que lhe é consubstancial, pois a existência do Acto e não do nada obriga a que o que quer que seja que exista, ainda que possa ser diferente, não o possa ser de um modo absoluto. No criado, há sempre a marca do criador, por mais ínfima que seja, sob pena de não haver criação. Sem que haja confusão, o acto puro encontra-se sempre presente,

²⁰⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 290.



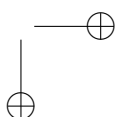
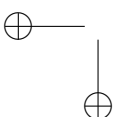


infundido no seio da participação:

O acto participado, actualmente exercido, encontra-se ligado ao acto puro, faz corpo com ele porque o acto puro permanece, relativamente ao acto participado, uma potência na qual se sacia e que nunca terminou de actualizar. Mas em que consiste esta mesma actualização? Como se distingue da pura potência? De que maneira tal acto particular se poderá distinguir de todos os outros? Para tal, é necessário que este acto, que é sempre incompleto e inacabado, receba uma determinação que marque a sua subordinação ou a sua passividade relativamente ao acto puro, e isso mesmo na maneira na qual se insere no interior do Ser, isto é, na parte de ser que obtém. Quer dizer que deve sempre ser correlativo de um dado.²⁰⁷

Neste trecho, encontramos a questão fundamental da existência da realidade, da realidade relativa ou, melhor ainda, correlativa ao acto de ser humano. Ao *para quê* e ao *porquê* do haver esta realidade, responde a meditação sobre a essência do acto puro. A questão que é posta aqui é a questão do *como* desta realidade. A ela responderá a meditação feita neste terceiro capítulo. A questão do *como* é, neste horizonte ontológico onde nos situamos, uma questão fundamental – é mesmo a questão fundamental –: não se trata de explicar a estrutura “legal” da realidade, o seu “direito” a existir, trata-se de explicar *como* existe, como é o que é, não na sua possibilidade apenas, mas na sua efectividade. Não basta agora responder que o que há há porque é possível haver. Esta resposta

²⁰⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 288: *L'acte participé, actuellement exercé, ne se trouve lié à l'acte pur, il ne fait corps avec lui, que parce que l'acte pur demeure à son égard une puissance dans laquelle il puise et qu'il n'a jamais fini d'actualiser. Mais en quoi consiste cette actualisation même? Comment se distingue-t-elle de la pure puissance? De quelle manière tel acte particulier pourra-t-il se distinguer de tout autre? Il faut pour cela que cet acte, qui est toujours incomplet et inachevé, reçoive une détermination qui marque sa subordination ou sa passivité à l'égard de l'acte pur, et cela jusque dans la manière dont il s'inscrit lui-même à l'intérieur de l'Être, c'est-à-dire dans la part d'être qu'il obtient. C'est dire qu'il doit toujours être correlatif d'une donnée.*





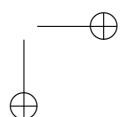
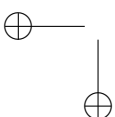
responde à questão de direito: só há esta realidade porque é possível haver esta realidade; se não fosse possível haver esta realidade, não haveria esta realidade. É o papel fundante do acto puro ser o manancial efectivo da possibilidade. Ora, este é o puro plano metafísico. A questão, agora, põe-se na transcendência deste plano metafísico, num outro plano, ontológico, de actos de ser. Como é, então, haver estes actos de ser?

Às três questões presentes no trecho acabado de citar, responde-se com a demonstração da estrutura da realidade. A actualização consiste na transformação daquilo que no plano metafísico do acto puro é pura possibilidade (efectiva, não virtual) em acto de ser; este acto de ser é adequado à inteligência do acto de ser humano e integra a sua rede de sentido, à qual se chama mundo, e onde estão presentes todos os demais actos de ser, especificamente humanos ou não. Como sabemos, um corolário possível desta afirmação é que, para outras inteligências, outros mundos.

À questão de como se distingue o puro acto da pura potência, a resposta é que, no limite, não se distinguem. Não que não haja uma distinção entre a potência e o acto, mas tão só que, nesta filosofia, a distinção é meramente instrumental, pois, como já se viu anteriormente, a potência é, ainda, uma forma de acto, o acto na forma de potência,²⁰⁸ o acto na forma de pura possibilidade. A passagem, a transcendência da pura possibilidade metafísica na realidade física,²⁰⁹ a participação, dá-se pela e na passagem de uma forma de acto a uma outra forma de acto, do acto puro ao acto participado – ao acto de ser. Não há qualquer solução de continuidade neste processo de transcendência, não há salto, o que há é uma mesma dinâmica ou cinética que se manifesta de modo diferente, *é o mesmo acto, a mesma actividade que informa a pura*

²⁰⁸E sempre *potência de* ou *potência para*, isto é, sempre uma potência relativa, uma vez que a absoluta pura potência seria indiscernível do nada, o que, neste esquema filosófico, como já vimos, repugna.

²⁰⁹Isto é, natural, do horizonte ontológico próprio do acto de ser humano.





possibilidade ou a pura concretude actual. Do acto puro ao dado, o intervalo é percorrido e preenchido pela actividade presente em cada acto de ser, desde a sua pura possibilidade à sua realização, no seio do conjunto dos outros actos de ser. O próprio intervalo é obra da possibilidade, o intervalo é a possibilidade antes de se realizar, uma vez que só se pode realizar se tiver um “onde” ontológico onde o fazer. Possibilidade, intervalo, acto de ser. A possibilidade está no acto puro, o intervalo está nela e aparece concomitantemente ao início da presença da participação.²¹⁰

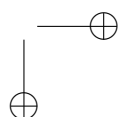
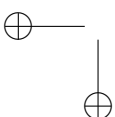
À questão acerca do modo como cada ser poderá distinguir-se dos demais, responder-se-á no próximo parágrafo.

4.5.5 Relação com o acto puro

Pode, agora, perceber-se melhor qual é a relação entre o intervalo e o acto puro. Não se trata de duas realidades diferentes, ou melhor, de duas realidades diversas, mas de uma relação especial estabelecida entre níveis diferentes do acto puro, se assim nos podemos expressar.²¹¹ O nível criador, para criar, cria o que não é ainda, isto é, não se repete, para o fazer, tem de, para cada possibilidade a transformar em acto de ser, isto é, para cada acto de participação, criar um lugar de eclosão, um *topos* ontológico onde a possibilidade metafísica se verta em acto de ser. É isso o intervalo. É o puro *topos* da possibilidade de algo. Isso sem o qual a possibilidade seria sempre mera possibilidade, nunca se realizaria, nunca se poderia realizar. No fundo é o intervalo que faz a ponte da riqueza metafísica do possível para a riqueza ontológica do real, como conteúdo desse

²¹⁰ Isto é, natural, do horizonte ontológico próprio do acto de ser humano.

²¹¹ Em rigor, não. O total infinito ou o infinito total ou o infinitamente infinito, a dizer-se, dir-se-ia total e infinitamente, e só ele próprio o poderia fazer, sintética e sinopticamente. Nós procedemos sempre por análise; mesmo as sínteses são sempre partes, cortes, análises, nunca temos visão sinóptica, total.



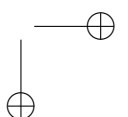
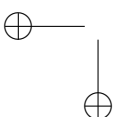


mesmo intervalo. O intervalo não é a participação, uma vez que esta é uma actividade, mas é a sua condição operacional necessária. O intervalo é uma opção do Acto, mas é uma necessidade da participação. Como corolário, pode-se acrescentar que o nada não é e não pode ser porque não há “lugar” para ele, uma vez que não há intervalo onde “caiba”, porque é ontologicamente a-tópico.

4.5.6 *Vazio ou aberto, conclusão*

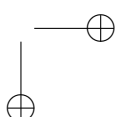
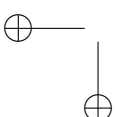
Voltamos à questão com a qual se iniciou este ponto. Estamos agora em condições de afirmar que o intervalo ontológico não é vazio, uma vez que este não se define como um continente pelicular de possibilidades vãs, mas como a própria abertura que aparece concomitantemente ao aparecimento de cada acto de ser e como somatório de todas as aberturas possibilitantes do conjunto total dos diferentes actos de ser. Embora logicamente anterior, a abertura ontológica é ontologicamente concomitante à eclosão do acto de ser. O intervalo não é; é *para*. A criação dos actos de ser não se dá num limitado horizonte petrificado de essências inamovíveis e bloqueantes, antes num horizonte plástico e elástico de infinita abertura, onde cada novo acto de ser não vem roubar o *topos* aos outros já presentes nem sequer se lhes justapõe, apenas passa a com eles co-existir, a partilhar a mesma rede, *virtualmente infinita*, de sentido, o mesmo mundo. Este não é uma cidadela murada e inacessível ao novo, é uma *agora* infinita, onde cabe sempre o ser de mais um acto. Neste sentido, mais do que aberto, pode-se dizer que o intervalo é a raiz ontológica da liberdade, o intervalo é a liberdade (ontologicamente):

Mesmo nos aspectos mais simples da criação, devemos encontrar, para que a realidade não desapareça em aparência, estes caracteres de espontaneidade e de totalidade que são como imitações ou esboços da suficiência perfeita e pelos quais se realiza a sua intro-





dução no ser total. Criar é, para Deus, chamar a infinitude dos seres particulares à participação da sua essência. A matéria não é objecto de criação: nasce das condições mesmas da participação das quais exprime a inesgotável fecundidade, isto é, ao mesmo tempo, a extensão e os limites. No sentido estrito, só há participação do Acto e por um acto. O Ser total só nos revela a sua presença pela operação que nos é própria e que nos permite inserir nele o nosso ser participante. Não é, como se crê demasiadas vezes, num mundo tal como nos é dado que participamos, se bem que este mundo seja evocado por nós como a expressão final do acto mesmo da participação: pois ele traduz indivisivelmente o que lhe responde e o que o ultrapassa. Toda a dificuldade e todo o mistério do acto criador residem nesta proposição em aparência contraditória de não poder criar senão seres livres, quer dizer, seres aptos a criar-se a si mesmos. É bem esta a única criação que é *ex nihilo*, pois não necessita de uma matéria pré-existente semelhante à argila do oleiro. Cada ser criado passa, com efeito, do nada ao ser, se bem que não possa jamais subsistir noutro qualquer sítio que não seja no acto soberano no interior do qual retira através da graça o poder mesmo que tem de subsistir. E, se a liberdade pura é definida ao mesmo tempo como uma criação absoluta e como uma generosidade sem limites, compreende-se que se manifeste a si mesma como uma participação da sua essência sempre oferecida a liberdades sem cessar





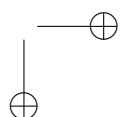
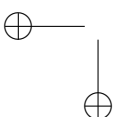
nascentes.²¹²

4.6 O intervalo aberto

4.6.1 O uno e o múltiplo

A unidade do acto não é uma unidade que se ponha, é uma unidade que se realiza. O que não é possível senão na condição de que este mesmo acto possa criar-se antes de criar algo, isto é, que produza sem cessar a sua própria interioridade a si próprio ou, ainda, este

²¹²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 180: *Jusque dans les aspects les plus simples de la création, nous devons retrouver, pour que la réalité ne s'évanouisse pas en apparence, ces caractères de spontanéité et de totalité qui sont comme des imitations ou des ébauches de la suffisance parfaite et par lesquels se réalise leur introduction dans l'être total. Créer, c'est, pour Dieu, appeler l'infinité des êtres particuliers à la participation de son essence. La matière n'est pas l'objet de la création: elle naît des conditions mêmes de la participation dont elle exprime l'inépuisable fécondité, c'est-à-dire à la fois l'étendue et les limites. Au sens strict, il n'y a de participation qu'à l'Acte et par un acte. L'Être total ne nous révèle sa présence que par l'opération qui nous est propre et qui nous permet d'insérer en lui notre être participant. Ce n'est pas, comme on le croit trop souvent, au monde tel qu'il nous est donné que nous participons, bien que ce monde soit évoqué par nous comme l'expression fidèle de l'acte même de la participation: car il traduit indivisiblement ce qui lui répond et ce qui le surpasse. Toute la difficulté et tout le mystère de l'acte créateur résident dans cette proposition en apparence contradictoire qu'il ne peut créer que des êtres libres, c'est-à-dire que des êtres aptes à se créer eux-mêmes. C'est bien là la seule création qui soit ex nihilo, car elle n'a pas besoin d'une matière préexistante semblable à l'argile du potier. Chaque être créé passe en effet du néant à l'être, bien qu'il ne puisse jamais subsister ailleurs que dans l'acte souverain à l'intérieur duquel il puise par grâce le pouvoir même qu'il a de subsister. Et, si la liberté pure est définie en même temps comme une création absolue et comme une générosité sans limites, on comprend qu'elle se manifeste elle-même par une participation de son essence toujours offerte à des libertés sans cesse naissantes.*





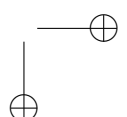
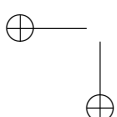
intervalo espiritual pelo qual faz incessantemente de si mesmo o seu próprio objecto.²¹³

Tratamos, seguidamente, da questão do uno e do múltiplo posta, não ao nível do acto puro ou do ser, mas do intervalo ontológico. Este, necessariamente, para existir²¹⁴ precisa de um desdobramento do acto puro, melhor, da autonomização de parte do acto puro na forma de intervalo, intervalo matricial, isto é, a parte matricial do acto puro: é o próprio intervalo como condição efectiva da eclosão dos vários actos de ser. É o tal vazio prenhe de infinito. Há, pois, necessariamente, o estabelecimento, no seio do Todo de uma primeira, incoativa díade: acto puro – acto matricial / intervalo. Mas então, sendo assim, desaparece a unidade do acto puro.

Não. Como se afirma no trecho acabado de citar, a unidade do acto não é algo de posto e muito menos de estático. O Acto não é um paradigma feito, uma espécie de escala de medida transcendente à qual sejam aferidos os diferentes actos de ser. Não se trata de algo já feito e já acabado, que seria algo de indiscernível do nada. O Acto é o movimento puro, total, e, porque total, único. *A unidade é a unidade da interioridade absoluta do Todo.* Qualquer alteração no Todo é, ainda, parte do Todo. A díade que referimos acima é, também ela, parte do Todo, da mesma unidade. O trânsito da diferença, isto é, a criação de qualquer outro acto de ser é infinito, infinitesimal, não tendo qualquer solução de continuidade ontológica. A mínima solução de continuidade entre dois actos de ser implicaria a queda no nada, uma vez que, entre dois actos de

²¹³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 217: *L'unité de l'acte n'est pas une unité que l'on pose, c'est une unité qui se réalise. Ce qui n'est possible qu'à condition que cet acte même puisse se créer avant de rien créer, c'est-à-dire qu'il produise sans cesse sa propre intériorité à lui-même, ou encore cet intervalle spirituel par lequel il fait sans cesse de lui-même son propre objet.*

²¹⁴“Existir” não é o termo correcto, mas não parece haver melhor escolha. O intervalo não existe, os actos de ser é que existem nele. O seu estatuto é diferente: anterior, ontológica e logicamente, à existência. Talvez o mais vago, mas menos comum “haver”: *para haver intervalo...*



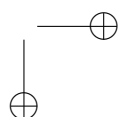
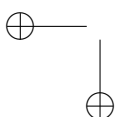


ser, ou há acto ou não há coisa alguma; e se não houver coisa alguma, o trânsito não se faz e o Acto termina aí mesmo onde não conseguiu transitar. Todo o Acto. Esta é a unidade: a infinita integração, contiguidade ontológica e metafísica do Acto. Metafísica ao nível do puro Acto, ontológica ao nível dos actos de ser presentes no intervalo.

Assim sendo, a multiplicidade não anula a unidade do Acto, constitui-a. O Acto é único porque não pode haver outro e é uno porque tudo o que há há inserido nele. Note-se que a razão profunda é a mesma: qualquer diferença só se dá no Todo do Acto. A alternativa, como já se viu, é o nada, não um outro Acto. Para ilustrar a relação do uno com a multiplicidade, Lavelle alude à relação da unidade numérica com a numeração.²¹⁵ Ora, embora a imagem seja sugestiva, é incompleta, pois a unidade numérica, para ser comparável à unidade do Acto, teria de encerrar em si o mecanismo necessário da produção do diferente da numeração. Se assim for, se se aceitar que a unidade numérica encerra, unifica, a totalidade das potencialidades dos infinitos numéricos e operativos,²¹⁶ então a imagem é mesmo boa. É-o, mas é-o simetricamente, pois se assim perspectivarmos a estrutura da unidade numérica, estaremos apenas transpondo para a unidade numérica a estrutura metafísica e matricial do acto puro. Não admira, pois, que a matemática seja um tão fiel espelho das virtualidades e das realidades do Acto: traduz, relativamente aos actos de ser humanos, a sua essência; permite, assintoticamente, pois refere-se a um infinito inalcançável, uma aproximação estrutural à natureza do espaço intervalar, espaço que, como vimos, é, já de si, um espelho possível do acto puro. A matemática, paralela ao espaço e ao tempo, irmã do tempo, como comedia das diferenças ontológicas, dá-nos uma imagem nítida da omni-diferenciação infinitesimal da realidade intra-intervalar, mas também nos dá a ideia e o facto da necessária unidade unificadora

²¹⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 227.

²¹⁶Assim o creio.





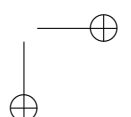
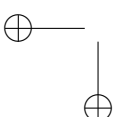
desse real, consubstanciada na unidade numérica – aqui, medida e dimensão não da diferença ontológica ou mesmo da unidade ontológica, mas da necessidade da unidade metafísica do real. A unidade matemática é um sinal mundano, mundanamente inexplicável, da raiz metafísica da realidade. Constitui a fronteira pelicular do intervalo, do universo do criado.

4.6.2 Abertura e infinitude

É porque nós próprios somos compostos de actividade e passividade que o ser nos pode aparecer tão depressa como idêntico ao Acto puro tão depressa como idêntico à totalidade dada que constitui para nós o universo. Ora a consciência, que mais não é do que potência, constitui precisamente o instrumento de mediação entre este acto e estes dados, e é por isso que há sempre nela um duplo movimento conforme remonta até à eficácia soberana da qual recebe a sua actividade própria ou conforme a realiza, fazendo surgir sem cessar no real novos dados que não cessam de responder a cada uma dessas operações.²¹⁷

A abertura metafísica, constituída pela potente matricialidade, constituidora do intervalo metafísico, possibilitante da eclosão dos diferentes actos de ser, tem um necessário correlato no acto de criação, numa estrutura que, do lado do acto de ser humano, constitui o

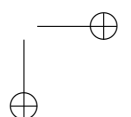
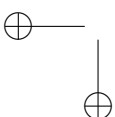
²¹⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 289: *C'est parce que nous sommes nous-même composés d'activité et de passivité que l'être peut nous apparaître tantôt comme identique à l'Acte pure, tantôt comme identique à cette totalité donnée qui constitue pour nous l'univers. Or la conscience, qui n'est que puissance, constitue précisément l'instrument de médiation entre cet acte et ces données, et c'est pour cela qu'il y a toujours en elle un double mouvement selon qu'elle remonte vers l'efficacité souveraine à laquelle elle emprunte son activité propre, ou selon qu'elle la met en oeuvre en faisant surgir sans cesse du réel de nouvelles données qui ne cessent de répondre à chacune de ses opérations.*





intervalo ontológico onde irá desabrochar o diferente total, a totalidade, virtualmente infinita, dos actos de ser que constituem o dado, a teia de relações ou universo ou mundo. É a consciência, aquilo a que nos dois primeiros capítulos designámos por inteligência capaz do ser, que, ao participar na presentificação dos diferentes actos de ser, permite a presença destes como ser, isto é, como presença própria e diferente, subsistente enquanto presente à consciência.

Neste sentido, a consciência é o próprio intervalo ontológico, o topos onde os diferentes actos de ser podem tornar-se presentes. É um vazio enquadrante, uma *pura possibilidade de presença*, de presença de tudo, de presença de si própria a si mesma, por reflexão no restante presentificado. A consciência só se constitui em acto quando algo se apresenta, quando a pura possibilidade de presentificação passa a acto de alguma presença. Aqui, o que aparece é o acto de ser que se apresenta, mas também a própria consciência como enquadramento da presença: apresentam-se concomitante e mutuamente. A consciência é o lugar do dado, mas sem este também não há consciência – não há consciência de uma pura consciência vazia. A consciência é, pois, o instrumento da participação, desta participação do acto de ser humano, não porque magicamente faça aparecer coisas do nada, mas porque é o intervalo onde o Acto se transforma em ser. Sem a consciência, o acto puro ficaria sempre acto puro. Para poder criar este mundo, houve que, primeiro, criar o *topos* adequado à sua eclosão, o intervalo ontológico da presencialidade, a consciência. Com isto não se afirma que o universo é uma fantasmagoria mental, uma névoa espiritual, uma imaginação da consciência ou um sonho realista. O que se afirma é que sem a consciência que o ilumina, onde aparece, o universo pode “ser” infinitas coisas, mas não é *isto*, porque isto é o que está presente na e à consciência. O universo é real, tão real quanto a consciência o realiza. O real em si é o real da participação e esta é o fruto da síntese necessária e indelével do labor do Acto com o labor da consciência.



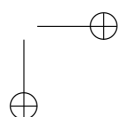
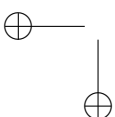


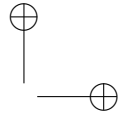
Convém relembrar, neste ponto da reflexão, que esta consciência – ou outra qualquer, irreferenciável – é também ela fruto da pura actividade do acto puro e portanto o fruto da sua colaboração é, ainda, garantida pelo Acto como Acto. É uma forma entre as infinitas formas possíveis que o Acto pode actualizar. É a que está ao nível da nossa dimensão, é a que constitui a nossa dimensão intervalar, somos nós. A consciência é, pois, uma virtualidade ontológica infinita, fruto de uma totalidade infinita, capaz de constituir um mundo de relações, constituindo-se e construindo-se testemunhando a vinda ao ser dos diferentes actos de ser, dando-lhes o espaço próprio para a eclosão. A consciência é abertura ontológica à infinitude ou a infinita abertura ontológica, correlato necessário da infinita abertura metafísica. É o próprio intervalo apropriado por cada acto de ser humano, feito seu espaço ontológico próprio, lugar adequado para a sua eclosão relacional e fundadora da realidade do seu universo de sentido, do seu mundo.

4.6.3 O Todo (do presente)

Do mesmo modo que a potência não se podia separar do acto senão dando a si mesma a possibilidade de um desenvolvimento infinito, quer dizer, apelando à existência do tempo, a fim de se poder exercer, do mesmo modo a oposição do acto e do dado basta agora para dar conta, no próprio tempo, da correlação do acto e do dado, uma vez que o próprio do acto é virar-se necessariamente para o futuro, mas para evocar um dado que não pode ser realizado sem logo pertencer ao passado. O ser não deixa o presente, mas é no próprio presente que dissocia o futuro do acto do passado do dado, o que os converte eternamente um no outro.²¹⁸

²¹⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 291: *De même que la puissance ne pouvait se séparer de l'acte qu'en se donnant à elle-même la possibilité d'un développement infini, c'est-à-dire en appelant l'existence du temps, afin de pouvoir*





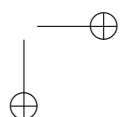
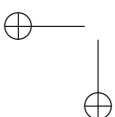
O Todo do acto puro é o conjunto infinitamente infinito²¹⁹ de todas as possibilidades, o Todo do Acto é isso mais as concretizações, os actos de ser. Visto na sua totalidade e em absoluto, o Acto é o que é. O infinito enquanto tal, não é mais ou menos infinito aqui ou ali, agora, antes ou depois. Não há lugar para o tempo como medida do infinito. Verdadeiramente, não há tempo neste âmbito: confundir-se-ia com o próprio Todo do Acto. O infinito é, pois, um infinito presente ou um presente infinito. Qualquer parte, se partes houvesse, seria, também ela, infinita, sem medida possível. Não há, pois, medida possível para o infinito, pelo que neste não há tempo.

O tempo, como vimos, aparece no seio do intervalo, como medida ontológica da diferença ontológica. O aparecimento do primeiro ser é intemporal, pois nada há com que o comparar, só o intervalo, mas este é infinito e de outra ordem, não é comparável com os actos de ser. Só estes são comparáveis entre si. Quando aparece, o segundo acto (e aparece, ontologicamente, depois – é aqui que está a diferença) já é medível em relação ao primeiro: já é possível haver – e, de facto, há sempre – medida da diferença entre os dois actos de ser (operada pela consciência, isto é, pelo próprio intervalo), já há tempo. Sem o aparecimento de um segundo acto de ser, não haveria jamais tempo algum. Um ser isolado é sempre intemporal.

Com a multiplicação dos actos de ser, multiplica-se o número

s'exercer, de même l'opposition de l'acte et de la donnée suffit maintenant pour rendre compte, dans le temps lui-même, de la corrélation de l'acte et de la donnée, puisque le propre de l'acte est de se tourner nécessairement vers l'avenir, mais pour évoquer une donnée qui ne peut être réalisée sans appartenir aussitôt au passé. L'être ne quitte jamais le présent, mais c'est dans le présent même qu'il dissocie l'avenir de l'acte du passé de la donnée, ce qui les convertit éternellement l'un dans l'autre.

²¹⁹A redundância não pretende ser exacta, mas tão só evocar a intuição do que seja uma infinitude, chame-se assim, esférica, isto é, infinita por “todos os lados”, absolutamente infinita, de tal modo que não haja “lugar”, o tal *topos* metafísico, para o nada.

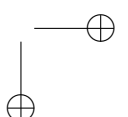
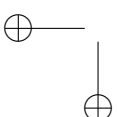




de diferenças e o tempo ganha a dimensão da correlativa imensidão dos actos de ser. Note-se que o aparecimento de todos os actos de ser num mesmo e concomitante tempo não daria o nascimento de um tempo total, seria, isso sim, indiscernível do acto puro, o qual se define por essa mesma presença simultânea e imediata de tudo a tudo: una.

O que é então o presente do intervalo? Pode haver duas perspectivas diferentes. Na primeira, e para um observador exterior ao intervalo – o único possível é o acto puro – o presente é, em cada instante, o estado de actividade – nesse instante parada... – do todo do intervalo: um degrau na passagem geral de um passado geral arqueológico a um inexistente (no intervalo) futuro. É claro que, se o intervalo funcionasse assim, teria caído imediatamente no nada, pois o tal futuro é indiscernível do nada, uma vez que o que vai preencher o “futuro” é actividade sempre presente e essa é, como sabemos, fruto da actividade infinita do acto puro. Assim, e neste esquema, o futuro é o próprio acto puro, na sua dimensão de infinita possibilidade potente; o passado, como tal, já não está e o que há, de facto, é o instante presente. Na segunda perspectiva, intra-intervalar, só há o presente e este é a própria actividade sustentadora dos diferentes actos de ser. Não há o acto de ser do futuro; se houvesse seria presente, e não há o acto de ser do passado – já passou, já foi presente. Mas então o presente passado não subsiste? Não. Não, porque também não há um presente – este seria sempre o da primeira perspectiva – o que há é uma actividade imensa, virtualmente infinita, que vai sendo, vai sendo sempre. O chamar-se-lhe presente é querer colher um fragmento do transeunte infinito, mas ele é subtil, escapa-se, esvai-se por entre os dedos, que também são da mesma massa subtil.

*O presente não é o ponto de encontro entre o passado e o futuro, pois não há passado, não há futuro e não há sequer ponto. Tudo menos pontos, que são paragens e portas para o nada. Este presente é o *topos* móvel da consciência, na sua iluminação própria*





de um cantinho do infinito. É a apreensão por si própria de uma parcela da actividade infinita, onde se acumulam os restos do que já foi – mas ainda é, os restos são presente – na presente memória, e se antecipam, se lançam para a frente, os “sonhos”, as “imagens” – presentes – do que há-de ser. A pura presença avança, podendo ignorar tudo isto, sendo sempre e só o que, *sendo*, é. Esta consciência só é possível como primeira perspectiva e, ainda assim, é incorrecta. Não há propriamente presente, o que há é Ser, melhor, Acto.

4.6.4 *O Absoluto. E o acto é o absoluto. Porquê?*

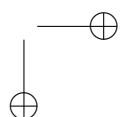
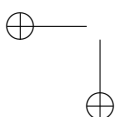
Cada ser começa em cada instante no absoluto.²²⁰

Mais do que apontar, e correctamente, para uma origem – absoluta – de cada acto de ser fora do tempo, uma vez que o tempo não mede a pura eclosão dos actos de ser, mas a distância ontológica entre as diferentes eclosões, dando-se estas à parte do tempo, “antes” do tempo, este trecho aponta para a condição de radicação de cada eclosão²²¹ no absoluto do acto puro. Como já se viu abundantemente, cada acto de ser particular é participação, é a participação de si mesmo no acto puro e é este que constitui a essência íntima do seu ser. Todo o instante possível, isto é, toda a possível paragem do acto que possamos operar²²² a fim de o captar, se fosse

²²⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 114: *Chaque être commence à chaque instant dans l'absolu*.

²²¹Eclosão não se refere a um mero primeiro começo do acto de ser, refere-se à infinidade de começos que o constituem. O acto de ser é um perene primeiro começo de si mesmo.

²²²É isto o instante. No puro haver do acto de ser não há instantes, o que há é uma contínua e não-discreta actividade criadora do acto puro. Parar, seria cair no nada, uma vez que a descontinuidade implica sempre um nada de ser – o descontínuo – e um nada de ser é o nada: este nunca pode ser relativo – seria um ser.



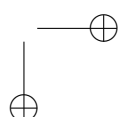
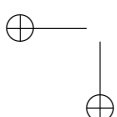


possível – que não é –, mostrar-nos-ia esse acto de ser e todos os demais, e todos eles incapazes de explicar como tinham chegado até aquele ponto de paragem, sem recorrer a uma actividade constituinte, motora da chegada a esse instante, onde tivessem sido como que congelados, para observação. O absoluto do instante, se fosse possível, só seria explicável pela sua radicação no absoluto do acto puro. Mas o que não se pode dizer do instante, pode-se dizer do movimento, da actividade múltipla e omnipresente que justifica o haver actos de ser: o absoluto do movimento – ineludível, imparável – radica, ou melhor, é o absoluto do acto puro, melhor ainda, *é o Absoluto*. O Absoluto é a actividade do acto. A total e infinita actividade do Acto, nas suas virtualmente infinitas possibilidades. Isso é o absoluto. Não pode haver outro.

Se bem que o termo infinito marque sempre a desproporção do acto puro e do acto de participação e exprima o percurso que fica sempre aberto diante da nossa liberdade, é útil, entretanto, continuar a servirmo-nos dele para qualificar a unidade do Acto de que dependem todas as formas particulares da participação. É então que se pode falar de um infinito actual. Mas este não se reduz nem à soma de todos os termos de uma série indefinida nem à lei que os enquadra; é a eficácia pura na qual encontram sempre algo que retirar os seres individuais para constituir a sua natureza própria, por um acto de liberdade.²²³

Pode-se dizer que o Absoluto é um *infinito actual*, isto é, um infinito em acto ou um acto infinito. Mas o que é isto? Isto é *tudo*.

²²³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 238: *Bien que le mot infini marque toujours la disproportion de l'acte pur et de l'acte de participation et qu'il exprime la carrière qui reste toujours ouverte devant notre liberté, il est utile cependant de continuer à s'en servir pour qualifier l'unité de l'Acte dont dépendent toutes les formes particulières de la participation. C'est alors qu'on peut parler d'un infini actuel. Mais il ne se réduit ni à la sommation de tous les termes d'une série indéfinie, ni à la loi qui les engendre; il est l'efficacité pure dans laquelle trouvent toujours à puiser les êtres individuels pour constituer leur nature propre par un acte de liberté.*





A resposta não é simplista, é mesmo simples e a única possível. *Infinito e Absoluto* referem-se ao que está onde não está o nada. Ao que justifica o haver algo e algo que, uma vez estando sendo, não pode ser aniquilado, pois acabar algo é acto e re-introduz a questão. O Absoluto é, então, esta indelével actividade, totalmente auto-dependente. Mas o que é o absoluto ser infinito e o que é ser um todo?

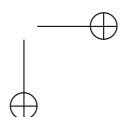
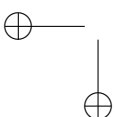
O ser um todo quer dizer que se o Absoluto tivesse fronteiras – as suas fronteiras são ele mesmo – nada haveria para além delas, isto é, a realidade, nas suas virtualmente infinitas possibilidades, estaria toda para cá das fronteiras do Absoluto. Assim, o absoluto tudo engloba e abrange, embora os particulares não sejam confundíveis com ele. O Absoluto define-se como a total interioridade: tudo o que há, está cá “dentro”. Mas, propriamente, o Absoluto, não tem fronteiras, pelo que a distinção entre interioridade e não-interioridade, interior e exterior, serve apenas para dar conta da *absoluta intensividade do Absoluto*: este não é extenso, é *absolutamente intenso*.

De tal modo que o Absoluto não é finito, no sentido em que poderíamos encontrá-lo um dia após uma enumeração exaustiva: é-o apenas nestroutro sentido de ser o princípio primeiro ao qual nada falta pois é a fonte de tudo o que pode ser, isto é, da infinitude mesma da participação.²²⁴

A limitação da linguagem – limitação do nosso ser (acto de ser humano) – dá uma coloração de finitude ao termo *todo*. Daí a necessidade de o emparceirar com o termo *infinito*. O acto puro é um Todo que é um infinito, é um total acto infinito. E o que é um acto infinito?

Já vimos que é um acto não enumerável. É imenso, mas não do

²²⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 236: *De telle sorte que l'Absolu n'est point fini au sens où nous pourrions le rencontrer un jour après une énumération exhaustive: il l'est seulement dans cet autre sens, qu'il est le principe premier auquel rien ne manque puisqu'il est la source de tout ce qui peut être, c'est-à-dire de l'infinitude même de la participation.*



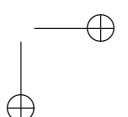
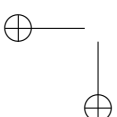


lado de quem enumera, é imenso porque não tem fim assinalável, princípio assinalável ou dimensão assinalável, isto porque não tem começo, não terá fim e só tem meio e este meio é infinito. Isto é?

E a sua infinitude não exprime coisa alguma mais, relativamente a todas as formas particulares da participação, do que este carácter pelo qual não cessa jamais de produzir ou, se se quiser, de fornecer, de tal modo que, na oposição do finito e do infinito, o infinito reconquista uma espécie de prioridade e de privilégio.²²⁵

O infinito não se refere, pois, à determinação negativa e redundante do não-conhecimento dos limites nem à possível linearidade inalcançável de uma actividade de pontuais saltos orientados. O infinito actual é a total presença a si mesmo de todas as possibilidades, numa perfeita continuidade, metaforizável não numa linha contínua mas numa esfera absolutamente densa e sem qualquer fronteira assinalável ou possível. Destes possíveis, nada impede que alguns sejam possíveis sob a forma do possível realizado em ser, seja nesta forma de realização que é correlativa ao acto de ser humano, seja noutra qualquer – querendo o “qualquer” dizer, também, infinitamente variável ou possível. O infinito é um infinito de infinitos. Um infinito de si mesmo. Esta infinitude é única e como tal absoluta. O infinito é o absoluto e o absoluto é o infinito. Só pode haver um de cada e os dois são o mesmo. O infinito só pode ser em acto ou não seria coisa alguma; e o acto só pode ser infinito ou seria o nada: o Acto é o infinito e o Absoluto.

²²⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 237: *Et son infinité n'exprime rien de plus, à l'égard de toutes les formes particulières de la participation, que ce caractère par lequel il ne cesse jamais de produire ou, si l'on veut, de fournir, de telle sorte que, dans l'opposition du fini et de l'infini, l'infini reconquiert une sorte de priorité et de privilège.*





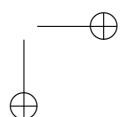
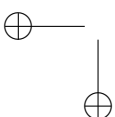
4.6.5 *O acto puro; o Acto*

Mas o fundamento de todas as possibilidades é precisamente a actualidade absoluta; a possibilidade nasce no intervalo que a separa da actualização participada.²²⁶

A *actualidade absoluta* é, pois, o que define o acto puro ou, simplesmente, o Acto. Não é fácil, mergulhados como estamos numa realidade intervalar de acto e potência, intuir o que possa ser, o que seja essa actualidade absoluta. O meio que nos parece mais óbvio para esta possível intuição parte da evidência da aparente descontinuidade ontológica dos diferentes actos de ser que formam o conjunto constituinte do espaço ontológico intra-intervalar. Ora, este espaço e os seus constituintes – os actos de ser – não podem ser ontologicamente descontínuos, sob pena de caírem no nada. Ora, a continuidade que necessariamente subjaz ao todo do intervalo há-de ser, necessariamente também, algo de indefectivelmente actual. A actualidade absoluta é então, sob este ponto de vista, a absoluta continuidade de acto sem qualquer solução de continuidade, o que implica a tal totalidade infinita “esférica” já discutida. É esta continuidade ontológica que constitui isso que permite que haja sempre ser e não o nada.

A abertura do intervalo ou a definição do espaço ontológico próprio dos diferentes actos de ser permitiu-nos perceber por um lado a essência da possibilidade, vista do lado do intervalo criado, por outro intuir a essência do acto puro, pela necessária continuidade metafísica, único garante não só da continuidade ontológica, mas mesmo e fundamentalmente da sua existência.

²²⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 158: *Mais le fondement de toutes les possibilités, c'est précisément l'actualité absolue; la possibilité naît dans l'intervalle qui la sépare de l'actualisation participée.*





4.7 O intervalo não-vazio

Visto que o intervalo ontológico não é vazio, que é a própria abertura ontológica, vamos agora reflectir sobre a sua não-vacuidade.

4.7.1 *Potência e acto, mediações*

Antes de mais, o que é necessário notar é que todo o ser da potência reside numa relação. É uma relação entre o ser absoluto que é um acto puro e o ser participado que põe em jogo a nossa iniciativa. Exprime a sua ligação ou a sua solidariedade; é o facto mesmo da sua comunicação.²²⁷

A potência é o facto da comunicação entre o ser absoluto e o ser participado, tendo em conta que:

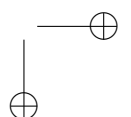
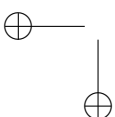
A distinção entre a possibilidade e a potência é que a potência é a possibilidade ainda não actualizada, mas já assumida como nossa.²²⁸

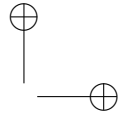
Não se podendo esquecer o papel instrumental, fundante da consciência, pois: A consciência é o ser do possível e é concomitantemente a experiência do possível. Pode-se dizer que actualiza o possível como possível.²²⁹

²²⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 272: *Tout d'abord, ce qu'il faut noter, c'est que tout l'être de la puissance réside dans une relation. Elle est une relation entre l'être absolu qui est un acte pur et l'être participé qui met en jeu notre initiative. Elle exprime leur liaison ou leur solidarité; elle est le fait même de leur communication.*

²²⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 277: *La distinction entre la possibilité et la puissance, c'est que la puissance est la possibilité non point actualisée, mais déjà assumée comme nôtre.*

²²⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 277: *La conscience, c'est l'être du possible et c'est en même temps l'expérience du possible. On peut dire qu'elle actualise le possible comme possible.*

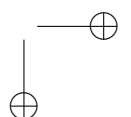
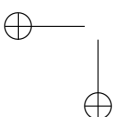




A potência é o facto da comunicação entre o Acto e os diferentes actos de ser. Mas que potência é esta? Melhor, esta potência é? É, mas de um modo muito especial. No seio do acto puro não há lugar para qualquer potência, uma vez que tudo é acto, em acto, actual. A questão da potência só se pode pôr no âmbito do intervalo ontológico, onde o que há não é um puro acto, uma pura actualidade absoluta, mas uma actualidade participada. Cada acto de ser é o fruto da sua participação no acto puro ou o que o acto puro cria, põe nele, como participação constituinte. A potência é o lado matricial do Acto, presente no intervalo e participável.²³⁰ Mas só o é enquanto está sendo participada, enquanto está presente no acto de participação, uma vez que a potência também é acto – acto de potência –, nunca é uma pura e vazia potência, indiscernível do nada. É sempre uma potência de ...; uma potência de, daquilo que está participando, enquanto participado, criação em acto do participante/participante. A potência é a matéria da relação que o acto puro põe à disposição do participante na fase matricial da criação, isto é, sempre. A potência está sempre presente, pois, se desaparecer, desaparece a possibilidade daquela participação. A potência é a face matricial do acto puro, o acto dessa potência é o acto de ser que se participou dela e nela. É isto a comunicação do ser; a potência é o acto possível tornado possível, *enquanto se torna possível*. Sem ela não haveria acto de ser algum. Não é o mesmo que o intervalo, que é a pura possibilidade de haver actos de ser. Habita esta possibilidade e permite concretizá-la e patenteá-la. Sem a potência em acto de ser participado, o intervalo permaneceria uma pura possibilidade metafísica. É a potência que transforma o intervalo de pura possibilidade metafísica em possibilidade ontológica. A potência concretiza a metafísica em ontologia. É a matéria metafísica da ontologia.

No intervalo ontológico, habitado pelo acto de ser humano e

²³⁰Veremos mais à frente que a grande potência matricial é o próprio amor, que é sempre acto, mas acto que espera até poder ser.





pelo qual este é co-responsável, como co-dador e co-construtor do tecido de sentidos a que chamamos mundo e que é uma tradução à medida da nossa inteligência do acto puro a nós dado, a potência é a possibilidade ao nosso alcance, pronta a ser iluminada pela nossa relativa inteligência, movida pela nossa capaz vontade e amada pelo potencialmente infinito acto de ser.

O acesso à potência é dado pela consciência, relativamente à qual a panóplia das possibilidades se desenrola e ao abrir-se se potencializa, isto é, se torna patente como efectiva possibilidade ontológica ao alcance da capacidade participadora de cada acto de ser humano.

Pois participar é actualizar, para a tornar nossa, uma potência que apenas existia como potência pela disposição mesma que dela tínhamos.²³¹

4.7.2 O dado e o acto

Para uma actividade perfeita, não há dado algum.²³²

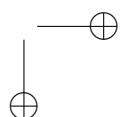
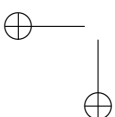
Ou seja, o acto puro não tem correlativo algum, que não seja a pura identidade consigo mesmo. O dado é sempre o correlato de uma actividade não perfeita,²³³ de algum modo residual e necessariamente limitada; o limite, em que se vem acabar é o dado, pois o dado *não exprime apenas o limite, mas também o sucesso da participação.*²³⁴ Esta actividade limitada é a própria participação em

²³¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 284: *Car participer, c'est actualiser pour la rendre nôtre une puissance qui n'existait comme puissance que par la disposition même que nous en avions.*

²³²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 304: *Pour une activité parfaite, il n'y a point de donnée.*

²³³*Perfeito*, neste contexto, quer dizer que a actividade é perfeita enquanto tal, enquanto actividade, é a *perfeita actividade*, não a actividade que se fez e se acabou.

²³⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 305.





acto. O dado é sempre a obra da participação e esta termina sempre num qualquer dado. Este não é uma qualquer abstracção, mas a carne mesma da obra participadora. De algum modo, é o dado que é o preenchedor do vazio enquadrante do intervalo ontológico. Neste sentido, o dado é o próprio acto de ser, como dado no seio do intervalo. Não se trata de uma matéria – abstracção –, mas da própria síntese entre a operação operadora do acto e a capacidade de aceitação do intervalo e da consciência participadora no seio deste. O dado é o correlato da actividade do acto de ser humano na sua auto-construção e na construção da teia de sentidos que é o mundo.

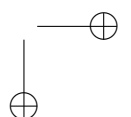
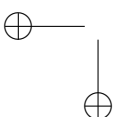
A ambição da consciência não é engolir o mundo na sua própria solidão, mas comunicar com ele numa espécie de reciprocidade em que possa pedir e receber.²³⁵

Dar, porque ao constituir-se como o intervalo testemunhal pronto para a eclosão do diferente da participação, permite, a este, ser. Receber, pois, só deixando ser, é. Para que não seja um vazio, há que receber a presença do diferente da participação. O acto, ao criar o intervalo, cria a consciência e cria o dado; este só é porque se dá no intervalo, a consciência é o próprio intervalo assumido por cada acto de ser humano, como lugar das potências, isto é, como *topos* da eclosão dos diferentes actos de ser possíveis.

Se é o exercício da minha actividade que confere ao real o seu carácter de actualidade, o dado é uma presença que lhe é correlativa. Se o acto participado é sempre desigual do acto puro e se mantém assim um carácter inevitável de vazio e de inacabamento, o dado que evoca assegura-lhe em cada ponto uma plenitude concreta e suficiente.²³⁶

²³⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 306: *L'ambition de la conscience n'est pas d'engloutir le monde dans sa propre solitude, mais de communiquer avec lui dans une sorte de réciprocité où elle puisse aussi demander et recevoir.*

²³⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 302: *Si c'est l'exercice de mon activité qui confère au réel son caractère d'actualité, la donnée est une présence qui en est correlative. Si l'acte participé est toujours inégal à l'acte pur, et s'il garde ainsi un caractère inévitable de vide et d'inachèvement, la donnée qu'il évoque lui*





Se a isto acrescentarmos que:

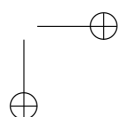
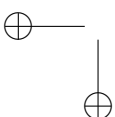
O ser ultrapassa sempre o acto que sou capaz de realizar: ora, é precisamente isso que o ultrapassa que se nos torna presente no dado, segundo a perspectiva do acto mesmo que acabamos de executar.²³⁷

Neste sentido, o dado é o próprio ser, o constituinte factual do mundo, o mundo como um conjunto concreto de factos. Neste sentido, o mundo é o que transcende o acto, invertendo-se a tradicional relação de um mundo – imanência de e a si mesmo –, transcendido num além inventado em metafísica quimera. É o mundo que é o transcendente à pura imanência autóctone do Acto (uma das infinitas possíveis). A actividade matricial do Acto, ao criar o intervalo próprio e capaz do ser, cria uma sua própria transcendência no ser. Transcende-se em seres e estes são fruto da experiência ontológica deste e neste intervalo. O conjunto dos seres, isto é, dos actos de ser e das suas relações é o fruto de um ensaio do acto puro. Um novo jogo que actualiza uma nova forma, uma das infinitas possibilidades do Todo. Sendo este infinitamente integrado – íntegro – e inamissivelmente uno, tem todos os possíveis ensaios presentes, só que, para si, essa presença não é no tempo; com este, mede-se a diferença presentificadora da diferença do acto em criação e justifica-se a consciência, esta nossa, que não é o Todo e precisa do intervalo e do dado no tempo e não na eternidade para poder ser.

Relativamente ao Acto e no seu seio, cada consciência finita pode estar presente sob a espécie da eternidade; mas, para estar sentindo-se (inteligência própria) como tal, no intervalo, que é esse mesmo sentir-se presente, a espécie presente é a da diferença que marca a distância e permite o reflexo, a espécie é o tempo. O sonho da consciência, como tal, é efémero. Isso que o faz ser sonho é

assure en chaque point une plénitude concrète e suffisante.

²³⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 303: *L'être passe toujours l'acte que je suis capable d'accomplir: or c'est précisément ce qui le passe qui nous devient présent dans la donnée selon la perspective de cette acte même que nous venons de faire.*





eterno. O sonho, porque isso que o faz ser não pode acabar, é eterno, não como sonho, mas como Acto que, nele, se sonha.

4.7.3 *O mundo e o acto*

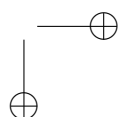
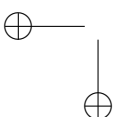
O mundo não é um sonho. A metáfora acabada de utilizar refere-se à fragilidade quase insubstante da consciência e reforça a inamissibilidade do que a faz ser. Mas o mundo não é um sonho; pelo menos não é um sonho do mundo, do próprio mundo. Então, o que é?

O mundo mais não é do que um espectáculo do qual sou o espectador; mais não é do que a minha representação, mas, ao menos, eu que a tenho, domino-a e não faço parte dela. É sempre um não-eu no qual não encontro lugar. Mais não faz do que aparecer-me: e desaparece com a minha morte, e mesmo a cada minuto, sem que o ser do eu receba dano algum.²³⁸

O mundo mais não é do que um espectáculo, no qual não me integro, mas que depende de mim, pois, *antes do nascimento e após a morte, não há mais mundo para nós.*²³⁹ Que mundo efémero é este? É o nosso acto. É, melhor, o Acto feito nosso. É o correlato da nossa actividade intra-intervalar. Não que o mundo seja uma produção do acto de ser humano. O mundo é a presença ao acto de ser humano de si mesmo no intervalo ontológico. Este não é o mundo: é o *topos* da eclosão dos diferentes actos de ser como

²³⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 312: *Le monde n'est qu'un spectacle dont je suis le spectateur; il n'est que ma représentation, mais, du moins, moi qui l'ai, je la domine et je n'en fais pas partie. Il est toujours un non-moi dans lequel je ne trouve pas place. Il ne fait que m'apparaître: et il disparaît à ma mort, et même à chaque minute, sans que l'être du moi en reçoive aucune atteinte.*

²³⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 313. Evoco, aqui, a experiência pessoal de uma terrível saudade angustiosa de um mundo que se há-de deixar, a dor terrível da vida feita pura memória de ignota forma e dimensão; a esperança de poder guardar eterna memória viva da bondade e da beleza aqui hauridas.

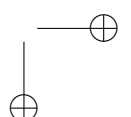
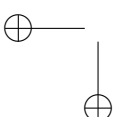




lugar da eclosão do novo, equivale, para cada acto de ser humano, à própria consciência que o constitui, como sede das potências ou dos actos de potência apontados à actualização.²⁴⁰ Cada acto de ser humano, como consciência capaz de presenciar e presentificar a eclosão dos diferentes actos de ser, é co-extensivo ao intervalo ontológico, virtualmente. De facto, as diferentes consciências particulares partilham essa virtualidade infinita, partilhando a energia motora matricial que gera os diferentes actos de ser, presentes às diferentes consciências, e cria estas, também, como parte pertencente ao diferente do acto de ser. Mas não é isto o mundo; isto é o intervalo habitado por actos de ser, vistos desde a perspectiva do Acto criador/matricial. O mundo aparece com a apropriação por parte de cada acto de ser humano da sua parte do *topos* do intervalo ontológico – apropriação virtualmente infinita. Como é virtualmente infinita, cada acto de ser humano, finito em acto, colhe desse intervalo infinito a sua parte *parcial*, lote que, em parte, é comum aos outros. É esta parte comum que constitui a relação com os demais e dá o mundo como teia de sentidos relacionais, partilhada. Só é teia porque é partilhada e é partilhada necessariamente porque cada acto de ser humano, não sendo infinito, é ilimitado, podendo inter-penetrar todos os demais e ser por eles inter-penetrado. É esta inter-penetração que constitui o mundo. É isto que comigo acaba quando eu acabo. Desaparece a relação, desaparece o sentido – isto visto do *meu* lado.²⁴¹ Veremos adiante a dimensão em que este

²⁴⁰Em última análise, e como veremos mais à frente, esta equivalência será transcendida por uma identificação com o próprio amor como impulso da busca de uma assintótica perfeição, só alcançável já fora do intervalo, na pura contemplação do Acto.

²⁴¹Não se tome isto por uma antropomorfização da realidade: é uma antropomorfização do mundo, que é sempre o *nosso* mundo. Se eu morro, o sol desaparece do mundo, do meu mundo, da minha teia de significados. O sol não desaparece do Acto. Mas eu não sei o que é o sol no Acto ou em acto ou como acto; eu só sei o sol e do sol do meu mundo *e esse morrerá quando eu morrer*.



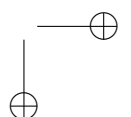
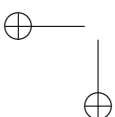


mundo depende realmente de nós.

4.8 O intervalo jogado

4.8.1 *Participação, acto, jogo*

O intervalo ontológico, no interior do qual aparece o conjunto dos diferentes actos de ser, mais do que como uma dinâmica virtualmente infinita, isto é, uma possibilidade de infinitas potências, define-se como uma cinética de uma imensidão de actos de ser. Se a potencialidade inerente ao intervalo é, pela eventual actividade matricial do Acto, infinita, o efectivo número de actos de ser é finito, se bem que imenso. Numa qualquer estabilização instantânea do conteúdo do intervalo, obter-se-ia uma sinopse estática e mensurável do todo do conjunto dos actos de ser. Ora, tal não é possível e não é possível porque essa estabilização é impossível, necessariamente impossível: o intervalo não é um conjunto de potências actualizáveis num qualquer acto finalizado total; é um acto total imenso e imparável, enquanto nele se fizer sentir a actividade matricial do acto puro. O intervalo não é um mostruário de potências, é um jogo de actos de ser, uma dialéctica infinita, mediada pelo acto de ser humano. Não há um potente jogo de possíveis: o jogo é a concretização ontológica dos possíveis. A participação, sendo mediada pelo acto de ser humano, não assume um carácter mecânico ou determinista, antes se realiza através de uma cinética de jogo, em que a imensidão dos modos de apropriação participativa do Acto se soma integrativamente e produz um todo do mundo que corporiza todas as diferentes escolhas de co-criação dos diferentes actos de ser humanos quer na sua relação vertical com o Acto quer na horizontal com os demais actos de ser humanos quer no triângulo que a integração dessas outras duas necessariamente introduz

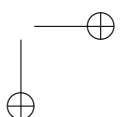
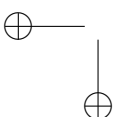




no intervalo, uma vez que a relação vertical tem sempre repercussões horizontais e a relação horizontal só é porque é sustentada pela vertical.

A dimensão de jogo, intra-intervalar, é obrigatória, pois cada ensaio de ser de cada acto de ser humano – auto-constituente e constituinte do seu mundo, do qual fazem parte os outros actos de ser humanos (e reciprocamente) – equivale a uma jogada no desconhecido, pois, se o horizonte de actividade de cada acto de ser humano é virtualmente infinito, de facto não o é, pois, se fosse, cada acto de ser humano seria o acto puro. Actuar, para cada acto de ser humano, equivale a lançar acto de ser no (parcialmente) desconhecido todo do ser. É um jogo. Só não é jogo visto de fora do intervalo, numa sinopse infinita e infinitamente integradora, ou seja, na perspectiva do acto puro.

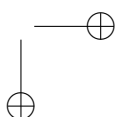
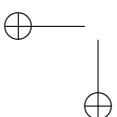
Mais do que uma perspectiva de jogo, onde a ludicidade é limitada – o jogo tem regras de jogar – poder-se-ia falar de uma ludicidade pura, não de um jogo, mas de uma brincadeira, isto é, de um jogo especial, em que o próprio jogo cria as regras à medida que vai sendo jogado, criado como jogo. Ora, esta perspectiva não é aceitável no interior do intervalo, devido à própria estrutura *estruturante* do intervalo. O jogo em acto no interior do intervalo é regrado pela estrutura ontológica e ontologificadora do intervalo, *deste intervalo. Lembra-se que, entre infinitos possíveis, outro infinito: outras regras.* Mas a perspectiva puramente lúdica é a acertada para definir a essência do próprio acto puro: é a auto-criação por excelência, é tudo o que cria e tudo o que cria é, diferentemente, omni-modalmente, infinita e totalmente. Mesmo as regras, que são essas mesmas que são, em cada infinito instante. Não há outras. Ou, melhor, há uma: não poder acabar. A participação – preenchimento do interior do intervalo ontológico puro – é, pois, um jogo de imensas partidas entre o Acto matricial e cada um dos diferentes actos de ser, entre estes também lateralmente e entre a totalidade destes e o Acto matricial. Mas é sobretudo, um jogo –





brincando – do Acto consigo mesmo, com um vencedor – nós e os demais seres.

Pois não podemos considerar a participação do ser finito no ser infinito como análoga a uma marcha progressiva em que o ser finito seria o móvel e o ser infinito o fim. Todo o fim é ao mesmo tempo particular e exterior. Como é que o Todo no qual estamos situados, como é que o princípio mesmo que nos anima seria para nós um fim? Nem o ar é o fim da ave nem o mar o do peixe, e o Ser é, ao mesmo tempo, o nosso ar e o nosso mar. O impulso que sustenta um movimento não é o seu fim: encontra-se bem para além; é a sua origem, a sua essência e o seu gozo, e o acto puro é para mim esse impulso. Há, pois, uma grande vaidade em pensar-se que o próprio da participação é ser um acréscimo indefinido, concomitantemente intensivo e extensivo, do meu ser particular. Pois seria incapaz, então, de obter essa presença do Todo, a qual seria para ele uma simples miragem e se afastaria sempre. Mas o Todo não nos pode ser presente salvo se, em vez de nos dirigirmos para ele, nele ajamos e em comunhão com ele. Então, a própria participação é desinteressada; não é avara, não pensa nem em adquirir nem em reter. Sabe que mergulha em plena actualidade no Todo, do qual a presença nunca lhe pode ser retirada. É nele que se exerce, por um acto sempre idêntico e sempre novo, que se assemelha a uma respiração não interrompida, em que o nosso ser próprio se constitui por um duplo movimento de empréstimo e de restituição, para se alimentar indefinidamente do Todo, sem jamais lhe acrescentar



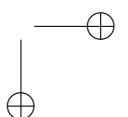
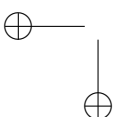


coisa alguma.²⁴²

4.8.2 Coisas, ideias, seres

O eu mais não é do que uma forma oca à qual apenas o não-eu pode dar um alimento. É a faculdade de tornar presente a si próprio o que ele próprio não é. Mas uma consciência não pode ser separada de uma outra consciência a não ser pelo que há de passividade em ambas. O que basta para justificar o aparecimento da matéria ou dos corpos. É a esta matéria que se aplica sem cessar o querer pelo qual tentamos ultrapassá-la, penetrá-la, fazer dela o instrumento dos nossos fins espirituais. No entanto, isso não seria possível se essa mesma matéria não provasse a sua afinidade com a consciência, quer dizer, se não fosse susceptível de ser pensada.

²⁴²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 344: *Car nous ne pouvons point considérer la participation de l'être fini à l'être infini comme analogue à une marche progressive où l'être fini serait le mobile et l'être infini le but. Tout but est à la fois particulier et extérieur. Comment le Tout où nous sommes placés, comment le principe même qui nous anime serait-il pour nous un but? Ni l'air n'est le but de l'oiseau, ni la mer celui du poisson, et l'Être total est à la fois notre air et notre mer. L'élan qui soutient un mouvement n'en est pas le but: il est bien au delà; il en est l'origine, l'essence et la jouissance, et l'acte pur est pour moi cet élan. Il y a donc une grande illusion et une grande vanité à penser que le propre de la participation, c'est d'être un accroissement indéfini, intensif et extensif à la fois, de mon être particulier. Car elle serait incapable alors d'obtenir cette présence du Tout qui serait pour elle un simple mirage et s'éloignerait toujours. Mais le Tout ne peut nous être présent que si, au lieu de nous diriger vers lui, nous agissons en lui et en communion avec lui. Alors la participation est elle-même désintéressée; elle n'est pas avare, elle ne songe ni à acquérir, ni à retenir. Elle sait qu'elle plonge toujours actuellement dans le Tout, dont la présence ne peut jamais lui être retirée. C'est en lui qu'elle s'exerce par un acte toujours identique et toujours nouveau, qui ressemble à une respiration ininterrompue où notre être propre se constitue par un double mouvement d'emprunt et de restitution pour se nourrir indéfiniment du Tout sans jamais rien y ajouter.*

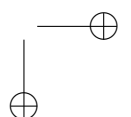
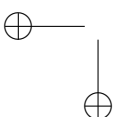




Vê-se, então, como se formam os três mundos: o dos seres, o das coisas e o das ideias, que se encontram subordinados uns aos outros, mas, no entanto, são tais que o mundo das coisas é necessário para que os seres possam estar separados uns dos outros e ultrapassar essa separação através dos testemunhos e das mensagens, que não cessam de enviar uns aos outros, – e que o mundo das ideias é necessário, por seu turno, para que as coisas adquiram um significado espiritual e possam tornar-se, para as diferentes consciências, um meio de se compreenderem umas às outras e o veículo das suas intenções mútuas.²⁴³

Qualquer consciência que fosse uma pura actividade abarcaria todo o horizonte possível do ser, toda a possível actividade, infinitamente, uma vez que não seria possível encontrar meio de lhe assinalar quaisquer limites, sendo essa mesma actividade pura. Como já sabemos, é esta a definição do próprio acto puro. Ora, as consciências particulares são limitadas, não segundo uma virtual infinita linearidade de aquisição de novos dados de actos de ser em contacto, mas como uma eventual omni-integração esférica do todo do acto: cada consciência particular participa de um certo domínio do Acto – aquele de que é capaz –, mas tão só e apenas desse, deixando o resto do domínio intervalar para a participação das restantes, actuais ou possíveis novas consciências. Já não se mencionam possíveis outros intervalos que o acto possa criar adequados a outras consciências. Neste intervalo, cada consciência, se bem que possa abarcar sucessivamente toda a sua riqueza ontológica, uma vez que lhe é adequada, não o pode fazer instantaneamente, para o que necessitaria de ser da dimensão do próprio intervalo, ser-lhe exterior e poder abarcá-lo sinopticamente, contemplando não só o estado instantâneo da acção – que não é acção –, mas a total integração de todo o movimento, de todos os movimentos integrados

²⁴³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 401: *Le moi n'est qu'une forme creuse à laquelle le non-moi seul peut donner un aliment. Il est la faculté de se rendre présent ce qui n'est pas lui.*

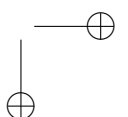
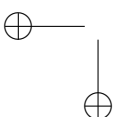




da total relacionabilidade intra-intervalar. Ora, a consciência particular não é capaz de tal exercício.

Em redor da zona de actividade iluminada de cada consciência, e estendendo-se até ao mais profundo e ignoto do intervalo, há uma ineludível e inelutável zona de sombra: esta zona, sendo penetrável, não é conquistável, como um todo, e, portanto, não é conquistável para a consciência, para a construção de cada acto de ser humano. Melhor, é mesmo parte da construção de cada acto de ser humano, mas como a parte escura, a sua parte obscura, que mais não é do que o todo da parte ignota do intervalo que o acto de ser humano não consegue fazer sua. Aqui se pode ver que o desconhecido do mundo habita no seio de cada acto de ser humano, e que o que há de desconhecido em cada acto de ser humano é a própria sombra do intervalo, o desconhecido do mundo, aquilo com o qual não pode estabelecer relação para além da relação do desconhecimento, que se sabe como tal e que como tal se teme: eis o medo que nasce, medo que é sempre de dimensão cósmica.

É esta não-total actividade da consciência particular que constitui a sua passividade. É essencialmente privativa, isto é, faz parte da sua essência de consciência particular o não ser capaz de abarcar todo o horizonte do acto intra-intervalar. Mais, é isto mesmo que a constitui: ser capaz, como inteligência, de presentificar a sua parte da participação e, assim, ajudar o Acto matricial a presentificar o acto intervalar – que tem de passar pela presença a uma inteligência –, mas fazê-lo no seu raio de acção e tão só. Neste raio de acção da inteligência própria de cada acto de ser humano, eclodem outros actos de ser humanos – reconhecíveis como tal por semelhança de funções – e outros actos de ser que são dissemelhantes dos humanos. Estes seres e estas coisas preenchem o espaço daquilo que, antes de lá estarem, era a pura passividade do acto de ser humano, ao qual estão agora presentes. Esses seres e as relações que estabelecem com o acto de ser humano junto do qual eclodem são o mundo desse acto de ser humano. São mais do que combinações

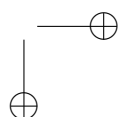
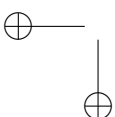




de matéria com luz da consciência, a ausência dessa matéria, isto é, a ausência da sombra de fora do raio de acção do acto de ser humano. A matéria é a sombra do desconhecido: um acto que se desconhece, fora da esfera da consciência. Quando a inteligência topa com esse *topos* onde estava essa sombra da matéria, não é matéria que encontra, *mas um acto oculto que logo se desoculta*, quando iluminado pela inteligência. E assim se comunica: penetrando no campo de consciência ou fazendo penetrar no campo de consciência, partilhando secções da esfera de consciência. É isto a relacionabilidade e a relação que constitui o mundo de cada acto de ser. É para isto que o mundo serve, para permitir a mútua presentificação dos diferentes actos de ser.

Afinal, as coisas, as ideias e os seres mais do que constituírem três mundos, co-existem interdependentemente não num mesmo mundo, mas no mesmo intervalo, servindo mutuamente como materiais de construção, tijolos de auto e hetero-construção. As coisas só separam os seres enquanto nem coisas são, isto é, enquanto permanecem na sombra da pura passividade. Quando daí saem, deixam de ser propriamente coisas e passam a ser ideias, forma na qual são apreendidas pela inteligência, que as não pode apreender de outro modo. Mas a inteligência mais não é do que o próprio acto de ser humano enquanto apreende, não algo à parte, pelo que as coisas são presentes ao acto de ser humano sempre sob a forma de ideias. As ideias das coisas são a aproximação destas ao acto de ser humano. A presença de outros actos de ser humanos também se dá como se de coisas se tratasse – através de ideias, ideias especiais, como tal apreendidas. A comunicação faz-se partilhando de algum modo²⁴⁴ estas ideias, isto é, pela sobreposição activa das esferas de luz de vários actos de ser humanos, sobreposição que, como vi-

²⁴⁴Não é imprecisão: o modo como o conteúdo objectivo das ideias é partilhado é misterioso. Não há aqui resposta para este mistério. Intui-se que deverá assentar sobre uma necessária comunidade de origem - o próprio acto puro, mas não se sabe como opera. É um dado absoluto, indiscutível, mas inexplicável.





mos, constitui a partilha de sentido e propriamente o mundo, como partilha comunicante de sentidos mutuamente referenciáveis.

Que as coisas sejam necessárias para que as consciências possam ser separadas, que elas devam ser transformadas e espiritualizadas em ideias para que o espírito possa reconquistá-las, e que, por meio das coisas e das ideias, as diferentes consciências possam entrar em comunhão numa sociedade espiritual, na qual cada uma delas é para todas as outras mediadora entre o acto puro e o seu ser próprio, tal é a imagem que nós nos damos do mundo da participação, e esta imagem, que nos dá a mais elevada satisfação, abre diante de nós uma tarefa e uma esperança ilimitadas.²⁴⁵

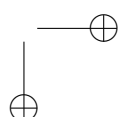
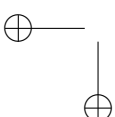
4.8.3 *Liberdade I*

A liberdade é pois o coração da participação.²⁴⁶

Iremos mais à frente encontrar a pura liberdade que, como veremos, irá tomar o nome de *amor*. Para já, interessa perceber que, na pura situação de cada acto de ser no seio do intervalo, está dado o seu quinhão de liberdade. Esta é uma liberdade de ser, isto é, o *topos* de cada acto de ser, no seio do intervalo confere-lhe o seu domínio ontológico próprio, o seu lugar de ser e para ser, a sua possibilidade de ser. Neste sentido, o seu *topos* é o mesmo que a sua potência e esta é já um acto possível que espera por vir a ser, no

²⁴⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 402: *Que les choses soient nécessaires pour que les consciences puissent être séparées, qu'elles doivent être transformées et spiritualisées en idées pour que l'esprit puisse les reconquérir, et que, par le moyen des choses et des idées, les différentes consciences puissent entrer en communion dans une société spirituelle où chacune d'elles est pour toutes les autres médiatrice entre l'acte pur et son être propre, telle est l'image que nous nous faisons du monde de la participation, et cette image, qui nous donne la satisfaction la plus haute, ouvre devant nous une tâche et une espérance illimitées.*

²⁴⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 180: *La liberté est donc le coeur de la participation.*



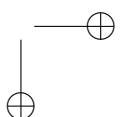
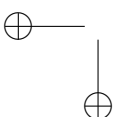


seu modo de ser próprio, no seio do intervalo. Esta liberdade estrutural é a própria actividade do acto de ser matricial, no acto de ser de cada acto participado, pelo que se pode dizer que essa mesma liberdade não é, afinal, do acto de ser, mas do acto matricial e, em última análise, do próprio acto puro. Onde está, então, a liberdade estrutural ontológica?

Está em todos eles. É o próprio jogo da participação. É o que, no Acto, é a pura ludicidade criadora que nos actos de ser é a sua existência. A liberdade, neste nível, é ser. É esta abertura de horizonte ontológico que é a grande liberdade. Livre de ser. Acto sendo. *Nisso que se está sendo, puramente, é-se livre.* O acto é sempre livre ou não é de modo algum. Não se trata aqui de qualquer escolha. A escolha foi feita ao criar cada ser, ao pô-lo em acto, acto que vai sendo e sendo diferentemente de todos os mais. Original. É o que é. É diferente de tudo o mais. Não se confunde com o demais. Nestas fundantes características desabrocha a liberdade dada a cada acto de ser. Não se trata, pois, de uma liberdade construída – essa ir-se-á encontrar no amor –, mas da própria dádiva de ser, da outorga da base de toda a construção possível. Poder ser e ser, eis a grande liberdade.

4.8.4 *Acto*

O intervalo é, pois, o espaço de liberdade dos seres, a abertura ontológica que permite o imenso jogo da criação dos diferentes actos de ser e mesmo a parcial auto-criação desses actos de ser especiais que são os actos de ser humanos. Ora, se o intervalo, visto de dentro, é o lugar ontológico – o lugar próprio da natureza dos seres –, visto de fora, é o prolongamento metafísico ou, melhor, a consequência metafísica do acto puro. O jogo de criação interior ao intervalo é a consequência mediata – e o meio é o intervalo – da actividade auto-criadora do próprio acto puro. Precise-se, não *a*,

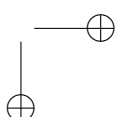
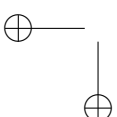


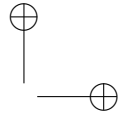


mas uma das possíveis consequências, esta que nos marca e onde estamos. A origem e a essência do intervalo está para além do próprio intervalo, isto é, é metafísica, como metafísica é a origem de toda a actividade intra-intervalar. Como se viu nos dois primeiros capítulos deste trabalho, aquilo a que agora chamamos a realidade intra-intervalar não encontra em si mesma a cabal justificação para existir, não é capaz de dar conta da dimensão de totalidade infinita no seu limitado e finito seio.

Algo de presente em todos e cada um destes actos de ser parciais os mantém sendo. Esse algo, não estando para além seja do que for – não estaria absolutamente –, está sempre presente e presente em todos e sempre disponível e revelando-se inesgotável. Essa presença, por ser presente, estar presente, é o que constitui cada ser, e cada ser a seu diferente modo. Essa presença, se se ausentar, nada deixa para trás, nem sequer memória, que é ainda presença. Essa presença, sendo parcial em cada acto de ser e mesmo no conjunto de todos os actos de ser, é tudo. Sendo tudo, tem também de ser a origem do intervalo, onde é tudo o que o habita. Mas também tem de ser o que criou esse mesmo intervalo, isto é, origem do intervalo, metafisicamente anterior ao intervalo. Nada havendo mais a que recorrer, tem também de ser origem de si mesma. Origem anterior ao intervalo, portanto, metafísica. É isto o acto puro, visto como origem do jogo intra-intervalar.

Representa-se quase sempre o acto como criador e a sua criação como subsistindo, por assim dizer, fora dele: poderia entrar em repouso e desaparecer quando a tivesse produzido. Pensamos, ao contrário, que o próprio do acto é criar-se a si mesmo e não ter qualquer outro fim senão si mesmo. Seria mais verdadeiro dizer-se, em certo sentido, que o criado mais não é para ele do que o instrumento de que se serve para agir: é por isso que, diga-se o que se disser, é sempre o criado que passa, enquanto o próprio acto





renasce eternamente, isto é, nunca deixou de ser.²⁴⁷

4.9 O intervalo dialéctico

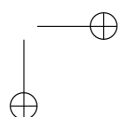
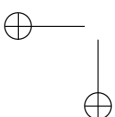
4.9.1 *Dialéctica jogada*

Pode haver um mais belo princípio como ponto de partida e como suporte de todo o método dialéctico do que esta possibilidade de si próprio que permite a cada ser realizar-se através de um acto cujo cumprimento está sempre na sua dependência, que ilumina num mesmo rasgo e na mesma operação a natureza do mundo e a sua própria natureza e que o torna sempre indivisivelmente criador de si próprio e colaborador da obra inteira da criação?²⁴⁸

A dialéctica que se encontra aqui em causa é uma dialéctica ontológica e versa sobre a construção do acto de ser humano e sobre a construção do mundo. Como se verá no próximo parágrafo, as dimensões do nível inteligível e volitivo irão desempenhar o papel instrumental necessário a essa construção. Interessa-nos, agora,

²⁴⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 16: *On se représente presque toujours l'acte comme créateur et sa création comme subsistant pour ainsi dire hors de lui-même: il pourrait entrer dans le repos et disparaître quand il l'a produite. Nous pensons au contraire que le propre de l'acte, c'est de se créer lui-même et de n'avoir point d'autre fin que lui-même. Il serait plutôt vrai de dire en un sens que le créé n'est pour lui que l'instrument dont il se sert pour agir: c'est pour cela que, quoi qu'on en puisse dire, c'est toujours le créé qui passe, alors que l'acte renaît éternellement lui-même, c'est-à-dire qu'il n'a jamais cessé d'être.*

²⁴⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 48: *Peut-il y avoir un plus beau principe comme point de départ et comme soutien de toute la méthode dialéctique que cette possibilité de soi-même qui permet à chaque être de se réaliser par un acte qui dépend toujours de lui d'accomplir, qui éclaire du même coup et par la même opération la nature du monde et sa propre nature et qui le rend toujours indivisiblement créateur de lui-même et collaborateur de l'ouvrage entier de la création ?*



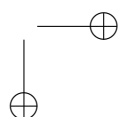
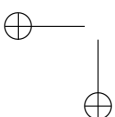


perceber que a construção se opera de um modo dialéctico, não agonístico, não opondo posições, mas operando infinitas composições de presenças, que se não opõem porque não têm que se opor, mas partilham três níveis fundamentais, um dos quais é metafísico e os outros dois ontológicos. Partilham, antes de mais, a actividade pura do acto puro, em auto-construção, actividade sem a qual nada haveria ou subsistiria – parte metafísica; partilham o interior do intervalo ontológico, lugar das potências e possibilidade livre de eclosão dos diferentes actos de ser; partilham-se uns aos outros, comunicando, tornando-se presentes uns aos outros – dimensões ontológicas.

A dialéctica da participação passa pela partilha do acto que vem do acto puro e que constitui o íntimo do acto de ser de cada ser, mas é, também, a assunção da parte da tarefa de construção do mundo em que se partilha o sentido com os outros actos de ser. Constrói-se e é-se construído. E, de novo, e sem cessar. Não há obstáculo a ultrapassar, mas caminho a percorrer. Não há coisa alguma fora do caminho ou antes de se o fazer. A dialéctica da participação é o caminho porque faz o caminho. Acto a acto. Acto de ser com acto de ser. Sentido com sentido. Caminho conjunto dos habitantes do intervalo, a caminho de si mesmos, da plenitude que nunca alcançarão porque não pode ser deles, porque é a plenitude do Acto que os faz ser e onde nunca poderão chegar. Mas enquanto são, são. E são este diálogo de ser constante entre a fonte e o ser e entre os seres.

4.9.2 *Querer e entender*

A experiência da participação mostra-nos como tomamos posse de um mundo que foi criado sem nós, mas que modificamos sem cessar, a fim de nele criar e constituir o nosso ser próprio: o que basta para justificar a distinção primitiva do entendimento e do querer.



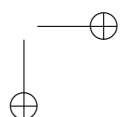
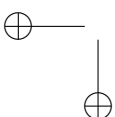


A dissociação do entendimento e do querer é, pois, a condição que permite a um espírito constituir-se como espírito, ser dotado de iniciativa e possuir uma existência autónoma. Pois a vontade é o acto tornado nosso e captado, por assim dizer, no momento em que o assumimos.²⁴⁹

O mundo é o *nosso* mundo, a *nossa* esfera de relações possíveis – inteligência – e efectivas – inteligência e vontade. Este nosso mundo, como já vimos, só aparece connosco, é um dado mútuo. Como justificar, então, a afirmação da sua criação ter sido operada sem nós? Bem, é que não é sem nós, se por *nós* se entender a soma de todos os actos de ser presentes num determinado instante, o instante mesmo do aparecimento de um novo – e cada novo – acto de ser humano. É claro que, a este nível, o mundo é a soma íntegra e integrada de todas as co-criações operadas entre o Acto matricial e cada um e todos os actos de ser humanos. E isto é assim necessariamente enquanto houver intervalo e este for habitado pelos diferentes actos de ser humanos. A independência a que o trecho supracitado alude é a do que já se encontra criado no intervalo e que constitui o mundo do novo acto de ser humano quando este eclode, isto é, quando desabrocha a sua esfera de consciência. Isso é um dado, no qual, enquanto tal, não teve qualquer interferência. É um dado oferecido à inteligência. A possível interferência será devida a uma combinação de acção conjunta da inteligência com a vontade,²⁵⁰ e será sempre posterior à vinda do novo acto de ser

²⁴⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 429: *L'expérience de la participation nous montre comment nous prenons possession d'un monde qui a été créé sans nous, mais que nous modifions sans cesse afin de créer et de constituer en lui notre être propre: ce qui suffit pour justifier la distinction primitive de l'entendement et du vouloir. La dissociation de l'entendement et du vouloir est donc la condition qui permet à un esprit de se constituer comme esprit, d'être doué d'initiative et de posséder une existence autonome. Car la volonté, c'est l'acte devenu nôtre et saisi pour ainsi dire au moment où nous l'assumons.*

²⁵⁰É também claro que não faz sentido falar de um mundo anterior à eclosão de cada acto de ser humano, relativamente a esse mesmo acto de ser humano. Não havendo esse acto de ser humano não há mundo. Não há mundo para ele. Não

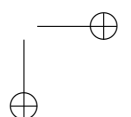
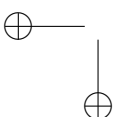




humano à existência no seio do intervalo.

Quando a nova consciência desperta para o mundo e no mundo, encontra esse mesmo mundo, ou seja, todo um tecido de relações que lhe são dadas e nas quais é convidada a integrar-se. Se até então o mundo, agora descoberto, agora presente, em nada dela dependeu, a partir do momento em que aceita incluir-se no tecido de relações, começa a participar na e da construção desse mesmo tecido, o qual, agora sim, passa a ser o seu mundo. O destino do mundo passa a ser o seu próprio destino e o seu destino passa a ser o destino próprio do mundo: a integração é necessária e perfeita, não podendo já um ser independente do outro. Qualquer modificação num é modificação no outro e reflecte-se no todo da realidade tecidual relacional do mundo e na realidade ontológica do próprio intervalo. Mas não fica por aqui, uma vez que o intervalo é, ainda, o Acto que se cria também nessa dimensão e qualquer modificação no seio do intervalo é modificação no próprio Acto, não no modo espaço-temporal próprio do intervalo, mas como explicitação modal da infinita riqueza do Acto: apareceu isto e não aquilo. Neste sentido, o jogo ontológico intra-intervalar propicia ao Acto uma descoberta de algum modo surpreendente da sua própria riqueza, uma vez que a mediação actuante de cada acto de ser e do total dos actos de ser, especialmente dos dotados de capacidade de escolha, vai explicitando, no seio do intervalo, realidades ao ritmo do próprio intervalo, num espelho de actividade que, sendo interior ao Acto, não o é imediatamente, propiciando-lhe uma auto-

havendo acto de ser humano algum não haveria mundo algum. Este é sempre um correlato de uma consciência. Não é o mesmo que dizer que não haveria uma qualquer forma outra de realidade, mas essa será sempre irreferenciável para nós nesta nossa dimensão que é a do “tal” mundo de que somos capazes e que necessita desta nossa capacidade para aparecer como é, ou melhor, como nós o vemos. Não se trata de uma qualquer subjectivização ou psicologização da realidade, trata-se de a encarar como ela é e é o que é apreendido por esta consciência onde se dá e como se dá. Não há outra e outra que se queira postular é, ainda, fruto desta e indiferente.





contemplação mediada, talvez surpreendente. Será este gozo a razão última da nossa estada aqui?²⁵¹

A parte inteligente do acto de ser humano, a parte que lê aquela que constitui como a sua esfera de realidade, a esfera de realidade intervalar de que é consciente, que constitui o seu efectivo mundo, insere o acto de ser humano no todo do intervalo:

Pois a inteligência mantém a ligação com o Todo: é por isso que é universal e que envolve de direito a integralidade do real.²⁵²

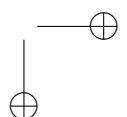
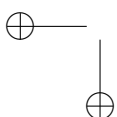
Mas esta inserção é feita ao nível do sentido puro e simples, da pura comunicação da ideia, passa-se a um nível real, mas do domínio da pura idealidade: *É pois necessário que o conhecimento não nos dê mais do que a virtualidade do objecto, e não a sua realidade.*²⁵³

Se o conhecimento desse a realidade do objecto, isto é, desse o objecto, não enquanto representação ideal, mas em si; desse o acto de ser como acto de ser, o conhecimento seria realizante, dador de acto e não apenas de ser, e seria indiscernível do próprio Acto matricial. Só no acto puro a contemplação é realizante, isto é, há uma relação biunívoca directa entre o ser e o inteligir, um e outro são o mesmo, e isto devido à própria estrutura do Todo. A inteligência indicia, pois, o lugar do acto de ser humano no seio do todo do intervalo e atribui-lhe o lugar no seio da rede de sentidos que constitui o mundo. É à vontade que cabe fazer com que o acto de ser humano participe activamente na construção de si mesmo, contribuindo efectivamente para a construção da rede de sentidos do mundo. A inserção do acto de ser humano no mundo e no seio do intervalo ontológico é operada pela vontade, a qual fornece o impulso que torna efectiva a participação do acto de ser

²⁵¹E Deus viu que era bom?...

²⁵²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 431: *Car l'intelligence maintient la liaison avec le tout; c'est pour cela qu'elle est universelle et qu'elle enveloppe en droit l'intégralité du réel.*

²⁵³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 430: *Il faut donc que la connaissance ne nous donne plus que la virtualité de l'objet, et non pas sa réalité.*





humano, que transforma em acto de ser pleno o que até ali tinha apenas a consistência de acto de ser em ideia. É, pois, *o querer que nos estabelece no absoluto do acto criador e a inteligência na sua universalidade; também o querer procura a inteligência e, na sua forma mais elevada, coincide com ela. Então, vê-se ao mesmo tempo o querer atingir o inteligível e o inteligível realizar-se.*²⁵⁴ Assim, e preparando o lugar para o amor e a liberdade, a dissociação entre a inteligência e a vontade separa o acto de ser humano do todo do intervalo, para permitir a reconquista do lugar que lhe é próprio, mas que tem de ser merecido.

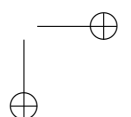
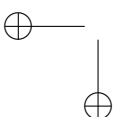
4.9.3 *Amar*

Cada uma das funções da consciência, a representação, o querer e o amor obriga-nos a transportarmo-nos para fora de nós mesmos, de modo a pôr um objecto que lhe dá um fim e uma razão de ser e a re-entrar em nós mesmos para aí disfrutarmos do nosso próprio enriquecimento. Este duplo movimento é característica da participação.²⁵⁵

Participação. Mundo. Acto. Actos de participação. Não é possível alienar o funcionamento da consciência do seu *topos* originário e ambiente, o intervalo ontológico. A consciência está no seio deste intervalo. Aquilo que cria, melhor, aquilo que co-cria,

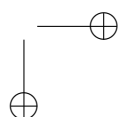
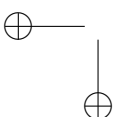
²⁵⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 430: *C'est le vouloir qui nous établit dans l'absolu de l'acte créateur et l'intelligence dans son universalité; aussi le vouloir cherche-t-il l'intelligence et, dans sa forme la plus haute, il coïncide avec elle. Alors on voit à la fois le vouloir atteindre l'intelligible et l'intelligible se réaliser.*

²⁵⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 447: *Chacune des fonctions de la conscience, la représentation, le vouloir et l'amour, nous oblige à nous transporter hors de nous-même pour poser un objet qui lui donne une fin et une raison d'être et à rentrer en nous-même pour y jouir de notre propre enrichissement. Ce double mouvement est caractéristique de la participation.*





é produzido também no seio do intervalo e integra-se no mundo, que, como já vimos, constitui a realidade intervalar do conjunto total e integrado de todas as relações entre os diversos actos de ser, o somatório móvel do sentido do intervalo habitado. O movimento duplo que nos aparece no final do trecho antecitado é constituinte necessário da participação do acto de ser humano no Acto, mas integra-se no Todo dos movimentos intra-intervalares que constituem o âmbito ontológico. Não ter em consideração este contexto necessário, é correr o risco de transformar o conteúdo do intervalo – o mundo – numa fantasmagoria subjectiva, produto onírico-quimérico de uma consciência efabuladora. Absolutamente, a consciência não põe, o que exclusivamente põe é o Acto, o que é posto é-o no seio quer da actividade geral criadora do acto puro quer da actividade co-criadora da própria criação/criada que também cria. A consciência, ao pôr seja o que for, fá-lo neste contexto, não inventa propriamente actos de ser a partir do nada. Pôr no mundo, neste contexto, é descobrir actos de ser. Ao descobri-los, introdu-los no âmbito daquilo com que se relaciona, isto é, introdu-los no mundo. Este é o “espaço” intervalar que cada consciência ilumina e domina, mas não esgota o intervalo e muito menos o Acto. Ao dar com o acto de ser que ilumina – em ser –, a consciência não o cria, dá-lhe sentido. Mas a criação acontece, sim, do lado da própria consciência, uma vez que a descoberta acrescenta relação e mundo à esfera intervalar da própria consciência, isto é, acrescenta ser ao acto de ser humano. Assim é o duplo movimento, que é triplo, uma vez que ao extorno e ao retorno há que acrescentar o *intorno*, isto é, o acréscimo de ser – acto de ser – dado ao acto de ser humano. Este não se reduz à consciência: é a luz da consciência e é um corpo de memória que nem sempre é consciente, mas que é, que está no intervalo, presente na penumbra ou na sombra, como presentes na penumbra ou na sombra estão todos os habitantes do intervalo que não estão no mundo de cada acto de ser, uma vez que a abarcabilidade total da inteligência é uma





virtualidade de direito, não é uma facticidade. A virtualmente infinita consciência é também, virtualmente, imensamente inconsciente e a infinita presença virtual é uma imensa im-presença. O puro movimento de fluxo e refluxo não basta. *Se o amor é, pois, ao mesmo tempo, a origem e o fim da participação*²⁵⁶ *ou, ainda, se é o fundamento comum do querer e da inteligência,*²⁵⁷ o amor parece confundir-se com o próprio Acto, na sua vertente matricial. Mas, é confundível?

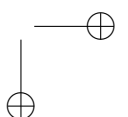
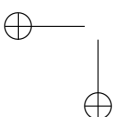
As diferentes funções da consciência estão, pois, ligadas entre si de modo a formar um círculo que faz da consciência uma expressão e uma imagem da unidade do Acto puro: este círculo é o amor que o realiza.²⁵⁸

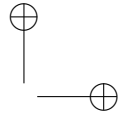
Não. A criação funda-se na participação diferenciada, não na confusão. O amor é o movimento de criação do acto de ser na sua pureza e só na sua pureza, é o próprio movimento criador e, enquanto tal, pode-se dizer que é o próprio acto matricial. Mas o acto matricial mais não é do que esse movimento criador na sua pureza, isto é, o acto puro enquanto cria, enquanto é o suporte da participação é o acto matricial e este é o próprio amor. Neste puro sentido não há confusão, há identidade: o amor é o acto matricial. Mas onde pode haver confusão é na criação efectiva dos actos de ser: esta não é pura, o mundo criado não é uma transcrição exacta, cópia fiel do acto puro feita pelo acto matricial. A possibilidade da criação partilhada, participada, pelos actos de ser humanos – consciência, de facto, finita – implica uma não-pura actividade criadora, isto é, não é só o acto matricial que trabalha, a assistência que ajuda também imprime cunho à obra criada e fá-lo finitamente, sem uma consciência que lhe dê uma sinopse instantânea total do intervalo e

²⁵⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 445.

²⁵⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 446.

²⁵⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 446: *Les différentes fonctions de la conscience sont donc liées entre elles de manière à former un cercle qui fait de la conscience une expression et une image de l'Unité de l'Acte pur: ce cercle c'est l'amour qui le réalise.*





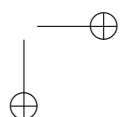
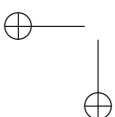
sem poder saber de todas as consequências do que faz. Assim, faz menos bem, desarticula as funções, utiliza os instrumentos errados, faz o que não deve. O amor, o acto matricial, não se pode sobrepor ao acto próprio de cada pessoa – anularia a real possibilidade de co-criar do acto de ser humano, anularia a liberdade.

4.9.4 *Liberdade II*

Compreende-se agora que a liberdade possa definir-se por uma oposição entre uma função teórica, que abrange virtualmente a totalidade do universo, e uma função prática, pela qual nele empenhamos a realidade do nosso ser pessoal.²⁵⁹

Após tudo o que já foi exposto, compreende-se ainda melhor que a liberdade nasce desta oposição instrumental, orgânica, básica – melhor, nasce nesta oposição –, mas é o resultado da conjunção, da colaboração entre aquelas duas facetas da consciência, insersora do acto de ser humano no mundo. Quando inteligência e vontade co-laboram cada uma no seu âmbito próprio – e só nele – para a criação dos actos de ser relacionais, de cada acto de ser humano, com o restante do intervalo ontológico, na construção do mundo, dá-se a liberdade, mas também se dá o acto de amor. Uma e outro são o mesmo. Mais correctamente, reflectem facetas diferentes do mesmo, do mesmo *acerto ontológico*, do mesmo *bom sucesso na colaboração com o Acto*. A liberdade faz transparecer o acerto ontológico, isto é, torna-o patente; o amor é a interioridade desse acerto. O amor transparece em liberdade, esta faz-se, constrói-se em amor. Uma e o outro são o acerto absoluto com a iniciativa do Acto, a partilha impoluta da riqueza oferecida, esta transformada

²⁵⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 431: *On comprend maintenant que la liberté puisse se définir par une opposition entre une fonction théorique de la conscience qui embrasse virtuellement la totalité de l'univers et une fonction pratique par laquelle nous engageons en lui la réalité de notre être personnel.*





de pura possibilidade metafísica potente – relativa – em acto de ser – absoluto no que é.²⁶⁰

A participação do universal depende de nós; mas uma vez que é efectuada, impõe-se-nos; e todo o acto livre se realiza no necessário.²⁶¹

Este necessário é o absoluto do acerto com a própria actividade matricial do Acto. De algum modo, o acerto com a oferta ontológica, o cumprimento ontológico da possibilidade metafísica, sem falha, sem defeito ou excesso. A liberdade, aqui, funda-se, directamente, na ontologia, mas atinge o nível da metafísica. Cada acto livre é um absoluto, porque coincide com o Absoluto, com uma sua parte, no absoluto que é no que é, capta no acto de ser o próprio infinito em acto. Em cada acto de liberdade dá-se todo o Acto e a vontade atinge o universal, o acto de ser encontra-se como tal e encontra a sua fonte, isto é, quer-se e quer o infinito, ou seja, *ama*.

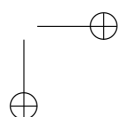
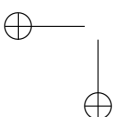
A liberdade é limitada, senão na sua opção, ao menos no seu poder. Não é limitada na sua opção, se bem que nem sempre consiga dá-la. Mas quando a alcança, então, quer o que quer com uma vontade absoluta. A iniciativa da qual participa, na medida em que a faz sua, é, pois, incondicional.²⁶²

Verdadeiramente, ontologicamente, só se quer o que se faz, o que se realiza. Não é o mesmo que desejar o que se vê, isto é,

²⁶⁰A potência é necessariamente relativa, relativa à possibilidade metafísica que potencia e ao acto que permite; o acto, quando já é, é o que é, e nisso é absoluto: está nele não já uma potência, mas o Acto, o absoluto mesmo.

²⁶¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 443: *La participation à l'universel dépend de nous; mais une fois qu'elle est effectuée, elle s'impose à nous; et tout acte libre s'accomplit dans le nécessaire.*

²⁶²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 442: *La liberté est limitée, sinon dans son option, du moins dans son pouvoir. Elle n'est pas limitée dans son option, bien que cette option, elle ne réussisse pas toujours à la donner. Mais, quand elle y parvient, alors, elle veut ce qu'elle veut d'une volonté absolue. L'initiative à laquelle elle participe, dans la mesure où elle la fait sienne, est donc inconditionnelle.*





pensar em adquirir, de algum modo – interiorizar²⁶³ – algo que a inteligência descobre. A vontade é realizante, realizadora e o que quer, só o tem realizando-o. Ter, aqui, não é apreender, é criar; *ter é ter dado ser*, e tem-se o que se pôs no mundo, isto é, tem-se exactamente o que se não tem.

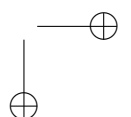
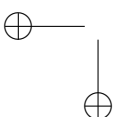
Querer implica dar ser. E quando se dá ser, cria-se e, neste acto, implica-se vontade e inteligência, em sintonia e em acerto com o todo do acto matricial que suporta esta actividade. Querer, neste sentido, é transferir acto puro – pura possibilidade – para o seio do intervalo, é transformar a metafísica em ontologia; querer é criar a natureza, o mundo. Fazê-lo totalmente é amar, isto é, totalizar e infinitizar cada acto, fazê-lo em nome do Todo, fazê-lo totalmente, eternizar o presente e presentificar o eterno: descobrir que só há presente porque nele está sempre tudo e é este tudo que se deve querer – *quando se quer este Todo em tudo, ama-se, é-se livre*.

4.10 O intervalo em acto

4.10.1 O acto triplo

O próprio da inteligência é, com efeito, realizar esta forma de participação pela qual adquire uma representação do Todo, isto é, pela qual ponho o Todo em relação comigo; somente então a vontade me permite inserir nele a minha actividade própria, o que ela não pode imaginar empreender senão transportada pelo amor do Ser,

²⁶³E como é que se interioriza? Só pela inteligência. A posse é sempre da ordem da ideia – quando não da imagem e imagem ilusória –, uma vez que a *impressão* que causa é meramente interior ao acto de ser: é imagem, se particular, ideia, se universal. Ora a posse é, normalmente, particular, pelo que se reduz a uma imagem. Não há outro vínculo ontológico para a posse: não se interiorizam propriamente os seres: ilusão...



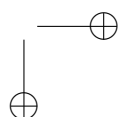
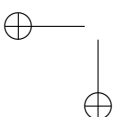


isto é, do Todo ao qual se tenta unir (ou que procura manter). Há um ardor da vontade e é sempre o amor que lho dá. E quando a vontade é perfeitamente pura, deixa-se penetrar pelo amor e torna-se um com ele. A vontade, a inteligência e o amor, se se considerarem separadamente, têm a mesma indeterminação. Ora, é a sua interacção que os determina, pois a vontade nada pode buscar que não seja capaz de amar, mas é necessário que a inteligência lho mostre. Está orientada para um bem em direcção ao qual apenas o amor a pode levar, bem esse que a inteligência deve compreender e aprovar.²⁶⁴

O acto, qualquer acto, em qualquer dimensão, é. É o que é. E o que é é *unitariamente*. O acto de ser isto ou aquilo é o que isto ou aquilo é. Nem mais nem menos. Esta unidade, absoluta no Todo, que é infinitamente denso e intenso de si mesmo, também está presente em cada acto de ser, seja qual for. A não unidade, como já vimos anteriormente, implicaria não uma diferença, mas uma solução de continuidade no acto e a única possível²⁶⁵ é sob a forma de não-acto, isto é, de nada. Então, como é que se pode falar de uma triplicidade do acto? É que não é uma triplicidade do acto, é

²⁶⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 472: *Le propre de l'intelligence, en effet, c'est de réaliser cette forme de la participation par laquelle j'acquiers une représentation du Tout, c'est-à-dire par laquelle je mets le Tout en rapport avec moi; alors seulement la volonté me permet d'insérer en lui mon activité propre, ce qu'elle ne peut songer à entreprendre que si elle est portée par l'amour de l'Être, c'est-à-dire du Tout auquel elle cherche à s'unir (ou qu'elle cherche à maintenir). Il y a une ardeur de la volonté, et c'est toujours l'amour qui la lui donne. Et quand la volonté est parfaitement pure, elle se laisse pénétrer par l'amour et ne fait qu'un avec lui. La volonté, l'intelligence et l'amour, si on les considère séparément, ont la même indétermination. Or, c'est leur interaction qui les détermine. Car la volonté ne peut rien chercher à produire que ce qu'elle est capable d'aimer, mais il faut que l'intelligence le lui montre. Elle est orientée vers un bien vers lequel l'amour seul peut la porter, mais que l'intelligence doit comprendre et approuver.* (Não haverá, aqui, uma raríssima boa interpretação da relação entre inteligência e vontade, tipicamente escotista?)

²⁶⁵Logicamente, na economia estrita do argumento: de facto, não é possível ou não estaríamos aqui.





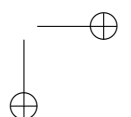
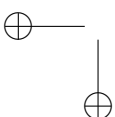
uma triplicidade do nosso acesso ao acto, quando nele meditamos. Nem isso, uma vez que as duas primeiras dimensões acabam por se reduzir à terceira – a vontade e a inteligência, ao amor e este é o mais próximo que da essência do acto captamos intelectualmente, isto porque o acto não é para pensar é para actuar.

As três dimensões analíticas – analisadas – do acto são pois a vontade, a inteligência²⁶⁶ e o amor, que são imagens do acto,²⁶⁷ funcionam para o analista como se cooperassem para a criação do acto. No acto de ser humano, pode-se trabalhar metodologicamente como se houvesse real independência entre estas funções, com a salvaguarda de se ter presente que essa independência será sempre patogénica, uma vez que cria imediatamente uma situação de ontológica esquizofrenia essencial: a haver predominância ou mesmo puro paralelismo nas funções, o acto de ser humano é monstruoso, uma vez que o acto, que deveria ser uno, aparece como dividido ou como a hipertrofia de uma mera parcial característica. De facto, ainda que pareça haver uma divisão ou uma predominância, o que acontece é que o acto no seu todo é o que é – não se pode dizer outra coisa, uma vez que não há padrão de aferição possível, sendo que cada acto é um absoluto de si mesmo e incomparável. Não se pode dizer de um acto de ser humano que é melhor ou pior do que outro: qual é o paradigma de comparação? O acto puro não pode ser porque é incomparável, por infinito, e nenhum outro é, por si, melhor ou pior.

Assim sendo, veremos que cada acto de ser humano é no que é todo querido, todo pensado e todo amado. Todo livre e no que é, todo acto. Porque o que é é isso tudo. É porque é o que é, que, nisso que é, é todo acto livre, amado, pensado e querido e no que não é, não é. Não há um quasi-acto ou um acto imperfeito ou um

²⁶⁶Termo que preferimos a outros que usamos como se de sinónimos se tratasse: *pensamento, entendimento, razão, consciência*. A distinção subtil entre estas categorias não cabe no âmbito desta dissertação.

²⁶⁷Não são síntese porque o acto não é constituído pela sua junção, o acto é o que é e estas suas imagens parcelares são funcionais, ajudam a tentar entendê-lo.





acto que poderia ser melhor ou pior. O acto é o que é. É aqui que está a sua dignidade, é assim que Deus o vê. A visão dos actos de ser humanos é sempre redutora e não pode avaliar a real dimensão dos outros actos, uma vez que lhe falta a possibilidade de comparar cada acto com todos os outros actos, no intervalo; o intervalo com outros intervalos que haja e tudo isto com o acto puro. Só este pode avaliar a realização de cada acto de ser e ao fazê-lo, auto-avalia-se. O acto é sempre uno.

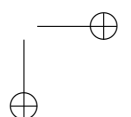
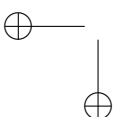
4.10.2 O acto querido

Vamos então analisar o que não é analisável: a vontade.

Se se tomar o termo vontade na sua acepção mais geral, então a vontade é o próprio ser considerado, por assim dizer, na sua fonte. A inteligência e o amor procedem dela. Apenas ela tem o direito ao nome de ser puro, uma vez que não possui ainda qualquer determinação e que todas as determinações nascem do seu mesmo exercício, exprimem-na ao mesmo tempo que a limitam. A profundidade essencial do querer é que ele é o ser que se quer e que querendo-se se cria.²⁶⁸

O acto querido é o acto do ser que se quer a si mesmo. Em última análise, é o próprio acto puro que funda este movimento que ainda é parte – parte especial – do movimento do Acto de convívio consigo mesmo. Mas, se o Acto funda o movimento, este tem características especiais, e antes de se esgotar na infinitude do Acto,

²⁶⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 456: *Si on prend le mot volonté dans son acception la plus générale, alors la volonté, c'est l'être même considéré pour ainsi dire à sa source. L'intelligence et l'amour en procèdent. Elle seule a droit au nom d'être pur, puisque'elle ne possède encore aucune détermination et que toutes les déterminations naissent de son exercice même, l'expriment à la fois et la limitent. La profondeur essentielle du vouloir, c'est qu'il est l'être qui se veut et qui en se voulant se crée.*





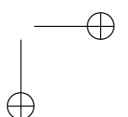
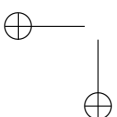
tem vida própria e características irreduzíveis. Cada acto de ser é um movimento de auto-construção – a participação. Na participação, sempre feita no seio do intervalo ontológico, cada acto de ser toma, da oferta de acto que o acto matricial põe à sua disposição, aquilo de que necessita para se fazer. Aquilo que quer. O que quer não é arbitrário, é o que se insere na linha de continuidade do que vem sendo. Assim, a vontade – a parte do acto de ser que parece individualizar-se neste lugar – funciona como selectora daquilo que a inteligência percebe como o necessário para a sua construção, como adequação continuada à imagem que tem do acto de ser que é. Mas esta continuação só faz sentido porque o amor dita a necessidade de continuar sendo. Assim, o acto triplo continua funcionando tripla, mas unitariamente.

A pureza da vontade vem-lhe de ser o terço do acto de ser que está desligado quer do lastro do passado – imagem da inteligência –, quer do projecto do futuro – motor do amor –, mas é apenas o próprio acto a caminho, é o que faz caminho, não é o caminho. Este é o próprio ser, mas o ser a caminho também não é denso, uma vez que mais não é do que um efemeríssimo presente que se desloca. *Como isso que se desloca, o ser confunde-se com a própria vontade.* Assim se comprova que qualquer dos terços – neste caso a vontade – do acto pode dar o todo do acto, dependendo da perspectiva. Como puro processo de caminhar no ser é a vontade que dá o próprio ser.

No entanto, a vontade esgota-se no processo de aquisição do ser. A vontade nunca é o que possui o ser: é a pura busca, a posse²⁶⁹ é deixada para a inteligência e mesmo para esta, quando é posse, já é passado e reduz-se à imagem da memória.

A vontade é a iniciativa pela qual o indivíduo tende a dar-se algo que não tem. Não deve ser confundida com o Acto, que é

²⁶⁹Termo ingrato nesta filosofia: nunca há bem uma posse, a não ser no Acto puro, de si mesmo.





sempre uma posse.²⁷⁰

Este Acto que é uma posse nunca o é no intervalo, que é móvel por essência. A posse dá-se no e pelo Acto de si e para si, mesmo relativamente ao criado ontológico: este nunca se possui, senão pararia e deixaria de ser. Esta criação pode ser, assim, definida como a posse do ser pelo acto puro. Cria-o para o possuir: um jogo de enriquecimento, sob certo aspecto.

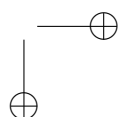
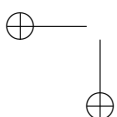
A função essencial da vontade é produzir as obras pelas quais eu triunfo dos obstáculos opostos à minha finitude, inscrevo o meu ser próprio no Ser universal, marco o universo inteiro com a minha chancela e empenho a minha responsabilidade relativamente aos outros seres.²⁷¹

A vontade, como veículo de aquisição de ser no seio do intervalo ontológico, só se justifica porque onde está não está uma plenitude. Quer isto dizer que o seu papel é o de incrementar o ser de algo que é finito. Esta finitude é a matéria própria de cada acto de ser intervalar. Melhor, a chamada matéria – entidade ou inentidade misteriosa – mais não é do que o limite exterior da ausência de plenitude, isto é, da finitude. Se cada acto de ser fosse infinito não teria matéria. Esta é a marca da finitude e como tal é, ainda, uma presença metafísica no seio da física. Esta é sempre finita, mas a sua finitude não é de condição física, é imposta pela matriz da própria realidade que faz com que seja finita – esta impossibilidade é metafísica, vem de “fora”, é dada quando é dado o intervalo e como condição deste – sendo virtualmente infinito é um infinito de seres que em si são finitos.

Serve este discurso – incurso – para que se perceba que a ma-

²⁷⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 458: *La volonté est l'initiative par laquelle l'individu tend à se donner quelque chose qu'il n'a pas. Elle ne doit pas être confondue avec l'Acte, qui est toujours une possession.*

²⁷¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 466: *La fonction essentielle de la volonté, c'est de produire des oeuvres par lesquelles je triomphe des obstacles opposés à ma finitude, j'inscris mon être propre dans l'Être universel, je marque l'univers de mon empreinte et j'engage ma responsabilité vis-à-vis des autres êtres.*

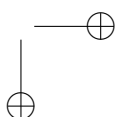
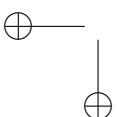




téria que limita a vontade é ausência de ser e não uma espécie de monstro ontológico. A matéria só é o correlacto do espírito porque este é o próprio ser no seu ápice – quando este chegar a ser o amor livre e puro já não haverá matéria, não porque tenha atirado fora todos os monstros, mas porque, atingida a plenitude do ser, já não há limitação, já não há matéria nem vontade e a própria inteligência já não dá imagens, é também ela ser.

No seio do intervalo é, pois, a vontade que vence o obstáculo da finitude e ao encaminhar-me no seio do acto, ao fazer-me crescer em acto, faz crescer em acto o mundo e o próprio intervalo. Neste sentido, todo o mundo é a minha matéria, mas uma matéria que não há que destruir, antes há que promover, que amar, que co-criar. O intervalo é, já, a não-matéria, uma vez que, no que tem de acto criado, é já uma libertação e uma aproximação do Acto. Neste sentido, portanto, o intervalo já não é material, mas resume a totalidade da conquista do acto, encarna a transformação bem sucedida da riqueza metafísica em riqueza ontológica. Mais do que servir o desejo de uma matéria que se quer transfigurar,²⁷² a vontade serve um acto que se busca completo, que se quer maior e melhor, que vai aceitando construir-se alargando horizontes, transformando dinâmicas (matéria - potência) em actos infinitesimalmente ligados e co-ligados com outros semelhantes no meio do mesmo intervalo, caminhando para o re-encontro com o Acto, do qual, permanentemente, vão emergindo, num processo de purificação de actualização. A vontade visa aniquilar-se num supremo e final acto que é o próprio Acto.

²⁷²A matéria não quer coisa alguma.





4.10.3 O acto pensado

O acto, para ser querido, não pode ser cego, pelo que a dimensão segunda da inteligência o vai iluminar, em permanência, e tão bem quanto querido é.

A inteligência, por seu turno, mais não faz do que seguir todos os trajectos da acção voluntária e, conforme o real a detém ou lhe abre passagem, traça os contornos de todos os objectos.²⁷³

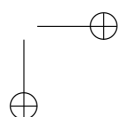
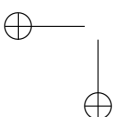
Mas o trabalho da inteligência não é passivo nem depende apenas da relação com um “real” alienígena. Depende, para construção desse mesmo real, da vontade, do caminho que esta vai abrindo no seio do intervalo, caminho que não se faz sem a iluminação da inteligência ou sem o impulso do amor. O trajecto do acto de ser humano é sempre uma composição das três “faculdades” ou dos três terços da sua consciência insersora intervalar.

A inteligência é semelhante ao olhar que nos descobre o mundo e que permite aos nossos passos comprometerem-se nele. Assim, é ela que guia a vontade. Mas, como o olhar, depende também da vontade e muda a nossa representação do mundo segundo a direcção que a vontade lhe imprime.²⁷⁴

Este olhar que acompanha a vontade na criação do mundo próprio de cada acto de ser, na sua existência intervalar, é, ao mesmo tempo, o foco concentrado que permite a descoberta do imediatamente próximo do acto em criação, numa circunferência bem iluminada, e a luminosidade virtualmente infinita que dá a represen-

²⁷³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 461: *L'intelligence à son tour ne fait que suivre tous les trajets de l'action volontaire et, selon que le réel l'arrête ou lui ouvre passage, elle trace les contours de tous les objets.*

²⁷⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 483: *L'intelligence est semblable au regard qui nous découvre le monde et qui permet à nos pas de s'y engager. Ainsi c'est elle qui guide la volonté. Mais, comme le regard, elle dépend aussi de la volonté et change notre représentation du monde selon la direction que la volonté lui imprime.*





tação possível do todo do mundo.²⁷⁵ O foco concentrado, a que se pode chamar a parte de conhecimento²⁷⁶ dá a integração imediata do acto de ser no próprio intervalo, estabelecendo com nitidez as diferenças constitutivas que o distinguem dos demais e, assim, instala o acto de ser no intervalo, na sua diferença constitutiva própria. O estado que cria esta condição chama-se atenção e é convertível com a própria consciência, dando até uma boa antecipação do que será a própria contemplação, uma infinita atenção.²⁷⁷

O conhecimento está no ponto de encontro da actividade e da passividade; é por isso que é ao mesmo tempo produzido e recebido, o que mostra porquê o pensamento, se se tomar na sua essência mais despojada, reside numa perfeita atenção ao real.²⁷⁸

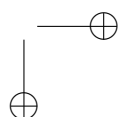
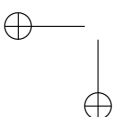
É esta atenção que permite a presentificação do acto e o transforma em ser; é esta atenção que dá a capacidade de inserção de cada acto de ser no intervalo e permite a constituição do mundo. Este é o que a atenção de cada acto de ser conseguir ser. O mundo não é mais nem menos do que tudo o que a atenção conseguir focar com a nitidez com que o conseguir. A atenção resume o aspecto passivo de algo que atende (a vinda de algo) e do que recebe esse mesmo algo que atende e que ao recebê-lo o torna significativo. A passividade reside na posição: estar, o puro estar, permite, por si só, que haja presentificação. Mas esta só se dá porque o que atende não é passivo, mas tem uma estrutura que quando recebe faz significar. Neste sentido, a atenção é a própria matricialidade

²⁷⁵LAVELLE, Louis, p. 487.

²⁷⁶LAVELLE, Louis, *De l'Acte*, p. 484. Lavelle confirma a extraordinária intuição de Leibniz, de cariz platónico, acerca da essência de acto de inteligência de cada mónada.

²⁷⁷Neste sentido, o acto puro pode ser definido como a total atenção a si mesmo.

²⁷⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 484: *La connaissance est au point de rencontre de l'activité et de la passivité; c'est pour cela qu'elle est tout à la fois produite et reçue, ce qui montre pourquoi la pensée, si on la prend dans son essence la plus dépouillée, réside dans une parfaite attention au réel.*

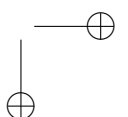
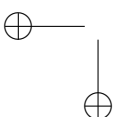




do acto em actividade, é a matricialidade encarnada. Ou ainda, se se quiser, *a atenção é o amor em realização*, é a própria criação do ser, enquanto pura eclosão. A representação, aqui, é a própria eclosão do ser. A atenção não nos dá uma representação do acto – singular ou total –, mas dá o próprio ser. A atenção não dá o acto de ser, dá o ser, isto é a parte inteligível do acto de ser. Este é dado no intervalo, aquele no mundo. A atenção não cria actos de ser, dá-nos a sua representação inteligível, a sua interiorização comunicável, a sua ideia.²⁷⁹ Esta é a união entre o acto puro e o acto participado, vista pela inteligência do acto de ser humano. Não se trata do plano da pura legalidade mecânica e técnica, iterável, da comunidade caracteriológica, de paradigmas abstraídos, do conceito, que serve de ponte entre as regularidades eficientes do mundo (sentido mecânico do mundo) e as nossas carências ontológicas, preenchíveis por recurso a essas mesmas regularidades, mas daquilo que constitui a forma essencial de cada acto de ser e que se confunde com a actividade própria de cada acto de ser no seio de cada ser. Actividade essa que é posição directa do Acto em cada acto de ser, conferindo-lhe, assim, a sua identidade individual própria e a universalidade concreta de pertencer a uma mesma cinética criadora – o próprio acto puro.

Não é a ideia que é eficiente. Não se trata de uma demiurgia ou taumaturgia mecânica de um qualquer paradigma automático e mecânico, mas da transposição do acto, do plano da pura metafísica do acto puro, para a ontologia criadora do acto matricial. A ideia, na parte apreensível pela inteligência, é a imagem desta transposição: é, da transposição, aquilo que a inteligência é capaz de captar e isto que a inteligência é capaz de captar é o próprio ser, pelo que o ser é a ideia enquanto transposição do plano metafísico do puro acto para o plano ontológico dos actos de ser. Não é o acto de ser que se reduz à ideia, é o ser, isto é, a parte inteligível do acto de ser e isto perante a nossa inteligência. Perante o que seja

²⁷⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 501





uma inteligência do acto puro, não há ideias, uma vez que a ideia coincide com a própria realização do acto de ser. É em nós que há divisão entre o acto de ser – transcendente – e o ser – imanente; este habita-nos, o outro transcende-nos e só nos é interior porque dele *fazemos ideia*.

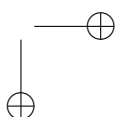
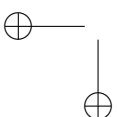
Este fazer ideia, melhor ou pior – e as inteligências são todas diferentes –, *é a contemplação*; esta dá-nos o ser possível relativamente à nossa capacidade dos diferentes actos de ser, das suas relações – o mundo – e do intervalo, onde sabemos situados os actos de ser e o seu mundo. Incompletamente. Esta incompletude, que busca sempre completar-se, é o próprio acto de ser, enquanto atenção, ao inserir-se no intervalo, em processo de aquisição de mais riqueza ontológica, de mais e mais acto de ser.

Este avanço do acto de ser não é feito sem um suporte e supõe uma vectorialização. Sem o primeiro, não haveria o que avançaria; sem o segundo, não haveria para onde avançar. É este o papel da memória – ciência e lastro do ser:

Mas, se toda a ciência começa com a aquisição da experiência, toda a ciência é, de antemão, uma memória e o conhecimento do real ostenta sempre o carácter de uma história.²⁸⁰

Mais do que uma história, esta memória vectorial, entalada entre o passado e o futuro, isto é, constitutiva do presente, é o próprio acto de ser quer como suporte – passado – quer como expectativa – futuro. Esta expectativa terá ainda o nome de amor, como veremos adiante. Encontramos, novamente, a estrutura ternária do acto de ser, na qual passado, presente e futuro se conjugam para construir esse amor que caminha até se esgotar no Acto. *O futuro é a vontade como ponta de lança do amor, o passado é a inteligência que vai logo atrás da ponta da lança e o presente é o próprio amor que resume e reduz o passado e lhe reduz o futuro, que se*

²⁸⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 486: *Mais si toute science commence avec l'acquisition de l'expérience, toute science est d'abord une mémoire et la connaissance du réel affecte toujours le caractère d'une histoire.*





memoriza enquanto se busca. Esta memória, cujo suporte físico possível é sempre passado, é, de algum modo, a presença da eternidade no seio da vida consciente e termina com a própria vida, acabando talvez esta quando aquela deixa de estar activa. *A vida é uma memória da eternidade.* Fosse possível uma pura atenção e não falharia a memória e não haveria morte: eis a contemplação.

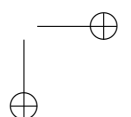
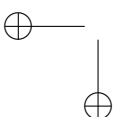
4.10.4 O acto amado

O acto amado começa por ser o seu próprio acto amado, um amor que se ama e se assume como condição do amor que se transcende. Acaba por ser o amor do Acto por si mesmo, pelas suas criaturas – amor imperfeito que se busca, amor sem tédio. Amor sempre a caminho, amor em acto de participação, *o amor é pois a origem e o fim da participação*²⁸¹ e entre estes dois extremos é a própria participação em acto. Cada acto de ser, ao estar sendo, isto é, ao actualizar-se no processo da participação, recebe o acto que o vai constituindo, de algum modo aceita esse acto, e esse acto é indiscernível da própria aceitação. Na mais ínfima das formas de ser, há uma força que se constrói, há algo que – às vezes cegamente²⁸² – quer vir ao ser, quer-se, quer o que há de ser no que é. É esta a dimensão mais profunda do amor: *querer, como tal, o que há.* No acto de ser humano, este amor atinge um nível de consciência, isto é, dá-se numa separação que se quer, de novo, unida, pelo que o amor funciona não já como uma força genesíaca pura, mas também como um instrumento, uma função que visa a própria unificação do acto triplo que integra e constitui o acto de ser humano.

As diferentes funções da consciência estão, então, ligadas entre si de modo a formar um círculo que faz da consciência uma expres-

²⁸¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 445.

²⁸²Cegamente, visto do lado desse acto de ser. Visto no plano total do intervalo, talvez seja possível encontrar um sentido.





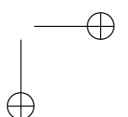
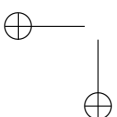
são e uma imagem da unidade do Acto puro: este círculo é o amor que o realiza.²⁸³

Cada acto de ser participa da riqueza do Acto, assumindo o próprio da sua participação no Acto, mesmo o mais ínfimo é o que é, é o *seu* acto que o faz ser, é o *seu* acto de ser. Inconfundivelmente. O acto é sempre transitivo e cada acto de ser é o que *de facto é*. É isto a assunção do seu acto. Aquilo que em si *é diferente* e o distingue do resto (do restante dos habitantes do intervalo ontológico). O amor, aqui, confunde-se com a pura presença e radica no amor de um Acto que ama, criando infinitamente e cuja criação é esse amor mesmo em acto, isto é, cada acto criado é por amor – porque é querido por si, pelo que é – e é este amor que o constitui. Para o acto de ser pode ser um amor cego; no entanto, é factual e ontologicamente estrutural.

Para o acto de ser humano, a estrutura geral é a mesma, mas há a possibilidade – porque é intervalado interiormente, na sua triplidade funcional – de propriamente assumir ou não o amor dado na participação, na criação. É este o fundamento da liberdade. O acto de ser humano pode aceitar o amor que lhe é dado – pode amar esse amor – e colaborar positivamente na construção de si e do mundo (concomitantes) ou pode não aceitar esse amor e colaborar negativamente. O que não pode é demitir-se do acto. Pode demitir-se da consciência e acabar com o seu tempo, não pode é deixar de estar em acto, mesmo suicidando-se.

Se o amor dos actos de ser não humanos é um puro amor de e da presença, o amor possível do acto de ser humano é um amor do amor, uma ontológica *conformação* com o desígnio metafísico do Acto, uma co-laboração na obra da erecção do acto de si mesmo e do acto do mundo. Este amor unifica o acto de ser humano e faz

²⁸³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 446: *Les différentes fonctions de la conscience sont donc liées entre elles de manière à former un cercle qui fait de la conscience une expression et une image de l'unité de l'Acte pur: ce cercle c'est l'amour qui le réalise.*





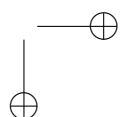
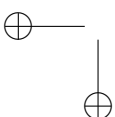
comungar a triplicidade desse acto numa só função, reduzindo a si vontade e inteligência: amar, amar-se, amar o mundo e amar o amor criado é querer isso mesmo e isso mesmo inteligir – o amor é o supremo querer da suprema inteligência ou a suprema inteligência do supremo querer.²⁸⁴

O amor é antes de mais o motor de todas as operações da consciência. É, nela, aquele toque do acto puro que a chama à participação. Mas é também o seu fim. Pois é ele que termina o ciclo da participação e que a faz remontar até ao seu próprio princípio. De tal modo que dá à consciência uma unidade que reside nessa circulação espiritual pela qual encontra na fonte mesma que lhe dá o ser o confluente de todos os seus movimentos. As acções particulares da inteligência e da vontade mais não são do que os desvios que constituem a vida interior do amor; trazem-lhe testemunho; permitem-lhe engendrar-se eternamente a si mesmo e, se se pode dizer, tomar-se a si mesmo como fim. Obrigam-no a criar o mundo para operar o retorno a si mesmo: e o mundo é apenas através desta criação e deste retorno.²⁸⁵

Acabámos de definir o amor nas suas dimensões puramente metafísicas e ontológicas como uma absoluta e total convergência da vontade e da inteligência, uma sua completa coincidência

²⁸⁴ Isto não é intelectualismo. É inteligência pura. Só a ausência de inteligência não funciona assim. Nós não funcionamos assim.

²⁸⁵ LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 446: *L'amour est d'abord le moteur de toutes les opérations de la conscience. Il est en elle cette touche de l'acte pur qui l'appelle à la participation. Mais il en est aussi la fin. Car c'est lui qui achève le cycle de la participation et qui la fait remonter vers son propre principe. De telle sorte qu'il donne à la conscience une unité qui réside dans cette circulation spirituelle par laquelle elle trouve dans la source même qui lui donne l'être le confluente de tous ses mouvements. Les actions particulières de l'intelligence et de la volonté ne sont que les détours qui constituent la vie intérieure de l'amour; elles portent témoignage pour lui; elles lui permettent de s'engendrer lui-même éternellement et, si l'on peut dire, de se prendre lui-même pour fin. Elles l'obligent à créer le monde pour faire retour à lui-même: et le monde n'est que par cette création et par ce retour.*



em acto. Mas e relativamente a cada acto de ser humano, na sua dimensão de correlato do mundo e de correlato dos demais actos de ser presentes no intervalo e comunicantes no mundo, como se dá esse amor, que não pode ser puramente ontológico e muito menos metafísico? Em que se fundamenta e como opera?

Todo o problema do amor é saber como é que uma liberdade se pode tornar num objecto para uma outra liberdade.²⁸⁶

Não amo, senão no próprio ponto em que obtenho o contacto com essa liberdade que não é a minha e que liberta a minha em vez de a escravizar.²⁸⁷

Há o intervalo ontológico, nele há actos de ser, alguns destes actos de ser são especiais, são os actos de ser humanos, dotados de uma tríplice funcionalidade como construtores de um universo de sentido, o mundo. Essas funções são a inteligência, a vontade e o amor. Já vimos que há uma estreita interpenetração entre os dois primeiros e que o terceiro é a própria matriz activa em acto. Esta actividade, o amor, *pode pois ser definida como a perfeição mesma do querer, precisamente porque é a síntese do querer e da inteligência ou ainda um acto de vontade racional.*²⁸⁸ O que mais facilmente se intui se se perceber que *no amor mais alto e mais puro todas as funções se exercem ao mesmo tempo: sustentam-se e exaltam-se, por assim dizer, umas às outras.*²⁸⁹ Mostrando que, sempre que o acto de ser humano atinge a pureza de um querer totalmente inteligente ou de uma inteligência que corresponde totalmente ao querer, ama. Ama com todo o seu ser em acto e o seu acto de ser é o próprio amor, isto é, há coincidência total entre as diferentes funções do acto de ser humano e este assume, na pleni-

²⁸⁶LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 532, *Tout le problème de l'amour est de savoir comment une liberté peut devenir un objet pour une autre liberté.*

²⁸⁷LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 532, *Je n'aime qu'au point même où j'obtiens le contact avec cette liberté qui n'est pas la mienne et qui délivre la mienne au lieu de l'asservir.*

²⁸⁸LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 515.

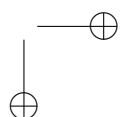
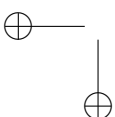
²⁸⁹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 514.



tude, o acto matricial constitutivo, isto é, ama em plenitude, ama-se em plenitude e nele o Acto ama-se também, na medida desse ser, cumprindo-se o fim da participação e mostrando que *é no acto de amar que se apreende melhor a ligação indissolúvel entre o acto puro e a participação*,²⁹⁰ onde se percebe o que é participar.

Mas esta participação não é um feito de ilhas isoladas, é uma realização de actos de ser que compartilham o mesmo intervalo ontológico e comunicam no mesmo mundo. O que é, então, amar no intervalo? Não é só unificar as funções internas de cada acto de ser, mas fazê-lo sem reduzir a si o restante do intervalo, sobretudo o restante dos diferentes actos de ser humanos. Se o mundo, como presença a cada acto de ser da significação total das relações dos actos de ser humanos, no seio do intervalo, é redutível a cada acto de ser humano, já cada um dos outros actos de ser humanos não o é, pelo que o amor é o amor da diferença ontológica, daquilo que faz ser o outro, pois *o próprio do amor, ao contrário do que muitas vezes se crê, é querer essas diferenças, em vez de as abolir, é realizar a união graças à própria diferença que afirma e que ultrapassa ao mesmo tempo*.^{footnote}LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 519. Neste sentido, cada acto de ser humano quer o que é diferente, porque isso é o que constitui o mundo como jogo das diferenças patentes à inteligência e a população do intervalo, uma vez que o que constitui cada acto de ser é a diferença mesma que constitui a sua participação do Acto. O amor não é só o amor como assunção da actividade matricial participadora que constitui interiormente cada acto de ser humano, mas a assunção dessa mesma actividade como operadora universal. O amor é o amor ao próprio intervalo, na sua densidade e intensidade. *Amar é aceitar e assumir a possibilidade da diferença* e ter presente – como parte de si, do seu mundo e do seu acto – os diferentes actos de ser. É aceitar a lateralidade e diferencialidade da participação, que tanto mais nos enriquece quanto mais alarga o nosso acto pela presença nela dos

²⁹⁰LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 530.





restantes, e, quanto mais presentes, maior é o acto que eu sou. Se pudesse ter todos presentes, seria o próprio acto matricial, isto é, seria o próprio amor como acto total. Se todos os actos intervalares deixassem de amar, o intervalo esvaziar-se-ia, pois o acto matricial desapareceria e, com ele, os próprios actos de ser e o mundo. Ao amor opõe-se o vazio. E se o nada não é possível, o vazio é o perigo que espregueia, é possível, uma vez que é possível um puro intervalo ontológico sem acto algum a habitá-lo: um mundo possível que não quis ser.

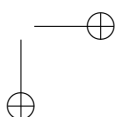
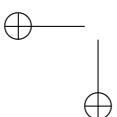
Não há outra justificação do mundo para além desta, é que eu possa descobrir sempre nele novos objectos a querer, a compreender e a amar. O acto de amar é a perfeição mesma do acto de querer e do acto de compreender. Dá aos outros dois actos o seu acabamento, põe-nos em presença de um absoluto, de um fim supremo em que todas as restrições ao querer e ao intelecto são abolidas.²⁹¹

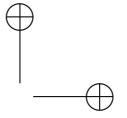
O acto que se trata de pôr *em acto*,²⁹² de realizar, é o nosso próprio acto como habitantes deste intervalo ontológico e partilhantes do sentido da presença no mundo. Trata-se de converter a pura possibilidade metafísica que o acto puro nos oferece em acto de ser, inteli-la como ser, querê-la como parte do nosso próprio acto e querer o nosso acto como parte do Acto Total, é amar-se, é amar-se em acto e como acto, transcender-se no próprio acto, para o Acto, participar da infinita força criadora, *ser parte dessa infinita força criadora e percebê-lo, e querê-lo e amá-lo puramente, ou não, pois*:

A emoção incomparável que dá o amor vem precisamente de revelar em nós a presença actual do acto criador exercido, de al-

²⁹¹LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 535: *Il n'y a pas d'autre justification du monde que celle-ci, c'est que je puisse toujours découvrir en lui de nouveaux objets à vouloir et à aimer. L'acte d'aimer, c'est la perfection même de l'acte de vouloir et de l'acte de comprendre. Il donne aux deux autres actes leur achèvement, il nous met en présence d'un absolu, d'une fin suprême où toutes les restrictions du vouloir et de l'intellect sont abolies.*

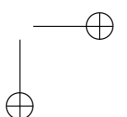
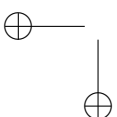
²⁹²LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 9 e nossa "Introdução".





gum modo, sobre nós e para além de nós, mas com a nossa própria cooperação, numa responsabilidade consciente e assumida.²⁹³

²⁹³LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 522: *L'émotion incomparable que donne l'amour vient précisément de ce qu'il révèle en nous la présence actuelle de l'acte créateur exercé en quelque sorte sur nous et au delà de nous, mais avec notre propre coopération dans une responsabilité consciente et assumée.*





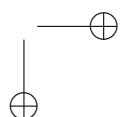
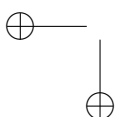
5 CONCLUSÃO

O caminho que conduz à metafísica é particularmente difícil. E poucos são os que aceitam escalá-lo. Pois trata-se de abolir tudo o que parece sustentar a nossa existência, as coisas visíveis, as imagens e todos os objectos habituais do interesse ou do desejo.²⁹⁴

5.1 *Os passos*

Quantos e quantos caíram já ao escalar alturas! Após ter-se estudado esta obra – *De l'Acte* –, pode seguramente afirmar-se que não foi o caso de Lavelle. O texto é indubitavelmente fruto de uma experiência, de uma vivência – de uma vida – filosófica, isto é, de busca do fundamento último e primeiro da realidade. Missão cumprida! Pode também dizer-se. A intuição – que não é necessariamente novidade – da omni-presença de uma eterna e infinitesimal actividade na realidade – que a ergue e a sustém, que nega a sua negação – é bem o bom resultado de uma vida filosófica. Mais do que

²⁹⁴LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 9: *Le chemin qui conduit vers la métaphysique est particulièrement difficile. Et il y a peut d'hommes qui acceptent de le gravir. Car il s'agit d'abolir tout ce qui paraît soutenir notre existence, les choses visibles, les images et tous les objets habituels de l'intérêt ou du désir.*

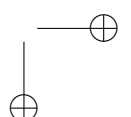
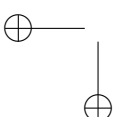




a obtenção de um qualquer instrumento hermenêutico, Lavelle consegue criar um meio de comunicação empático entre quem escala e isso que se escala, que há a escalar. Não se trata, fundamentalmente, de criar uma escada para trepar ao ser, trata-se, outrossim, de chegar tão próximo da montanha, compreendê-la tão bem, que escalador e escalado são, já, o mesmo. Trepar e ser trepado são o mesmo. O acto de trepar e o acto de ser trepado são o mesmo. O mesmo acto: o mesmo ser. Buscar a realidade, é já encontrá-la. Mais do que qualquer co-existência, há uma con-formidade, na diferença. Ser conforme, não é ter a mesma forma, é *estar com* outra forma (“com”, não “contra”). O caminho a escalar é tão mais penoso – ou não – quanto não é linear. Não há uma partida de e, na ignorância da realidade, um caminho – mais ou menos penoso – e uma chegada a uma plenitude de sabedoria (de realidade). Não. A conformidade exige-se em cada passo. Cada passo resume todo o percurso. Cada passo suspende da glória ou da morte. Cada passo é toda a filosofia. Cada passo é toda a vida. Cada passo é uma vitória sobre a morte. E a cada passo se morre – para o passo que já se deu – abertura para o passo próximo, que há a dar. A realidade? – É dar passos.

5.2 *Dos passos*

Este trabalho, embora não desdenhando usar de alguma especulação, é fundamentalmente técnico, visando perceber, na obra abordada, a relação entre o acto e o ser, nas suas múltiplas e, para já, apreensíveis vertentes. Intuída, e de algum modo saboreada, a relação parece simples. Trabalhada analiticamente, a simplicidade mantém-se, em si, mas as relações envolventes, a montante e a jusante, são, se não não-simples, pelo menos não-óbvias. É a definição essencial do acto e da relação com o ser, a par das decorrências



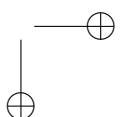
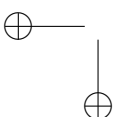


perceptíveis, que o trabalho visou dar.

Inicialmente, houve que aclarar as relações entre o acto, o ser e o sujeito, mostrando como se articulam, e como se relacionam com um outro termo, o pensamento. As relações começam a tornar-se complexas, uma vez que o horizonte se mostra ser constituído não por justaposição destes termos, mas pela sua necessária imbricação, integração. No entanto, a análise descobre-nos que o acto define a própria interioridade dos seres, enquanto o ser dá aquilo a que chamamos a tangencialidade, isto é, a comunidade da característica própria irreduzível, que, perante o pensamento, os define como presentes. Mas se o ser dá esta comum característica exterior dos seres, é o acto que lhes confere a comunidade íntima, interior, a todos transcorrendo – e é esta transcorrência que o ser dá *relativamente ao pensamento*. Há, assim, uma identidade entre o acto e o ser, sendo este tudo o que aquele lhe dá; sendo o acto dado à inteligência como ser: este é a exterioridade daquele. O acto de ser que somos nós não foge a esta estruturação e é, também, intimamente acto e exteriormente ser: é pelo ser que é relacionável com outros idênticos possíveis.

Uma primeira hierarquia aparece em que o ser se funda no acto que o produz, o cria e o valor se funda no sentido da criação do ser pelo acto. O sentido reconduz à questão da finalidade. Esta mais não é do que o próprio desenvolvimento do acto e este resume-a, engloba-a, fá-la identificar-se consigo mesmo. A finalidade de cada acto é o próprio acto, não havendo fim exterior a que se dirija, pois o acto não tem exterior possível. A imanência total do acto a si mesmo e a sua inamissibilidade alertam para e relevam de um eterno excesso do acto relativamente a si mesmo, excesso a realizar sempre em novo acto, em possíveis novos seres – a acompanhar pelo pensamento.

O acto é, pois, a eterna passagem do nada ao ser. E será mesmo? Mas então o que são o nada e o ser? São? Não são? E o que há de permeio? Bem visto, só há mesmo o acto. O nada não cabe



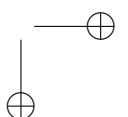
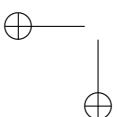


no acto e este ocupa tudo. O acto como contínua tensão que se resolve em contínuo movimento, em contínua criação, a partir de si mesmo. As diferenças e os seres como o reconhecimento das diferenças do acto por uma inteligência. O ser como indício de si mesmo e o ser como indício do acto. O acto cria a partir da sua infinita riqueza, livremente, sendo a liberdade do acto isso mesmo que o acto faz e o modo como o faz. A liberdade criadora produz as diferenças ontológicas e estas, perante a inteligência, produzem o tempo como medida da distância ontológica entre os actos, entre os seres. O tempo inteligente. Nesta estrutura, o tempo é assumido como um derivado da própria criação que se mostra através da criação dos diferentes seres. *O tempo evita a confusão, para quem não vê tudo ao mesmo tempo.* O tempo desdobra a diferenciabilidade possível e as efectivas diferenças e, como são possivelmente infinitas, também o tempo possivelmente o é.

É tempo de re-centrar a questão. Volta-se ao acto, ao que o acto é, como acto de ser, isto é e agora distintamente, como movimento que justifica o haver ser. Tempo é, também, de relacionar novamente o acto com o eu, com o eu e o tempo, a liberdade, a potência e a participação. Assenta-se em que o acto transcorre toda a realidade, resume em si e a si, o eu e o tempo e a liberdade, inclui a potência – acto potente – e resolve-se, relativamente ao eu (e com o eu), em tempo e livremente nisso que é a participação.

Interessa, dado o enquadramento geral preliminar, perceber o que é o ser, o que é o acto e como se relacionam. O enfoque principal é posto do lado do acto, uma vez que, como se apurou, este resume os outros dois e se resume – em acto – à própria relação que cria.

O ser, mais do que definido estaticamente no que é, é definido, dinamicamente ou cineticamente – como preferimos – através da definição do acto: o ser é o que o acto faz com que ele seja. Assim, após um breve tratamento do ser, em si mesmo considerado, considera-se o acto na sua identidade e na sua diferença com o ser.



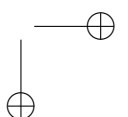
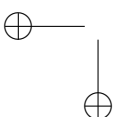


Descobre-se – ou reafirma-se – que o acto é a pura eficácia operativa, sendo idêntico ao ser, de um ponto de vista genético: gera-o. Ao gerá-lo, gera-o totalmente, pelo que tudo o que o ser é deve-o ao acto: a actividade deste é o ser daquele e o que o ser é é redutível a essa mesma actividade que o faz ser.

Esta actividade, infinita, omnímota e inamissível, obriga a pôr a questão dos seus níveis, uma vez que aparece como diferenciada. Há, pelo menos, dois níveis – o do acto e o do ser. Neste há que contar com três aspectos diferentes do ser: a sua noção, o seu facto e o seu acto, o que nos remete para o primeiro nível, o nível do acto. É, pois, necessário, tratar o acto em si e pelo que é. O acto aparece, pois, como a pura actividade, auto-suficiente em si mesma, e como a essência operativa do ser. Já não suporta o confinamento das balizas nada e ser e surge como o seu próprio começo e o seu próprio fim, isto é, não conheceu começo e não conhecerá fim: é, resume tudo – causa, efeito, fundamento, fim. É a pura presença de si a si, com ou sem o testemunho de uma inteligência especular. Caso haja esta, temos o ser, temos a participação.

Como não se põe em causa o haver essa inteligência especular, o estar aqui – o que se investiga é o porquê, o como e o para quê disso – avança-se para a compreensão dessa abertura do acto ao ser que é a participação. Partilha-se o acto. Partilha-se *pelo* acto, isto é, por si mesmo. O todo infinito desdobra-se. Torna-se capaz de criar seres: espelhos seus parciais. Com estes espelhos nasce o mundo, cruzamento de reflexões em busca de um foco comum. Do acto ao mundo através do espelho. Do acto ao mundo através do acto de ser humano.

Há que perceber o que é isso da participação: como é, isto é, como funciona, o que a faz funcionar, onde funciona e com que elementos. É preciso perceber o seu papel intermediário na constituição do mundo. Na constituição dos próprios actos de ser humanos que constroem o mundo. Saber onde radica, qual o seu estatuto ontológico. Verificar que ainda é, também ela, acto. Verificar que



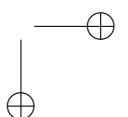
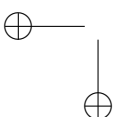


se realiza num hiato pelicular – só com interior – criado para si pelo acto (o puro), para jogar com algumas das suas infinitas possibilidades.

Ao hiato chamou-se *intervalo ontológico* e procedeu-se à sua distinção do *mundo*. Percebeu-se que o intervalo só é vazio para poder ser preenchido e que, portanto, é o que se chama potente (ao que parece, infinitamente), mas é potente porque é aberto, não para fora da película, mas para o interior desta, num sentido infinitamente denso e intrínseco. Sendo aberto, será preenchível? É, em cada instante e para cada novo acto que é. Não, em cada instante e para cada acto que já não é e está sendo algo de novo. Não, como um todo de diferenciação sem limite assinalável, possivelmente infinito. Sim, se o acto se retirar e rasgar a película. A abertura perene e o fecho são o próprio acto presente no intervalo, pela actividade (ou cessação da actividade) da participação. Esta é o constituinte preenchedor do intervalo. É a própria película do intervalo como condição de haver participação. O primeiro participado é o intervalo. Será o último.

Mas, se o intervalo é aberto, então pode-se assistir – e assiste-se – a uma infinitude, melhor, a *uma imensidade* de diferenças que eclodem, de relações que se estabelecem, num termo: ao *mundo*. *Assiste-se ao mundo*. Esta imensidade diferente é não-diversa e é, toda ela, a mesma cinética criadora que, diferentemente, se exprime: sendo múltipla, é una. É o que é. O que é é tudo o que há e tudo o que há é virtualmente infinito. Virtualmente: pode cessar; não o acto, o mundo. Não o absoluto imparável e inamissível; o relativo, o participado, o recebido, não o que se dá. O que se dá, dá-se sempre: é isso mesmo que é – um permanente estar-se dando, *estar-se dando-se*, a pura dádiva, *o puro movimento de ser*, o puro acto. O acto puro. O Acto.

O Acto. Aquilo que perpassa toda a participação, que constitui o intervalo como hiato pelicular a preencher, e como o próprio preenchimento e como síntese de ambos. O Acto, de tal modo pre-





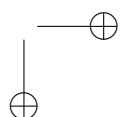
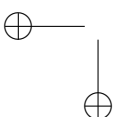
sente, que se apresenta mesmo na potência, no que esta necessita para ser, ao menos como potência de algo. O Acto, que aparece no intervalo como participado feito, como dado e logo desaparece para se tornar noutra acto de participação feito, noutra dado – até haver intervalo.

O Acto que jogaria aos mundos se aceitasse regras. O Acto que cria mundos com regras. O Acto que brinca e que associa à criação outros actos – nós – os actos de ser humanos. Mediação segunda, os actos de ser humanos constituem os obreiros do mundo como teias de relações no seio do mediador primeiro: o próprio intervalo ontológico. A participação faz-se, assim, por graus, utilizando a capacidade criadora – co-criadora – do acto de ser humano, para, aqui sim, jogar o jogo do mundo. Neste jogo, entram coisas, ideias, seres e todos são actos e todos são acto e todos partilham da riqueza do Acto: eis a participação. Eis, também, a liberdade. E eis o homem. O homem em acto. Mediação das mediações. Privilégio de criar. Possibilidade de ser livre, isto é, de criar bem. De ser, assumindo o seu acto como acto criado mas de criação – a criar. Primeiro estado da liberdade.

Liberdade que se há-de descobrir passível de atingir um segundo escalão, onde quer, pensa e ama absolutamente, isto é, assumindo-se como o veículo da relação, mas também como o seu objecto, objecto que é, ainda, fruto do acto do Acto. Liberdade que quer ser o acto que é, no que é e para o que é; que vê o acto que é, como é e para o que é e que, ao vê-lo assim, assim o quer; liberdade que quer o que vê e vê o que quer, na pureza do que é, na pureza do que é para ser. Liberdade que ama. Que se ama, porque já ama o acto de ser que o Acto é em si.

E é igualmente verdadeiro que a reflexão pode ser vista como uma mediação que nos dá sempre novos motivos de amar e que é o amor que a suscita, como se a luz em nós fosse sempre um efeito do fervor.²⁹⁵

²⁹⁵LAVELLE, Louis, *De l'acte*, p. 536: *Et il est également vrai que la réflexion*





6 BIBLIOGRAFIA

Bibliografia activa:

Como oportunamente se explicou na “Introdução”, apenas se utilizou como bibliografia activa a obra em estudo.

LAVELLE Louis, *De l'acte*, s. l., Aubier, [1992], Col. Bibliothèque philosophique, XXXIX + 541 pp.

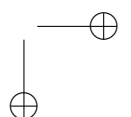
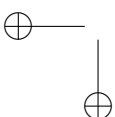
Bibliografia passiva:

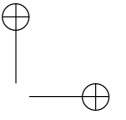
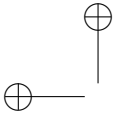
Obras de Lavelle também estudadas paralelamente:

LAVELLE Louis, *De l'âme humaine*, Paris, Aubier, 1951

peut être regardée comme une médiation qui nous donne toujours de nouveaux motifs d'aimer et que c'est l'amour qui la suscite comme si la lumière en nous était toujours un effet de la ferveur.

www.lusosofia.net





Índice

